

Taunay Magalhães Daniel

**A EPISTEMOLOGIA, O DOCUMENTÁRIO E O PAPAGAIO:
Elementos para análise de documentários da vida selvagem**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutor em Multimeios.

Orientador: Prof. Dr. Jacques Marie Edme Viellard

**Campinas
2009**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

D2226e	Daniel, Taunay Magalhães. A Epistemologia, o Documentário e o Papagaio: Elementos para análise de documentários da vida selvagem. / Taunay Magalhães Daniel. – Campinas, SP: [s.n.], 2009. Orientador: Prof. Dr. Jacques Marie Edme Vielliard. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. 1. Epistemologia. 2. Documentário. 3. Cinema. 4. Fotografia. 5. Vídeo. 6. <i>Amazona vinacea</i>. 7. Papagaio-de-peito-roxo. I. Vielliard, Jacques Marie Edme. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título. (em/ia)
--------	---

Título em inglês: "The Epistemology, the Documentary and the Parrot: Elements for the analysis of the documentaries of wild life."

Palavras-chave em inglês (Keywords): Epistemology ; Documentary ; Cinema ; Photography ; Video ; *Amazona vinacea* ; Vinaceous Parrot.

Titulação: Doutor em Multimeios.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jacques Marie Edme Vielliard.

Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos.

Prof^ª. Dr^a. Marília da Silva Franco.

Prof^ª. Dr^a. Maria Luisa da Silva.

Prof^ª. Dr^a. Cristina Bruzzo.

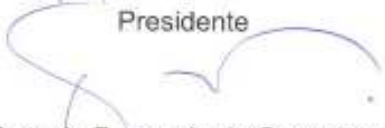
Data da defesa: 27-03-2009

Programa de Pós-Graduação: Multimeios.

Instituto de Artes
Comissão de Pós-Graduação

Defesa de Tese de Doutorado em Multimeios, apresentada pelo Doutorando Taunay Magalhães Daniel - RA 925664 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor, perante a Banca Examinadora:


Prof. Dr. Jacques Marie Edme Viellard
Presidente


Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos
Titular


Profa. Dra. Marília da Silva Franco
Titular


Profa. Dra. Maria Luisa da Silva
Titular


Profa. Dra. Cristina Bruzzo
Titular

Dedico este trabalho à minha mãe Roselys e ao meu pai Amilcar que, desde muito cedo, incentivaram-me a ler, a conhecer, a ter interesse por desvendar o desconhecido e a reconhecer o incognoscível.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Jacques Marie Edme Viellard pela dedicada orientação e pelo constante estímulo ao meu trabalho.

A todos os professores da UNICAMP que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, em especial ao Prof Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos.

Ao Prof. Dr. Jean-Louis Léonhardt do CNRS/MOM, Université Louis Lumière - Lyon 2, pelas longas e belas discussões sobre epistemologia durante os seminários ministrados no Departamento de Multimeios /IA - UNICAMP.

Aos grandes mestres Gregório Klimovsky e Raúl Orayen com os quais tive o grande privilégio de estudar Epistemologia na Universidad de Belgrano, Buenos Aires, Argentina.

Ao Instituto Florestal da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo por autorizar a realização da pesquisa.

Ao Parque Estadual de Campos do Jordão e a todos os funcionários com os quais mantive contato, pelo acolhimento generoso e pronto atendimento às minhas solicitações.

Ao apoio da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, sem o qual teria sido impossível realizar este trabalho.

A todas as pessoas que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

“... a possibilidade de sobreviver dignamente neste planeta, depende da aquisição de uma nova mentalidade. Esta nova mentalidade precisa, entre outras coisas, ser talhada em uma epistemologia radicalmente diferente que irá orientar as atitudes relevantes. Assim sendo, acima de toda a sua intrínseca beleza, os meandros epistemológicos me parecem imprescindíveis.”

Francisco Varela

“Nós todos temos a tendência de nos agarrarmos à ilusão que somos capazes de percepção direta, não codificada, livre de toda epistemologia.”

Gregory Bateson

“As imagens infiltram-se entre o homem e a sua percepção, permitindo-lhe ver o que pensa ver. A substância imaginária confunde-se com a nossa vida anímica, com a nossa realidade afetiva.”

Edgar Morin

“Os discursos muito ‘racionais’, ou seja, expurgados de emoção, danificam as sutis conexões que existem entre o conhecimento, a sensibilidade, a ação, a esperança, o amor e os fragmentos de nossa vida”

Paul Feyerabend

RESUMO

Esta tese é uma reflexão sobre a possibilidade de se produzir documentários (cinema ou vídeo) perfeitamente fiéis e objetivos em relação à realidade que eles pretendem representar. O foco principal é o documentário de vida selvagem, que tem características específicas muito marcantes que o diferencia nitidamente dos demais tipos de documentários. A linha de argumentação da tese tem como base de sustentação teórica e prática quatro elementos: a) os resultados de uma pesquisa de campo realizada com o objetivo de compreender o comportamento do papagaio-de-peito-roxo *Amazona vinacea* em seu habitat natural para, em seguida, planejar e produzir um documentário sobre esse animal; b) uma reflexão sobre a epistemologia em geral, com ênfase na questão da possibilidade de haver objetividade no conhecimento; c) uma reflexão sobre a possibilidade de haver objetividade nas imagens registradas através dos dispositivos técnicos criados para esse fim (câmeras fotográficas e cinematográficas); d) uma análise da realização do próprio documentário. A tese defende a existência de uma “matriz do pensamento”, criada e sedimentada no decurso da história do mundo ocidental, que nos faz crer que a objetividade pura é possível e desejável e que o conhecimento legítimo e aceitável é somente aquele que é independente da subjetividade do indivíduo que o produz. Procura também mostrar como essa matriz é insustentável, sobretudo em relação aos documentários audiovisuais onde a objetividade e a verdade tornam-se aspirações inadequadas.

ABSTRACT

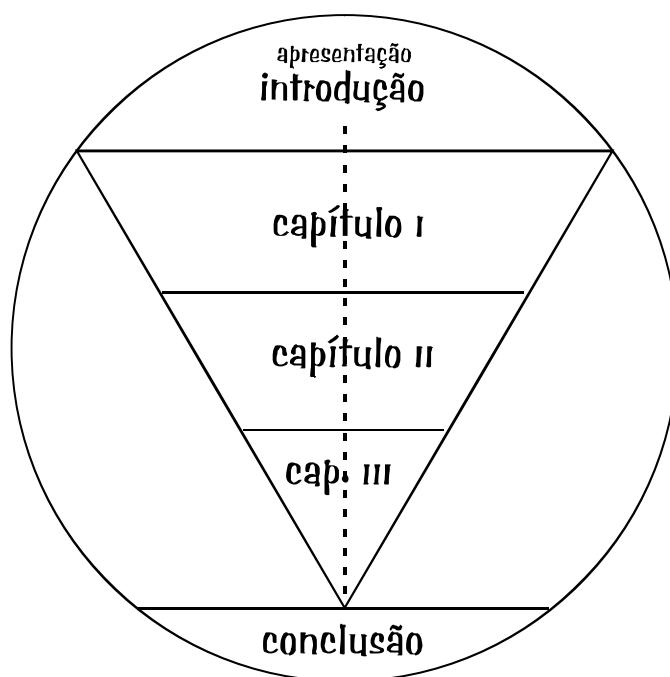
This paper is a reflection over the possibility to produce objective documentaries (cinema or video), strictly loyal to the reality they mean to represent. The main focus is the documentary of wild life that has specific and very remarkable characteristics, which makes it clearly different from the other kinds of documentaries. The argument line of the paper has four elements as its theoretical and practical basis of support : a) the outcome of a field research carried out with the objective of understanding the behavior of Vinaceous Parrot *Amazona vinacea* in its natural habitat, and then plan and produce a documentary on this animal; b) a reflection over epistemology in general, with emphasis on the possibility of having objectivity in knowledge; c) a reflection over the possibility of having objectivity in the registered images through technical devices created for this purpose (photographic and cinematographic cameras); d) an analysis of the achievement of the documentary itself. The paper defends the existence of a “matrix of the thought” created and deeply rooted throughout the history of western world, that makes us believe that sheer objectivity is possible and desirable and that authentic and acceptable knowledge is just the one that is independent of the subjectivity of the individual who produces it. It also tries to show how unsustainable this matrix is, especially towards audiovisual documentaries, where objectivity and truth become inadequate aspirations.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – O CONHECIMENTO OBJETIVO	21
A razão autônoma	22
A objetividade	26
A experimentação	34
Os três princípios	45
O feitiço contra o feiticeiro	52
CAPÍTULO II – A IMAGEM OBJETIVA	63
A imagem em movimento	64
A supressão do movimento	73
Isto não é um cachimbo!	81
Matéria-prima	88
Ver ou não ver, eis a questão!	97
As exigências dos dispositivos técnicos	108
CAPÍTULO III – O DOCUMENTÁRIO SOBRE O PAPAGAIO	119
Primeiros passos	120
Uma estratégia	129
Comunicação verbal	136
Comunicação audiovisual	157
Resultados	169
O documentário	196
CONCLUSÃO	203
REFERÊNCIAS	211
BIBLIOGRAFIA GERAL	215
BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA	219
ANEXOS	223

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo geral discutir a objetividade e a fidelidade possíveis dos documentários da vida selvagem em relação à realidade que eles representam. O desenvolvimento da argumentação teórica deste trabalho tem a forma e a estrutura de um triângulo isósceles (permitam-me a analogia) com a base voltada para cima e o ângulo oposto embaixo. É constituída de três capítulos que são antecidos por esta apresentação e pela introdução. Após o terceiro capítulo há uma breve conclusão. O triângulo fica dentro de um círculo (ver desenho abaixo).



Trata-se de uma reflexão de natureza transdisciplinar porque não se restringe ao âmbito de uma única disciplina e nem tampouco procura discutir apenas pontos de contato entre duas ou mais disciplinas. Em vez disso, percorre várias áreas do conhecimento tentando entrelaçá-las num único corpo unificado. O tema geral que unifica as incursões em diferentes campos do saber é o próprio conhecimento. Nesse sentido, a tônica principal é epistemológica.

A introdução analisa uma experiência pessoal muito marcante em minha vida que reorientou completamente minha visão sobre o fenômeno do conhecimento e estimulou ainda mais o meu especial interesse pela epistemologia. A partir dessa experiência singular e de uma reflexão sobre ela defendo (no capítulo I) que o verdadeiro conhecimento é aquele efetivamente incorporado, impregnado no sujeito. Reflete-se naquilo que ele é e faz, em sua visão de mundo, que é o que orienta seus julgamentos e suas práticas. O conhecimento não é algo exterior que possa existir por si mesmo de forma independente do sujeito. Por isso, apresentar aquilo que brota do mais íntimo do universo cognitivo pessoal me parece essencial. Esse relato enraizado na vida efetivamente vivida é como um fio que representa a altura do triângulo, vai do ponto central da base até o ângulo oposto, portanto perpassa todo o conteúdo da dissertação pelo centro como se fosse uma coluna vertebral.

O capítulo I ocupa a área que vai da base do triângulo até uma linha imaginária perpendicular que corta a altura a um terço do seu comprimento. É uma discussão de natureza e alcance amplo e geral, que irá afunilar-se em seguida no capítulo II, fornecendo-lhe uma importante base de sustentação. Nesse primeiro capítulo eu discuto em linhas gerais o **racionalismo**, a **verdade** e a busca pela **objetividade** pura do conhecimento no contexto da cultura ocidental, sobretudo no campo da ciência. Tento mostrar como essa busca pela objetividade acabou formatando uma **matriz do pensamento** dentro da qual quase todos nós da cultura ocidental nos atrelamos quando queremos explicar o mundo em que vivemos.

O capítulo II ocupa a área que vai da linha perpendicular anterior até outra linha perpendicular que corta o segundo terço da altura. Ali eu discuto como a concepção, a criação e a utilização de máquinas (câmeras) para registrar imagens da realidade, em seus primórdios históricos seguiu os princípios dessa matriz do racionalismo e da objetividade. Seriam as imagens em movimento confiáveis enquanto documentos portadores de algum grau de objetividade? Ampliando essa pergunta: um conjunto de imagens em movimento coladas umas após as outras (editadas) poderia ser um documento confiável em relação à realidade que ele

pretende documentar? Estas, entre outras, são as questões que tento discutir nesse capítulo.

Tento analisar como habitualmente colocamos as imagens e seu valor de representação da realidade dentro do mesmo quadro de referências do discurso das ciências naturais que defende a objetividade como algo desejável e possível. Em outras palavras, somos compelidos a acreditar que as imagens revelam, de fato, aspectos objetivos da realidade registrada. Entretanto, procuro mostrar que ao registrar e editar imagens acabamos produzindo uma “realidade relativa” determinada, por um lado, pela natureza e limitações dos aparelhos técnicos de registro e, por outro, pela mente de quem está registrando.

Tento mostrar também como, na prática, esse princípio de objetividade não pôde se sustentar totalmente e a cultura do entretenimento com ênfase na ficção prevaleceu. É uma discussão de alcance teórico bem menor que a do capítulo anterior, porém ainda ampla, mas que irá também se afunilar em seguida no capítulo III, fornecendo-lhe também uma base de sustentação.

O capítulo III está no estreitamento final do triângulo. É o pequeno triângulo formado tendo como base a linha perpendicular anterior. Tem a amplitude teórica bem menor que a dos outros capítulos, mas é, por outro lado, mais denso. É ali que se concentra a essência dos conteúdos anteriores que, por sua vez, se misturam com a essência do próprio capítulo III que é discutir o que acontece nos “bastidores” da realização de um documentário sobre a vida selvagem e quais as conseqüências que esses acontecimentos aportam para a sua objetividade em relação à realidade que ele pretende apresentar para o espectador.

Baseado na experiência vivida em campo para produzir um documentário sobre os Papagaios-de-peito-roxo *Amazona vinacea* (especificamente para submetê-la à análise no contexto dessa tese); na minha formação específica e profundo interesse pela epistemologia; na minha experiência pessoal e profissional como documentarista e nas questões discutidas nos outros dois capítulos, procuro refletir sobre a relação objetividade/subjetividade presente tanto na pesquisa de campo que antecedeu a realização do documentário, como na sua concepção e produção.

Pode um documentário sobre a natureza ser objetivo em relação à realidade que ele pretende representar? Deve-se ter a objetividade em perspectiva ou não? Qual é a verdade que um documentário desse tipo pode conter? Estas são, entre outras, as questões discutidas.

O círculo dentro do qual está o triângulo está inserido representa o próprio documentário realizado sobre os papagaios. Esta analogia gráfica quer significar que todas as questões de natureza teórica discutidas na dissertação estão de algum modo, direto ou indireto, incluídas na realização desse documentário.

O DVD que contém o documentário é parte integrante e fundamental desta dissertação. É recomendável que seja assistido após a leitura do trabalho.

Na conclusão não pretendi dar uma resposta definitiva e fechada a todas as questões discutidas ao longo da dissertação. Não creio que isto seja possível e nem sequer desejável. Quis apenas dar mais uma contribuição “aberta” a todos aqueles que, do ponto de vista teórico e/ou prático, estejam interessados nesse tema. Se esta contribuição contiver alguma universalidade só o saberemos quando for cotejada com outras experiências similares.

Lembro-me de uma bela, simples e sábia dedicatória que um amigo escreveu no livro “The man who listens horses”, de autoria de Monty Roberts, com o qual presenteou-me, cujo autor relata uma experiência real vivida que é, ao mesmo tempo, estritamente pessoal e de uma amplitude universal comovente, porque agrega conhecimento e humanidade à nossas vidas. Na dedicatória está escrito: **“agregando experiências dos outros para nossa própria experimentação”**.

É exatamente isso que quero oferecer com o meu trabalho: apresentar uma experiência real vivida e uma reflexão sobre ela tomando como referência uma linhagem teórica mais geral que, por sua vez, retroage sobre a própria experimentação e vice-versa.

No final da dissertação anexeí uma transcrição de todas as anotações que fiz em meu caderno de pesquisa de campo. Creio que não se faz necessário lê-las integralmente. Agreguei-as à dissertação apenas para que o leitor tenha uma idéia

do tipo de coisas que fui anotando durante todo o tempo em que procurei compreender o comportamento dos papagaios.

As citações textuais de outros autores inseridas na tese, cujos textos originais estão em língua estrangeira, foram traduzidas por mim.

INTRODUÇÃO

UMA EXPERIÊNCIA NAS MONTANHAS

Há vinte e cinco anos atrás eu passei cerca de seis meses sozinho numa região montanhosa bastante isolada na Serra da Mantiqueira, sul do Estado de Minas Gerais.

Muitas vezes cheguei a ficar mais de uma semana sem ver um único ser humano. Nessa longa experiência de solidão e isolamento, minhas únicas companhias eram um cavalo, os animais selvagens e a floresta de altitude caracterizada pela presença marcante das imponentes araucárias (*Araucaria angustifolia*) e dos pinheiros bravos (*Podocarpus lambertii*).

A pequena casa de madeira onde eu vivia (40 metros quadrados, incluindo a varanda) não tinha energia elétrica e, portanto, nada daquilo que disso é decorrência. Este fato, por si só, transforma completamente nossos hábitos de vida adquiridos nas cidades grandes, além de aguçar nossa percepção para fenômenos que normalmente passariam despercebidos.

Eu havia decidido viver ali isolado durante um tempo indeterminado para tentar fazer uma espécie de “limpeza” interior e, se possível, adquirir um pouco mais de autoconhecimento.

Para que isto fosse factível, fui obrigado a abandonar o que se costuma considerar “um bom emprego”, um bom salário, um padrão material e social estáveis, etc. Estava decidido a romper com uma vida marcada pelo trabalho alienado e rotineiro, pela fragmentação do tempo e pelo *stress* da metrópole.

Fui em busca da harmonia e da beleza, da atmosfera transparente das montanhas, da luz deslumbrante do sol nas altitudes e, sobretudo, do silêncio acolhedor.

Naquela época eu não tinha completa consciência da razão principal desse meu gesto. Sei apenas que foi um impulso irresistível ao qual tive que ceder por uma questão de sobrevivência psicológica.

Visto por um observador externo, esta atitude poderia parecer uma total insensatez e, em certa medida, foi realmente. Somente com o passar do tempo fui

compreendendo seu real significado e as suas conseqüências no decurso de minha vida. Hoje, percebo claramente que produzi uma grande e necessária revolução pessoal que acabou determinando um novo destino para mim que, naquela época, nem sequer poderia entrever.

* * *

Como dispunha de todo o tempo que quisesse para fazer o que bem entendesse, já que eu estava ali voluntariamente e justamente para isso, dediquei-me durante um certo período, talvez seis ou sete dias (não posso me lembrar com exatidão) à tarefa de estabelecer amizade com um esquilo, através de uma aproximação lenta e gradativa.

Meu primeiro encontro com o pequeno animal foi casual. Numa manhã muito fria de inverno, em que eu me recostara no tronco de uma araucária para aquecer-me ao sol, ele apareceu.

Lembro-me que durante aqueles dias a temperatura atingia dois a três graus centígrados negativos nas primeiras horas da manhã, daí a necessidade de, logo cedo, caminhar e depois me aquecer ao sol.

Aliás, conservo até hoje um pequeno diário onde registrei estas informações aparentemente sem importância, como a temperatura de cada dia, as condições gerais do clima, a direção dos ventos, etc. Para um habitante solitário das montanhas as pequenas coisas assumem um significado muito especial.

O esquilo desceu pelo tronco de uma árvore próxima e começou a comer uma semente de araucária que estava no solo, sem perceber a minha presença. Ao vê-lo, mantive-me imóvel respirando suavemente, apenas entreabrindo levemente as pálpebras com receio de que ele pudesse se assustar. Fiquei assim durante muito tempo.

Eu estava ali fazendo exatamente o que queria fazer e o esquilo também. Estávamos os dois “inteiros” e completamente entregues a nossos próprios destinos. Não tínhamos outro compromisso agendado a não ser este de estar ali cada um na sua tarefa de atender às suas necessidades básicas mais imediatas.

Quando me cansei de ficar naquela posição, arrisquei um pequeno movimento para uma melhor acomodação. Foi o suficiente para que o esquilo saltasse rapidamente para o tronco da árvore de onde ele havia descido e, com uma agilidade impressionante, desaparecesse entre as folhagens da floresta, não sem antes parar por um momento no alto de um galho para examinar-me à distância.

Voltei ao mesmo local e à mesma hora na manhã seguinte (não usava relógio, mas a posição dos raios solares era a mesma) na esperança de reencontrá-lo. Sentei-me e, ao cabo de algum tempo, ele reapareceu do mesmo modo como o havia feito no dia anterior. Desta vez, arrisquei pequenos e lentos movimentos com o corpo e ele continuou impassível descascando e comendo as sementes.

Voltei nos dias subseqüentes e tudo se repetiu como se fora um encontro marcado. A cada novo dia, eu arriscava novos movimentos até o ponto em que me movimente normalmente e o esquilo passou a aceitar minha presença sem nenhum constrangimento.

Nosso “vínculo” foi se estreitando. Passei então a oferecer-lhe sementes. Simplesmente as retirava do bolso (coletava-as no caminho até chegar ali) e as colocava no solo a poucos centímetros de meus pés. O esquilo se aproximava, sentava com as patas traseiras dobradas, numa posição muito parecida com a minha, e com as mãos (patas dianteiras, para aqueles que se sentem menos identificados com os animais) segurava e roia as sementes.

Não consigo imaginar até que ponto se estreitaria nossa confiança mútua se pudéssemos ter continuado esse ritual matinal por mais tempo. Entretanto, nossa relação teve um final brusco e inesperado.

Na última manhã em que vi meu amigo esquilo, tudo parecia estar transcorrendo normalmente. Ele quase havia retirado uma semente diretamente de minha mão quando, subitamente, comecei a ouvir um ruído muito estranho.

A princípio parecia um motor de um grande trator ou talvez um helicóptero. As duas hipóteses pareciam-me bastante improváveis, sobretudo pelo isolamento do local e, pelo menos com relação à hipótese do trator, por não haver nenhuma

estrada próxima, a não ser uma pequena e estreita picada por onde podiam passar pessoas a pé ou, no máximo, a cavalo.

O ruído do motor se aproximava e aumentava de volume. Meu amigo esquilo não suportou tamanha turbulência em seu mundo sereno. Fugiu rapidamente. Eu mesmo, além do espanto inicial, comecei a sentir medo. Não ouvia ruídos desse tipo há mais de três meses e, naquele lugar, eles pareciam absolutamente anacrônicos, disparatados.

O “motor” estava muito próximo de mim quando avistei por entre as folhagens uma figura humana que me pareceu inicialmente um astronauta por estar vestindo um capacete vermelho e redondo, com visor transparente e uma roupa acolchoada que lhe aumentava o volume do corpo.

Na verdade eram uns seis ou sete motoqueiros que passaram na velocidade máxima que a pequena trilha tortuosa lhes permitia. Os ruídos dos motores sem silenciador que ao longe soavam em uníssono, agora passavam próximos a mim, um a um, e os condutores das máquinas nem sequer perceberam minha presença e, certamente, não suspeitaram jamais que haviam interferido definitivamente em minha amizade com o pequeno roedor de sementes. Voltei na manhã seguinte, mas o esquilo não. Nunca mais!

* * *

Esse acontecimento especial me fez refletir bastante. Aliás, eu estava vivendo naquele lugar exatamente com essa finalidade.

Talvez aqueles motoqueiros tenham dito para si mesmos e também para aqueles que ouviram o relato de suas proezas, que haviam feito naquele dia um belo passeio pela natureza, que subiram as encostas da serra, que atravessaram riachos e bosques, que viram um crepúsculo resplandecente no cume das montanhas, etc. Diriam, portanto, que “conheceram” aquela região.

O que significa “conhecer”? Esta foi a pergunta que me coloquei ao imaginar o que os motoqueiros teriam dito a respeito daquelas florestas e daqueles campos de altitude.

Todos nós sabemos que esta não é uma questão nova. Pelo contrário, é um antiqüíssima pergunta que muitos homens se propuseram a responder ao longo da história que conhecemos e talvez também, provavelmente, daquela que não conhecemos. Pergunta cujas respostas, nunca absolutamente conclusivas, se acumulam, sobretudo na história da Filosofia, em forma de extensas e refinadas reflexões que, de um modo ou de outro, envolvem aspectos da relação entre um sujeito que conhece e um objeto que se deixa conhecer. Uma cisão, uma divisão entre duas entidades aparentemente distintas.

O evento dos motoqueiros barulhentos na paz daquela floresta, passada a minha perplexidade inicial e uma certa indignação, conduziu-me a conectar áreas do meu pensamento que antes não estavam ligadas. Produziu-se uma apreensão instantânea, um *insight*.

Tornou-se claro para mim que a nossa civilização ocidental produziu, ao longo da história do conhecimento, uma grande rachadura, uma fenda enorme que se abriu entre nós, os humanos, e a Mãe Terra (ou a Natureza, ou então qualquer outro nome que se queira dar ao conjunto de todas as coisas que independem diretamente da atividade humana para se manifestarem).

Percebi isso nitidamente através daquele acontecimento singular da minha vida que fez romper minha amizade com o esquilo. Aquelas roupas isolantes e impermeáveis dos motoqueiros; a surdez total produzida pelo ruído das suas máquinas afugentando todos os seres semoventes que porventura estivessem em seu caminho; a visão estreita e parcial dentro dos enormes capacetes; a incapacidade de diferenciar os odores silvestres pela velocidade de suas máquinas e pelo cheiro intenso da combustão da gasolina, etc, tudo isso somado à imagem que fiz deles dizendo, direta ou indiretamente, que “conheceram” aqueles lugares, produziram a plataforma para que eu pudesse dar um salto para uma nova visão sobre esse fenômeno do conhecimento.

Desprovidos de visão, de audição, de tato, de olfato, o que faziam aqueles homens naquele lugar? Será que só pensavam? Talvez sim, e por isso lhes passasse despercebidas todas as outras privações dos sentidos que eles

mesmos se impuseram para poder atender às regras de condução das máquinas e da sobrevivência de seus corpos junto a elas.

Eles deveriam acreditar (de modo consciente ou não), que aquela visão estreita e a vertigem produzida pela velocidade lhes bastava para “conhecer” aquela região. Conhecer, para eles, talvez significasse “passar rápido”.

É possível que eles parassem, vez ou outra, para fotografar. Talvez mostrassem as fotos aos que não estiveram lá. Uma espécie de documento comprobatório de que eles, sim, lá estiveram. O quê essas fotos poderiam, de fato, revelar, depois do tumulto provocado no ambiente por suas máquinas ruidosas?

* * *

Naqueles meses em que vivi isolado nas montanhas, trouxe comigo alguns livros de filosofia e de ciência na busca de conhecimento e, sobretudo, do autoconhecimento que eu tanto pretendia obter.

Lembro-me do dia em cheguei com o meu pequeno automóvel lotado de bagagens que se dividiam em três grupos bem distintos: roupas (pessoais, cama e banho); alimentos e livros (muitos livros). O volume de livros era desproporcional em relação aos outros itens. Hoje, aquilo me parece digno de riso. Eu havia levado uma pequena biblioteca na esperança de encontrar ali a resposta para meus grandes dilemas. Eu me julgava, então, um intelectual. Esse personagem que construí com muito zelo ao longo dos anos de universidade, hoje me parece, no mínimo, muito engraçado, uma máscara que atualmente seria inconcebível vestir.

Devo confessar que a grande maioria daqueles livros não serviu para absolutamente nada, a não ser para descobrir (e isso, devo reconhecer, não é pouco) que é possível escrever uma quantidade enorme de páginas sem nenhum vínculo com alguma realidade vivida, sem nenhuma sabedoria.

Somente muito mais tarde do decurso de minha vida vim a compreender e admitir para mim mesmo que a maioria daqueles autores que insisti em ler nas montanhas eram apenas intelectuais profissionais, burocratas do conhecimento. Eles dominavam muito bem as leis da gramática e da sintaxe, eram peritos na

consistência lógica de seus textos, o que lhes permitia construir enormes estruturas discursivas, verdadeiras catedrais verborrágicas, mas que não tinham nenhum conteúdo efetivamente vivido, encarnado por eles. Belos discursos vazios! Esqueletos aprumados, mas sem carne e sem espírito!

Talvez fizessem isso porque lhes faltasse experiências de contato visceral com o mundo. Talvez nunca tivessem mergulhado nus num riacho de águas cristalinas sob um sol resplandecente. Ou então, nunca tivessem deitado na relva à noite para ver a Via-Láctea. É possível que nunca tivessem experimentado o silêncio ou talvez nunca lhes tivesse ocorrido o sentimento de compaixão, nunca tivessem experimentado o amor, enfim, não sei. Não tenho nenhum conhecimento e nem cabe a mim julgar a vida pessoal desses escritores. Compreendi apenas que seus textos não refletiam um saber vivido. Eram apenas belos jogos de palavras. Textos magnificamente bem escritos e absolutamente coerentes, mas também absolutamente formais, sem alma, sem uma vida vivida que os sustentasse.

Devo dizer que eram autores respeitados (não vou identificá-los porque trata-se de uma constatação pessoal e também porque não é meu propósito fazer uma demonstração sistemática da vacuidade de seus pensamentos), valorizados e reconhecidos nos meios acadêmicos pela maestria e astúcia de suas argumentações. Autores de referência no ensino universitário. Leitura obrigatória!

Mas, de onde eles haviam sacado seus enunciados básicos? De onde haviam arrancado as pretensas verdades iniciais, os postulados que lhes permitia construir o alicerce de suas argumentações sofisticadas e sedutoras? Teriam vindo de suas experiências reais vividas ou apenas das bibliotecas?

Eu mesmo havia sido seduzido durante muito tempo por todos esses autores, tanto que os havia levado às montanhas para serem meus companheiros na busca por mais conhecimento. Levei os seus livros, e não outros, na esperança de obter deles alguma sabedoria.

Nos meus anos de universidade (estudei Filosofia e especializei-me em Epistemologia da Ciência) havia sido convencido a respeitá-los e até venerá-los e,

muitas vezes, senti-me constrangido, e mesmo incompetente, por não ter compreendido muito bem esta ou aquela passagem de seus textos.

Nunca tive coragem de autorizar-me a não valorizar aqueles textos, tal era a importância e reverência com que eram tratados por todos no mundo acadêmico. Mesmo se eu tivesse alguma desconfiança quanto à sua legitimidade, eu certamente me calaria. Tenderia a desconfiar de mim mesmo em favor da opinião e da cultura majoritária vigente. Aliás, o mundo acadêmico nos condiciona, sobretudo, para ficar atento ao que é, e ao que não é, permitido dizer. Treinamento intensivo e prolongado que se inicia logo no primeiro ano do ensino dito fundamental.

Entretanto, a atmosfera cristalina das altitudes de Minas Gerais, o silêncio, os espaços amplos e o tempo dilatado, minha vida livre, colaboraram para que eu pusesse em marcha a liberdade para, enfim, ver as coisas com meus próprios olhos.

Na solidão e no silêncio, impregnado do contato direto com o mundo natural, o vazio estéril daqueles textos saltava diante de meus olhos.

Felizmente para mim, nem todos os livros eram assim. Pelo contrário, alguns estavam impregnados de vida e de sabedoria e foram fundamentais para redirecionar meu modo pessoal de ver o conhecimento, o mundo e a mim mesmo.

O convívio com esses outros pensadores, através de seus escritos vivificados por uma experiência singular efetivamente enraizada em suas vidas e plenos de sabedoria, somado àquela minha experiência na solidão das montanhas, foi decisivo para revolucionar minha compreensão da realidade como um todo e da natureza do próprio conhecimento, temas que venho até os dias de hoje elaborando e lapidando e constituem o foco principal de meus interesses.

* * *

Dentre essas leituras magníficas e luminosas que fiz há um trecho de Carl G. Jung que permaneceu até hoje em minha mente, cujo significado aflora, de vez em quando, como uma espécie de advertência vitalícia. Leio e releio esse

parágrafo há mais de vinte anos e sempre encontro algo a mais para refletir e para estimular meus pensamentos. Diz o seguinte:

“Entre os assim chamados neuróticos de hoje, um bom número não o seria em épocas mais antigas; não se teriam dissociado se tivessem vivido em tempos e lugares em que o homem ainda estivesse ligado pelo mito ao mundo dos ancestrais, vivendo a natureza e não apenas a vendo de fora; a desunião consigo mesmos teria sido poupada. Trata-se de homens que não suportam a perda do mito, que não encontram o caminho para o mundo puramente exterior, isto é, para a concepção do mundo tal como a fornecem as ciências naturais, e que também não podem satisfazer-se com o jogo puramente verbal de fantasias intelectuais, sem qualquer relação com a sabedoria”. (Jung, 1983, p. 130)

O fato mais interessante é que fiz a leitura desse trecho exatamente na tarde daquele dia em que os motoqueiros espantaram meu amigo esquilo.

O que me pareceu e me parece ainda mais instigante nesse texto é a pergunta inevitável que ele sugere: e os outros homens? Aqueles que suportam perfeitamente a perda do mito e que se satisfazem com a idéia da existência um mundo completamente independente da vida psíquica proposto pelo método de investigação das ciências ditas naturais e que também apreciam os jogos puramente intelectuais sem vínculo com a vida, para os quais a palavra “sabedoria” não faz nenhum sentido?

O que acontece com eles? O que eles fazem, livres que estão da dissociação consigo mesmos, imersos na “normalidade” social?

A sincronicidade entre o acontecimento dos motoqueiros e a leitura do texto do Jung naquele mesmo dia, produziram em mim uma compreensão súbita.

Posso tentar expressar essa compreensão através de uma metáfora que sintetizei naquele momento. Uma metáfora para o que aconteceu e acontece com a nossa maneira habitual e tradicional de compreender a realidade, maneira esta que foi construída ao longo de séculos de história do pensamento ocidental, fortemente marcada pela ênfase no racionalismo cientificista.

Esta é a metáfora: para compreender a realidade e até mesmo para delimitar aquilo que entendemos como tal, nos comportamos exatamente como aqueles motoqueiros da minha história. Concebemos e utilizamos aparatos que, ao invés de nos aproximar, podem nos isolar da realidade, de tal modo que nos tornamos cegos e surdos para a vastidão do mundo e nos contentamos com a “pequena realidade” circunscrita por todo esse aparato mental e material de investigação que, na verdade, em geral, faz mais esconder do que revelar.

É bem verdade que esta atitude de isolamento voluntário para criar condições favoráveis de análise de certos fenômenos, separando-os da complexidade do mundo real, promoveu, em muitos casos, resultados positivos e benéficos à humanidade. Entretanto, esta mesma atitude levada ao extremo pode conduzir a importantes distorções em nossa apreensão da realidade.

Alguns anos antes desse curto período vivido na pequena cabana, eu obtivera uma bolsa de estudos para cursar um mestrado em Epistemologia da Ciência, em Buenos Aires, onde estudei com grandes e inesquecíveis mestres como Gregório Klimovsky e Raúl Orayen.

Teria sido possível concluir o mestrado, caso eu tivesse podido receber orientação e concluir minha tese. Entretanto, estávamos em plena ditadura militar na Argentina. Meu orientador foi expulso daquele país. Os laços institucionais se romperam.

Durante muitos anos fui professor universitário de Filosofia e Epistemologia da Ciência, mas minha atividade profissional principal, desde há muito tempo, vinha sendo a produção de imagens, seja em fotografia, em cinema ou em vídeo.

Essa mistura pouco comum de fazeres resultou, sem que eu tivesse premeditado, numa atividade profissional muito específica. Acabei por trabalhar com produção de vídeos para educação, meio ambiente e comunicação científica.

Muitos anos mais tarde, ingressei novamente numa Universidade (UNICAMP) e concluí um mestrado sobre Televisão e Comunicação Científica, uma junção quase inevitável dos meus dois campos de atividade.

* * *

Atualmente, meu foco de interesse principal é ainda a epistemologia e, dentre as ramificações que dela decorrem, tenho um especial interesse pelas questões ligadas à documentação através de imagens (sobretudo imagens em movimento) de fenômenos de interesse científico, isto é, que impliquem em algum tipo de conhecimento que possa ser compartilhado e aceito por uma comunidade de homens nele interessados. Costuma-se chamar a isto de conhecimento objetivo.

Acredito, portanto, que a metáfora inspirada no evento dos motoqueiros e do esquilo ajuda-nos a compreender que algo análogo ao discurso científico clássico também ocorre com a captação e edição (construção de um discurso linear no tempo) de imagens.

Podemos, então, produzir um discurso audiovisual objetivo sobre a realidade?

Penso que alguns vestígios da realidade podem efetivamente ser conservados e/ou revelados pelas imagens obtidas através dos aparelhos de registro (câmeras), mas, por outro lado, é preciso reconhecer e admitir também que essa realidade transforma-se substancialmente quando passa para o estado de registro e, além disso, a edição dessas imagens constrói um discurso que altera completamente os tempos e espaços da realidade original, produzindo uma “realidade de segundo grau” que, na maior parte das vezes, camufla ou mesmo corrói a realidade original.

Isto não se constituiria num problema se estivéssemos captando e editando imagens empenhados apenas em produzir uma obra de ficção (sabemos que o discurso audiovisual desde sempre presta-se muito bem a essa finalidade), mas se nosso objetivo é produzir um documento com um certo grau de fidelidade em relação a uma realidade qualquer, esbarramos em questões importantes que precisam ser discutidas e analisadas para clarear nossa consciência em relação ao alcance, limites e possibilidades do discurso audiovisual enquanto portador de alguma objetividade, isto é, uma correspondência unívoca entre o audiovisual e a realidade que ele pretende re-apresentar.

A própria concepção dos instrumentos de obtenção de imagens, a postura intelectual de quem os opera e a consciência (em relação ao que realmente está fazendo) de quem edita uma sucessão de imagens, são temas que merecem uma reflexão para que tenhamos (nós os operários deste ofício e o público em geral que absorve as informações oferecidas pelos meios audiovisuais) maior discernimento em relação aos documentos que incluem sons e imagens em movimento.

Este é o foco principal desta minha tese. Quero trazer à luz e discutir alguns dos aspectos que me parecem relevantes sobre esse tema. Quero fazê-lo tendo como base duas fontes principais: a pesquisa de campo que realizei e, sobretudo, a experiência pessoal vivida ao longo dessa pesquisa.

Este meu trabalho é, portanto, o testemunho de uma experiência vivida e uma reflexão sobre ela. Espero que seja uma contribuição efetiva para quem se interesse por documentários audiovisuais, para quem tenha alguma possível “verdade” como perspectiva.

Esta experiência a que me referi eu a obtive tentando compreender o comportamento (para depois registrá-lo em vídeo) dos Papagaios-de-peito-roxo, *Amazona vinacea*, que habitam a área do Parque Estadual de Campos do Jordão - SP e suas cercanias.

Esta reserva estadual fica nas montanhas altas da Serra da Mantiqueira, cujas paisagens e ecossistema são idênticos àqueles onde vivi na cabana de madeira há vinte e cinco anos atrás. Eterno retorno!

CAPÍTULO I

O CONHECIMENTO OBJETIVO

A RAZÃO AUTÔNOMA

Neste capítulo quero introduzir algumas questões referentes ao problema geral do conhecimento e, em particular, do tipo de conhecimento que busca obter a maior objetividade possível no contexto de nossa tradição cultural ocidental: a Ciência. Creio que isto se faz necessário para tornar claro, desde o início, o quadro de referências que adotei como base para discutir as questões que se apresentarão mais adiante quando forem tratados os problemas relativos à documentação audiovisual em geral e aos documentários da vida selvagem em particular.

Pode parecer, à primeira vista, que há uma grande distância entre este tema mais amplo que passo a desenvolver agora e o assunto mais específico que pretendo tratar posteriormente. Entretanto, é essa visão panorâmica que ilumina, enfoca e dá sentido ao que me foi dado refletir sobre minha própria experiência e também o que me possibilita compartilhá-la de modo, espero, acessível e compreensível com os que me lêem.

A bióloga Elisabet Sahtouris defende esse ponto de vista, a meu ver, com muita propriedade:

“Amigos e colegas perguntam-me com frequência por que insisto em tratar de toda a evolução, até mesmo de todo o cosmos, com o objetivo de discutir questões humanas, por que não limito o campo de interesse a proporções viáveis. Respondo que o contexto é o que confere significação e que a busca séria do contexto é um processo sempre em expansão e que leva inevitavelmente ao maior de todos os contextos: todo o cosmos.” (Sahtouris, 1998, p. 12)

Pois bem, o pensamento ocidental é fortemente marcado pela idéia, nem sempre explicitada, de que existe uma razão autônoma e neutra, como se ela fosse independente do sujeito que a possui e opera, e isto fica mais claro quando se trata de compreender a produção desse tipo de conhecimento muito particular que denominamos ciência.

Tudo se passa como se a razão fosse um instrumento “destacável” do sujeito, como se continuasse movendo-se e operando segundo suas próprias leis rígidas e imutáveis, mesmo estando isolada, como se fosse um operador mecânico independente de quem a está utilizando (se é que isto é realmente possível).

Essa concepção de uma racionalidade supostamente autônoma e o tipo de conhecimento que ela acabou gerando, está na base das realizações tecnológicas sofisticadas que conferiram um grande poder material aos seres humanos e que conduziram ao que costumamos nomear de “progresso da civilização”, razão pela qual é um ideal que se mantém até os dias de hoje.

A atitude racionalista estrita, que implica nesta concepção de uma razão autônoma soberana e que atua segundo regras próprias independentes do sujeito, foi desde há muito tempo alimentada pela idéia de que há uma evidente supremacia da razão sobre as outras áreas de cognição igualmente relevantes como a sensação, a emoção e a intuição. Estas outras janelas mentais por onde se produzem também conhecimentos igualmente legítimos foram deixadas à margem dessa linhagem principal racionalista que predominou no decurso do pensamento científico ocidental. Segundo essa concepção racionalista que elege a razão como um instrumento superior às outras instâncias cognitivas do sujeito, a realidade só pode ser compreendida, portanto, pela via da racionalidade. Marilena Chauí define de maneira clara essa linhagem predominante da ciência ocidental: “...a ciência é a confiança que a cultura ocidental deposita na razão como capacidade para conhecer a realidade, mesmo que esta, afinal, tenha que ser inteiramente construída pela própria atividade racional” (Chauí, 1997, p.278)

Isto acabou se desdobrando na visão paradigmática de que só pode ser verdadeiro aquilo que puder ser descrito por uma linguagem técnica estruturada rigorosamente pelas leis da razão que, por sua vez, pressupõe a ausência de qualquer interferência de subjetividades, vale dizer, de ambigüidades e incertezas. Sujeito e objeto do conhecimento são, nessa linha de pensamento, entidades completamente separadas. O que logramos conhecer segundo essa ótica são

somente os fatos objetivos, vale dizer, os objetos em sua verdadeira natureza que, por sua vez, não dependem da visão singular do sujeito que os conhece.

Significa também que a tarefa do sujeito é tão somente a de descrever o mundo tal como se supõe que ele efetivamente seja, através de uma linguagem técnica e precisa portadora de uma coerência própria e uma sintaxe rigidamente delimitada. Isto exige que haja uma “correspondência” inequívoca entre um enunciado verbal e o objeto, ou relação entre objetos, que este enunciado pretende representar.

Nesse sentido, o racionalismo e o progresso da civilização ocidental, tal como nós a costumamos conceber, remetem-se mutuamente, são duas faces de uma mesma moeda. Podemos dizer que tudo aquilo que costumamos chamar de progresso é, em síntese, conhecimento, controle e manipulação de objetos pela via da razão. Tudo o mais é considerado como superstição, atraso, ou então, pertencente a outros territórios nebulosos, subjetivos e totalmente independentes da racionalidade.

Todos aqueles que, de algum modo, têm contato com esse ideal científico ocidental foram induzidos a pensar dentro desses parâmetros porque eles são largamente difundidos nas instituições de ensino e pesquisa como uma espécie de via única possível e aceitável para obtenção de conhecimentos verdadeiros acerca da realidade.

Dentro dessa perspectiva, nós os ocidentais nos consideramos seres essencialmente racionais e inventamos sistemas racionais de medição e classificação dos elementos que constituem a realidade por nós apreendida buscando obter a máxima objetividade possível. Vendo a nós mesmos e ao mundo desse modo, nós mesmos nos colocamos, baseados nessa visão, numa categoria privilegiada entre todos os outros animais da Terra: *Homo sapiens*. Esse é o “espírito” da concepção que temos de nós mesmos e é muito difícil sairmos dessa poderosa “matriz” que condiciona nossa visão de realidade. Fomos, durante séculos de processo evolutivo da civilização ocidental, sendo acostumados a pensar desse modo.

No mundo contemporâneo, todas as instituições da sociedade organizada estão impregnadas dessa visão unilateral da realidade. Talvez nossa civilização tenha ainda um preço muito caro a pagar por ter apostado todas as cartas na busca da objetividade pura (destacada da subjetividade) como meio de acesso à universalidade do saber em detrimento de outras possibilidades de conhecimento que valorizassem também a subjetividade e a singularidade.

A OBJETIVIDADE

Para compreendermos as origens e as bases do conhecimento racionalista, quero fazer um breve apanhado histórico para tentar seguir o principal fio condutor de sua gradativa construção e solidificação ao longo do tempo nas sociedades ocidentais. Mais adiante (no Capítulo II) veremos o que isso tem a ver com o problema das imagens registradas a partir de dispositivos técnicos.

Costuma-se afirmar que a ênfase no pensamento racional surgiu por volta dos séculos VI a IV antes de Cristo, na Grécia Antiga, considerada o nascedouro da civilização ocidental. Jean Pierre Vernant, um dos mais importantes estudiosos da cultura grega, afirma que:

“O pensamento racional tem um registro civil: conhece-se a data e o seu lugar de nascimento. Foi no século VI antes da nossa era, nas cidades gregas da Ásia Menor, que surgiu uma forma de reflexão nova, inteiramente positiva, sobre a natureza. (...) O nascimento da filosofia, na Grécia, marcaria assim o começo do pensamento científico – poder-se-ia dizer simplesmente: do pensamento” (Vernant, 2008, p. 441)

O filósofo Bertrand Russel corrobora essa visão de Vernant dizendo que “... a filosofia grega é contemporânea da ciência racional. Nesse caso, é natural que as questões filosóficas se situem nas fronteiras da investigação científica.” (Russel, 2003, p. 153)

O que aconteceu, portanto, nessa época foi um fenômeno muito especial que podemos definir como: a tomada de consciência da racionalidade como um elemento fundamental e intrínseco da aptidão humana para conhecer o mundo.

Aristóteles (384 a 322 aC) é um dos representantes mais legítimos dessa tomada de consciência. Com sua poderosa e brilhante inteligência e a elaboração de um trabalho analítico monumental, ele pesquisou e descreveu o que concebeu serem as regras básicas que nos conduzem a pensar corretamente e instaurou, desse modo, a linhagem de pensamento que daria origem à Ciência tal como a entendemos hoje.

Ele classificou os tipos de enunciados verbais contidos (mesmo que de forma subjacente) em qualquer forma de argumentação humana espontânea e propôs que nosso modo básico de raciocinar poderia ser reduzido a formas simplificadas e esquemáticas que ele denominou silogismos.

Para realizar essa tarefa, Aristóteles tentou eliminar da linguagem falada no cotidiano as impurezas da ambigüidade, construindo a partir daí o que veio a chamar de linguagem categórica. A linguagem categórica era considerada por ele como uma espécie de “extrato purificado da linguagem natural”. Algo análogo ao procedimento que resulta em extrair o “princípio ativo” de algum vegetal. Perdemos de vista o vegetal como um todo e focalizamos a atenção somente naquilo que supomos ser a substância que produz um determinado efeito que desejamos obter.

Aliás, é interessante perceber que sem a escrita não teria sido possível para Aristóteles fazer essa análise minuciosa do pensamento. Foi a escrita que possibilitou a ele “ver” o pensamento grafado num suporte que não se degrada num curto espaço de tempo, escapando, portanto, da fugacidade natural da palavra falada.

“... a escrita, sobretudo a escrita alfabética, tornou possível uma nova maneira de examinar o discurso graças à forma semipermanente que ela deu à mensagem oral. Esse meio de inspeção do discurso permitiu acrescentar o campo da atividade crítica, favoreceu a racionalidade, a atitude cética, o pensamento lógico... As possibilidades do espírito crítico se ampliaram pelo fato do discurso se encontrar estendido diante dos olhos; simultaneamente se ampliou a possibilidade de acumular conhecimentos, em particular os conhecimentos abstratos, porque a escrita modificou a natureza da comunicação estendendo-a além do simples contato pessoal e transformou as condições de estocagem da informação; desse modo tornou acessível àqueles que sabiam ler um campo intelectual mais amplo. O problema da memorização deixou de dominar a vida intelectual; o espírito humano pôde se dedicar ao estudo de um ‘texto estático’, liberto dos entraves próprios às condições dinâmicas da enunciação, o que permitiu ao homem obter um recuo em relação à sua criação e examiná-la de maneira mais abstrata, mais geral, mais ‘racional’. Tornando possível o

exame sucessivo de um conjunto de mensagens dispostas num período muito mais longo, a escrita favoreceu ao mesmo tempo o espírito crítico e a arte do comentário por um lado, o espírito ortodoxo e o respeito pelo livro do outro” (Goody, 1979, p. 86 - 87)

O fato de enunciados estarem representados graficamente num suporte exterior, que resiste ao tempo, faz o pensamento retroagir sobre si mesmo, induzindo o observador a ver relações entre esses enunciados que a memória natural, sem o auxílio da escrita, não poderia jamais permitir reconhecer. Algo análogo ocorre com a fotografia e, em certa medida, com a cinematografia, mas examinaremos isso no capítulo II.

O que é, então, um silogismo? Quero analisar essa questão mais técnica porque há aí algo muito importante relacionado à pretensão de se obter objetividade pura no ato do conhecimento.

Silogismo é um tipo de raciocínio (esquemático) que contém três enunciados (ou afirmações): duas premissas e uma conclusão. A conclusão nasce da comparação entre as duas premissas e é obtida por dedução. Eis um exemplo clássico:

Todos os homens são mortais

Sócrates é homem

Logo, Sócrates é mortal

Aristóteles descobriu que existiam 256 tipos de silogismos possíveis dentre os quais menos de vinte são corretos. É muito importante notar, insisto, que só mesmo com o recurso da escrita seria possível reconhecer e reter na memória todos esses 256 silogismos.

“... a lógica, no sentido formal, está estreitamente ligada à escrita: a formalização das proposições, que nós extraímos do fluxo da fala, que designamos através de letras (ou de números) conduz ao silogismo” (Goody, 1979, p. 97)

Os silogismos classificados por Aristóteles são o resultado de uma análise combinatória de quatro tipos diferentes de enunciados esquemáticos básicos, agrupados três a três (não pretendo me aprofundar nesses detalhes em nome de uma visão mais geral dos fatos).

Pode-se dizer que a partir dessa tomada de consciência do que poderíamos chamar de “mecanismo da razão”, teve início um processo de artificialização da linguagem natural visando à construção de uma linguagem técnica, isto é, menos imprecisa, ou seja, mais objetiva.

Em seu nascedouro, lá na Grécia antiga, essa idéia de descrever e utilizar a razão pura como instrumento para obtenção de conhecimentos objetivos teve, sem dúvida, as melhores das intenções. Subjacente a ela estava presente o nobre objetivo de produzir um conhecimento desinteressado, libertador de toda sorte de ignorância e superstições, que pudesse ser acessível a qualquer cidadão pela limpeza e precisão de uma linguagem que pudesse ser compartilhada por todos. O que se pretendia era substituir o *mythos* pelo *logos*. Os problemas surgiram mais tarde, nos desdobramentos que o tempo testemunhou.

O que é um raciocínio correto? Um raciocínio correto (ou válido) é definido por Aristóteles como aquele que: sendo as premissas verdadeiras, a conclusão será obrigatória e infalivelmente verdadeira. Os raciocínios corretos têm, portanto, essa propriedade muito especial de conservar as verdades contidas nas premissas de tal modo que sejam “transferidas” intactas, numa nova combinação, para a conclusão.

Os raciocínios incorretos, em oposição, não têm essa propriedade. Neles, nada garante que a conclusão seja necessariamente verdadeira. Portanto, não devem (segundo Aristóteles) ser utilizados na construção de argumentações que buscam obter um conhecimento que descreva a realidade de maneira clara, sólida e inequívoca. Em outras palavras, não devem ser usados na ciência.

Gostaria de chamar a atenção para uma questão muito instigante que surge diante dessa definição de raciocínio correto, sobretudo para aqueles que não estão familiarizados com esse tema.

A questão é esta: quem ou o quê pode determinar se as premissas são, de fato, verdadeiras? Dito de outro modo: se o silogismo correto garante a verdade da conclusão, quem ou o quê garante a verdade das premissas?

É essa questão que demarca dois campos bem distintos: o da lógica e o da ontologia. A lógica diz respeito às relações (dedução) corretas ou incorretas entre os enunciados e a ontologia diz respeito às verdades propriamente ditas desses enunciados.

Em outras palavras, a ontologia trata do que “são” ou “não são” as coisas, ou seja, do problema de saber se um enunciado é verdadeiro ou falso, já que as coisas do mundo só passam a ser coisas relevantes, isoladas umas das outras, quando as enunciamos.

Apenas para tornar essa questão mais clara, analisemos aquele silogismo clássico do exemplo acima usado pelo próprio Aristóteles e em quase todos os cursos de lógica até os dias de hoje:

Todos os homens são mortais

Sócrates é homem

Logo, Sócrates é mortal

Este é um raciocínio correto, descrito como tal pelo próprio Aristóteles. Não há quem não possa estar de acordo com isso. Contudo, tomemos, por exemplo, a primeira premissa que diz: “*Todos os homens são mortais*”. Quem ou o quê determina que ela é verdadeira? Não existe, por exemplo, nenhum raciocínio correto que contenha duas premissas verdadeiras que conduzam, por dedução, à conclusão de que “*todos os homens são mortais*”. Isso significa, então, que não é pela via da dedução que podemos fazer essa afirmação. Se não é pela dedução, é por outra via. Qual?

Aristóteles se deu conta desse problema e o solucionou introduzindo a idéia de que existe uma indução “espontânea” que se dá por uma aptidão intrínseca da inteligência humana. Em outras palavras, algumas verdades iniciais (princípios) nos são fornecidos espontaneamente por uma evidência que brota naturalmente

da nossa própria inteligência ao observarmos a realidade. Num parágrafo dos Segundos Analíticos – Livro II, Aristóteles escreve o seguinte:

“Na medida em que algo indiferenciado se estabiliza, primeiramente surge na alma um universal (pois se percebe o particular, mas a sensação é do universal – por exemplo – de homem, mas não de Cálias homem); novamente entre eles, se estabiliza até que se estabilizem os itens desprovidos de partes, isto é, os universais – por exemplo, animal de tal e tal tipo se estabiliza, até que animal se estabilize, e concernente a este, do mesmo modo. Assim sendo, é evidente que nos é necessário vir a conhecer os primeiros por indução.” (Aristóteles, 2002, p. 83)

Obter conhecimento por indução espontânea significa que, ao colhermos um número suficiente de observações de um mesmo fenômeno, reconhecidos por nossa inteligência inata que os memoriza e classifica-os como sendo realmente repetidas aparições deste mesmo fenômeno (“estabilização”, segundo Aristóteles), acabamos por produzir conceitos universais que não dependem do que Aristóteles chama de uma ciência demonstrativa (obtenção de conhecimento por dedução).

O termo “inteligência”, usado por Aristóteles, não tem aquele sentido mais comum que encontramos no dicionário como, por exemplo, “capacidade de compreender e resolver problemas novos”. Aliás, a tradução desse termo (noûs) do grego original não é consenso entre os tradutores e sua interpretação também não é consenso entre os estudiosos. Tanto isso é verdade que em muitas traduções é usado o termo “intuição” no lugar de inteligência. Isto porque Aristóteles se refere à inteligência como essa aptidão humana capaz de produzir verdades iniciais (princípios) que não dependem do raciocínio, da razão. Os alicerces do conhecimento não necessitam, portanto, da razão para se instalarem. A razão somente pode operar num segundo momento quando as verdades iniciais já foram adquiridas.

Do mesmo modo como Aristóteles justifica a estabilização do conceito de homem a partir de inúmeras aparições deste ou daquele homem em particular (Cálias, Platão, Sócrates, etc.), também surge, por exemplo, o conceito de mortalidade.

O enunciado “*todos os homens são mortais*” surge então, a partir desse procedimento. Se não há nenhuma aparição de homem imortal e se, portanto, não conhecemos nenhum caso particular que contradiga essa afirmação, podemos então considerá-la verdadeira.

Isto significa que não há como concluir por dedução que “*todos os homens são mortais*”, porque este enunciado foi induzido pela freqüência com que nossa inteligência registrou esses elementos até estabilizá-los completamente. Este é, portanto, um enunciado que antecede e está na base de tudo aquilo que pudermos, daí em diante, construir como conhecimento por demonstração (dedução).

O grande problema é que mesmo os enunciados que são “princípios universais” obtidos e avalizados pela inteligência podem não ser, necessariamente, verdadeiros. Se houver, por exemplo, apenas um único caso de imortalidade entre os homens, a afirmação “*todos os homens são mortais*” será, então, falsa.

O próprio Aristóteles, baseado na sua confiança absoluta de que a inteligência de que somos dotados nos fornece os princípios universais sólidos e inquestionáveis, que servem como base a toda ciência demonstrativa (o que equivale a dizer que a inteligência é a fonte de produção de verdades iniciais), fez afirmações que foram, muito mais tarde, reconhecidas como experimentalmente falsas.

Por exemplo, Aristóteles introduziu a idéia de que os objetos têm uma qualidade intrínseca e absoluta que é o seu peso, ou seja, existem objetos que são por natureza pesados e objetos que são leves. Ele foi mais além, afirmou que os objetos mais pesados quando soltos no espaço ao mesmo tempo em que os mais leves, chegam mais rapidamente ao solo do que estes. Fez essa afirmação sem ter realizado jamais nenhum experimento, apenas confiando na inteligência provedora de verdades iniciais que dispensam comprovação.

Graças à curiosidade de Galileu, cerca de 2.000 anos depois de Aristóteles ter enunciado aquela suposta verdade, é que sabemos hoje que ele estava enganado.

O trabalho de Aristóteles no campo da lógica e da epistemologia é um patrimônio da humanidade. Sua investigação profunda e apaixonada para compreender o modo como surgem as verdades iniciais e como se desenvolve a ciência demonstrativa, é um marco decisivo que inaugura o caminho pelo qual o conhecimento ocidental viajaria doravante. Suas idéias deram um vigoroso impulso ao conhecimento científico, mas sua ontologia baseada na infalibilidade da indução espontânea produzida pela inteligência natural e na idéia de que as afirmações tidas como verdadeiras correspondiam perfeitamente à realidade, continham uma fragilidade e vulnerabilidade que não resistiriam a uma investigação mais rigorosa e sistemática que viria a ganhar espaço e reconhecimento social no decurso dos acontecimentos históricos. Mesmo o edifício da sua lógica formal viria a sofrer um grande abalo no início de século XX. Vernant, já em meados do século passado (em 1957), fazia a seguinte reflexão:

“No decurso dos últimos cinqüenta anos, a confiança do Ocidente nesse monopólio da razão foi todavia abalada. A crise da física e da ciência contemporâneas minou os fundamentos – que se julgavam definitivos – da lógica clássica” (Vernant, 2008, p. 442)

A EXPERIMENTAÇÃO

Foram precisos cerca de 20 séculos para que a ontologia aristotélica fosse questionada, embora a sua lógica tenha prevalecido até recentemente. Como diz Russel: “A lógica aristotélica reinou suprema até o século XIX. Como muitas outras coisas de Aristóteles, a lógica passou a ser ensinada em estado fossilizado por homens tão intimidados pela autoridade de Aristóteles que não ousavam questioná-lo.” (Russel, 2003, p. 135). Durante todo esse tempo, que atravessou o início da era cristã, passando por toda era medieval, as obras do grande filósofo grego foram referência absoluta e inquestionável para os estudiosos da ciência em seus primórdios.

A partir do século XVII alguns pensadores perceberam que seria mais prudente fazer alguns experimentos para garantir a verdade das afirmações iniciais e só então, por dedução (seguindo ainda a linha da lógica aristotélica), construir o edifício do conhecimento.

Galileu (1564 a 1642) é considerado o pai da ciência experimental exatamente por ter sido considerado pelos historiadores o primeiro homem a reconhecer a necessidade de “experimentalizar (testar) antes de afirmar”, opondo-se, desse modo, à teoria aristotélica da obtenção dos princípios apenas pela luz da inteligência. Galileu foi, portanto, um dos primeiros a conceber e realizar experimentos para verificar se o que pensamos espontaneamente da realidade corresponde, de fato, a ela. Em outras palavras, se é “verdade”.

Inaugurou-se, então, a era da “experimentalismo”, isto é, da manipulação intencional e controlada da realidade que se estendeu por todas as chamadas ciências naturais até nossos dias. Como assinala Morin, “A ciência ocidental desenvolveu-se como ciência experimental e, para suas experiências, teve de desenvolver poderes de manipulação precisos e seguros, ou seja, técnicas de verificação” (Morin, 1996, p. 108).

Se, por um lado, a experimentação protegeu, de certo modo, o conhecimento da ilusão e do erro, por outro, gerou um novo problema: como isolar

cada experimento do conjunto de todas as interferências que a realidade contém? Com a tônica na experimentação, a realidade começou a ser estudada dentro de ambientes isolados onde as condições para a realização de um “bom experimento” estivessem, portanto, sob controle.

Criaram-se então os laboratórios, isto é, espaços onde tudo aquilo que não fosse considerado pertinente à realidade que se estava investigando deveria ficar do lado de fora. Os laboratórios tornaram-se basicamente ambientes de isolamento, de separação. Com isso pretendia-se produzir conhecimentos “puros”, destacados de tudo aquilo que não lhes dissesse respeito, inclusive da subjetividade de quem os estivesse produzindo. Foi o início de uma prática que podemos chamar de “higienização” do conhecimento e que se consagrou ao longo do tempo na atividade científica clássica.

Um dos objetivos principais da ciência passou a ser, desde então, comprovar as afirmações (hipóteses) através dos resultados de experimentações realizadas em condições absolutamente controladas e seguras, completamente isoladas das interferências indesejáveis do fluxo caótico dos acontecimentos naturais e espontâneos. Contudo, esse isolamento produziu, em contrapartida, um mundo artificial, onde as próprias condições rígidas de controle do experimento criaram, muitas vezes, fronteiras intransponíveis para o retorno ao mundo real.

“O mundo fictício proposto por Galileu não é somente o mundo que Galileu sabe como questionar, é um mundo *que ninguém pode questionar de um modo outro que o dele*. É um mundo cujas categorias são *práticas* visto que derivam do dispositivo experimental que ele inventou. ... se, depois de três séculos e meio, ensinamos ainda as leis do movimento galileano e os dispositivos que permitem encená-lo, planos inclinados e pêndulos, é que até aqui nenhuma outra interpretação conseguiu desfazer a associação inventada por Galileu entre o plano inclinado e o comportamento dos corpos pesados.” (Stengers, 2002, p. 106)

A ciência experimental viveu desde então alguns séculos de glória, tal o êxito obtido na indução por experimentação, nas práticas laboratoriais, no uso de

instrumentos precisos de medição e na fidelidade absoluta à lógica aristotélica para produzir novos conhecimentos por dedução a partir dos resultados obtidos nos experimentos. Por outro lado, as condições artificiais da experimentação produziram uma separação profunda entre a descrição abstrata que as ciências naturais passaram a fazer da realidade e a própria realidade.

“A abstração não é o produto de uma ‘maneira abstrata de ver as coisas’. Ela nada tem de psicológico ou de metodológico. Ela diz respeito à invenção de uma prática experimental que a distingue de uma ficção entre outras, ao mesmo tempo em que ‘cria’ um fato que singulariza uma classe de fenômenos entre outros” (Stengers, 2002, p. 107)

E foi assim até recentemente (início do século XX), antes que os físicos tivessem tentado, por exemplo, descrever experimentalmente o que eram e como se comportavam as partículas subatômicas. Diante desses experimentos, a objetividade sofreu um duro golpe e nem mesmo a lógica aristotélica resistiu.

Ao que tudo indica estamos vivendo atualmente uma nova era do conhecimento que se caracteriza pela ruptura dos valores básicos que sustentaram a ciência clássica racionalista e experimentalista. Edgar Morin afirma que “hoje parece-nos racionalmente necessário repudiar toda a ‘deusa’ razão, isto é, toda a razão absoluta, fechada, auto-suficiente. Temos que considerar a possibilidade de evolução da razão” (Morin, 1996, p 166) e, seguindo a mesma linha de argumentação diz que:

“a razão fechada rejeita como inassimiláveis fragmentos enormes de realidade, que então se tornam a espuma das coisas, puras contingências. Assim, foram rejeitados: a questão da relação sujeito-objeto no conhecimento; a desordem, o acaso; o singular, o individual (que a generalidade abstrata esmaga); a existência e o ser, resíduos irracionalizáveis.” (Morin, 1996, p. 167)

Abre-se um novo portal, a partir do início do século XX, que está em fase de germinação e parece ser uma grande revolução na nossa maneira de compreender a realidade, mesmo que muitos dos próprios cientistas envolvidos

nessas pesquisas ainda não o admitam. Thomas Kuhn define bem essa resistência intelectual dizendo que “o que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver” (Kuhn, 1997, p 148)

Os experimentalistas do século XVII (Bacon, Locke, Berkeley, Hume, etc.) de modo geral colocavam em dúvida nossa capacidade inata de obter verdades por simples observação direta dos fenômenos e apontavam o experimentalismo conduzido pela via da razão como a única forma de intermediação para a obtenção de conhecimentos verdadeiros. De certo modo, e guardadas certas proporções, podemos dizer que nessa época começou a haver um descolamento muito pronunciado do homem em relação à natureza. Uma separação muito pronunciada entre sujeito e objeto, que era a base do pensamento racionalista, conduzindo à paradoxal objetivação do próprio sujeito.

Tudo o que não fosse submetido a um método específico de análise dentro de condições experimentais controladas; auxiliado por instrumentos específicos de medição; segundo padrões rigorosos de medida e descrito por uma linguagem técnica especializada, não poderia ter valor de conhecimento confiável. Tornou-se, então, imperioso que se conhecesse “o método” e que se utilizasse a “linguagem apropriada”, para a obtenção da máxima objetividade.

O físico nuclear Barasab Nicolescu fala das conseqüências atuais desse modo de pensar:

“A *objetividade*, instituída como critério supremo de verdade, teve como conseqüência inevitável a *transformação do sujeito em objeto*. A morte do homem, que anuncia tantas outras mortes, é o preço a pagar por um conhecimento objetivo. O ser humano torna-se objeto: objeto da exploração do homem pelo homem, objeto de experiências de ideologias que se anunciam científicas, objeto de estudos científicos para ser dissecado, formalizado e manipulado” (Nicolescu, 1999, p. 23).

Mesmo atualmente no mundo acadêmico há uma nítida demarcação de limites entre linguagens que são consideradas “apropriadas” e aquelas tidas como

“inapropriadas”. Isto delimita uma estreita faixa por onde apenas um determinado tipo de conhecimento pode ser produzido e enunciado.

Através da aplicação rigorosa da lógica do discurso e de um experimentalismo também rigoroso e pretensamente neutro e isento das ambigüidades subjetivas, a ciência acabou por delimitar um campo de conhecimento próprio, específico e excludente, uma espécie de “caixa metafórica” na qual foram mantidos unicamente os fenômenos dignos de permanecerem dentro dela, isto é, aqueles controláveis e experimentáveis.

Fora dessa caixa metafórica ficaram os fenômenos desqualificados, isto é, todos aqueles considerados impermanentes, instáveis, fugazes ou então aqueles demasiadamente subjetivos, isto é, singulares demais para que se pudesse generalizá-los, submetê-los a experimentos, manipulá-los, controlá-los e descobrir as hipotéticas leis imutáveis que os regem.

Refletindo sobre o que tem sido a ciência clássica e os desafios que ela tem que enfrentar nos dias de hoje Ilya Prigogine (prêmio Nobel de Química) diz que: “A ciência clássica privilegiava a ordem, a estabilidade, ao passo que em todos os níveis reconhecemos agora o papel primordial das flutuações e da instabilidade”. (Prigogine, 1996, p. 12)

Gostaria de chamar particularmente a atenção para essa idéia de existência de “leis imutáveis”. Leis imutáveis (estáveis) são aquilo que, em ciência, se procura descobrir e revelar para que se possa compreender em que se baseia o mecanismo de funcionamento dos fenômenos naturais. Podemos compreender com facilidade que essa idéia é, antes de tudo, apenas uma hipótese de trabalho, sem nenhuma comprovação anterior da sua existência. É também e, portanto, anterior a qualquer observação direta dos fatos. O biólogo Rupert Sheldrake define com muita clareza essa questão:

“Segundo o credo tradicional da ciência, tudo é governado por leis fixas e por constantes imutáveis. As leis da natureza são as mesmas em todos os tempos e lugares. Na verdade, transcendem o espaço e o tempo. Parecem-se mais com idéias eternas – no sentido da filosofia platônica – do que com coisas que evoluem. Não são feitas de matéria, energia,

campos, espaço ou tempo; não são feitas de nada. Em suma são imateriais e não físicas. Tal qual as idéias platônicas, estão por trás de todos os fenômenos com sua razão oculta ou *logos*, fora do espaço-tempo.” (Sheldrake, 1999, p. 145)

Isso significa que não é a realidade que nos impulsiona a pensar que ela é regida por leis ocultas imutáveis, mas, ao contrário, somos nós que olhamos para a realidade como se assim fosse e tentamos fazer com que nossas observações se encaixem (como numa caixa) nessa idéia pré-concebida. O físico Gary Zukav chama a atenção para este tipo de pré-concepção da realidade:

“Uma mente racional, baseada nas impressões que recebe de sua limitada perspectiva, forma estruturas que determinam o que depois aceitará ou rejeitará. Assim, independentemente de como o mundo real opera, esta mente racional, seguindo suas próprias regras auto-impostas, tenta sobrepor ao mundo real sua própria versão do que ‘deve ser’.” (Zukav, 1989, p. 165)

Essa atitude é o que o filósofo da ciência Thomas Kuhn chama de paradigmática. Com ela, criamos as grandes referências básicas que determinam, consciente ou inconscientemente, o campo e o foco de nossa atividade cognitiva. Definindo a priori o que a realidade é para, em seguida, investigá-la munidos desse pré-conceito, acabamos induzidos a conceber e produzir toda sorte de experimentos, metodologias, tratamento de dados e equipamentos de medida específicos para descobrir exatamente o que já estávamos predispostos a descobrir de antemão. O físico Werner Heisenberg adverte para essa questão referente à impossibilidade de produzirmos um conhecimento puramente objetivo:

“...a natureza certamente existia antes da existência do homem, mas, se a natureza existia antes do homem, não acontece o mesmo com as ciências naturais. Por exemplo, o conceito de ‘lei da natureza’ não pode ser completamente objetivo, pois a palavra ‘lei’ é um princípio puramente humano” (Heisenberg, 1969, p. 35)

Nessa lida com os objetos dentro de espaços laboratoriais buscando descobrir as supostas leis que determinam as relações entre eles, o experimentalismo e seus artifícios metodológicos acabaram construindo a concepção mecanicista da realidade. O mecanicismo é uma idéia a priori (um princípio) de que todo o universo funciona como uma máquina, como uma espécie de relógio mecânico. Se de fato é assim, basta então descobrir as leis que estão subjacentes a todo esse mecanismo universal e compreender como tudo funciona. Todos os objetos do mundo são, dentro dessa perspectiva, peças desse grande relógio. Peças mecânicas, inanimadas, sem “espírito”.

Esse modo de ver as coisas é coerente com uma visão determinista da realidade, isto é, tudo parece estar determinado pelas leis imutáveis do universo mecânico que subentende uma interminável seqüência causal entre os fenômenos. Se assim é, podemos conhecer o presente, o passado e o futuro porque tudo o que está diante de nossos olhos não passa de um encadeamento de causas e efeitos que são regidas por leis imutáveis que, por sua vez, podem explicar a mecânica toda do universo em qualquer instante dado. Se for realmente assim, podemos então seguir o fio das causas na direção do passado e descobrir a origem de tudo. Do mesmo modo, podemos traçar o percurso desse fio em direção ao futuro e prever os efeitos. Poderemos saber tudo um dia! Este é o grande ideal e a ambição do pensamento científico clássico.

O êxito nas previsões que a ciência experimental obteve foi um dos aspectos mais convincentes para que os seres humanos acreditassem cegamente no poder absoluto desse modo particular de explicar a realidade. A ciência ganhou tamanho prestígio social que acabou adquirindo o estatuto de “conhecimento oficial”, único com validade oficialmente reconhecida pelas instituições mais importantes das sociedades ocidentais. Tornou-se, em certa medida, um saber dogmático. As instituições de pesquisa em geral e os cientistas envolveram-se completamente com esse papel super dimensionado que o poder político, o mercado e a sociedade em geral acabaram lhes outorgando. Sheldrake descreve com clareza esse fenômeno:

“Os cientistas sentem geralmente a necessidade de preservar uma auto-imagem idealizada, não apenas por motivos pessoais e profissionais, mas também porque essa imagem é projetada neles pelos outros. Muita gente confia mais na ciência que na religião e precisa acreditar em sua autoridade superior, objetiva. Assim, na medida em que a ciência substitui a religião como fonte de verdade e valores, os cientistas se tornam uma espécie de sacerdotes. E, como sucede aos sacerdotes em geral, logo surge a expectativa pública de que eles vão viver segundo o que pregam: no caso dos cientistas, objetividade, racionalidade e busca da verdade. (...) Também é difícil para eles admitir a existência de algo fundamentalmente errado com as crenças e instituições que legitimam sua posição. Se é relativamente fácil reconhecer que as pessoas podem errar, e purificar a comunidade com sua expulsão, muito mais difícil é questionar as crenças e idealizações sobre as quais repousa o edifício inteiro.” (Sheldrake, 1999, p 141)

Uma das tarefas primordiais da ciência clássica tem sido selecionar somente os temas e os objetos que são suscetíveis de serem pesquisados dentro das condições controladas e isoladas dos espaços laboratoriais, sejam eles espaços físicos ou imaginários. São os objetos que podem caber naquela “caixa metafórica” à qual me referi anteriormente e se, porventura, algo não couber, torna-se necessário encontrar um meio de fazer caber. Fazer caber significa, às vezes, forçar, apertar, torcer, distorcer e, se for preciso, transformar, adaptar, converter, submeter ou até corromper e, se nenhuma dessas ações for possível, descarta-se o tema e/ou o objeto classificando-o como algo inexistente, insignificante ou como os tais “resíduos irracionalizáveis” a que se referiu Edgar Morin. (Morin, 1996, p 167, op cit).

O filósofo da ciência Karl Popper (Popper, 1996) fornece uma visão muito precisa dessa demarcação de competências. Ele propõe que pertencem ao campo do conhecimento científico todas as afirmações (hipóteses) que forem refutáveis, isto é, todas aquelas onde é possível conceber e produzir experimentos que possam vir um dia, por mais longínquo que seja, comprovar que são falsas. Por isso, segundo ele, as hipóteses e teorias científicas são eternamente provisórias. Isto quer dizer, em última análise, o seguinte: enquanto as teorias

e/ou hipóteses resistirem aos experimentos, podem continuar sendo admitidas como verdadeiras, mas, se um único experimento ou observação as desmentir, então é o fim. Estão demolidas para sempre.

Não há, portanto, como conceber experimentos que forneçam de forma conclusiva um “certificado de verdade” para uma hipótese. O que podemos fazer é apenas garantir que, até o presente momento, ela ainda não foi refutada. Enquanto isso, ela vai se sustentando como pode até que surja algum experimento ou observação que a refute.

Esse estado eternamente provisório que inquieta constantemente a ciência em sua intimidade, quase nunca é assumido abertamente diante da sociedade. Pelo contrário, o adjetivo “científico” assume sempre o valor político de algo sólido e definitivamente verdadeiro e é muitas vezes utilizado quando se quer fazer calar alguém ou justificar uma ação. A ciência é a forma de conhecimento oficial e vigente e não tem um concorrente do mesmo porte, mesmo porque é ela própria quem julga e decide sobre a legitimidade de algum possível aspirante a concorrente.

Pode-se ler, por exemplo, em alguma revista científica que a Ciência admite a acupuntura como uma prática terapêutica válida, mas nunca haveria espaço para uma constatação inversa, isto é, a acupuntura reconhece a legitimidade da Ciência.

Esta cultura cientificista baseada na pressuposição auto-outorgada de que a ciência é um tipo de conhecimento superior aos outros, supostamente livre de todas as subjetividades, crenças e superstições, impregna quase todas as instituições da sociedade, sobretudo as de educação, pesquisa e saúde. Produz uma espécie de regra de conduta para seus representantes que se baseia na idéia de que o conhecimento científico não sofre nenhuma interferência singular psíquica consciente ou inconsciente das pessoas que o produzem e/ou comunicam. Isso, por sua vez, gera uma atitude muito peculiar e facilmente reconhecível, por exemplo, nos meios acadêmicos onde alguns pesquisadores e professores acabam, sem o perceber, falando e escrevendo como se o conhecimento não lhes dissesse respeito, como se eles mesmos não estivessem

envolvidos pessoalmente naquilo que sabem e comunicam. Eles têm que imaginar, por força da formação cientificista, que são neutros em relação ao conhecimento. Por isso existe toda uma tradição acadêmica paradoxal que desencoraja a inclusão pessoal dos indivíduos no próprio conhecimento que estão produzindo ou comunicando. Desencoraja, enfim, o caráter singular e criativo de todo conhecimento. Há toda uma censura implícita em relação à fala e à escrita que impede qualquer referência à primeira pessoa do singular. Tudo deve ser escrito e dito como se o sujeito não participasse daquilo que está fazendo, como se ele fosse somente uma antena retransmissora de um conhecimento que já está lá, antes dele, independente de sua contribuição pessoal. Sheldrake, um cientista formado nas mais renomadas instituições de ensino européias, é muito corajoso ao afirmar que:

“Uma fonte contínua e generalizada de ilusão de objetividade é o estilo em que os relatos científicos são redigidos. Aparentam provir de um mundo idealizado no qual a ciência constitui um exercício inteiramente lógico, livre de paixões humanas.” (Sheldrake, 1999, p. 135)

“... prosa desapaixonada, emprego da voz passiva e a pretensão de que os dados são fatos nus e crus. Os cientistas profissionais sabem muito bem que esse estilo é uma espécie de faz-de-conta; no entanto, tornou-se obrigatório para quem quer que aspire à objetividade, tendo sido adotado igualmente por tecnocratas e burocratas.” (Sheldrake, 1999, p. 136)

Essa postura artificial é especialmente perniciosa para crianças e jovens nas instituições escolares, porque lhes fazemos crer que o conhecimento sobre a realidade já está pronto, é definitivo e solidamente embasado e que o que se espera deles é apenas uma completa aceitação, submissão e consumo dos saberes *prêt-à-porter*.

Se ensinássemos aos jovens desde o início de sua formação que a realidade não é estática, mas ao contrário, está em fluxo permanente e que o conhecimento sobre ela é necessariamente sempre provisório, estaríamos

oferecendo um campo sempre aberto para a construção de novas realidades. Estaríamos dando espaço para a criatividade, potencialidade singular de cada ser humano para inventar essas novas realidades.

O que se costuma fazer, ao contrário, é desencorajar e até mesmo sufocar o potencial criativo dos jovens fazendo-os crer que não há mais nada a discutir diante do poder explicativo da ciência. Isso, a meu ver, é um verdadeiro desastre!

OS TRÊS PRINCÍPIOS

Voltemos mais uma vez a Aristóteles para uma última abordagem que, espero, deva contribuir para o nosso propósito de compreender o pensamento racionalista e o que tudo isso tem a ver com a realização de documentários audiovisuais nos quais se pretende garantir alguma verdade (uma correspondência precisa entre as imagens e sons e a realidade representada) em seu conteúdo.

A lógica aristotélica determinava que todas as afirmações, e, portanto, todo discurso enquanto conjunto encadeado de afirmações, devem obedecer a três princípios básicos:

- a) o princípio de identidade;
- b) o princípio da não-contradição
- c) o princípio do terceiro excluído.

O princípio de identidade diz que uma coisa (indivíduo, classe, conceito, etc.) tem que ser sempre a mesma dentro de um mesmo discurso. Isso quer dizer simplesmente que se eu estou, por exemplo, neste texto que escrevo agora, falando de Aristóteles, toda vez que surgir esse nome ele se refere ao mesmo Aristóteles e não a outra pessoa com o mesmo nome. É fácil compreender que isso é necessário para garantir a coerência e consistência de um discurso sem ambigüidades.

O princípio da não-contradição diz que uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Se eu digo que Aristóteles é um homem de estatura baixa, não é admissível que ele seja, ao mesmo tempo, um homem de estatura alta. Ele tem que ser aquilo que é, pelo menos dentro da totalidade do discurso onde seu nome aparece e permanece.

Finalmente, o princípio do terceiro excluído diz que uma coisa é ou não é aquilo que dizemos dela, não há uma terceira possibilidade. Isso quer dizer que,

por exemplo: ou Aristóteles é baixo ou então não é. Ou é “sim”, ou é “não”, não há outra possibilidade que envolva e admita as duas juntas simultaneamente. Poder-se-ia dizer que Aristóteles tem estatura intermediária. Ainda assim o princípio do terceiro excluído tem que se aplicar, porque nesse caso temos que admitir que ele é ou não é de estatura intermediária. Não pode haver três estados, muito menos uma simultaneidade de estados.

Os três princípios tentam garantir que não haja nenhuma espécie de ambigüidade no discurso. Ambigüidades geram confusão e mal entendidos que, por sua vez, produzem, segundo essa perspectiva, conhecimento falso. Esses três princípios mantiveram-se desde a Grécia antiga como o tripé sagrado da linguagem científica até os dias de hoje.

É evidente que a arte pela sua própria natureza está, em oposição, completamente liberada da obediência aos três princípios da lógica e, por isso mesmo, pode produzir níveis de conhecimento que a ciência não teria a menor chance de alcançá-los, tal a formalidade restritiva de seu discurso.

Acontece que desde o início do século XX essa necessidade imperiosa de obediência aos três princípios no universo científico foi se afrouxando, e isso se deu justamente no campo clássico da experimentação controlada em laboratório (a base de sustentação principal da objetividade) e na mais ortodoxa entre as ciências: a Física. Certas observações e medições obrigaram os físicos a reverem a aplicabilidade dos três princípios. Isso teve como consequência, entre muitas outras, por exemplo, a formulação do “princípio de incerteza” proposto pelo físico Heisenberg. O “princípio de incerteza” introduz pela primeira vez no método de investigação da ciência clássica a idéia, antes inconcebível, de que temos que ceder ao fato de que alguns fenômenos que pertencem ao campo da ciência definitivamente não podem ser observados e/ou medidos. Trata-se da difícil aceitação da relativa impotência da ciência em pretender conhecer a verdade por inteiro. Como o próprio Heisenberg afirma:

“Não podemos evitar a conclusão de que a nossa velha representação da realidade já não é aplicável ao campo do átomo e que nos enredamos em abstrações assaz

intrincadas se tentarmos descrever os átomos como aquilo que é verdadeiramente real. Basicamente falando, podemos dizer que o próprio conceito de ‘verdadeiramente real’ já foi desacreditado pela física moderna, e o ponto de vista da filosofia materialista precisa ser modificado nesse particular.” (Heisemberg, 1969, p. 21)

Para resumir, podemos dizer que, desde Aristóteles e passando mais tarde pelo experimentalismo, a crença na razão (com regras, propriedades e finalidades próprias) enquanto uma entidade autônoma e auto-suficiente se consolidou. Construiu-se o ideal de uma razão “desencarnada”. Através da escrita essa razão tornou-se “visível”, colocada fora do pensamento encarnado no sujeito. Grafada na superfície de um espaço bidimensional (papel, papiro, etc) exterior, transformou-se num puro objeto. A razão vista desse modo passou a ser tratada como uma espécie de nuvem que flutua fora do corpo do sujeito e sobrevoa a cabeça de todos os seres humanos. Apenas os mais inteligentes sabem como se conectar a ela para utilizá-la como uma ferramenta produtora de conhecimentos legítimos e seguros.

Estabeleceu-se aí uma trindade implícita do conhecimento no campo das ciências: o sujeito conhecedor, o objeto cognoscível e a razão que serve de elo entre os dois.

A concepção de uma objetividade pura, portanto, tem origem nessa representação de um sujeito separado dos objetos que, munido da razão como ferramenta de investigação, analisa-os e desvenda a sua verdade.

A objetividade é uma ideal que pressupõe que tudo o que conhecemos está necessariamente fora de nossa mente cognitiva, é, por definição, um objeto. Mesmo que esse objeto seja a nossa própria psique. Quanto mais isentos e neutros nos colocarmos diante do objeto, mais ele deve aflorar na sua plenitude e na sua verdade: essa é a essência da crença depositada na idéia de objetividade pura.

Com isso, produzimos tecnologias sofisticadas que prometeram por um fim ao sofrimento humano; construímos máquinas complexas para manipular, controlar, dominar e promover todo tipo de transformações em nós mesmos e no

meio ambiente; oficializamos uma forma única de conhecimento que avaliza as ações políticas e econômicas; elaboramos pedagogias (pensando nos homens como se fossem objetos absorventes de pacotes de conhecimento) para promover a herança da racionalidade às futuras gerações, etc, etc, etc.

Com a separação entre sujeito e objeto, vieram outras separações. Uma sucessão imensa de separações. Tudo é destacável, tudo pode ser isolado nesse Universo regido por leis imutáveis que não passa de um amontoado de matéria inanimada que pode ser decomposta e recomposta livremente.

Foram criados muitos compartimentos dentro da “caixa metafórica” dos conhecimentos legítimos: uma porção de gavetas. A realidade fragmentou-se diante do observador. Este, por sua vez, acabou vendo-se também fragmentado quando observa a si mesmo. Nasceram as especialidades, os especialistas. Cada qual com sua gaveta, com seu pedaço. As gavetas foram se tornando cada vez menores e a visão do todo foi, aos poucos, se desvanecendo.

Percepções únicas, singulares, experimentadas por um único indivíduo, num único lugar, são sempre negligenciadas, mesmo que essas percepções possam trazer alguma luz sobre quem somos nós, qual o sentido da nossa existência e qual a substância básica de que é feito o Universo.

“Postergar a incorporação inevitável da subjetividade como ferramenta é de uma inutilidade pueril e dogmática. Esse problema não pode ser ignorado simplesmente porque é difícil e tradicionalmente repleto de problemas. (...) ...se algo obviamente existe, ele não pode ser veementemente ignorado apenas porque momentaneamente a metodologia adequada não está disponível.” (Amoroso, 2004, p 32 - 33)

Subjetividades não podem ainda ser tratadas pelo método científico clássico e nem descritas por uma linguagem técnica. A ciência clássica tem lavado as mãos diante dessas coisas tidas como absolutamente intangíveis. Só as artes, os mitos, as tradições espirituais, podem acolher inteiramente a subjetividade.

O enorme avanço que a ciência obteve no século XIX produziu um otimismo exagerado em relação ao seu potencial de resolução dos problemas humanos e sociais. O positivismo de Augusto Comte (1788 – 1857) é um exemplo claro da embriaguez provocada pelo ambiente onde se respirava o “progresso da ciência” que induzia a imaginar um progresso análogo para a civilização.

“A posição de tipo cientificista baseia-se na crença de que um único tipo de conhecimento – a Ciência – é o detentor dos meios de acesso à verdade e à realidade. A ideologia do cientificismo do século XIX proclamava que *somente a ciência* poderia nos levar à descoberta da verdade e da realidade.” (Nicolescu, 1999, p.124)

Mas é exatamente a desconfiança atual em relação a esse progresso imaginado (que, por exemplo, gerou muita destruição, mortes e medo em duas guerras mundiais, onde as tecnologias se sofisticaram a ponto de nos fazer desconfiar de que esse caminho da pura objetividade pragmática pode nos conduzir a um desfecho terrível) que nos estimula a focar a atenção para os conhecimentos essenciais oriundos de outras instâncias que a ciência negligenciou e que deixamos escapar por entre os dedos nesses últimos séculos.

“...o pensamento mecanicista do século XVIII e sobretudo do século XIX (predominante ainda hoje), concebe a Natureza não como um organismo mas como uma máquina, a qual basta desmontar peça por peça para possuí-la inteiramente. O postulado fundamental do pensamento mecanicista é que a Natureza pode ser conhecida e conquistada pela metodologia científica, definida de uma maneira completamente independente do homem e separada dele. A visão triunfalista de ‘conquista da Natureza’ mergulha suas raízes na temível eficácia tecnológica deste postulado.” (Nicolescu, 1999. p. 69)

A atual descrença que muitos pensadores e as pessoas em geral nutrem em relação a esse progresso é, a meu ver, o fator que pode vir a redirecionar nossos interesses para outras formas de conhecimento mais humanizadas e humanizantes.

A mentalidade cientificista tem, em geral, justificado os procedimentos na saúde, na educação, na economia, na justiça, etc. Podemos às vezes não percebê-la diretamente, mas está lá, ainda que de modo subjacente. É sustentada por um acordo implícito, por uma outra trindade muito poderosa no mundo contemporâneo: ciência, política e mercado. Um acordo desse tipo gerou inevitavelmente um conhecimento sem compaixão onde os fins acabam quase sempre justificando os meios.

Se o universo é mesmo mecânico, então suas peças são objetos materiais desprovidos de espírito. Pode-se matar, pode-se dissecar, pode-se vasculhar e remexer tudo o que se queira impunemente. Não há aí nenhum espaço para o sagrado. Pode-se explodir bombas atômicas em atóis de coral resplandecentes de vida. Pode-se utilizar as guerras como campos laboratoriais de pesquisa para testar agentes químicos desfolhantes, armas biológicas e toda a sorte de horrores inimagináveis. Nessas condições pode-se sempre justificar (pela exceção da circunstância) qualquer acusação de violação ética.

Atualmente e felizmente, uma boa parte dos homens de ciência (como aqueles que venho citando, por exemplo) já admite que essa razão pura e autônoma é algo duvidoso, que o universo não é apenas um relógio mecânico e que não é possível conhecer tudo, determinar tudo, explicar tudo. Admitem que, para além do conhecido, fica o desconhecido e este, por sua vez, tangencia o incognoscível e que a realidade não é algo que se possa objetivar perfeitamente, mas ao contrário, é a subjetividade e a intersubjetividade que basicamente a determinam. Como afirma Edgar Morin: “a realidade não é facilmente legível. As idéias e teorias não refletem, mas traduzem a realidade, e podem traduzir de maneira errônea. Nossa realidade não é outra senão nossa idéia de realidade”. (Morin, 2000, p. 85)

Isto, ao invés de empobrecer a ciência, como muitos poderiam temer, ao contrário, ilumina novas possibilidades de investigação científica na medida em que faz deslocar o foco do conhecimento para o sujeito, esse depositário de um saber arquetípico de dimensões incalculáveis, cuja vastidão do inconsciente e de

suas conexões com outros níveis de realidade é ainda um campo de pesquisa aberto, muito promissor e, no mínimo, excitante.

Ao deslocar o foco do conhecimento para o sujeito, enquanto produtor da realidade, fazemos aumentar a “responsabilidade” humana diante do mundo e da vida. Em certa medida podemos dizer que, dentro dessa visão, o ser humano tem o poder e a responsabilidade de construir o mundo e a si mesmo. Sendo assim, nosso foco passa a ser tentar construir a melhor realidade possível, a melhor humanidade possível. É a **responsabilidade** que se impõe e não a **objetividade**.

A racionalidade, na verdade, uma aptidão intrínseca ao ser humano, não pode ser separada de todo o conjunto de elementos que o constituem. Ela não é destacável do sujeito como se fosse um mecanismo autônomo independente, mas, ao contrário, está vinculada a todo o sistema da inteligência que envolve outras instâncias como a intuição, a emoção, a sensação, os sonhos, a imaginação e os conteúdos inconscientes.

O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

Quero deixar bem claro, antes de prosseguir com essas reflexões, que é evidente que o conhecimento científico clássico prestou e tem prestado enormes serviços à humanidade. Não é isto que estou pondo em questão.

Pensemos, por exemplo, na investigação que conduziu à concepção de “vacina”. É inquestionável o benefício que a descoberta da existência do sistema imunológico e seu estudo em animais e homens gerou para todos nós. Isso conduziu, entre outras coisas, à produção da vacina Sabin. Quem poderia se opor a essa tecnologia de imunização contra doenças tão devastadoras quanto a poliomielite ou a varíola?

Coisas aparentemente muito simples como a hipótese da existência de microorganismos; a invenção de aparelhos técnicos para detectá-los; a correlação entre alguns microorganismos e determinadas doenças; a compreensão do ciclo evolutivo dessas doenças; etc, demandou um esforço enorme de observações e pesquisas que acabaram por gerar os meios de como evitar tais doenças e de como combatê-las quando já instaladas no corpo. Como negar a importância dessas pesquisas e seus resultados? Portanto, não se trata de desqualificar o conhecimento científico clássico, mas reconhecer que ao lado dos inegáveis benefícios existe uma série de paradigmas que precisam ser transpostos.

O desencanto, o esgotamento e o temor de que esse conhecimento gerado por uma ciência sem compaixão (à qual me referi no sub-capítulo anterior) tome conta definitivamente da civilização é o que tem recentemente impulsionado o renascimento e a revitalização dos saberes enraizados na vida, os saberes tradicionais abandonados na beira da estrada por onde viajou o conhecimento científico.

A resistência que temos em admitir que a realidade é, sob inúmeros aspectos, imprevisível, multifacetária, extremamente complexa, fugaz e inabarcável por um único sistema válido de conhecimento baseado na racionalidade objetiva, está ligada ao medo da perda de controle e à perspectiva

de esvaziamento da possibilidade de exercer o poder de modo geral e de justificar as ações.

Rupert Sheldrake, refletindo, por exemplo, sobre o modelo cartesiano racionalista de ocupação das terras que desconsidera as fronteiras naturais e os valores simbólicos que rios, florestas, vales e montanhas tinham para seus povos nativos, considera o seguinte:

“...os funcionários dos governos superpuseram uma espécie de papel quadriculado cartesiano sobre os mapas, dividindo-os em muitos quadrados de igual tamanho, e depois em quadrados dentro dos quadrados. No seu devido tempo, o mapa tornou-se o território. (...) Uma nova paisagem simbólica foi sobreposta à antiga. No entanto, enquanto a antiga era animista, relacionada com o espírito do lugar, a nova simbolizava a imposição de uma ordem racionalista sobre as indomadas regiões selvagens e a divisão destas em propriedades privadas. (...) Na verdade, o mesmo processo geral é típico de todos os projetos de desenvolvimento. Primeiro chegam os exploradores românticos, depois os cartógrafos científicos produzindo abstrações das características do lugar, indiferentes aos mitos e à experiência dos povos nativos. Então, em escritórios com ar-condicionado, são elaborados planos para o desenvolvimento – construção de rodovias, extração de madeira, mineração, construção de represas, colonização, ou qualquer outra coisa. A velha ordem animista, a antiga relação entre os povos nativos e a terra, vai sendo suplantada à medida que as escavadoras são postas em movimento e que a nova ordem é imposta sobre a face da terra.” (Sheldrake, 1997, p. 68)

Um grande paradoxo que se apresenta constantemente diante dos nossos olhos é que atualmente um grande volume de recursos naturais, técnicos e financeiros, além do envolvimento de um grande número de seres humanos, é empregado em pesquisas que tentam reverter os danos causados pelo nosso próprio modelo perverso de civilização. São aquelas pesquisas que investigam os danos produzidos por pesquisas anteriores que ensejaram procedimentos

técnicos que, por sua vez, acabaram por fazer um estrago enorme no meio ambiente (no sentido mais amplo do termo que inclui a nós mesmos).

Imaginemos o seguinte exemplo: a ciência produz uma teoria sobre a fertilidade do solo que induz à idéia de que é possível alcançar um patamar ótimo de utilização da terra na agricultura. Essa teoria justifica, por sua vez, uma determinada tecnologia de tratamento do solo que estimula a produção industrial de adubos químicos, pesticidas, agentes desfolhantes, etc. As grandes empresas multinacionais apreciam muito essas teorias (muitas empresas costumam financiar as próprias pesquisas) porque lhes permite investir numa industrialização lucrativa.

Pois bem, o uso dessa tecnologia faz, de fato, aumentar a produção agrícola nos primeiros anos de sua aplicação e todos ficam entusiasmados e isso gera muito lucro e desenvolvimento industrial. Poder-se-ia, a partir desse sucesso, concluir apressadamente que a ciência e a tecnologia podem mesmo nos salvar do fantasma da escassez mundial de alimentos. Vende-se muitos equipamentos, adubos químicos, desfolhantes, hormônios de crescimento vegetal, fungicidas, inseticidas, etc. Então, como vem acontecendo repetidamente em nossa história recente, novos problemas começam a aparecer. O solo se esgotou, não há mais microorganismos naturais regeneradores e a erosão entra em aceleração vertiginosa. Além disso, a fome não terminou porque a produção segue as leis de comercialização que excluem milhões de pessoas do acesso a ela. Resultado: uma nova pesquisa precisa ser realizada. Só que agora ela tem como objetivo restaurar o solo desertificado (lembremos que foi uma pesquisa científica anterior que propôs todos os procedimentos que conduziram a essa situação). Tudo recomeça: nova tecnologia é proposta. Nova industrialização lucrativa, etc. Enfim, é fácil perceber que isso é interminável, ou melhor, termina com o fim da existência de um meio ambiente propício à vida. Só termina quando tudo terminar.

Podemos reconhecer claramente que um modelo de pesquisa (como o desse exemplo hipotético) focado apenas em aspectos muito específicos da realidade, sem levar em conta o todo, pode conduzir a grandes distorções e equívocos.

Uma ciência que desconsidere o vínculo indissolúvel entre todos os seres vivos, entre eles e o planeta, entre o planeta e o sistema solar, etc não pode ter mais lugar num mundo que pode estar à beira de um colapso ambiental e civilizacional. Até mesmo a ecologia enquanto uma ciência sustentada pelo modelo racionalista pode trazer consigo os mesmos problemas que já discuti anteriormente. O que precisamos é de uma visão verdadeiramente unificadora que conduza à introdução da dimensão do simbólico e do sagrado no campo da ciência. O que está faltando é um novo paradigma mais, digamos, espiritualizado, amoroso, que reconheça nosso pertencimento a um elo sagrado entre todas as coisas.

Penso que estamos vivendo atualmente uma época de ouro na história do conhecimento, embora isso não seja imediatamente perceptível, sobretudo porque as transformações da civilização parecem lentas e difusas tomando como referência a duração média de vida de um ser humano que as está vivenciando. Contudo, creio que os historiadores do futuro terão uma visão de conjunto de nossa época e poderão descrevê-la como uma mudança total de rota do conhecimento, com implicações profundas para a humanidade e a vida planetária como um todo.

Quais são essas transformações? Em que medida são auspiciosas e revolucionárias? O fato crucial é que a ciência clássica sofreu alguns golpes duros contra o paradigma da objetividade pura e contra os princípios da lógica que a haviam sustentado durante séculos. O mais interessante é que esses golpes surgiram exatamente na aplicação estritamente rigorosa do seu próprio método experimental. Não vieram, portanto, de fora das muralhas, de fora do campo laboratorial, mas de dentro da própria fortaleza. Isso aconteceu em primeiro lugar na Física, a mais ortodoxa entre todas as disciplinas científicas.

No final do século XIX, em 1890, o físico Max Planck formulou a hipótese de que a energia não flui de maneira contínua, mas, ao contrário, ela se propaga aos saltos e está contida em minúsculos blocos energéticos que ele denominou **quantum**. Esta é a origem do que chamamos de **física quântica**.

Em 1913, Bohr propôs um novo modelo de átomo onde os elétrons passavam de uma órbita para outra sem terem transcorrido o espaço que as separa. Como? Eles simplesmente desaparecem numa órbita e aparecem na outra e isso é devido à natureza ondulatória do elétron. Eles podem sair daqui e surgir ali instantaneamente sem percorrer os espaços intermediários. A lógica clássica estremeceu diante dessa possibilidade.

Essa probabilidade de “estar e não estar” foi o que levou Heisenberg em 1927 a formular o “princípio da incerteza” que significa assumir a impossibilidade de garantir com certeza absoluta ao mesmo tempo a posição e o *momentum* de um elétron num determinado instante. Mais do que isso, a localização depende, de certo modo, do nosso interesse em que ele esteja em determinado lugar, isto é, depende da nossa própria consciência.

Mais tarde os físicos Bohm (em 1952) e Bell (em 1964) consolidaram a teoria de interferências não-locais de eventos. Isso significa que pode haver ligação à distância entre duas partículas em movimento. Elas podem sofrer alterações de rota instantâneas que correlacionam duas ou mais partículas sem que haja nada que as vincule materialmente. Essa teoria foi confirmada experimentalmente por Alain Aspect em 1982 que demonstrou que duas partículas subatômicas estão “ligadas” (emaranhadas) uma à outra independente da distância que as separam.

Todas essas teorias, entre muitas outras, e os experimentos que as sustentaram nos revelam (pelo menos até agora), no mínimo, que há algo que transcende a materialidade pura, a objetividade pura. Há algo que “liga” os fenômenos e que está para além daquilo que é experimentável pelo método científico tradicional. Os físicos mais conservadores costumam afirmar que esses fenômenos estranhos pertencem apenas ao mundo subatômico. Entretanto, essa afirmação pressupõe a existência de dois mundos separados, com fronteiras muito bem demarcadas: o mundo micro e o macro. Como isso seria possível? E o que dizer, por exemplo, das sinapses dos nossos cérebros? Elas pertencem ao mundo micro ou ao mundo macro? O filósofo da ciência Ervin Laszlo chama a

atenção para todas essas questões que vêm se impondo na vanguarda da pesquisa científica:

“Um número cada vez maior de fenômenos anômalos está vindo à luz na cosmologia física, na física quântica, na biologia evolutiva e na biologia quântica, e no novo campo de pesquisas sobre a consciência. Eles criam incertezas crescentes e induzem os cientistas de mente aberta a olhar para além das fronteiras das teorias estabelecidas. Enquanto os investigadores conservadores insistem na suposição de que as únicas idéias que podem ser consideradas científicas são aquelas publicadas em periódicos científicos estabelecidos e reproduzidas em manuais-padrão, os pesquisadores de vanguarda procuram conceitos fundamentalmente novos, inclusive alguns que foram considerados inaceitáveis pelas suas disciplinas há apenas alguns anos” (Laszlo, 2008, p. 30)

Com essas novas constatações da física e de outras disciplinas podemos começar a compreender que os alicerces clássicos da visão materialista do mundo estão sendo seriamente abalados.

Os três princípios da lógica aristotélica foram totalmente postos em questão. O determinismo causal (sucessão de causas e efeitos que explicam o funcionamento do universo) foi também posto em cheque. A objetividade pura não mais se sustenta. O papel da consciência na “construção” da realidade, contudo, ganha um inesperado destaque.

Na esteira da idéia de “construção da realidade” e não de descrição da realidade, surgiu (em meados do século passado) uma teoria revolucionária no campo da epistemologia baseada no conceito de “autopoiese” formulada por Maturana e Varela (Maturana & Varela, 1995).

Autopoiese significa a capacidade de se auto-organizar dos seres vivos. O que mais interessa nessa teoria é que a auto-organização se dá por um processo de conhecimento ininterrupto. Isso quer dizer que a capacidade de conhecer não é um epifenômeno da matéria organizada, mas é a possibilidade original e básica da matéria se organizar. Significa, portanto, que a Vida é conhecimento puro, é um “estado de conhecimento”, mesmo nas suas manifestações mais singelas.

Isso nos conduz a pensar que a matéria prima da vida é o próprio conhecimento e não a matéria propriamente dita. O conhecimento, nesse sentido, está na origem e não numa aptidão adquirida a posteriori pelos organismos vivos mais complexos.

Uma das consequências dessa teoria é que o ser vivo (em especial o homem) não é um organismo que produz representações da realidade para poder conhecê-la e sobreviver dentro dela. Se fosse assim, deveria haver um mecanismo de produção de representações autônomo, produzido de forma independente do meio onde o ser vivo existe e “fornecido” a ele depois que já estivesse auto-organizado.

Na verdade, o que acontece é que o ser vivo surge como um afloramento diferenciado do meio e mantém com ele uma relação ininterrupta e indissolúvel de tal modo que vai construindo a realidade que mais lhe convém através dessa cooperação associativa com o meio. O ser vivo é também, em certa medida, o seu próprio meio ambiente. Ele se organiza internamente através de trocas ininterruptas, de interações sucessivas e bem sucedidas com o meio. Metaforizando, podemos imaginar que a pele divisória entre um ser vivo e o seu meio ambiente é constituída de conhecimento puro.

Isso equivale a dizer que as realidades são construídas por conveniência vital. Portanto, não pode haver realidades objetivas. O que existe são interações sustentáveis que se dão através de um ato de conhecimento. Se não forem sustentáveis isso determina a morte do indivíduo e, talvez, da espécie. Maturana enfatiza essa indistinção entre conhecer e viver:

“Quando digo que conhecer é viver, e viver é conhecer, o que estou dizendo é que o ser vivo, no momento em que deixa de ser congruente com sua circunstância, morre. Ou seja, quando acaba seu conhecimento, morre. É um conjunto que é uma unidade em sua circunstância. Mas ele é como é, segundo sua história com sua circunstância. E sua circunstância é como é, segundo a história de sua dinâmica.” (Maturana, 2001, p. 42)

Com essa visão, mais uma vez é destronado o paradigma da objetividade. A realidade não tem nenhuma existência independente do sujeito. Ao contrário, ela é constituinte do sujeito, e este jamais poderá conhecê-la integralmente porque é constituído dela e está totalmente mergulhado nela. Um determina o outro sem interrupções.

Não se trata, pois, de “descobrir” o que é a realidade e as leis que a determinam, mas de admitir que nós construímos as realidades que nos interessam, que nos são convenientes para viver. A consciência assume, então, um papel fundamental na construção da realidade. A epistemologia da autopoiese aponta para algo transcendente que está na origem da possibilidade de auto-organização: a natureza cognitiva da própria matéria.

No campo da Biologia, o antropólogo, biólogo e filósofo Gregory Bateson (Bateson, 1996) propôs uma visão muito pouco ortodoxa do modo de compreender o papel da lógica clássica como instrumento de pesquisa da realidade. Uma das propostas de Bateson é que o seguinte silogismo (aparentemente absurdo) pode e deve ser levado a sério quando se trata de fazer ciência da vida:

Todas as plantas são mortais

Os homens são mortais

Logo, os homens são plantas

Este é um modo de raciocinar reconhecidamente incorreto desde os tempos de Aristóteles. Bateson, entretanto, propõe que ele deve ser levado a sério, pois há algo de intuitivamente verdadeiro nele, embora seja logicamente inválido. Isto porque ele revela um vínculo primordial entre homens e plantas evidenciado pelo predicado da mortalidade. O que Bateson pretende nos avisar é que a Vida age orientada por essa lógica, mas nós viemos tentando, desde há muito tempo, compreendê-la com a outra, aquela de Aristóteles.

Raciocinando desta forma (absolutamente incorreta segundo a lógica aceita) podemos instaurar, entre outras coisas, um paradigma interessante para

repensar e investigar o fenômeno da vida: homens e plantas são da mesma natureza, contêm ambos o mesmo padrão vital, aquilo que, enfim, anima e “liga” tudo o que podemos reconhecer como vivo. Não se trata simplesmente de uma visão da interligação funcional (mecânica e determinista) entre os seres vivos e entre eles e o meio ambiente como sustenta a ciência da ecologia. Trata-se de um vínculo transcendente, que está subjacente à vida como um todo. Trata-se de um padrão intrínseco da vida. Um “padrão que conecta”.

Essa proposta de Bateson que conduz a uma revolução da própria lógica clássica não apenas pode conter uma verdade fundamental, como também pode nos conduzir a considerar seriamente uma nova ética para a investigação científica. O fato revolucionário é que Bateson propôs a admissão dessa “irracionalidade básica”, ou seja, a visão criativa como forma de obtermos um conhecimento muito mais profundo e verdadeiro da natureza, muito mais amplo do que tudo o que já ciência clássica ousou pensar. Ilya Prigogine fala de uma nova ciência que desponta no horizonte, uma ciência que acolhe a criatividade humana como elemento principal:

“Assistimos ao surgimento de uma ciência que não mais se limita a situações simplificadas, idealizadas, mas nos põe diante da complexidade do mundo real, uma ciência que permite que se viva a criatividade humana como a expressão singular de um traço fundamental comum a todos os níveis da natureza.” Prigogine, , p. 14)

Quando me referi anteriormente a uma certa pobreza do conhecimento científico ortodoxo que pretende “en-caixar” tudo num único compartimento e desprezar o resto, estava querendo exatamente apontar para este tipo de cegueira assumida (consciente ou inconscientemente) por todos aqueles que fazem ciência imbuídos da fantasia de que a razão é o único instrumento válido para obtenção de conhecimentos e que a objetividade pura é possível. Isso, além de parecer falso a pensadores como Bateson e outros, costuma estimular técnicas e procedimentos perigosos que podem por em risco a nossa sobrevivência como espécie.

“Determinadas pessoas, por exemplo, colocam plantas sob radiação. É a má biologia; e, no final das contas, eu penso que a má biologia é um mau taoísmo, um mau zen, uma agressão contra o sagrado. O que nós tentamos fazer é impedir que se coloque o sagrado sob radiação, que nós o pervertamos de tal modo”. (Bateson, 1996, p. 359)

O frenesi das últimas décadas em torno da biotecnologia e a perspectiva da manipulação e produção de organismos, ou fragmentos de organismos vivos criados especificamente para a comercialização no contexto de um capitalismo globalizado é, no mínimo, inquietante.

O fato de a razão clássica ter sido tomada como autônoma e impessoal, isto é, descolada completamente da subjetividade do indivíduo que a utiliza, moldou a atitude científica diante da realidade de tal modo que muitos homens nela implicados isentaram-se, desresponsabilizaram-se, lavaram as mãos, diante dos conhecimentos produzidos e suas aplicações práticas imediatas. Pensaram que bastaria seguir as regras rígidas da razão e da objetividade que o “bom conhecimento” emergiria naturalmente. Uma espécie de liberalismo do conhecimento racionalista. Jamais fazer intervir a intuição (pelo menos de modo consciente), jamais os sentimentos, jamais a compaixão. Este foi uma espécie de decreto que vigorou durante tanto tempo nos bastidores da ciência.

Concebido desse modo, o conhecimento desenraizou-se, perdeu os vínculos com a vida efetivamente vivida, abstraiu-se, e, sem a terra firme sob os pés, sem a compaixão, sem a dimensão do sagrado tornou-se o *“jogo puramente verbal de fantasias intelectuais, sem qualquer relação com a sabedoria”* ao qual se referiu Jung e que citei na introdução dessa minha tese. Esta autonomia da razão gerou, por sua vez, a autonomia das técnicas.

O filósofo francês Michel Henry escreveu um parágrafo que resume de maneira muito clara essa situação preocupante diante do desenraizamento humano do conhecimento científico e das tecnologias dele decorrentes:

“...estamos diante de um conjunto impressionante de dispositivos instrumentais, de maneiras de fazer, de operações, de procedimentos cada vez mais eficazes e

sofisticados, cujo desenvolvimento todavia não conhece outros estímulos e nem outras leis a não ser eles mesmos e se produzem como um auto-desenvolvimento. Este auto-desenvolvimento de uma rede de procedimentos fundados sobre o saber teórico da ciência mas entregues a si mesmos, agindo a partir de si mesmos e para si mesmos, retroagindo, portanto, sobre esse saber, suscitando-o e provocando-o, como enfim sua verdadeira causa em vez de se deixar determinar por ele, é a essência da técnica moderna”. (Henry, 1987, p. 78)

Muitos homens de ciência acabam tornando-se meros catalisadores e espectadores desse processo autônomo, tomando-o como se fosse o único destino possível do conhecimento e da ação sobre o mundo. Uma espécie de euforia cega diante dos poderes de controle e dominação da natureza.

A autonomia da razão impulsionou de tal modo a autonomia das técnicas que esse movimento ao longo dos séculos produziu o que poderíamos identificar e nomear como uma “cultura da autonomia técnica”, da isenção, da separação, da fragmentação, da automação, da desunião do homem consigo mesmo, com a Terra e com o Cosmos. Um conhecimento “desencarnado”, que acabou suscitando uma tecnologia desprovida de alma, indiferente a tudo e a todos.

Pois bem, esse é o quadro geral de referências dentro do qual me coloco e em função do qual passo a analisar a possibilidade de obtenção de “conhecimentos confiáveis” quando se usa como ferramenta de investigação e comunicação os dispositivos de registro de imagens e sons (câmeras cinematográficas e videográficas) e a construção de um discurso audiovisual articulado entrelaçando as imagens e sons registrados.

Trata-se, portanto, de um alicerce, um panorama de fundo que, quer eu deseje ou não (já que está enraizado em minha experiência singular de vida e, portanto, em meu repertório pessoal), orienta meu olhar, minhas práticas e minhas reflexões sobre o trabalho com as imagens em movimento e os documentários audiovisuais que têm como perspectiva alguma verdade em relação à realidade à qual eles se referem.

CAPÍTULO II

A IMAGEM OBJETIVA

A IMAGEM EM MOVIMENTO

Foi na segunda metade do século XIX, no auge da euforia em relação ao poder explicativo da realidade prometido pelo método científico clássico e também em relação à esperança depositada nas tecnologias dele decorrentes que já vinham, desde a revolução industrial iniciada no século XVIII, impregnando o imaginário social, que Augusto Comte produziu a sua filosofia positivista, expressão máxima da confiança cega na objetividade do conhecimento obtido pela via racional.

Foi também nessa mesma época que as experiências com a construção e o aperfeiçoamento de máquinas fotográficas e o uso da fotografia como ferramenta de pesquisa científica se desenvolveram rapidamente. Essa atmosfera cultural onde o positivismo floresceu foi, portanto, a mesma que acolheu e estimulou a pesquisa da imagem fotográfica e, posteriormente, da imagem cinematográfica como possíveis instrumentos de investigação científica.

Em 1874 o astrônomo francês Pierre Jules César Janssen criou o que ficou conhecido como “revólver fotográfico” (dispositivo que podia disparar uma fotografia após a outra em curtos intervalos de tempo). Ele criou esse instrumento para tentar registrar a passagem do planeta Vênus diante do sol.

O resultado desse experimento não foi, é claro, uma imagem em movimento, mas uma série de imagens estáticas que, examinadas (uma após a outra) na mesma seqüência em que foram registradas, testemunhavam o movimento orbital de Vênus. Através desse método pôde-se dizer que o evento foi efetivamente “documentado” e o revólver fotográfico foi um dos dispositivos, entre vários outros, que induziram à concepção posterior da cinematografia.

Em 1878, Eadweard Muybridge, fotógrafo inglês, foi convidado pelo norte americano Leland Stanford, um criador de cavalos de corrida, a produzir um dispositivo fotográfico que pudesse resolver definitivamente uma antiga dúvida em torno da qual havia muita discussão. Tratava-se de saber se os cavalos durante o

galope, em algum momento, ficavam com as quatro patas suspensas ao mesmo tempo, isto é, sem tocar o solo. É importante enfatizar que, se havia dúvidas em relação a esse fenômeno do galope, é porque a visão humana em seu estado natural não dava conta de decidir por sim ou por não, com absoluta certeza, sobre a sua hipotética ocorrência.

Acontece que estávamos justamente em pleno século onde se nutria a crença de que a humanidade caminhava na direção inexorável da obtenção de todas as certezas sobre os mecanismos de funcionamento do Universo. O dispositivo técnico que Muybridge iria conceber e produzir estava, portanto, em perfeita sintonia com essa atmosfera eufórica em relação aos super-poderes reveladores da ciência clássica.

O aparato fotográfico que Muybridge projetou e acabou construindo possibilitou a obtenção de uma série de fotografias em seqüência que demonstraram efetivamente que o cavalo, num determinado momento, ficava com as quatro patas suspensas. A estratégia de Muybridge foi diferente da de Janssen porque se tratava de uma série de câmeras fotográficas colocadas uma ao lado de outra que iam disparando, uma a uma, na medida em que o cavalo passava diante delas.

As fotografias em série obtidas por Muybridge funcionaram, nesse caso, como se fossem a demonstração de um teorema. Constituíram-se num elemento de prova incontestável do fenômeno que se queria investigar, um êxito perfeitamente congruente com a cultura positivista do século XIX.

Foi desse modo que, aos poucos, a fotografia ganhou o estatuto social de prova incontestável de que algo ocorreu de fato diante da câmera e que o registro desse “algo” representava com muita fidelidade a realidade para qual a câmera esteve direcionada.

A fotografia ganhou, desde então e cada vez mais, prestígio como elemento de “identificação” precisa e foi adotada, como sabemos, por todas as instituições que fizeram uso dela como documento comprobatório deste ou daquele fenômeno. Na base desse prestígio estava a formidável verossimilhança em relação ao mundo real que a fotografia podia oferecer.

É por demais notório que hoje a fotografia é largamente utilizada nos documentos de identificação pessoal (carteira de identidade, passaporte, carteira de estudante, etc), na criminalística, na saúde, na meteorologia, etc, etc, etc.

O médico fisiologista francês Etienne-Jules Maray seguiu com muito interesse os experimentos de Janssen e Muybridge porque ele estava profundamente interessado na “mecânica” do movimento dos seres vivos.

É importante destacar que “estar interessado na mecânica dos seres vivos” era uma atitude congruente e reveladora dessa época (como já assinalamos acima) em que as pesquisas com fotografia para uso científico foram iniciadas. A idéia de um universo mecânico, determinado por leis fixas, que se deixa conhecer objetivamente, sobretudo pela intermediação de instrumentos de ampliação dos sentidos humanos (pensemos, por exemplo, no microscópio de Louis Pasteur), estava largamente disseminada na Europa na segunda metade do século XIX e segue viva até os dias de hoje.

Marey pretendia desenvolver um método de análise dos movimentos do corpo humano e também do corpo dos outros animais para poder compreendê-los de maneira objetiva. Como ele tinha um talento especial para inventar e construir engenhos (já havia criado antes outros aparelhos de medição de funções fisiológicas), criou vários dispositivos fotográficos que foram sendo aperfeiçoados de tal modo que chegou, por volta de 1887, muito próximo ao que hoje é uma câmera cinematográfica, isto é, um aparelho capaz de obter imagens fotográficas uma após a outra em intervalos regulares de tempo.

Foram os irmãos Lumière que, mais tarde, em 1895 patentearam o cinematógrafo, um aparelho capaz de, ao mesmo tempo, registrar imagens em movimento (filmar), revelar a película sensível e também projetar essas imagens. Foi inspirado no cinematógrafo que posteriormente outros inventores desenvolveram a câmera de cinema propriamente dita, que se destinava exclusivamente à captação de imagens, separada do laboratório de revelação e do projetor de cinema.

O que diferenciou basicamente o trabalho de Marey do de Muybridge é o fato de Marey utilizar uma única câmera (o fuzil fotográfico) para obter múltiplas imagens e não múltiplas câmeras como no caso de Muybridge.

Marey conseguiu também projetar numa tela as imagens na mesma seqüência em que foram obtidas produzindo assim a recomposição do movimento original, mas numa velocidade que não chegava a produzir ainda a ilusão perfeita do movimento real tal como o cinema viria mais tarde obter.

Os trabalhos de Marey acerca do movimento dos pássaros em pleno vôo, dos gatos saltando e correndo e do ser humano em ação ficaram famosos. Ele publicou em 1873, um livro intitulado “La Machine Animale – locomotion terrestre et aérienne”, nada mais apropriado para uma época devotada à idéia de um universo inanimado e mecânico, com forte inspiração na filosofia de Descartes e impregnado pelo positivismo de Comte no qual não havia espaço para subjetividades no universo científico. “La Machine” era tudo que a cultura européia do final do século XIX queria conhecer.

Referindo-se à invenção dos dispositivos técnicos de registro de imagens perfeitamente espelhadas da realidade que, por sua vez, resultaram posteriormente na cinematografia, Edgar Morin considera que “isento de quaisquer fantasmas, esse olho de laboratório só pôde atingir a perfeição porque correspondia a uma necessidade de laboratório : a decomposição do movimento.” (Morin, 1997, p. 24)

O que me parece mais interessante extrair desses acontecimentos que resultaram mais tarde na criação e evolução do cinema, é que foi essa “decomposição” da fluidez do movimento natural em fragmentos estáticos (uma necessidade de laboratório) que possibilitou a percepção daquilo que a visão natural não permitia captar. Erik Barrow enfatiza o significado essencial do êxito obtido com o experimento de Muybridge:

“Muybridge prognosticou um aspecto crucial do filme documentário: sua capacidade de abrir nossos olhos para mundos disponíveis para nós, mas que, por uma razão ou por outra, não eram percebidos.” (Barrow, 1993, p. 3)

Contudo, devemos considerar que, embora a cinematografia seja herdeira direta da fotografia, sua possibilidade de revelar realidades não perceptíveis pela visão natural é de natureza bastante diferente. Isto porque, ao contrário da “decomposição”, a “re-composição” da fluidez do movimento natural que a invenção do cinema viria possibilitar recuperou o estado natural da visão e, desse modo, restaurou suas limitações intrínsecas originais, limitações estas que a fotografia havia contribuído para superar. Entretanto, é preciso compreender que isso se deu de modo apenas aparente e ilusório, porque não se tratava mais da realidade original.

Roland Barthes descreve essa sutileza que separa a fotografia da cinematografia enquanto testemunhos de alguma realidade postada diante da câmera:

“... na foto, qualquer coisa se *colocou* diante do pequeno orifício e lá ficou para sempre (é essa minha convicção); mas no cinema qualquer coisa se *passou* diante desse mesmo orifício: a pose é arrastada e negada pela sucessão contínua das imagens. É uma outra fenomenologia e, por isso, uma outra arte que começa, embora derivada da anterior.” (Barthes, 1980 p. 111)

Creio que poderíamos mesmo dizer que o que se conquistou com a fotografia perdeu-se novamente, de certo modo, com a cinematografia, mas isto, é preciso enfatizar, não é a verdade toda. A cinematografia, embora tendo reconstituído de modo fiel o movimento e a forma dos elementos reais, adicionou algo mágico que transformou paradoxalmente aquela realidade fielmente registrada numa realidade imaginária. Isto produziu para o espectador um efeito potencializado na medida em que gerou uma sobreposição entre a apreensão natural da realidade (que já é de natureza imaginativa) e a outra realidade também imaginária que se apresenta na tela.

Nosso conhecimento direto da realidade passa necessariamente pelo crivo do imaginário. Nós construímos uma realidade imaginária para aquilo que estamos vendo porque sempre, consciente ou inconscientemente, agregamos uma significação ao que é visto que, em última análise, é uma sobreposição de duas coisas. Dito de outro modo, nós imaginamos aquilo que naturalmente vemos

não apenas para memorizar, mas também para podermos atribuir significados que, por sua vez, facilitam e tecem continuamente a memorização porque, metaforicamente dizendo, a memória é um tecido de eventos significativos entrelaçados. Nunca lembramos um evento isoladamente, mas sempre atrelado, no mínimo, a um outro evento a ele vinculado por alguma razão. Sentimos agora um determinado odor, por exemplo, e surge na memória uma imagem do passado que de alguma forma está associada a esse mesmo odor. Uma das grandes contribuições de Freud para a compreensão da psique humana foi ter percebido essa cadeia de associações que se forma no nível inconsciente.

Ver com os próprios olhos um pássaro voar, por exemplo, além de ser um ato de recepção de uma imagem através da retina, é também um elemento de sobreposições e interconexões com outros conteúdos do repertório da memória e da imaginação. Sendo assim, este simples fenômeno apreendido pelos nossos sentidos, pode nos conduzir a interpretações e imposições de significações das mais diversas e complexas naturezas que dependem essencialmente do repertório de nossa psique individual produzido ao longo da nossa existência.

Portanto, ver uma imagem fotográfica ou cinematográfica (que são também, entre tantos outros, elementos da realidade) promove uma duplicação de imaginários, isto é, força a imaginar sobre aquilo que já é, em si mesmo, da ordem da imagem e não do real. Como diz Morin:

“A imagem é o estrito reflexo da realidade, a sua objetividade está em contradição com a extravagância imaginária. Porém, esse reflexo é já, ao mesmo tempo, um ‘duplo’. A imagem já se encontra embebida de poderes subjetivos que vão deslocá-la, deformá-la e projetá-la para a fantasia e para o sonho. O imaginário enfeitiça a imagem, porque esta já é uma feiticeira em potência. O imaginário prolifera sobre a imagem como o seu cancro natural; vai cristalizar e revelar as humanas necessidades, mas sempre em imagens; é o lugar comum da imagem e da imaginação.” (Morin, 1997, p. 98)

É isto que promove o fascínio do cinema, que confere essa aura de encantamento mesmo diante da imagem mais banal e realística como a de um grupo de homens saindo de uma fábrica.

“...o que atraiu as primeiras multidões não foi a saída de uma fábrica, ou um trem entrando numa estação (bastaria ir até a estação ou até a fábrica), mas uma imagem do trem, uma imagem da saída da fábrica. Não era pelo real, mas pela imagem do real, que a multidão se comprimia às portas do *Salon Indien*. Lumière tinha conseguido perceber e explorar o encanto da imagem cinematográfica.”
(Morin, 1997, p.33)

Não é, portanto, pelo realismo das imagens em movimento que nos interessamos e nos encantamos, mas exatamente e paradoxalmente, pela falsidade potencial, pela enorme distância entre o realismo cru da imagem e o imaginário do real que construímos através dela, distância esta que potencializa o nosso próprio campo imaginário. Isto coloca, sem dúvida, obstáculos à pretensão de usar o cinema apenas como um instrumento de investigação estritamente objetiva da realidade.

O cinema, para além desse traço crucial básico que consiste em potencializar o imaginário e, portanto, privilegiar o campo ficcional, ainda acrescentou outras possibilidades mágicas de investigação da realidade que a fotografia não tinha condições de oferecer como, por exemplo, a câmera lenta.

A câmera lenta, sob muitos aspectos, introduziu condições antes impensáveis de observar fenômenos em movimento desacelerando sua velocidade natural para favorecer um exame mais detalhado. Uma espécie de meio termo entre a fotografia e a imagem em movimento. Inversamente, a câmera acelerada tornou possível observar movimentos imperceptíveis a olho nu devido à sua lentidão natural. Essas duas possibilidades agregam ainda mais fantasia na nossa apreensão da realidade através das imagens em movimento. Ambas nos introduzem num universo puramente imaginário na medida em que jamais teríamos acesso pela via da visão natural a essas distorções de tempo, isto é, à subversão da velocidade real do movimento dos corpos. Mais ainda, a tecnologia

do cinema possibilitou às mentes mais criativas várias outras formas de subversão e metamorfose da imagem, produzindo toda sorte dos chamados truques cinematográficos.

“... a originalidade revolucionária do cinema está em haver dissociado e oposto, como dois eletrodos, o irreal e o real. Foi Méliès quem provocou a primeira cisão. Em contradição com o universo objetivo, surgiu um universo mágico. O fantástico opôs-se ao documental. Afastando-se e derivando um do outro, fantástico e documental criaram um teclado intermédio, que permite todas as combinações possíveis.”
(Morin, 1997, p. 183)

É por todas essas razões que, pouco tempo após a sua invenção, o cinema revelaria uma vocação incontrolável para a ficção mais do que para a documentação fiel dos fenômenos ditos reais, embora toda uma tradição do documentário tenha também surgido e se sustentado até os dias de hoje.

Desde o início da atividade cultural cinematográfica, portanto, houve essa forte tendência de se produzir obras dedicadas exclusivamente à ficção, utilizando todos os artifícios técnicos criadores de fantasia que a cinematografia da época possibilitava em comparação com aquelas dedicadas a apresentar a realidade “tal como ela é” ou parece ser.

Hoje, a fantasia, as metamorfoses, as distorções da imagem (através dos chamados efeitos especiais potencializados pela digitalização), chegaram ao paroxismo. Há toda uma cultura contemporânea da distorção da imagem no cinema publicitário e nos filmes de ficção que só faz aumentar a demanda social insaciável por produtos cada vez mais fantásticos, fantasmáticos.

É, no mínimo, estranho que as máquinas de registrar e projetar imagens, que foram inventadas no final do século XIX com a intenção nítida de obter a quase perfeição especular da realidade, tenham evoluído na direção de um destino tão oposto.

A razão estranha pela qual o cinema pendeu fortemente para esse caminho inesperado que privilegiou a construção de realidades fictícias em lugar de manter a vocação inicial de seguir a linha da documentação objetiva da realidade (uma vocação aparentemente natural), é um tema que já estimulou a

reflexão de inúmeros críticos e pensadores. Admitindo que a invenção do cinema de ficção contém algo de enigmático, Edgar Morin pondera que:

“Na realidade, esse enigma é, acima de tudo, fruto da incerteza duma corrente que hesitava entre a pesquisa e o divertimento, o espetáculo e o laboratório, a decomposição e a reprodução do movimento, nessa espécie de nó górdio entre ciência e sonho, a ilusão e a realidade onde se prepara a nova invenção” (Morin, 1997, p. 30)

Um documentarista que tenha como perspectiva manter-se absolutamente fiel a uma determinada realidade (se é que isso é possível) por ele registrada em suporte cinematográfico ou videográfico, tem, ao mesmo tempo, que se defrontar com essa vocação inerente da imagem em movimento de induzir a construção de novas realidades, às vezes muito distantes daquela original que ele pretendia espelhar.

A SUPRESSÃO DO MOVIMENTO

A fotografia é sempre completa em si mesma, isto é, a imagem que ela apresenta não requer uma continuidade, não sugere nenhuma carência, não exige algo que a complete: é culturalmente aceita como uma totalidade monolítica, imóvel e fechada. Em geral, nos conformamos plenamente com aquela imagem que temos diante de nós, mesmo que possamos nutrir eventualmente o desejo de que houvesse uma outra que nos revelasse um momento subsequente se porventura a imagem que estamos examinando é um fragmento congelado de algo que estaria em movimento quando foi fotografado. Entretanto, mesmo que existisse essa segunda foto, ela seria em si mesma também completa.

Ao contemplarmos uma fotografia sabemos que é um instante que foi congelado e é exatamente esse congelamento que a torna verdadeiramente interessante para nós. É o que nos permite examiná-la e reexaminá-la, se for o caso, inúmeras vezes.

A fotografia nos oferece esse “conforto” que é análogo, nesse sentido específico, ao texto impresso: ela resiste ao tempo. Nós podemos utilizar quanto tempo quisermos para examiná-la porque ela permanece imóvel, como se permanecesse fora do tempo. Ao examinarmos uma fotografia somos nós que estamos de posse do tempo e não ela.

A fotografia pode ficar em nossas mãos como uma folha de papel escrita, ou ser observada num cartaz sobre a parede, ou numa tela de computador, etc. Não temos razões para ficarmos ansiosos e aflitos diante dela, como se houvesse alguma possibilidade de que ela viesse a fugir, escapar, desaparecer. E, de fato, o que apreciamos numa fotografia é esse seu caráter de fixidez, de permanência, de imobilidade. É a imobilidade que nos permite ver aquilo que não veríamos na fluidez permanente da realidade. Uma dupla imobilidade: do objeto fotografado e da fotografia propriamente dita.

É por isso que, por exemplo, a foto nítida que congela um momento de colisão de veículos numa corrida de Fórmula 1 (veículos que podem ter colidido a

mais de 250 km/hora) produz o seu fascínio, exatamente pela negação do movimento em favor da revelação do instante invisível a olho nu. É o campo mental imaginário que recria o invisível e se encanta diante do mistério intangível. É isto o que seduz e fascina o observador diante da fotografia. Aliás, esse campo mental imaginário é, como já assinalei anteriormente, a base de nossa percepção direta da realidade.

Examinar uma série de fotos de diferentes instantes de um mesmo pássaro voando, como as que Marey produziu, por exemplo, promove um efeito muito interessante, que é, ao mesmo tempo, fascinante e paradoxal. Efeito que se origina do fato de que cada uma das fotos contém uma eternidade e, ao mesmo tempo, o conjunto delas não recompõe o tempo original do movimento.

Uma sucessão de fotos em seqüência de uma mesma cena estimula nossa imaginação a fazer essa recomposição temporal, reconstruindo o elo perdido entre cada fragmento de tempo, o vão escuro entre cada uma delas. Como esse elo é invisível no conjunto das fotos, ele tem que ser reconstituído mentalmente. E, se assim o fazemos, essa reconstituição transforma-se, então, numa hipótese que se propõe a explicar aquilo que está faltando: o desconhecido, os vãos.

É curioso pensar que essa reconstituição mental acaba por produzir a “re-composição” imaginária do movimento natural, exatamente aquele movimento que não nos permitia “ver” o que estava acontecendo em cada micro-instante e que, ao mesmo tempo, nos induziu à tentação de fazer a sua de-composição.

Resta-nos, então, diante das fotos imóveis e se assim o quisermos, verificar se a hipótese que formulamos corresponde de fato à realidade em sua fluidez natural.

Fazendo um pequeno parêntese para lembrar o que discuti no capítulo I, gostaria de enfatizar que é isto que o método científico tem como tarefa essencial: verificar a validade de hipóteses. O que chamamos, portanto, tradicionalmente de método científico é um conjunto de procedimentos sistemáticos que têm como objetivo verificar hipóteses e não formulá-las (Popper, 2000). Nesse sentido, dizemos que a ciência é um esforço humano de tornar o

campo mental imaginário e singular (nossa natureza intrínseca de abordagem da realidade) mais confiável e possível de ser compartilhado com o outro, com os outros, com a comunidade científica. A ciência faz isso através de uma linguagem específica e de um método que assegure a validade das hipóteses, realizando medições que as corroborem, mesmo que apenas temporariamente.

É muito importante que compreendamos que não existe nenhum método para a “formulação” de hipóteses. As hipóteses sempre surgem de um ato criativo singular do indivíduo. Seu surgimento é sempre um mistério. É isto que explica, por exemplo, o fato de um único indivíduo entre tantos outros de sua época, com a mesma competência, dentro de um mesmo campo de conhecimento, formular uma hipótese revolucionária que não ocorreu a ninguém, a nenhum de seus contemporâneos.

Por exemplo, a teoria geral da relatividade de Einstein, que transformou completamente a noção de gravitação, é um exemplo claro desse fenômeno. Outros físicos de sua época teoricamente poderiam ter percebido o que Einstein percebeu quando ele se deu conta de que a velocidade da luz era a única constante do universo (e não o tempo e o espaço) e as implicações que disso decorriam, mas não o fizeram. Foi dentro do universo imaginário individual de Einstein que essa idéia absolutamente inédita eclodiu, contrariando toda uma cultura fortemente embasada nas idéias de Newton.

Toda tentativa de explicar “como” e “porque” essa idéia eclodiu na imaginação de Einstein é completamente vã. Esse é o mistério do espírito criativo humano. É pura arte e não ciência. A ciência opera a posteriori para tentar garantir que tal ou qual hipótese não seja apenas uma alucinação individual, mas que tenha validade universal. Coube mais tarde, portanto, a outros pesquisadores, utilizando o método científico de verificação experimental, a tentativa de validar ou não as hipóteses de Einstein sobre a gravitação.

Voltando à questão da imagem fotográfica, as fotos sucessivas produzidas por Marey transformaram-se num poderoso estimulante (em se tratando de um cientista da fisiologia animal como ele) para abrir um vasto campo

de possibilidades de produzir conjecturas, hipóteses sobre o mecanismo do movimento dos seres vivos.

É interessante observar que o estudo do movimento precisou passar pela “eliminação”, através da fotografia, desse mesmo movimento para que a sua compreensão se tornasse mais acessível, isto é, para que hipóteses sobre o que teria acontecido no tempo subtraído pudessem ter sido formuladas.

Nesse sentido, as fotografias em geral desde a sua invenção puderam passar a funcionar como uma base empírica de segundo grau, ou seja, o objeto a ser observado pôde ser substituído (em certa medida e em determinados casos) pela sua respectiva imagem fotográfica, possibilitando que o exame do fenômeno real pudesse ser também realizado tomando como base a fotografia e não diretamente o objeto original por ela representado. Este tipo de procedimento, como sabemos, é hoje largamente utilizado na medicina, sobretudo para a realização de diagnósticos (raios-x, tomografia, endoscopia, etc).

Isto se tornou possível e plenamente aceito pela comunidade científica, e também pela sociedade em geral, na medida em que a fotografia adquiriu uma grande confiabilidade por conta da verossimilhança em relação à realidade que ela registra e também por conta da garantia que ela fornece da existência daquilo que ela registrou. Como diz Barthes, “a fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano numa foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir aquilo que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de confirmar que aquilo que vejo existiu realmente.” (Barthes, 1989, p.116)

Numa entrevista pessoal que fiz com Tomas Sigrist, um ilustrador de animais para publicações científicas, justamente para esclarecer alguns aspectos dessa sua atividade de ilustrador que ainda se sustenta apesar do vertiginoso desenvolvimento da tecnologia das fotografias digitais, perguntei se ele sabia por que essa profissão era ainda relativamente importante nos meios científicos. Ele respondeu-me que acreditava que a razão principal era o fato de que para fazer a ilustração com a máxima perfeição possível, ele sempre precisava ter em mãos mais de um exemplar dos animais, manipulando-os, girando-os, para poder examinar minuciosamente e assim observar todos os seus ângulos possíveis,

identificando os pequenos detalhes, etc. Isto tornava possível para ele poder desenhar e pintar com a máxima fidelidade as características gerais marcantes que permitiam a identificação precisa daquela espécie.

Esta resposta muito consciente e convincente ajudou-me a compreender melhor um aspecto essencial da documentação fotográfica ao qual Roland Barthes já havia feito alusão, isto é, a fotografia revela uma singularidade, aquele elemento único que esteve ali diante da câmera. A fotografia de um animal revela aquele animal, aquele indivíduo, um instante de sua vida. A ciência, por sua vez trabalha, seguindo a tradição do pensamento aristotélico, com classes, categorias e, nesse sentido, um único elemento singular não é suficiente para representar toda uma classe, um gênero, uma espécie que são, enfim, generalizações e abstrações.

O que aconteceria se quiséssemos representar a espécie humana com a fotografia de um único homem. Veríamos na foto sempre “aquele homem” e não “o homem”. A ilustração vem suprir essa impotência da foto no sentido de produzir um representante genérico, quase como se ela (a ilustração) pudesse de fato concretizar em imagem essa idéia de classe, categoria, que é uma construção mental completamente abstrata, que pode muito bem ser apresentada através da linguagem escrita, mas que não tem nenhuma existência concreta na realidade.

A imagem pictórica também é uma abstração de modo análogo à escrita, mas com suas características próprias. A pintura e o desenho abstraem a realidade para rerepresentá-la como fruto de uma visão subjetiva. É por isso que podemos designá-la, em certos casos, como arte, exatamente porque, entre outros aspectos, é uma invenção. Por outro lado, ela pode conter elementos que intensificam e revelam, de forma impressionante, certos aspectos da realidade e o fazem na medida em que são o produto de um sujeito sensível e consciente do mundo, cuja visão singular agrega conhecimento para o outro.

Eu penso que há ainda algo a mais no fascínio pela ilustração. Esse fascínio tem uma origem ancestral que passa pela arte rupestre das cavernas, pela Mona Lisa, pelos ciprestes retorcidos de Van Gogh. É a sua total irrealidade que abre um enorme espaço mágico para proliferação do imaginário humano

sobre o real. É uma abertura infinita e não um fechamento. É o que a arte faz com maestria e o que a ciência não se propõe a fazer em defesa da delimitação de um campo de objetividade que é o lugar privilegiado de sua ação.

É curioso, portanto, que a própria ciência busque ainda na ilustração artística os elementos visuais para identificação dos fenômenos que ela tenta traduzir também pela linguagem técnica precisa, escrita e/ou verbal.

Contudo, penso que as tecnologias de produção de imagens digitalizadas irão prevalecer sobre a ilustração artística exatamente pela possibilidade de manipulação total das imagens. Aquilo que o ilustrador faz examinando o animal com as próprias mãos, os *softwares* já podem fazer virtualmente na tela do computador. Se os resultados serão da mesma ordem, isto é, se o impacto sobre o observador vai ou não ser mágico, isto o tempo dirá. O fato é que já existem vários livros publicados para identificação de fungos, vegetais e animais que usam a fotografia como ilustração.

O aperfeiçoamento contínuo das câmeras cinematográficas, dos projetores e da tecnologia de sonorização de imagens, chegou a produzir aquilo que todos nós sabemos: a ilusão de estarmos vendo e ouvindo (durante a projeção de imagens na tela) a reprodução quase perfeita dos movimentos, das formas, das cores e dos sons que os nossos sentidos percebem na sua relação direta com o mundo. Uma sucessão de fotografias que não se deixam mais examinar uma a uma produzindo, na sua projeção seqüencial, a ilusão da restituição da realidade.

Essa reprodução perfeita (quase perfeita) dos movimentos e das formas da realidade (tendo como lastro e princípio básico a verossimilhança da fotografia e a prova da “existência” do objeto registrado), concedeu às imagens cinematográficas o seu pretendido valor de objetividade.

Câmeras fotográficas e cinematográficas (e, mais tarde as videográficas) foram intencionalmente concebidas, projetadas e construídas para registrar aspectos fiéis da realidade de forma independente das subjetividades do indivíduo que as manipula. São dispositivos técnicos inventados e desenvolvidos para espelhar fielmente a realidade e não para corrompê-la ou produzir distorções

fantásticas que, em si mesmas, poderiam se constituir em alguma espécie de entretenimento interessante. Se nós humanos fizemos isso é porque, de algum modo, tivemos necessidade vital de fazê-lo, e talvez o tenhamos feito porque a suposta realidade permanente e objetiva sempre nos escapa de algum modo e, diante dessa constatação angustiante, necessitamos de alguma intermediação (um objeto técnico) entre nós e a natureza, para que ela possa ser capturada de modo isento (por uma máquina) e conservada de modo mais duradouro e obediente aos nossos interesses.

Somente assim, liberados de nossa fragilidade cognitiva diante de um mundo fugaz e caótico, sentimo-nos aptos a examinar esse mundo que a máquina capturou para nós, isenta de nossos sentimentos e de nossas emoções (como o são todas as máquinas), sem o desconforto da nossa relação direta com a realidade. Gilbert Simondon, analisando a natureza e a função dos objetos técnicos, diz o seguinte:

“... através da atividade técnica, o homem cria mediações e essas mediações são destacáveis do indivíduo que as produz e as pensa; o indivíduo se exprime nelas, mas não adere a elas; a máquina possui uma espécie de impersonalidade que faz com que ela possa se tornar um instrumento para um outro homem; a realidade humana que ela cristaliza nela é alienável, precisamente porque ela é destacável. (...) A relação do homem com a natureza, em vez de ser vivida e praticada somente de modo obscuro, adquire um estatuto de estabilidade, de consistência, que faz dela uma realidade com suas leis e sua permanência ordenada.” (Simondon, 1989, p. 245)

Talvez seja por isso que sonhamos com a idéia de objetividade pura e a tenhamos perseguido desde há séculos. Idealizamos a objetividade como um antídoto ao caos do mundo e, sobretudo, ao caos do conjunto de todas as versões individuais sobre esse mesmo mundo. Desejamos obter um conhecimento objetivo da realidade sonhando com aquela possibilidade confortável de congelá-la para eliminar sua natural fluidez assim nos permitir dizer o que ela é, sem que ela já tenha escapado no momento mesmo da nossa enunciação. Por isso criamos

instrumentos técnicos de medição, de intermediação entre nós e o mundo. Desejamos transformar todas as versões pessoais e singulares numa única versão oficial. Na medida em que organizamos todos os meios técnicos e burocráticos para lograr essa façanha, ao mesmo tempo estamos artificializando o conhecimento, colocando-o fora do sujeito, objetivando-o.

É relativamente fácil sermos objetivos quando enunciamos fenômenos banais. Se nós estamos numa sala escura onde há apenas uma vela acesa que a ilumina, podemos todos concordar com o enunciado de que “a vela está acesa”, mas não sem antes dizermos para nós mesmos, cada qual individualmente, que de fato estamos vendo a vela acesa. Note-se que é necessária essa confissão íntima e subjetiva para que ela se transforme num enunciado verbal que pode ser objetivado pelo acordo intersubjetivo com os outros. Entretanto, se nós dizemos, por exemplo, que é deprimente esta vela estar acesa no meio da tarde porque chove lá fora e o céu está plúmbeo, qualquer possibilidade de objetividade se esvaece. Contudo, esta é a concreta e sólida realidade para quem a percebeu desse modo, mesmo que o enunciado pareça completamente abstrato.

A vela acesa é um elemento inseparável do seu significado para alguém numa tarde cinzenta. Se focarmos nosso interesse apenas no fenômeno binário aceso/apagado, podemos obter o que chamamos de objetividade, mas qual pode ser a relevância dessa constatação? É por essa razão que toda tentativa de garantir a objetividade de um enunciado implica necessariamente no empobrecimento do campo cognitivo onde ele possa se aplicar.

Retornando às câmeras cinematográficas, poderíamos ter, desde o início, inventado e aperfeiçoado máquinas de distorcer a realidade como os espelhos côncavos e convexos dos parques de diversão. Entretanto, tendemos a adotar a postura intelectual que pressupõe a existência de uma realidade concreta, sólida e objetiva e é justamente esta realidade idealizada que procuramos retratar através da invenção e da intermediação dos dispositivos técnicos de captação de imagens e sons.

ISTO NÃO É UM CACHIMBO!

Ao que parece, todas as distorções mirabolantes (os chamados efeitos especiais) que estamos hoje impondo e sobrepondo às imagens em movimento no cinema ficcional, na publicidade e em muitos programas de televisão, apontam para uma tendência cultural que não pára de evoluir e que consiste em produzir mundos cada vez mais fantásticos, inimagináveis. Apesar disso, contraditória e paralelamente, a cultura dos documentários continua também seu curso. Essa cultura está sustentada pela ideologia de que é possível representar fielmente e objetivamente uma realidade dada. Quando assistimos a um documentário, o prazer de fazê-lo está associado a esta crença na sua fidelidade ao mundo real. O teórico do documentário Bill Nichols fala dessa crença básica na imagem em movimento enquanto portadora de verdade:

“... os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações com notável fidelidade, vemos nos documentários, pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece, uma base para a crença: vemos o que estava lá diante da câmera; deve ser verdade.”
(Nichols, 2007, p. 28)

A verossimilhança das imagens em movimento nos faz crer que aquilo que estamos vendo é verdade, no sentido de que essas imagens são uma espécie de réplica quase perfeita daquilo que os nossos olhos vêem diretamente. Esta crença está sustentada por uma outra crença anterior e mais profunda: a de que existe de fato uma verdade intrínseca à realidade. Em geral, não percebemos de modo consciente que a verdade não habita o mundo, mas apenas o nosso pensamento e a nossa imaginação. Só pode haver verdade ou falsidade nos enunciados e não na realidade que está sendo enunciada. Além disso, para que se possa julgar verdadeiro ou falso qualquer enunciado é preciso saber dentro de

que quadro de referências e critérios o fazemos, e os quadros de referências são sempre conceituais e arbitrários. Muitas imagens em movimento que não sejam acompanhadas de nenhuma enunciação que lhes dê um sentido tornam-se apenas possíveis réplicas de um acontecimento que, em si mesmo, não é verdadeiro e nem falso.

“A vontade de verdade é uma crença – crença na superioridade da verdade – e é nela que a ciência se funda. Não há ciência sem o postulado, sem a hipótese metafísica de que o verdadeiro é superior ao falso, de que a verdade tem mais valor do que a aparência, a ilusão.” (Machado, 1984, p. 89)

Creio que todos nós estamos envolvidos nessa atmosfera cultural, incrustada fortemente na nossa formação escolar, de que há uma verdade exterior e também de que há uma linguagem que possa revelá-la com exatidão. Convivemos, portanto com duas tendências completamente antagônicas no mundo da produção e da fruição da linguagem audiovisual: a transfiguração mirabolante e intencional da realidade e/ou a sua representação fiel.

Vimos utilizando e aperfeiçoando desde a Grécia antiga uma determinada linguagem verbal e escrita (comandadas ambas pela organização lógica) como se fossem instrumentos de grande precisão para dissecar o mundo e revelar a verdade escondida sob sua pele. Mais tarde, inventamos com esse mesmo objetivo as máquinas para capturar e armazenar as cenas do mundo, tentando assim evitar, através da fixação num suporte exterior, o incômodo de tentar reter na memória e conhecer um mundo em fluidez permanente. Estamos, agora, sob o espanto de que talvez essas máquinas não tenham dado exatamente o resultado que esperávamos. Fixamos as cenas do mundo, mas elas volatilizam novamente na surpreendente possibilidade que as imagens oferecem de criação de novas realidades.

Nietzsche já no final do século XIX, contemporâneo do rápido desenvolvimento e aperfeiçoamento das máquinas de captar imagens fiéis da

realidade, advertia para uma questão mais antiga: a de uma possível cegueira despercebida produzida pela linguagem oral e escrita :

“A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, num lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes das coisas como *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência. Da crença na verdade encontrada fluíram, aqui também, as mais poderosas fontes de energia. Muito depois – somente agora – os homens começaram a ver que, em sua crença na linguagem propagaram um erro monstruoso” (Nietzsche, 2002, p. 20)

Nós construímos o mundo que, por uma razão ou outra, nos convém, nos mantém vivos e nos sustenta. Somos nós que determinamos o que ele é ou deva ser. É nossa imaginação criativa que produz as cenas do mundo. Nossa relação com a realidade é predominantemente subjetiva e nossa relação com o outro é intersubjetiva. Somos seres imaginativos e navegamos em mundos convenientemente imaginados.

O biólogo e neurofisiologista Francisco Varela defende que nós não representamos o mundo, mas nós o formulamos de maneira adequada à nossa sobrevivência. Analisando a função do nosso cérebro ele afirma tratar-se de “um órgão que constitui mundos em vez de os refletir.” (Varela, 1998, p. 108). Ele diz também que “o que fazemos é o que conhecemos e o nosso mundo é apenas um entre os muitos existentes. Não é um espelho refletindo o mundo, mas o delineamento de um mundo sem guerra entre o ser e o outro” (Varela, 2001, p. 59).

Contudo, isto não pode ser julgado como um bem ou mal, é apenas nosso modo humano de ser e estar no mundo. É uma maneira de ser que tem funcionado até agora para os nossos propósitos de sobrevivência como indivíduos e como espécie.

“não é só com a maravilhosa máquina de captar e projetar imagens que eu me espanto; é também com esse grande mistério, com esse continente desconhecido da nossa ciência, que é a nossa fabulosa máquina mental.” (Morin, 1977, p. 20)

As máquinas de captar imagens que criamos podem servir, ou não, para construir o imaginário de um mundo cada vez melhor para nós e para os outros seres vivos com os quais dividimos esse planeta, e assim conduzirmos a civilização para o caminho da harmonia, da paz e da sustentabilidade.

Aos documentaristas cabe, a meu ver, assumir conscientemente essa importante função de construtores de realidades que beneficiem a sociedade e o planeta abandonando a idéia de que possam ser reveladores neutros e isentos das supostas verdades incrustadas na realidade. Ao contrário, devem impregnar seu trabalho de sua visão subjetiva e singular da realidade visando ampliar o campo de conhecimentos a serem compartilhados com os outros. Trata-se muito mais de uma função de ordem ética, que implica num princípio de responsabilidade, do que de uma postura de artificial de fidelidade e objetividade.

O diretor de cinema Andrei Tarkovski, que dedicou sua vida aos filmes de ficção, escreveu um belíssimo livro sobre cinema que transcende essa área específica do conhecimento adentrando nos campos da filosofia, da epistemologia, da arte, da ética, do humanismo, etc. A respeito da verdade das imagens ele afirma o seguinte:

“Chegar à verdade de uma imagem cinematográfica - estas são meras palavras, a formulação de um sonho, uma declaração de intento que, no entanto, a cada vez que se realiza, torna-se uma demonstração do que há de específico na escolha feita pelo diretor, do que há de exclusivo em seu ponto de vista. Procurar a *própria* verdade

(e não pode existir nenhuma outra verdade 'comum') é procurar a linguagem *específica* da cada um, o sistema de expressão destinado a dar forma às idéias *pessoais* de cada um.” (Tarkovski, 1990, p. 99)

Se a produção cinematográfica e videográfica do entretenimento e da comunicação informativa que obedece às chamadas leis do mercado, tende cada vez mais, por exemplo, para a exaltação da violência, da brutalidade, da truculência, da corrosão do caráter, da manipulação inescrupulosa das informações, é o documentário realizado com honestidade intelectual e conduzido por valores humanos essenciais que poderia funcionar como um eficiente antídoto.

Infelizmente, mesmo os documentários mais “inocentes” sobre a natureza e a vida animal que assistimos nos meios de comunicação de massa (maliciosamente travestidos de portadores de verdades), tendem a adotar essa fórmula da violência consagrada no mercado. Não são raras as produções desse tipo que fantasiam completamente a realidade e cujos títulos e conteúdos giram em torno de: “animais assassinos!”, “monstros da natureza!”, “predadores à espreita!”, “máquinas de matar!”, etc. São versões da natureza congruentes com toda uma atmosfera cultural que tem estimulado a violência em todos os níveis e infelizmente tem conseguido.

Tudo isto não passa de *business*, *marketing*, de puro interesse comercial para cativar o público já tão adestrado pelos filmes de ação de alta velocidade, cortes rápidos de imagem, efeitos estonteantes. Isto faz parte de uma traço marcante da cultura contemporânea. Entretanto, é uma tendência que paulatinamente vem produzindo uma profunda dissociação entre o homem e a natureza da qual ele depende absolutamente para existir embora pareça ter esquecido completamente. Jeremy Rifkin escreve o seguinte:

“O marketing assume um papel mais abrangente de empresário de produções culturais. Os profissionais de marketing criam fantasias e ficções elaboradas, a partir de segmentos de cultura contemporânea, e os vendem como experiências vividas. O marketing manufatura o hiper-real. Seu sucesso é marcado por sua capacidade de tornar a simulação ou dissimulação mais atraente que o real e um

substituto dele. Por exemplo, enquanto alguns consumidores orientados para a experiência se aventurariam no mundo real da natureza, milhões de outros consumidores preferem viajar pelo Reino Selvagem da Disney World, onde podem apreciar os animais em ambientes artificiais. Eles preferem o drama da representação no palco. Parece mais vívida. No Reino Selvagem, novas surpresas estão por toda parte. Na natureza, em contraste, muitas vezes é preciso ter paciência e esperar pelos encontros, que às vezes não ocorrem até o final da viagem. A produção cultural enche de emoção as experiências vividas. Resposta emocional garantida ou seu dinheiro de volta.” (Rifkin, 2001, p. 141)

Se, por um lado, os documentários em geral não podem ser representações completamente fiéis e objetivas da realidade, mas têm uma função importante como elemento construtivo de versões adequadas do mundo (na medida em que colaborem para a sua sustentabilidade em todos os níveis), por outro, os documentários intencionalmente ficcionais que produzem verdades de interesse comercial, são extremamente nocivos à sustentabilidade de nossa civilização porque estimulam um imaginário perverso, sobretudo se considerarmos que os espectadores permanecem cada vez mais tempo diante das telas sem um contato direto com o mundo, menos ainda com o mundo natural.

Quem caminha pelo interior de uma floresta sabe que os acontecimentos não ocorrem nessa velocidade, sabe que impera o silêncio e que transcorre às vezes muito tempo sem que nada de notável seja visto ou ouvido, percebe que não existem máquinas assassinas, etc. Entretanto, quem caminha pelos caminhos das telas de cinema e televisão, tem outra idéia do mundo. Mesmo sem precisar recorrer a nenhuma demonstração sistemática desse fato é fácil concordar, creio eu, que em geral a natureza se manifesta numa outra dimensão de tempo e espaço, muito diferente daquela que as telas, em geral, nos apresentam.

O documentarista, operador de um poderoso instrumental de reprodução de imagens fortemente verossímeis da realidade, mas também com um potencial enorme de sobreposição imaginária sobre ela, tem a responsabilidade de, por um lado, construir realidades documentais que

colaborem para a evolução da sociedade na direção de um mundo ambientalmente sustentável e socialmente pacífico e, por outro, advertir de algum modo, ainda que sutil e indireto, para o fato de que o próprio documentário que ele produziu não é a realidade original da qual ele foi extraído.

Diante disso, penso que os documentaristas deveriam agir como o pintor René Magritte em sua famosa tela onde ele retrata um cachimbo e sobre essa mesma tela escreve: *“isto não é um cachimbo”*.

Defendo essa idéia porque penso que a sociedade contemporânea necessita urgentemente de uma alfabetização em relação aos meios audiovisuais. Aprendemos a ler e escrever nas escolas, porque a escrita é um elemento chave para a sustentação da nossa cultura. Entretanto, bilhões de seres humanos atualmente no mundo passam muitas horas de suas vidas sentados, inativos, passivos, diante das telas e o fazem sem ter aprendido em lugar nenhum como e porquê são produzidas as seqüências de imagens que desfilam ininterruptamente diante de seus olhos. Estão todos sendo formados sem terem sido in-formados. Tendem a acreditar cegamente em tudo aquilo que vêem e tendem a tomar o discurso audiovisual como um elemento de prova incontestes das realidades representadas por ele.

Por que não incluir na grade curricular do ensino fundamental uma disciplina que dê conta de alfabetizar as pessoas em linguagem audiovisual para protegê-las contra toda sorte de distorções desonestas a que são submetidas diariamente nos meios de comunicação de massa?

É urgente advertir a todos que *“isto não é um cachimbo!”*

MATÉRIA-PRIMA

Ao assistirmos a uma seqüência filmada de um pássaro voando (sem que haja nenhuma manipulação desonesta, é claro) sabemos, em primeiro lugar, que aquele pássaro esteve de fato diante da câmera e, em segundo, que seus movimentos são exatamente como os que estou vendo agora na tela. Isto bastaria para consagrar a cinematografia como um triunfo das tecnologias de medição objetiva dos fenômenos naturais. Entretanto, paradoxalmente, como já analisamos anteriormente, não foi isso o que aconteceu predominantemente.

O cinema rapidamente migrou para o campo diametralmente oposto: o da ficção. Ao invés de “reproduzir” fielmente a realidade, os realizadores de filmes acabaram por fantasiá-la intencionalmente. Isso não foi apenas uma escolha, foi uma espécie de estímulo intrínseco à própria magia cinematográfica. Estranha magia esta que faz com que um espelho pretensamente fiel reproduza uma outra coisa que não aquela que se coloca diante dele.

Gostaria de focar a atenção num aspecto que me parece crucial na discussão sobre o documentário (filme ou vídeo) que, apesar de toda essa cultura que tende para a transfiguração da realidade, ainda pretende espelhá-la fielmente: *a montagem*.

Há uma profunda e fundamental diferença entre uma única imagem em movimento (um plano seqüência, isto é, uma imagem registrada desde o acionamento da câmera até a interrupção do registro), por exemplo o pássaro voando, e a montagem (colagem, edição) dessa imagem com outra qualquer, com a intenção de compor um documento mais, digamos, completo sobre aquele mesmo pássaro.

Ao fazermos uma colagem acabamos por fragilizar ainda mais e também relativizar a objetividade das duas imagens que foram interligadas. Isto acontece porque rompemos com o tempo e o espaço originais intrínsecos de cada uma delas em favor da nova composição espaço-temporal (extrínsecos) que o ato da montagem produz.

Além disso, o valor informativo de cada imagem torna-se dependente do valor da anterior ou da posterior. Em outras palavras, a montagem afeta de forma profunda o significado das imagens originais. Isto já foi amplamente discutido por vários pensadores da cinematografia, desde o cineasta Eisenstein que já na primeira metade do século XX deu uma contribuição importante sobre a teoria da montagem em cinema.

O que me interessa discutir aqui é o fato de que o êxito na concepção e produção de máquinas capazes de registrar e reproduzir imagens e sons de forma impressionantemente fiel ao modo como naturalmente vemos e ouvimos os fenômenos reais, não garantiu que o produto final (o filme documentário ou, mais recentemente, o vídeo documentário) obtido com a utilização dessas máquinas, pudesse sustentar a fidelidade ao mundo real desejada por seus inventores.

Ao registrarmos várias tomadas de uma determinada realidade (o comportamento de um pássaro, por exemplo), estamos na verdade colecionando fragmentos de realidade desconexos no tempo e no espaço, mas que deverão servir (se a intenção for honestamente esta) para posteriormente reconstituir, através de uma nova conexão entre esses fragmentos (criada pelo montador), uma outra realidade (o documentário) que seja o mais próxima possível da realidade original, se esta for a nossa intenção.

É muito importante compreendermos que cada um dos fragmentos de realidade colecionados em forma de imagem em movimento raramente, ou quase nunca, se sustenta isoladamente. Uma imagem em movimento de curta duração não é um documentário. Não é um documentário porque em si mesma essa imagem, em geral, não “diz” quase nada. Se disser alguma coisa, podemos tomá-la como um documento, mas não um documentário. Isto é análogo à relação entre uma frase isolada e o texto mais longo do qual ela foi retirada. Muitas vezes uma frase isolada pode não exprimir quase nada de significativo, mas se for lida no contexto do texto pode assumir uma importância vital.

Pensemos numa imagem em movimento (mesmo que seja relativamente longa), um plano seqüência de um pássaro voando tendo como fundo um céu azul. Vamos supor que nós identifiquemos prontamente que espécie

de pássaro é este que estamos vendo na tela. Tudo o que esta imagem nos diz é que esta espécie de pássaro está voando. Se não há nada a mais na imagem que seja muito significativo, não temos nenhuma razão para continuar assistindo, sobretudo se a imagem for demasiadamente longa, a não ser que tenhamos um interesse muito específico em algum detalhe desse vôo. Este não seria o perfil da maioria dos espectadores. Só um especialista se deteria em examinar uma imagem com essa.

Entretanto, se colarmos no final dessa imagem uma outra, por exemplo, um gavião mergulhando no ar em posição de ataque, a seqüência de imagens começa a ganhar um sentido novo, nesse caso um sentido dramático. Imediatamente somos induzidos pela montagem a supor que o pássaro da primeira imagem será atacado pelo gavião da segunda imagem. As duas imagens começam agora a nos “dizer” alguma coisa, a produzir uma tensão, uma expectativa.

Porém, a partir desse momento em que as duas imagens foram coladas, elas tornam-se mais insustentáveis ainda do que já o eram quando cada uma delas estava mantida isolada. Isto porque, se não for cumprida a promessa implícita na montagem, isto é, a adição de uma terceira imagem que faça a conexão de sentido entre as duas anteriores (o gavião e o pássaro interagindo na mesma imagem), o que resta para o espectador é uma enorme frustração, uma tensão não aliviada, uma expectativa não cumprida.

Tudo isso, como já assinaléi anteriormente já foi discutido por muitos teóricos da montagem cinematográfica e creio que não é necessário continuar agregando novos exemplos hipotéticos. O que me parece realmente importante discutir é o fato de que cada imagem registrada (desde o momento do acionamento da câmera até o seu desligamento), caso possa vir a ser útil para compor o documentário, torna-se, então, “matéria-prima”. É isto o que se faz habitualmente na prática: seleciona-se, entre todo o material original registrado, aqueles segmentos que têm alguma qualidade significativa, e os separamos para uso posterior na montagem: acumulamos matéria-prima.

A ordem em que as imagens vão ser coladas, o aproveitamento integral da duração de cada uma delas, etc, são questões de ordem puramente intelectual. Muito mais do que uma imposição das próprias imagens é a sobreposição conceitual do diretor que irá prevalecer na montagem.

Eu mesmo em minha trajetória como documentarista não pensei sempre assim. Pelo contrário, no princípio, e hoje percebo isso como uma ingenuidade de iniciante, eu acreditava que as imagens registradas com o intuito honesto de espelhar uma determinada realidade, quando eram trazidas para o momento da montagem conservavam esse espelhamento intacto, isto é, não haviam sido corrompidas do ponto de vista do conteúdo que eu imaginava que elas conservassem. Nessa época eu ainda não me dava conta conscientemente de que o conteúdo que eu imaginava estar contido nas imagens na verdade estava contido na minha imaginação, na formulação conceitual que eu imprimia sobre a realidade no momento em que a estava registrando. A escolha de registrar isto e não aquilo, eliminando pelo enquadramento elementos inconvenientes, já é consequência de uma visão seletiva, subjetiva e, ao mesmo tempo, conceitual do mundo.

Em minhas primeiras montagens eu ia colando uma imagem após a outra supondo que estava obedecendo a uma lógica da realidade e que as imagens eram como dados (análogos aos de um caderno de campo de um antropólogo) objetivos e neutros que correspondiam perfeitamente à realidade original que permaneceu lá no espaço e no tempo originais. Eu desejava ser fiel em todos os sentidos, querendo respeitar a ordem cronológica, a ordem espacial e a ordem lógica dos fatos, sem perceber que esta última era exatamente uma projeção mental sobre a realidade que me fazia querer reconhecer e respeitar as duas outras ordens.

A sala de montagem (ou ilha de edição) tornava-se esse espaço confortável onde eu já não precisava mais correr atrás da realidade para registrá-la. Eu estava ali sentado e a realidade estava agora ao alcance de minhas mãos, dócil e submissa no meu trabalho de reconstituí-la. Era assim que eu pensava. Aliás, o nome “ilha de edição” é muito adequado para esse isolamento laboratorial.

Imagino que deva acontecer o mesmo, por exemplo, com um geólogo que passa um longo período no campo, sob chuva e sol, enfrentando vários tipos de dificuldades, dormindo em barracas, sendo molestado pelos mosquitos, escalando escarpas íngremes, etc, e, quando chega no escritório, desfruta do conforto de uma boa poltrona, uma xícara de chá, tendo à sua frente os dados com os quais vai doravante trabalhar.

Não sei se os pesquisadores em geral percebem essa sucessão de momentos distintos, muito bem delimitados entre si, que vão determinar o produto final de suas investigações: *realidade / dados / uma nova realidade*. O que sei é que já ouvi pessoalmente algumas pessoas dizerem que adoram aquela etapa quando vão trabalhar com os dados. Penso que, muitas vezes, o que elas gostam mesmo, talvez de forma inconsciente, é de estarem de volta ao seu lar, seu mundo familiar e poder então brincar com as informações como quem monta um jogo de quebra-cabeças esquecendo que a realidade ficou lá para trás em movimento permanente e talvez os dados já não lhes digam mais respeito.

Levou algum tempo para que eu percebesse que as imagens (assim, como os dados colhidos no caderno de anotações de campo) são matéria-prima, são como os tijolos para a construção de uma realidade que pretende espelhar a realidade original, mas que acaba se tornando outra, de outra ordem, seja da ordem do discurso verbal, seja da ordem do discurso audiovisual.

Esta clareza de que as imagens originais registradas em campo são apenas matéria-prima, fragmentos para uma reorganização futura, e que o cimento que as ligará é de ordem conceitual e subjetiva, acabou por retroagir sobre a forma pela qual eu passei a registrar as imagens. Na fase ingênua eu pensava estar registrando a realidade tal como ela é e insistia em fazê-lo segundo essa crença; na fase mais amadurecida, eu passei a selecionar aquilo que eu julgava valer a pena ser registrado segundo um critério de pertinência aos conceitos e valores que eu tinha a respeito daquela realidade para facilitar a construção da nova realidade de natureza audiovisual. Isso, em última análise, significa obter matéria-prima de melhor qualidade, evitando desperdício e

garantindo um produto final mais consistente e coerente com o projeto intelectual que o concebeu.

Isto que acabo de argumentar pode parecer apenas uma sutileza técnica ou estética, mas acredito que se trata de um grande divisor de águas. Trata-se da assunção consciente da enorme diferença que existe entre três elementos básicos:

1. o mundo no qual vivemos e ao qual pertencemos (seja ele o que for);
2. os registros que fazemos para memorizar esse mundo (escrita, fotografia, vídeo, som, etc.);
3. o mundo que refazemos mentalmente e, em seguida, materialmente (num suporte exterior) com auxílio mnemônico dos registros.

Sem esse discernimento, creio que podemos nos perder no emaranhado mental mal resolvido desses três níveis de realidade.

Como já assinaliei anteriormente, no terceiro capítulo irei discutir uma experiência concreta de documentação audiovisual para extrair dela, espero, elementos muito significativos que possam ser agregados à prática de outros documentaristas e às reflexões dos teóricos e críticos da documentação audiovisual.

O que acontece quando permanecemos por um longo período num ambiente selvagem?

A primeira coisa que salta aos nossos olhos é que acontece muito pouca coisa. A quantidade de eventos relevantes é muito pequena e muito dispersa no tempo e no espaço. Mais do que isso, quando se trata de considerar dentre esses eventos aqueles que são registráveis por uma câmera, seu número diminui ainda mais. A coleta de “matéria-prima” tende a ser muito mais fracionada e dispersa no tempo do que se estivéssemos, por exemplo, realizando um documentário antropológico sobre um determinado ritual indígena. No caso do

ritual o espaço onde ele acontece, em geral, é muito bem delimitado e o tempo é o de sua duração real: é aquilo que está acontecendo ali e naquele momento. Se quisermos registrar imagens desse ritual só poderemos fazê-lo na mesma ordem temporal em que ele acontece, mesmo que na montagem venhamos a inverter essa ordem por alguma razão. No caso de um documentário de vida selvagem, entretanto, o espaço dos eventos significativos tende a ser muito extenso e os momentos de coleta de imagens muito separados entre si.

Entretanto, quando assistimos a um documentário desse tipo (dependendo, é claro, do tratamento dado a ele) podemos ter a impressão de que o tráfego de eventos significativos é muito intenso num curto espaço de tempo e que os espaços geográficos onde eles ocorrem são muito concentrados. Os documentários de vida selvagem inevitavelmente tendem a compactar os tempos e os espaços e isto se deve basicamente a uma imposição cultural.

Como já discuti anteriormente, ao longo do desenvolvimento da cultura cinematográfica a linhagem que predominou foi a da ação. Privilegiou-se de modo geral o registro de objetos em movimento, os movimentos de câmera, os cortes rápidos, etc. Planos longos em tempo real, que convidam a uma fruição mais contemplativa, onde muito pouco movimento acontece são evitados porque o que está em jogo é a produção de algo palatável para o espectador cada vez mais adestrado nessa cultura. É o espetáculo e o entretenimento que estão em jogo.

Como grande parte do público espectador está imerso (porque foi estimulado a querer e quer) numa ambiência cultural de espetáculos acelerados onde a exuberância de efeitos visuais e a velocidade das ações dentro dos produtos audiovisuais tendem a ser cada vez mais intensas, este público está condicionado por esta atmosfera e acaba não compreendendo e não aceitando qualquer outra fórmula que não seja esta.

Fazendo um parêntese, os chamados filmes ou vídeos institucionais que têm, pelo menos em teoria, a função de apresentarem o que são e o que fazem as empresas e as instituições (nesse sentido, seriam também documentários), acabam por incorporar esta mesma fórmula que privilegia o espetáculo ficcional. Em geral, a demanda inicial das empresas é por uma

apresentação fiel do seu perfil, mas consciente ou inconscientemente, costumam não aprovar um produto audiovisual que não seja ficcional. Exigem que o tratamento das imagens seja espetacular, compactando tempos e espaços, acelerando os acontecimentos, introduzindo toda espécie de efeitos especiais e interpretando as imagens através de trilhas sonoras que produzam uma certa vertigem. Tudo isso sem considerar a narração em *off*, cujo texto tende a ser tão fantasioso quanto a edição de imagens. Faço essa observação baseada em minha longa experiência em roteirização e produção de vídeos dessa natureza onde essa situação quase sempre se repete.

O cinema publicitário é um representante exemplar dessa cultura e as outras produções tendem a seguir o mesmo espírito, sobretudo a poderosa indústria cinematográfica de Hollywood. Ficção e publicidade convergem progressivamente para um mesmo ponto.

Hoje em dia seria plenamente aceitável pelo público que uma obra de Guimarães Rosa, por exemplo, fosse adaptada para o cinema numa velocidade de ação e de efeitos especiais completamente desconexa com o espírito de sua obra. Também não é impossível imaginar que seria aceito que um personagem do filme usasse e deixasse explicitamente transparecer a marca do fabricante do telefone celular que está usando em cena. Penso que não é necessário que teorizemos muito acerca desse fato. Basta ligar a televisão ou ir ao cinema e está tudo lá explícito.

Nós nos tornamos espectadores insaciáveis. Já não nos contentamos com nada menos do que uma avalanche vertiginosa de efeitos que produzem toda sorte de metamorfoses, distorções, alucinações. Exigimos tempos e espaços explosivos, fantásticos, inverossímeis. Tudo numa velocidade tal, que mal chegamos a ver o que acabamos de assistir. Esta é a cultura contemporânea da produção audiovisual.

Entretanto, quando estamos no interior de uma floresta, como já disse, nos damos conta imediatamente de que a realidade não se nos apresenta desse modo. Mas, para atender a essa demanda social viciada na velocidade e na ação muitos documentaristas cedem às imposições do mercado e usam de todos os

artifícios possíveis para introduzir muito movimento e emoção mesmo onde tudo acontece naturalmente num tempo dilatado e num espaço contínuo e vasto. Eles fazem os tempos se comprimirem e os espaços se fragmentarem. Criam velocidade e vertigem onde só há lentidão, silêncio e estabilidade.

Basta assistir aos documentários de vida selvagem que são exibidos nos canais Discovery Channel e National Geographic Channel. Grande parte deles obedece aos clichês dos filmes de ação e alguns deles são explicitamente manipulados desonestamente sem que o telespectador “não alfabetizado” possa se dar conta disso.

Ao fazer isso esses documentaristas estão impregnando o imaginário dos espectadores de uma realidade que pouco tem a ver com o que de fato esses espectadores veriam e ouviriam se estivessem eles mesmos visitando esses lugares e seres que vêem nas telas.

É por essa razão que a “coleta” de matéria-prima audiovisual em ambientes selvagens tem que levar em conta o ritmo em que as coisas acontecem de modo a impregnar, na medida do possível, cada imagem registrada com o seu tempo e sua dimensão espacial naturais.

VER OU NÃO VER, EIS A QUESTÃO!

Podemos “ouvir” um determinado som mesmo sem poder “ver” a sua fonte emissora. Podemos, portanto, registrar sons sem que seja necessário ou possível ver aquilo que os emitiu. Mas, quando se trata de registrar objetos ou fenômenos através de uma câmera, é evidentemente necessário que eles sejam visíveis.

Não é por mero acaso que a grande maioria dos documentários sobre vida selvagem tem como cenários típicos: as savanas africanas, os desertos, os altiplanos, o pólo norte e a Antártida, os rochedos à beira mar, ou então, o mundo submarino. O traço comum e mais marcante entre todos esses ambientes é a confortável visibilidade que eles oferecem ao pesquisador, ao documentarista e à câmera.

Horizontes amplos e ausência quase total de obstáculos que se antepõem entre a câmera e o objeto a ser registrado são condições extremamente favoráveis, que não apenas facilitam como também estimulam a realização dos documentários.

Nesses ambientes o próprio projeto de registro é muito facilitado porque, em geral, é possível obter-se visões panorâmicas da região, o que auxilia muito na localização antecipada dos animais, na produção de um mapa de seus deslocamentos e comportamentos habituais e na decisão sobre as posições mais adequadas para instalação ulterior da câmera.

Um outro aspecto a ser considerado é que, nesses ambientes, em geral, a locomoção do documentarista no espaço da filmagem é relativamente livre, com a vantagem adicional de que, pela visibilidade ampla, pode-se acompanhar com razoável antecipação os deslocamentos dos animais a serem registrados.

Muitas vezes esses cenários propícios à filmagem têm a vantagem adicional de serem grandes planícies e a locomoção pode em alguns casos

ser feita através de veículos motorizados. Além disso, esses mesmos veículos podem funcionar como plataformas de instalação da câmera e acessórios, como proteção dos equipamentos contra as intempéries e também como proteção do documentarista em relação a algum risco que ele eventualmente possa correr durante as filmagens. Tudo isso facilita muito a tomada de decisão sobre quais caminhos seguir para posicionar a câmera nos locais mais apropriados.

O fato de podermos antecipar, com razoável probabilidade de acerto, o próximo local para instalar a câmera é um fator extremamente facilitador para documentar a vida selvagem. Minha experiência com os papagaios não deixou nenhuma dúvida a esse respeito.

Além disso, dentre todos os animais que habitam esses cenários com ampla visibilidade, acaba-se por escolher geralmente aqueles que se locomovem pouco ou mesmo quase nada, porque isso evidentemente torna o registro por câmera muito mais fácil. É o caso, por exemplo, dos elefantes marinhos que, praticamente, não saem do mesmo lugar durante horas, ou então, das famílias de leões que passam a maior parte do tempo descansando sob o calor escaldante das savanas africanas, ou ainda dos pingüins do Ártico que permanecem agrupados e quase estáticos em enormes bandos durante a época da procriação. Muitos desses animais são relativamente mansos permitindo uma boa aproximação do documentarista. Não é por outra razão que temos um acervo tão grande de documentários sobre esses animais.

Muitos desses documentários acabam se repetindo, tratando exatamente do mesmo tema, por conta da visibilidade de seus atores e das ações por eles praticadas. Quem já não assistiu a uma caçada de um guepardo, onde o locutor narra a incrível velocidade desse mamífero terrestre, o mais rápido entre todos, perseguindo uma gazela? Quem já não viu as leoas perseguindo manadas de antílopes ou búfalos até conseguir capturar o supostamente mais fraco dentre eles? Quem já não viu o olhar

inexpressivo dos tubarões vagueando sobre um imenso fundo azul? São documentários recorrentes porque contêm imagens relativamente fáceis de serem obtidas.

É claro que não estou me referindo aqui a toda a logística que a produção de um documentário destes pode exigir como aporte financeiro, planejamento da pré-produção, viagens internacionais, abrigo das equipes e dos equipamentos, atendimento às exigências burocráticas, etc. O que quero enfatizar é que, não havendo problemas para a resolução dessas questões de logística, a facilidade de obtenção de imagens estimula muitos documentaristas a realizarem quase o mesmo documentário.

No caso específico do fundo do mar, embora não possamos falar de um horizonte amplo, já que a visibilidade sob a água, nos melhores casos, não passa de aproximadamente 30 metros, há dois fatores que são determinantes para que muitos documentários tenham sido produzidos nesse ambiente: primeiro, a locomoção livre, flutuante e deslizante do cinegrafista que facilita extremamente os movimentos de câmera em *travelling* e a simulação dos movimentos de grua. Segundo, o “pano de fundo” azul que é sempre uniforme e homogêneo, cenário ideal para destacar de forma quase perfeita um objeto em primeiro plano. Mesmo quando se trata de registrar bancos de corais e/ou rochas submersas com suas grandes superfícies ornadas de anêmonas, algas e outros seres submarinos, isto se torna imensamente favorecido e enriquecido visualmente não somente pela riqueza policromática dos objetos diante da câmera, como também pela facilidade que o cinegrafista tem em trafegar deslizando suavemente entre os labirintos rochosos, o que em terra firme seria muito difícil de realizar exigindo equipamentos sofisticados usados normalmente em estúdios e de difícil transporte e instalação na natureza.

Documentários submarinos são quase sempre belos não apenas pela beleza intrínseca do fundo do mar como também pela beleza dos movimentos de câmera.

Visão ampla; luz abundante; fácil locomoção do documentarista; animais que se movem pouco ou quase nada durante longos períodos de tempo; possibilidade de aproximação do cinegrafista do fenômeno a ser registrado; possibilidade de instalar a câmera sobre um veículo a motor que pode trafegar em espaços abertos e planos são, portanto, fatores determinantes que estimulam a realização de um grande número de documentários sobre a vida selvagem nesses ambientes.

As câmeras, nesses lugares privilegiados e nessas condições favoráveis, podem facilmente captar planos longos e com abundância de detalhes do comportamento dos animais em foco. Essas regiões de ampla visibilidade aumentam sensivelmente a probabilidade de obtenção de imagens significativas e em grande quantidade para a composição de um documentário realmente interessante, isto é, pleno de informações que podem cativar a atenção do espectador.

Essa abundância de imagens (matéria-prima), que podem ser ordenadas de diferentes maneiras pelo editor, facilita muito a construção de uma narrativa verbal que possa fazer uma “costura convincente” entre elas e tudo aquilo que permaneceu invisível, sem que o espectador perceba todas as lacunas deixadas pela impossibilidade de registrar determinadas cenas. Além disso, a abundância de imagens favorece as oportunidades de acelerar e compactar os tempos e os espaços, tornando o documentário mais ágil, cheio de suspenses, tensões e ações que a realidade não contém. Isto porque a matéria-prima pode ser picotada em pequenos fragmentos utilizáveis sem que haja uma preocupação com a carência de material para compor o produto final.

Podemos facilmente testemunhar analisando a grade de programação dos canais especializados em veiculação de documentários, que a maioria dos documentários sobre vida selvagem são produzidos em cenários onde a locomoção é fácil e a visibilidade é ampla.

Penso que não é exagero afirmar que atualmente já começamos a experimentar uma certa saturação e redundância de documentários desse tipo, sobretudo, nas emissoras de televisão. Suponho que as pessoas que apreciam esse tipo de documentário devem estar sentindo esse excesso.

Essas observações anteriores não se aplicam totalmente quando se trata da captação apenas de sons. É muito fácil compreender isso quando lembramos, por exemplo, que é perfeitamente possível registrar sons em condições de absoluta ausência de luz ou então onde existem determinados obstáculos que não permitem a obtenção de imagens, mas que, ao mesmo tempo, não impedem a propagação dos sons.

Podemos compreender, portanto, que se é possível obter imagens de animais através de uma câmera, é possível também e ao mesmo tempo obter os sons emitidos pelos animais em foco. Entretanto, inversamente, se é possível obter sons nem sempre é possível obter as imagens do animal que os produz. É também possível obter belas imagens sem que o som registrado (por alguma razão) tenha qualidade suficiente.

Voltando à questão da visibilidade nos ambientes onde se registram imagens da natureza, podemos perceber facilmente que leões, elefantes, guepardos, antílopes, gnus, renas, focas, leões marinhos, elefantes marinhos, tubarões, ursos brancos, pingüins, camelos, dromedários, albatrozes, fragatas, gaivotas, flamingos, alpacas, lhamas, etc, são os alvos prediletos dos documentaristas. Um pouco mais escassos em número são os animais que habitam regiões onde a visibilidade começa a ser menor como os tigres, onças, pacas, cotias, veados, alguns tipos de macacos, etc. Nesses casos é muito comum que imagens de estúdio ou de animais em cativeiro sejam introduzidas no documentário.

O que ocorre também é que esses animais menos visíveis acabam ganhando espaço como “atores coadjuvantes” e entram como tomadas de *insert* de um documentário cujo foco principal é algum outro animal mais facilmente visível e registrável por uma câmera.

Um espectador mais atento e minimamente alfabetizado em linguagem audiovisual pode facilmente perceber a utilização de animais domesticados para ajudar a compor uma narrativa mais convincente nesses documentários sobre esses animais mais arredios, habitantes de locais cheios de obstáculos entre eles e as câmeras. Entretanto, o espectador comum dificilmente percebe esse tipo de artifício.

Mesmo no caso em que foram obtidos apenas pequenos *flashes* de imagens de algum animal muito difícil de ser documentado em seu habitat natural, ainda assim é possível compor um documentário convincente adicionando na montagem uma grande quantidade de imagens de um animal domesticado da mesma espécie colocado num cenário produzido para ser compatível com aquele do animal em seu habitat natural. Esta situação artificial (fora do habitat natural) de registro de imagens de animais em cativeiro tem a grande vantagem de permitir ao documentarista dispor do tempo que quiser para fazer os registros e inclusive produzir especificamente determinados ângulos e enquadramentos que possibilitem obter um perfeito *raccord* com as imagens que ele já captou em campo. Com todas essas facilidades é provável que o documentário venha a conter seqüências de planos com sincronicidade de ações quase perfeitas entre si como se fossem realizadas com atores profissionais.

Não estou absolutamente querendo dizer que a introdução de imagens desse tipo seja indesejável ou eticamente incorreta, mas apenas que seria preciso de algum modo fazer transparecer para o telespectador que este recurso está sendo usado, sobretudo se a montagem produz distorções muito pronunciadas em relação ao que seria possível editar sem a utilização desses artifícios. Por exemplo, pode-se indicar nos créditos finais que o documentário mesclou cenas do habitat natural com cenas de estúdio. Isto já seria uma pequena contribuição para a alfabetização dos telespectadores.

Quem poderia, a não ser um especialista, distinguir um tigre selvagem de um outro domesticado numa montagem em que propositadamente se deseja que os dois passem como se fossem um mesmo indivíduo? Isto é especialmente difícil quando se trata de imagens em movimento onde não há tempo para um exame mais detalhado das imagens, como no caso da fotografia.

Essas reflexões apontam para dois aspectos relevantes: primeiro que o fato de obtermos imagens esporádicas de algum animal, ou de animais de uma mesma espécie, não significa que possamos, com o conjunto delas, produzir um documentário sobre esse animal sem a adição de outros elementos complementares e, segundo, que é a narrativa verbal que confere sentido às imagens e ao documentário como um todo.

Os documentários sobre vida selvagem, em geral, não podem ser construídos e se sustentarem como algo palatável sem um conjunto de idéias e conceitos sobrepostos pelo documentarista. Em outros tipos de documentários é possível dar a palavra a outras pessoas cujas imagens também são incorporadas na edição, mas os animais não falam, não podem exprimir como vivem e o que desejam. Somos nós que interpretamos suas vidas e, ao fazermos isso, projetamos neles nossa própria natureza.

Mesmo que um documentário sobre um determinado animal contenha entrevistas com seres humanos, essas falas servem apenas como elemento conceitual de ligação e produção de sentido entre os fragmentos de imagens, mas continuam sendo falas humanas que introduzem significados humanos à realidade. As imagens obtidas em campo, mesmo que abundantes, não são suficientes, não bastam por si mesmas. Por isso mesmo acabam funcionando como uma matéria-prima a ser modelada pela nossa visão.

Na verdade, é uma idéia, ou um conjunto de idéias, acerca da vida do animal em foco que possibilita transformar um conjunto de imagens isoladas e sem um sentido preciso em si mesmas num documentário com aparência

de que há uma lógica no fluxo dos acontecimentos, mesmo porque este fluxo seja determinado pela racionalidade do documentarista e nunca por uma lógica intrínseca à realidade.

Tudo isso nos leva a perceber, por exemplo, que é mais fácil editar documentários sobre um determinado ecossistema como um todo e não sobre um animal em particular. Para mostrar o ecossistema basta que registremos alguns planos gerais da paisagem que depois serão montados com todas as imagens obtidas aqui e ali, deste ou daquele animal ou vegetal, sem a preocupação de que haja uma seqüência de imagens mais completa sobre um determinado animal.

Contudo, tanto no caso do ecossistema como no caso de um único animal em foco, qualquer imagem obtida em campo acaba se constituindo sempre em matéria-prima para a construção de uma outra realidade que inicialmente é de natureza mental, isto é, no plano das idéias do documentarista, e que se converte posteriormente, através da edição, numa nova realidade: a realidade que o documentário apresenta.

É muito provável (e minha experiência pessoal com a tentativa de obter imagens dos *Amazona vinacea* confirma isso) que uma longa permanência do documentarista munido de sua câmera numa mesma região aumente muito a probabilidade de obtenção de imagens do animal que se quer documentar. Entretanto, por outro lado, aumenta também a probabilidade de obtenção de imagens esporádicas e ao acaso de outros animais e/ou outros fenômenos que não estavam inicialmente na mira de sua mente e de sua lente. Isto porque podem ocorrer diante da câmera já instalada (em geral durante muito tempo) outros fenômenos que o documentarista não estava inicialmente interessado em registrar, mas que a facilidade de registro o convida a fazer.

Isto se torna um estímulo muito forte para construir um documentário sobre toda a região onde estão sendo feitas as filmagens, incluindo também, é claro, o animal principal que era o foco inicial do documentarista. A

abundância de outras imagens que se apresentaram diante da câmera, mesmo que fugazes tende a tornar o documentário muito mais rico de informações e acontecimentos e, portanto, mais sedutor para o público.

Muitos documentários de vida selvagem específicos sobre um determinado animal estão repletos dessas imagens esporádicas e casuais. Elas, entre outras coisas, ajudam a preencher o tempo e a criar uma certa ambiência para auxiliar na reconstrução imagética do universo onde o animal principal (que é o foco do documentário) habita.

Um documentarista paciente (paciência, aliás, talvez seja uma característica básica da personalidade de quem atua nessa área) que instala sua câmera em campo na espera de que o acontecimento que ele deseja se concretize diante dela acaba, portanto, sem querer, obtendo outras imagens que ele não esperava. Não é difícil compreender que estas imagens são apenas “oportunistas”, obtidas ao acaso, sem uma intenção previamente determinada de obtê-las.

Como são sempre as idéias do documentarista que fazem a conexão de sentido entre as imagens, é possível, por exemplo, construir um documentário apenas com imagens oportunistas desde que a narração em *off* ou então a presença de um apresentador/narrador realize de modo competente uma boa “colagem” entre essas imagens que, na sua origem, podem não ter nenhuma ligação real entre si, nem duração e variedade suficientes para serem editadas em seqüência sem a interrupção com planos de insert que em si mesmos não dizem absolutamente nada (uma flor, por exemplo) ou com a imagem do apresentador.

Do ponto de vista da economia da produção é muito mais sensato que o documentarista permaneça por longos períodos num determinado ecossistema e colha toda e qualquer imagem significativa que puder, independentemente do seu foco principal de interesse, porque a abundância de matéria-prima poderá propiciar a edição de vários outros documentários.

Contudo, se houver um projeto geral norteador, apoio institucional, aporte financeiro e uma organização logística, as imagens registradas perderão esse caráter de oportunismo. Ao contrário, elas obedecerão a um programa de gravações previamente concebido e poderão ser aproveitadas em vários cruzamentos de temas, podendo ser repetidas várias vezes em diferentes documentários, mas com usos conceituais específicos em cada um deles.

Um exemplo clássico disso é a série de documentários intitulada *The Living Planet* produzida pela British Broadcasting Corporation, BBC, coordenada e apresentada pelo zoólogo David Attenborough. São treze programas, cujas gravações foram realizadas durante três anos e foram percorridos pela equipe de produção mais de dois milhões de quilômetros. Tudo isso sem contar que a realização desse projeto só foi possível após anos de incursão e pesquisas nesses diferentes ecossistemas que geraram toda a sorte de informações e contatos que tornou possível conceber, organizar e realizar o projeto.

Como vimos, para tornar os animais visíveis para o documentarista e em seguida para a câmera, muitas vezes é necessário produzir essa visibilidade artificialmente. Em outros casos, a visibilidade já oferecida pelo próprio ambiente natural. De qualquer modo, é quase sempre necessário haver por parte do documentarista uma atitude paciente porque, em geral, os animais não se oferecem espontaneamente para serem registrados. Ao contrário, é preciso esperar sem ansiedade por um momento especial e às vezes fugaz para obter uma única imagem breve. Porém, tudo pode ser imensamente facilitado se houver um esquema profissional de produção e pré-produção onde vários profissionais colaborem na localização dos animais, na localização dos pontos de instalação de câmeras, na confecção de um mapa para registro contendo épocas e lugares propícios, etc, etc, etc.

Digo tudo isso baseado numa longa vivência como espectador atento e “alfabetizado” de documentários de vida selvagem, na minha própria

experiência como profissional do audiovisual e, sobretudo, na minha experiência com a pesquisa de campo e produção do documentário que realizei sobre os *Amazona vinacea*.

AS EXIGÊNCIAS DOS DISPOSITIVOS TÉCNICOS

Colocar a câmera em nível, fazer o *white balance*, encontrar a melhor íris para obter uma imagem com qualidade, ajustar o nível do som, localizar o objeto, enquadrá-lo adequadamente, etc, são tarefas que demandam tempo, às vezes demasiado tempo, em vista da fugacidade da cena a ser registrada. Entretanto, é imprescindível fazê-lo sob pena de perder o registro.

Nesse sentido, podemos dizer que o dispositivo técnico “exige” veementemente uma atenção especial para ele, atenção que toma tempo, que requer concentração e que faz com que nosso olhar volte-se para ele antes que possamos olhar para o lugar e o objeto cuja imagem queremos registrar através dele. Essa preocupação (pré-ocupação) com o dispositivo técnico interfere de diversas maneiras na nossa relação direta com o fenômeno que queremos registrar.

Quando dizemos para nós mesmos que nesse momento algo relevante está acontecendo e que é preciso registrar isso imediatamente através da câmera, estamos, na verdade, orientando nossa percepção exclusivamente na direção de um único fenômeno, excluindo todos os outros que podem ou poderiam estar ocorrendo simultaneamente no tempo e no espaço.

A percepção de que “algo está acontecendo” é, na verdade, a própria medida da relevância do acontecimento. Pôr em relevo significa destacar. Destacar significa focar mentalmente alguma coisa com prioridade em relação ao conjunto de todos os outros acontecimentos. Trata-se, antes de tudo, de um processo de natureza mental. Um fragmento de realidade (se é que isso existe por si mesmo) não se destaca diante de nós, mas, ao contrário, somos nós que recortamos uma determinada área do espaço/tempo porque a julgamos, por uma razão ou por outra, especial.

Todo registro de imagens através de dispositivos técnicos é, antes de tudo, uma decomposição inicial mental da realidade, realidade esta que sempre é, em essência, um todo indivisível.

Além desse recorte mental inicial, somos obrigados a proceder a um segundo recorte que é aquele intrínseco ao dispositivo técnico. Para fazê-lo, como assinali no início, temos que dedicar uma atenção e um tempo à calibragem do aparelho que, por sua vez, deverá resultar (pelas suas próprias características técnicas intrínsecas) num recorte de segundo nível que se traduzirá no formato da imagem; na cor mais ou menos próxima da realidade que os nossos olhos percebem; na nitidez do som; na simulação no movimento real, etc.

Portanto, todo documentarista precisa levar em conta (e sempre o faz, bem ou mal, mesmo que não o perceba de modo consciente) aquilo que mentalmente ele tem por objetivo documentar e aquilo que a câmera efetivamente poderá registrar segundo as limitações de todas as suas especificações técnicas. Se fizer isso conscientemente, a probabilidade de obter imagens significativas aumenta consideravelmente.

É necessário, antes de tudo, haver uma idéia *a priori* daquilo que precisa ser destacado, ou seja, uma idéia subjacente que orienta a própria percepção do fenômeno e que a torna consciente. Isto se constitui, portanto, no que poderíamos designar como um “registro primário” que se imprime no sujeito antes que ele decida registrar através da câmera aquilo que acontece (registro secundário).

Seguindo essa linha de raciocínio, tudo nos leva a crer que deve haver uma relação direta entre o acontecimento destacado mentalmente (focado) e o enquadramento que dele podemos fazer (focando-o) com a câmera. Enquadramos mentalmente um fenômeno e o enquadramos posteriormente no visor do aparelho de registro. Uma espécie de congruência de dois enquadramentos. Uma coisa remeteria naturalmente à outra.

Na verdade não é isso o que, de fato, acontece. O enquadramento mental que estimula, orienta e destaca determinadas percepções tem contornos muito difusos. Nossa imersão no meio ambiente se faz através do conjunto de todas as sensações, emoções, intuições e percepções que a totalidade do nosso campo cognitivo ininterruptamente alimentam e retroalimentam. Separar o joio do trigo é uma tarefa artificial. Artificial no sentido exato do termo: um artifício. Um ofício da arte.

Em contrapartida, o enquadramento da câmera tem contornos muito precisos. Nele, o destaque é total. Enfocamos um fenômeno, que ocorre naturalmente numa área espacial com contornos absolutamente indefinidos, dentro de uma área retangular com contornos absolutamente definidos. Trata-se de uma imposição *a priori* do dispositivo técnico e não um desejo original de quem os utiliza. Quem registra, se pudesse, registraria tudo o que pensa e vê guiado por esse pensamento, mas tem que se conformar com as imposições rígidas do aparelho que tem nas mãos. Vilém Flusser defende que “o fotógrafo crê que está escolhendo livremente. Na realidade, porém, o fotógrafo somente pode fotografar o fotografável, isto é, o que está inscrito no aparelho.” (Flusser, 1985, p.37)

Sabemos também que a intenção básica que historicamente orientou a concepção e a construção da câmera cinematográfica foi a de reproduzir a realidade registrada com a máxima verossimilhança possível. Como já discuti no capítulo anterior, nossos antepassados não construíram equipamentos para deformar a realidade visível, mas, ao contrário, para recompô-la num outro suporte com a máxima fidelidade possível aquilo que a visão natural consegue captar. Esta constatação parece tão óbvia que nos leva a crer que é desnecessária. Entretanto, penso que é preciso mantê-la sempre viva em nossa consciência de modo a não esquecermos de que a concepção e construção de aparelhos de registro de imagens esteve desde o início, e ainda está, sob o paradigma da objetividade.

É este paradigma subjacente que nos leva a supor que é possível produzir um documento audiovisual objetivo sobre uma determinada realidade. É tamanha a possibilidade de recriar, compor e recompor outras realidades para além daquela registrada em fragmentos através dos aparelhos técnicos e suas limitações intrínsecas que, como já vimos, a produção ficcional prevaleceu sobre o impulso inicial de utilizar o cinema como meio de medição precisa dos fenômenos visíveis.

Sabemos também que o êxito dessa empreitada que consiste em produzir documentos audiovisuais fiéis e objetivos é sempre parcial. Um êxito total e definitivo significaria, enfim, abandonar o dispositivo técnico em favor da percepção direta, isto é, desconstruir a máquina e restituir o real tal como ele se dá para cada um de nós.

A vantagem (se é que isso realmente pode ser, no final das contas, considerado uma vantagem) da imagem capturada por um dispositivo técnico é que ela pode ser assistida posteriormente por qualquer outro indivíduo e todos os indivíduos que o fizerem verão sempre a mesma imagem. Mas, atenção: ver a mesma imagem não significa conhecer a realidade de onde ela foi retirada.

É somente nesse sentido que podemos falar de uma objetividade da imagem obtida por uma câmera cinematográfica ou videográfica. Longe do tempo e do espaço onde originariamente foi obtida, a imagem desvencilha-se de tudo aquilo que poderia ser considerado como um excesso de informação. Foca-se no que é essencial. Elimina-se o excesso. Esta subtração de determinados elementos da realidade é congruente com o espírito laboratorista da cultura científica que discuti no primeiro capítulo.

A imagem registrada por dispositivos técnicos torna-se então matéria prima, como já vimos anteriormente. Uma base empírica de segundo grau suscetível de ser doravante pesquisada como se fora um representante legal da realidade original.

A máquina de registro de imagens é algo que se interpõe entre o sujeito e a realidade. Foi concebida para isso mesmo: para mediar. Colocar-se entre dois universos produzindo um terceiro. Um terceiro pretendido às vezes como sendo mais objetivo, menos impregnado por subjetividades, submisso à objetividade pré-formatada do dispositivo.

A questão que quero discutir é que, apesar de todas as limitações impostas seja pelo manejo do equipamento de registro, seja pelas configurações técnicas da imagem registrada, que são ambos elementos que parecem afunilar necessariamente para a construção de uma objetividade rigorosamente imposta, o que prevalece é mesmo a subjetividade. Como adverte Flusser, “O que vemos ao contemplar imagens técnicas não é o ‘mundo’, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da autonomia da impressão do mundo sobre a superfície da imagem” (Flusser, 1985, p. 20)

Consideremos, tomando como base minha experiência pessoal em relação ao documentário sobre os papagaios, por exemplo, o seguinte: inúmeras vezes eu tive a oportunidade de ver com meus próprios olhos os papagaios em pleno vôo. Alguns solitários, outros em pares e outros em bando. Entretanto, o número de vezes foi muito menor quando tentei vê-los através do binóculo. É evidente que isto acontece porque o uso de uma ferramenta de expansão dos sentidos (nesse caso o binóculo) exige procedimentos de intermediação tais como a localização do objeto a ser visualizado (que não é nada fácil, sobretudo quando o objeto encontra-se em movimento); o ajuste do foco; o ajuste da distância pupilar, o acompanhamento do movimento, etc. É preciso considerar também que existe sempre uma fração de tempo, por menor que seja, entre “ver o objeto” e “ver o objeto através do binóculo”.

Quando tentei localizar e registrar os papagaios através da câmera de vídeo (que já não é mais uma ferramenta como o binóculo, mas uma máquina complexa), o número de vezes em que obtive êxito foi menor ainda.

Isso se deve principalmente a dois aspectos: primeiro, àquilo que assinala logo no início, ou seja, o tempo destinado aos ajustes da câmera que implica em “ver com os próprios olhos” e, em seguida, “ver através da câmera” obedecendo às suas necessidades técnicas para a obtenção de um “bom” registro. Segundo, ao que discuti na seqüência da argumentação, isto é, à consciência da idéia que está subjacente ao interesse de destacar esse ou aquele fenômeno como sendo realmente relevante para ser registrado. Idéia esta que também serve para avaliar simultaneamente a real possibilidade de fazê-lo com um mínimo de qualidade técnica e estética.

Essa idéia básica orientadora é o principal instrumento para a tomada de decisão da pertinência ou não da realização do registro.

Ver alguma coisa e depois decidir registrá-la (mesmo que esse intervalo de tempo entre um ato e outro seja um milésimo de segundo) depende, portanto, não apenas de poder realizar os ajustes técnicos, mas também e principalmente da convicção (uma espécie de ajuste mental) de que a câmera, dentro de suas limitações técnicas intrínsecas, poderá efetivamente “ver” aquilo que é preciso ser visto para que a idéia que legitima a relevância do fenômeno possa estar contida de algum modo na imagem registrada.

Para exemplificar o que estou tentando argumentar, tomemos uma experiência que tive, entre dezenas de outras semelhantes, de tentar registrar imagens dos papagaios. Lembro-me nitidamente de estar numa manhã de outono sentado na encosta de uma colina voltada para o norte à espera de poder registrar os papagaios alimentando-se dos pinhões em alguma das araucárias que estavam à minha frente no fundo do vale e cujas copas ficavam quase que no mesmo nível da câmera. Eu havia escolhido este local exatamente por isto (o objeto estar no mesmo nível da câmera) e também porque as copas dessas araucárias, além de estarem razoavelmente próximas, eram magnificamente iluminadas pelo sol da manhã à minha direita que banhava todo o vale. Qualquer papagaio que

eventualmente pousasse na ponta de uma dessas araucárias seria magnificamente iluminado pelo sol matinal cuja luz é especialmente propícia a destacar as cores e relevos. Estas são razões técnicas, estéticas e de conteúdo para estimularem a realização do registro.

A câmera estava instalada sobre o tripé devidamente nivelado, o *white balance* já feito, eu já havia ajustado o foco numa determinada copa de araucária carregada de pinhas onde os papagaios, suponha eu, pousariam com um pouco de sorte (eu já os havia visto pousar nessas copas em outras oportunidades quando estava sem a câmera). A íris da objetiva já estava ajustada para aquela luminosidade, o microfone também ajustado para o nível de som esperado. Tudo pronto, à espera de que um fenômeno ocorresse diante da câmera e que eu pudesse registrá-lo através dela adequadamente.

Quero salientar que a idéia subjacente que me conduziu àquele local; que estimulou a realização dos procedimentos técnicos; que nutriu minha expectativa e, portanto, minha capacidade de espera, era a de que valia a pena obter uma imagem dos papagaios alimentando-se de pinhões. Em outras palavras: papagaios alimentando-se de pinhões seria algo relevante para o futuro documentário e deveria ser registrado através de imagens e sons. Eu estava simplesmente querendo mostrar para o futuro espectador que os *Amazona vinacea* comem pinhões.

Pois bem, esperei por um longo tempo e nada aconteceu. Aliás, isso não é uma exceção, mas foi sempre a regra absoluta em minha tentativa de registrar os papagaios.

Mas o fato importante que quero utilizar como exemplo para corroborar o que venho argumentando é que num determinado momento eu percebi a aproximação de dois ou mais papagaios (soube a princípio pelos sons que eles produziram) vindos de sudoeste, isto é, mais ou menos atrás de mim à esquerda. Virei-me e os vi. Estavam relativamente longe e pareciam estar seguindo em direção ao leste fazendo uma curva suave no

céu. Tive, então, um impulso (um pouco insano, diga-se de passagem, em se tratando de um profissional com uma certa experiência como eu) de tentar registrá-los em vôo. Saquei o mais rapidamente possível a câmera da base do tripé, abri ao máximo o *zoom* da objetiva (porque sabia da enorme dificuldade em localizar pequenos pontos em movimento através do visor da câmera), fiquei em pé, acionei imediatamente o mecanismo de gravação mesmo sem ter localizado ainda os papagaios (porque sabia que há um pequeno intervalo de tempo entre disparar a câmera e o início efetivo do registro) e tentei localizá-los através do visor da câmera. Não consegui, como era de se supor. Tudo foi muito rápido e, além disso, eles desviaram a rota quando perceberam minha movimentação relativamente brusca.

Eu ri de mim mesmo e da inocência contida nesse gesto impulsivo. Sentei-me outra vez, recoloquei a câmera sobre o tripé, ajustei tudo outra vez para a eventual aparição dos papagaios nas copas das araucárias em frente e, depois de tudo pronto, pus-me a refletir.

Percebi nitidamente como fui conduzido nesse meu impulso injustificado por uma pressão cultural inconsciente. Na falta de uma imagem que eu desejava obter, porque ela seria de fato significativa, isto é, mostraria que os papagaios comem pinhões (eu já havia testemunhado isso várias vezes sem estar de posse da câmera), eu impulsivamente decidi obter alguma imagem, qualquer que fosse, simplesmente movido pelo desejo de ter em mãos alguma imagem.

Isto me parece bastante revelador. O que estava por trás dessa minha atitude, de forma inconsciente, era a idéia de que qualquer imagem vale a pena, porque contém alguma objetividade intrínseca e também porque todas elas são, enfim, matéria-prima de uma elaboração posterior durante a montagem do documentário. Mais vale uma imagem qualquer registrada do que uma outra pretendida cujo registro nunca acontece. Mais vale uma imagem na mão do que duas na pretensão. Todas as imagens servirão,

enfim, para montar um discurso objetivo sobre a realidade porque, em último, caso a narração *off* dará conta de produzir essa objetividade.

Todo o conhecimento que eu julgava ter acumulado sobre o comportamento dos papagaios-de-peito-roxo precisavam ser, na medida do possível, transformados em imagens e sons que pudessem corroborar esse conhecimento. Se eu conseguisse obter essas imagens poderia construir um documentário relativamente congruente com minhas idéias e imagens retidas na memória e no caderno de anotações de campo. Se, por outro lado, eu não conseguisse, qualquer imagem dos papagaios poderia, então servir. Afinal, é a narração verbal que faz a ligação lógica e conceitual entre elas.

Eu poderia usar uma imagem de papagaios voando e sobrepor uma locução *off* dizendo que eles comem pinhões. Somente eu iria sentir isso como uma espécie de trapaça. Não é o espectador que deseja ver os papagaios comendo pinhões. Ele está sentado em frente à tela e não espera nada a não ser a fruição de um belo documentário. Para ele não falta nada, tudo o que está ali é o que ele tem para ver e ouvir. Se o narrador diz que os papagaios comem pinhões enquanto o espectador os vê voando, ele (o espectador) não pode fazer nada a não ser aceitar, mesmo porque ele está realmente vendo aqueles papagaios na tela aos quais o narrador está aludindo e não outro animal qualquer. Isto, por si só, já é altamente convincente para um espectador que nunca esteve naquele lugar, nunca viu nem ouviu os papagaios pessoalmente. Tudo o que for dito será aceito por ele, mesmo porque ele tende pressupor que as informações são objetivas porque aparentemente imagem e texto reforçam-se mutuamente.

Portanto, mesmo que a ligação entre o que é dito e o que é visto na tela seja extremamente frágil, o espectador tende a não se incomodar. Ele tende a aceitar passivamente. Afinal, em seu subconsciente está a convicção de que as imagens são verdades no sentido aristotélico, isto é, correspondem perfeitamente à realidade. Além disso, o narrador em *off*

representa, sem que o espectador se dê conta conscientemente disso, a voz que transporta a verdade, que explica racionalmente aquilo que o espectador “deve ver”. Nossa tradição racionalista aprecia de tal modo a “explicação” que, mesmo que uma imagem não corresponda ao que o texto diz, o conjunto imagem/texto passa a ser incorporado como uma verdade pelo telespectador.

Somente eu, o documentarista, poderia lamentar a ausência no documentário de tudo aquilo que vi e ouvi durante o longo tempo em que permaneci observando os papagaios antes de tentar registrá-los através da câmera. Somente eu poderia julgar a incompletude do documentário, isto é, a ausência das imagens imaginadas por mim, mas que por uma razão ou por outra não consegui obter. Aliás, diga-se de passagem, foi esse conjunto de vivências diretas da realidade, vivências incorporadas em meu ser, que estimulou as idéias norteadoras da construção do documentário que eu pretendia realizar e, de fato, realizei.

O abismo entre todo o meu conhecimento pessoal e aquilo que efetivamente foi possível converter em imagens e sons é o tema do próximo capítulo e é a essência da contribuição que quero dar acerca da compreensão dos limites e possibilidades do audiovisual como documento fiel de representação da realidade.

Quero fazê-lo exclusivamente do ponto de vista da minha experiência singular e não a partir de um corpo teórico já formulado anteriormente por outros pensadores. Penso que a análise dessa experiência singular pode trazer à luz elementos fundamentais para uma posterior universalização dos conceitos e pode dar uma contribuição efetiva a todos que se interessam por documentários de vida selvagem, tanto na qualidade de realizadores quanto na de críticos ou teóricos.

CAPÍTULO III

O DOCUMENTÁRIO SOBRE O PAPAGAIO

PRIMEIROS PASSOS

Meu projeto de pesquisa consistia em conhecer o comportamento do papagaio-de-peito-roxo na região do Parque Estadual de Campos do Jordão e produzir um documentário em vídeo sobre esse papagaio. Como eu não sabia quase nada sobre os *Amazona vinacea*, exceto aquilo que havia pesquisado nos livros de ornitologia, meu desafio seria, portanto, obter mais conhecimento através da observação direta em campo. Supus que vivenciar todas as etapas dessa empreitada e analisá-las, seria uma contribuição a todos aqueles que se interessam pela temática do documentário em geral e do documentário de vida selvagem em particular.

Não quero me colocar na perspectiva de um teórico ou de um crítico do documentário (porque efetivamente não sou), mas no ponto de vista de um realizador de documentários que pretende trazer, se possível, novos elementos de discussão e análise para os críticos e teóricos e também para outros documentaristas. Vou apresentar e discutir os bastidores da realização do documentário que realizei, ou seja, aquilo que efetivamente aconteceu em todo o processo de sua produção, desde a razão pela qual o documentário foi realizado, a captação de imagens e sons, até a edição final. Quero analisar todas essas etapas levando em conta principalmente os aspectos que dizem respeito à possível verdade e objetividade do documentário em relação à realidade que ele representou. Penso que este desejo de obtenção de objetividade e verdade está impregnado em todos nós da cultura ocidental como tentei argumentar no primeiro capítulo. Trata-se de uma “matriz do pensamento” da qual é muito difícil nos livrarmos porque interfere em nossas análises da realidade mesmo que não tenhamos plena consciência disso (ver capítulo I).

Quando fui pela primeira vez ao Parque Estadual de Campos do Jordão para me apresentar, solicitei à diretoria local que reunisse todos os guardas florestais para que eu pudesse fazer uma exposição do meu projeto. Isto tinha

dois objetivos principais: primeiro que eles todos me conhecessem garantindo assim que minha presença no Parque doravante se tornasse imediatamente familiar e compreensível (eu previa que seria visto inúmeras vezes transitando pelas trilhas no interior das florestas e não queria que pudessem me tomar por um estranho); segundo, e isso era o mais importante, eu pretendia contar com a colaboração de todos para obter informações sobre os papagaios pois, como já mencionei acima, naquela época eu ainda não sabia quase nada.

Estava muito claro que era preciso estabelecer uma estratégia de ação bem definida antes de começar qualquer tentativa de registro em vídeo dos papagaios para poder chegar a obter algum êxito nessa empreitada. Tornar-me conhecido pelo pessoal do Parque e informar a todos o que eu estaria fazendo ali nos próximos três anos era apenas um pequeno passo inicial, mas essencial.

O desafio que eu teria que enfrentar a partir daquele momento era o de saber os locais onde seria possível encontrar os papagaios para fazer as observações que pudessem me auxiliar no planejamento do registro audiovisual.

Embora eu nunca tivesse antes realizado documentários sobre vida selvagem, ficou claro para mim, desde o início, que não seria sensato transportar uma pesada câmera de vídeo profissional, tripé e acessórios e, ao mesmo tempo, avaliar a exeqüibilidade dos possíveis registros. Sem conhecer nada antecipadamente sobre o comportamento dos papagaios naquela região, isto é, se havia regularidades ou não em seus hábitos, seria improdutivo carregar equipamentos volumosos e pesados. Eu teria que percorrer o interior das florestas com todos os seus obstáculos naturais, subir e descer colinas naquela região montanhosa, atravessar riachos, caminhar em áreas encharcadas, escalar encostas íngremes, etc. Se eu tentasse fazer isso transportando os equipamentos, o meu tempo de deslocamento seria muito lento e, além disso, minha concentração na percepção dos indícios da presença ou não dos papagaios, muito prejudicada. Seria, portanto,

completamente diferente se eu estivesse movimentando-se livremente sem nada nas mãos.

Eu precisava, portanto, inicialmente ter clareza e segurança quanto aos locais e horários onde a probabilidade de obter registro dos papagaios fosse suficientemente alta para justificar o transporte de uma câmera, um tripé, fitas e baterias. Além disso, seria necessário determinar quais os acessos mais fáceis e diretos para alcançar esses lugares. Muitas vezes fazemos um percurso tortuoso dentro de uma floresta para somente depois compreender que poderíamos ter usado um outro trajeto, muito mais fácil, para chegar ao mesmo ponto.

Nesse início dos trabalhos eu ainda não tinha nenhuma idéia do que eu poderia vir a ver e nem sequer tinha imaginado que tipo de documentário eu poderia vir a produzir. Seria preciso, antes de tudo, me nutrir de algumas vivências mínimas junto ao ambiente dos papagaios para que minha imaginação e criatividade pudessem ser estimuladas. Refiro-me à criatividade porque, como discuti no segundo capítulo, a produção de um documentário é, em última análise, a construção de uma nova realidade tendo como base de sustentação mínima uma realidade original e isso envolve evidentemente algum grau de criatividade.

Assumi, portanto, desde o início essa atitude de tentar de modo consciente não pré-conceber nada que não emergisse da própria experiência vivida. Eu iria me relacionar com uma realidade ainda desconhecida (o comportamento dos papagaios) e permitir que essa realidade se impregnasse em mim antes de tomar quaisquer decisões, principalmente de caráter técnico.

Creio também que é muito importante deixar bem claro que eu já tinha experiência e muita intimidade com as florestas. Isto porque durante muitos anos dediquei-me por interesse pessoal ao estudo de orquídeas brasileiras. Foram incontáveis as vezes em que pernoitei e caminhei pelo interior de florestas, sobretudo na mata atlântica e nas matas de altitude como aquela de Campos do Jordão. Todo aquele ambiente me era, portanto, bastante familiar e ali eu podia mover-me com muita facilidade e segurança. A própria experiência

com a localização visual e olfativa de orquídeas (e também meu interesse desde a infância pela natureza em geral) havia contribuído muito para que eu desenvolvesse uma relativa capacidade de visão seletiva dentro de um ambiente riquíssimo em informações como no interior dessas matas. Não se tratava, portanto, de um indivíduo que viesse de uma vida absolutamente urbana para, de repente, se deparar com um mundo estranho e hostil para o qual não tivesse tido nenhum preparo anterior. Pelo contrário, todo aquele cenário me era, de certo modo, mais familiar e amigável do que os grandes centros urbanos como São Paulo onde nasci e fui criado.

Entretanto, eu estava agora especificamente interessado e com a atenção focada nos *Amazona vinacea*, sobretudo pelo fato de eles estarem em risco de extinção, o que me movia pessoalmente e profundamente a tentar, de algum modo, colaborar para impedir que isso acontecesse através do documentário. Nesta perspectiva, qualquer imagem que eu obtivesse dos papagaios poderia agregar alguma informação significativa ao documentário? A imagem de um papagaio voando contra o fundo azul do céu seria, por exemplo, relevante? Seriam os todos os comportamentos do papagaio acessíveis para o registro através da câmera? Essas questões deveriam ser respondidas à medida que eu avançasse na pesquisa.

A determinação de locais estratégicos para registro de imagens, levando em consideração tudo aquilo que já discuti a respeito da qualidade técnica e estética das imagens, era fundamental para que eu pudesse ter algum êxito nas gravações.

Se eu estivesse ali com outra intenção como, por exemplo, realizar uma reportagem para exibição em algum programa jornalístico de televisão, ou um programa de variedades, é claro que qualquer imagem do papagaio seria muito valiosa, uma vez que nesse tipo de programas a banalidade das informações é condição necessária e suficiente. Uma narração em *off* seria introduzida e as imagens, quaisquer que fossem, acabariam servindo como uma espécie de divertimento visual.

Eu já havia alertado para esse tipo de tratamento de imagens, seguidamente praticado em muitos tipos de produtos audiovisuais, em minha dissertação de mestrado (Daniel, 1995) quando analisei aquilo que chamei de imagens genéricas, sem nenhum valor intrínseco maior, que funcionam somente como um atrator para que o espectador fique olhando para a tela enquanto ouve alguém falando em *off*. Programas ou segmentos de programas desse tipo eu os defini como “programas de rádio com direito a distrair a visão”.

Entretanto, produzir um documentário que pudesse revelar alguma coisa mais significativa em relação à vida dos papagaios e ao ambiente em que eles habitam, requer imagens também mais significativas em si mesmas e mais consistência dos conhecimentos e das informações que eventualmente fossem ser sobrepostos a elas. Por isso, ter um conhecimento mínimo sobre geografia da região onde eles habitam e sobre seus comportamentos e hábitos cotidianos mais freqüentes passou a ser meu foco principal de interesse. Decidi, realizar isso transportando apenas um binóculo e um pequeno caderno de anotações. Desse modo, eu estaria leve e livre para começar a equacionar os problemas.

O primeiro passo, como já mencionei acima, foi conversar com os funcionários do Parque Estadual e obter algumas pistas iniciais. Essas conversas, sobretudo com alguns guardas florestais, foram muito valiosas e aconteceram durante todo o transcorrer da pesquisa.

Em síntese, minha pretensão era produzir um documentário que fosse o mais rico possível em termos de qualidade técnica, estética, e de conteúdo realmente significativo sobre a vida dos papagaios-de-peito-roxo que habitam a área do Parque Estadual de Campos do Jordão. Para isso, eu precisava conhecer a vida desses papagaios antes de começar os registros. Isto me permitiria formular antecipadamente, eu suponha, uma espécie de lista das cenas significativas que deveriam ser registradas através da câmera.

Foi seguindo essa linha de raciocínio que decidi mergulhar no mundo dos papagaios “de corpo e alma” até que algum conhecimento se consolidasse em

mim (condição necessária para conceber a formatação e o conteúdo do documentário) antes de fazer qualquer tentativa de registro audiovisual.

Eu percebi desde o início de minha pesquisa que o conhecimento sobre o comportamento de um determinado animal selvagem em seu habitat (que deverá nutrir a narrativa do audiovisual) deve estar, antes de tudo, “inscrito” na pessoa do pesquisador, mesmo que esteja também “escrito” anteriormente na forma de um texto, livro ou outro documento qualquer. Sem a presença daquele que conhece uma realidade, sem o aporte de sua experiência vivida, de suas imagens mentais e idéias, pouco se pode fazer para construir um discurso documental minimamente confiável, isto é, portador de alguma verdade. Nesse sentido, ser fiel à realidade significa tomar as idéias e imagens acumuladas acerca dessa realidade como verdadeiras.

Entendo que “fidelidade”, portanto, é um vínculo forte entre as idéias de um sujeito que tenha um saber encarnado, isto é, inscrito no próprio corpo e mente (saber oriundo de uma experiência efetivamente vivida) e um discurso que pretenda re-apresentar essa realidade para alguém.

Entendo por “verdade” aquilo que um indivíduo pode confessar a si mesmo intimamente que sabe, isto é, que viu, ouviu, sentiu, pensou, imaginou, etc, enfim, que “encarnou” e que passou, portanto, a fazer parte do seu próprio ser. Isto é muito diferente daquilo para o qual este mesmo indivíduo resolve dar crédito (acreditar). Embora o ato de dar crédito se constitua também num saber, este saber não pertence originalmente ao indivíduo porque se baseia numa verdade oriunda de um outro (livro, documento, depoimento, etc) e não dele mesmo.

A verdade, a meu ver, tem origem, antes de tudo, nessa **confissão íntima**, nessa sutil separação entre o joio e o trigo. A verdade intimamente confessada pode eventualmente vir a ser compartilhada com outros sujeitos que, nesse caso, terão que dar crédito ou então tentar experienciar direta e exatamente a mesma verdade o que é, quase sempre, impossível.

O que podemos entender como objetividade reside justamente nesse delicado acordo entre cavalheiros que por alguma razão, seja qual for, confiam

uns nos outros. Confiam, em última análise, que a verdade enunciada pelo outro foi, antes da enunciação, intimamente confessada honestamente por ele para ele mesmo. Sendo assim, confiam, mesmo sem o perceber, na subjetividade.

Os documentos escritos por alguém só podem ser considerados objetivos e portadores de verdades se houver uma atitude de confiança do leitor. É por essa razão que a comunidade científica cria constantemente instrumentos para padronizar e regulamentar a confiabilidade dos textos produzidos (o currículo do autor, a instituição à qual ele pertence, a tradição do editor, a adequação da linguagem técnica, etc, etc, etc.). É uma espécie de “*appellation d’origine contrôlée*” que nos induz a acreditar (dar crédito) que um determinado vinho é efetivamente aquele que julgamos estar bebendo. Os textos, por si sós, não garantem nada, por isso é preciso que sejam certificados.

No caso específico dos papagaios, no início de minha pesquisa de campo, eu não possuía ainda nenhum saber que pudesse confessar para mim mesmo como sendo verdadeiro. Nessa etapa o que eu podia fazer era dar crédito a tudo aquilo que havia lido anteriormente nos documentos sobre os papagaios e acrescentar a isso o saber que eu viesse a produzir por mim mesmo. Cabia a mim, portanto, adquirir um conhecimento que me desse segurança pelo fato de estar verdadeiramente encarnado na minha pessoa e, para isso, eu teria que penetrar e me deixar impregnar por aquele universo ainda desconhecido.

Faço questão de enfatizar isto porque é um aspecto que me parece fundamental. Na verdade é o eixo central de toda a minha argumentação nessa dissertação. É um tema sempre recorrente porque, acima de tudo, revelou-se de forma clara para mim em toda a minha experiência vivida como ser humano e como documentarista em particular.

No caso do documentário sobre os papagaios, a reflexão sobre a verdade dos fatos e sobre suportes em que esta verdade pode, bem ou mal, vir a ser memorizada, se impôs sobre todas as outras questões e protagonizou todo o meu trabalho de pesquisa e registro.

Minha situação pessoal no contexto da realização do audiovisual sobre os *Amazona vinacea* era, portanto, completamente diferente daquela em que um documentarista presta um serviço para alguém que já conhece a realidade destinada a ser registrada. Na pesquisa de campo seria eu mesmo quem teria que produzir o conhecimento básico sobre a realidade dos papagaios, assumindo temporariamente o papel de um pesquisador de comportamento animal (que não é meu campo de trabalho específico) e, em seguida, convocar-me a mim mesmo para documentar essa realidade através de uma câmera de vídeo.

Entretanto, ao fazer isso, isto é, tentar produzir intencionalmente dois trabalhos de ordem bastante distinta e estabelecer uma ponte de ligação entre eles, tornou-se absolutamente inevitável colocar-me inúmeras questões que tiveram origem na reflexão sobre o que significa obter um conhecimento pretendido como verdadeiro e comunicar a alguém esse conhecimento através de um meio audiovisual, de tal modo que essa verdade pudesse ser, de algum modo, conservada e transferida para o documento final (nesse caso o documentário em vídeo).

Isto se constituiu num terceiro papel que me induziu forçosamente a refletir e analisar em que consiste fazer o vínculo entre os outros dois papéis. O resultado dessa reflexão é tudo isto que estou escrevendo agora. É a própria dissertação, sua forma, conteúdo e estrutura, desde sua introdução, os capítulos anteriores e este atual.

Meu trabalho teórico e prático se realizou através daquelas três atividades distintas, porém complementares:

1. Pesquisa direta sobre os papagaios e a região onde habitam.
2. Captação de imagens, roteirização e edição do documentário.
3. Reflexão sobre a “ponte de ligação” entre os trabalhos 1 e 2.

A reflexão sobre os limites e possibilidades da documentação audiovisual, tanto aqueles limites de ordem material e técnica, como aqueles de ordem

intelectual, tornou-se constantemente presente durante todo o processo de pesquisa, sobretudo no que diz respeito ao vínculo entre aquilo que aprendi na minha longa imersão pessoal na região dos papagaios e aquilo que escrevi a esse respeito e também ao que, posteriormente, baseado nessas duas formas de memorização anteriores, me propus a registrar em vídeo.

UMA ESTRATÉGIA

Como já disse, eu não sabia quase nada sobre os papagaios antes de iniciar a pesquisa, a não ser as leituras da documentação escrita disponível em livros de ornitologia, em artigos e em outros textos. Em relação a essas leituras minha atitude tinha que ser necessariamente passiva, isto é, a de dar crédito. Entretanto, há muito pouca informação a respeito dos *Amazona vinacea*. Em geral são textos curtos e genéricos inseridos em livros que tratam de aves em geral ou então em livros sobre os psitacídeos (a família dos periquitos, araras e papagaios, como os conhecemos popularmente). Esses textos resumem-se a dar uma descrição das características físicas do papagaio-de-peito-roxo, sua distribuição geográfica e alguns dados sobre época de procriação. Essas leituras não puderam esclarecer muita coisa, exceto esses aspectos genéricos que, embora sejam muito importantes para fazer um primeiro reconhecimento do papagaio e delimitar o campo da realidade a ser estudada, não são suficientes para facilitar o reconhecimento de singularidades em tempos e espaços que escapam à competência da linguagem escrita que, pela sua própria natureza, congela os fatos que na realidade estão constantemente em transformação.

Na região do Parque Estadual de Campos do Jordão os *Amazona vinacea* vivem a maior parte do tempo no interior das florestas ou então sobrevoando-as (isto eu já havia percebido em meu primeiro, único e rápido contato com eles no ano de 1995). Nunca os vi, durante os quatro anos em que fui a campo, pousados, por exemplo, em algum pequeno arbusto no meio de um campo de altitude. Quando sobrevoam um campo é somente para fazer uma travessia de uma mancha florestal para outra.

Este é um cenário bastante diferente daqueles onde há total transparência e visibilidade em relação ao animal a ser registrado como discuti anteriormente. Podemos compreender que, diante desse fato, grande parte da

vida dos papagaios pode eventualmente permanecer inacessível às lentes da câmera.

Decidi, portanto, empreender como tarefa inicial e essencial, conhecer os lugares de maior incidência dos papagaios e, uma vez determinados esses locais, escolher dentre eles os melhores, no sentido em que favorecessem bons posicionamentos de câmera que, por sua vez, permitissem capturar imagens e sons com qualidade técnica e estética aceitáveis, isto é, imagens que o futuro espectador pudesse ver e ouvir com clareza, sem ruídos e/ou interferências de qualquer ordem que pudessem prejudicar a fruição do documentário.

Para poder decidir sobre o posicionamento ideal de uma câmera quando se trata de realizar registros ao ar livre (fora do laboratório) deve-se levar em conta, a meu ver, três critérios básicos:

1. proximidade máxima possível da câmera em relação ao objeto a ser registrado.
2. intensidade da iluminação do local nas diferentes horas do dia e em diferentes situações climáticas.
3. nivelamento entre a câmera e o objeto.

Qualquer cinegrafista amador poderia ser perdoado pela ingenuidade de apontar a câmera para objetos cujo registro é, de antemão, prejudicado pela falta das condições básicas acima mencionadas. Por outro lado, numa perspectiva mais madura e consciente, temos que considerar que, se quisermos realizar um produto final que tenha um real valor como documento, a qualidade técnica, estética e de conteúdo das imagens precisa ser levada a sério, objetivando principalmente a obtenção de registros, na medida do possível, nítidos, fiéis e facilmente identificáveis pelo espectador.

A proximidade da câmera em relação ao objeto é uma condição de ordem técnica que determina, como sabemos, a possibilidade de preenchermos ou não a tela com o assunto a ser registrado. O assunto não significa apenas um

indivíduo, um papagaio, mas também um fenômeno que pode envolver a interação entre vários indivíduos, ou então um aspecto do meio ambiente.

É preciso ter em conta que preencher a tela não é apenas uma necessidade estética de visualização (ver com mais proximidade), mas também, sobretudo, uma necessidade técnica, uma vez que as imagens em vídeo digital são compostas por um número finito de pontos (pixéis) e isto significa que quanto mais pontos forem usados para representar um objeto tanto mais ele será nitidamente visualizado. Portanto, é evidente que o grau de proximidade da câmera em relação ao objeto afeta diretamente o grau de conforto de sua visibilidade na tela. Isto vale também, de certo modo, para as imagens analógicas. Embora o sistema de impressão no suporte seja de outra ordem.

A intensidade de luz (penso que seria até desnecessário dizer isso) tem a ver com a possibilidade de obtermos imagens mais definidas e nítidas, porque podemos trabalhar com a íris da objetiva da câmera mais fechada. Isto é essencial para a construção de um bom documento audiovisual do mesmo modo como é preferível ler um texto onde as letras aparecem nítidas e bem destacadas em relação ao fundo do que ler um documento onde as letras estão borradas, semi apagadas e se confundem com o suporte.

Insisto nesses aspectos porque defendo com vigor a idéia de que a qualidade técnica de um documentário, longe de ser um elemento secundário, é essencial para comunicar e sustentar o conteúdo.

Um certo nivelamento da câmera em relação ao objeto é essencial para evitar, sobretudo, os planos *contra-plongée* (de baixo para cima) que inevitavelmente tendem a produzir imagens silhuetadas pelo excesso de luz de fundo. Quando isso acontece torna-se necessário uma abertura excessiva da íris, resultando em pouca profundidade de campo que, por sua vez, compromete o foco que, por sua vez, produz imagens de objetos escurecidos ou mesmo completamente negros com o fundo freqüentemente saturado de luz.

Ao contrário, os planos *plongée* (de cima para baixo), embora muitas vezes exijam um grande desnivelamento da câmera, podem ser tecnicamente muito bons porque o fundo geralmente nesses casos é preenchido por objetos opacos que facilitam o foco e a nitidez no primeiro plano. Seria ideal, por exemplo, no caso dos papagaios obtermos um posicionamento de câmera no alto de uma colina onde algum fenômeno ocorresse abaixo, pois nesse caso o fundo normalmente seria a massa dos vegetais e/ou o chão da floresta, formando um pano de fundo que em geral valoriza e destaca o objeto em primeiro plano.

Outro aspecto a ser considerado é a movimentação do objeto a ser registrado que, no caso de um animal voador como os papagaios, se torna especialmente relevante. Para poder acompanhar esses movimentos através da câmera é necessário que a cabeça do tripé tenha qualidades técnicas especiais.

Minha experiência única e curta com esses pássaros durante o ano de 1995 havia revelado, até onde pude perceber, que na maioria das vezes eles eram visíveis por pequenos períodos de tempo enquanto estavam voando de um lugar a outro ou quando estavam pousados e, em geral, o faziam no topo das araucárias mais altas. Esta situação quase sempre implica num posicionamento de câmera em *contra-plongée* com todas as conseqüências que isso acarreta, como já ressaltei antes.

Obter imagens em pleno vôo dependeria certamente de uma boa posição da câmera e com um horizonte amplo o suficiente para acompanhar por algum tempo o movimento dos papagaios. Entretanto, a obtenção de imagens desse tipo requer que a câmera esteja estabilizada sobre um tripé para que o vôo seja registrado através de um movimento uniforme. Uma câmera cambaleante diminui drasticamente a possibilidade de observação pelo espectador das características do vôo das aves.

Todas essas considerações preliminares conduziram-me a pensar em estratégias para aumentar a probabilidade de obtenção de imagens com boa qualidade técnica, estética e realmente significativas.

Conhecer hábitos pressupõe descobrir “regularidades” de comportamento e se, de fato, essas regularidades existem, elas implicam em previsibilidade. Previsibilidade, por sua vez, indica (como o próprio termo composto designa), “ver antes de ver”. Era exatamente isto que eu desejava fazer: saber previamente onde se posicionar para poder ver aquilo que as regularidades fazem crer que acontecerá num determinado local e num determinado momento. Se isso fosse possível, fazer o documentário seria muito mais confortável.

É interessante salientar que, do ponto de vista epistemológico, a existência dessas possíveis regularidades é inicialmente apenas uma hipótese de trabalho. Nada garante que as regularidades efetivamente devam existir ou existam de fato. O que fazemos é pressupor sua existência como uma espécie de plataforma mínima para iniciar a ação, mas é preciso estar aberto e atento à possibilidade de que tais regularidades possam jamais existir, ou então existirem apenas temporariamente. Diante disso precisamos ter a flexibilidade intelectual para aceitar que nossas hipóteses de trabalho, por serem ainda hipóteses, talvez não correspondam perfeitamente à realidade observada.

Pois bem, confiei inicialmente em minha hipótese de que, com o tempo, eu descobriria repetições e regularidades no comportamento dos papagaios que me permitiriam traçar um mapa descritivo, senão de todos, pelo menos de alguns comportamentos mais recorrentes.

Decidi, como primeiro passo, adquirir um binóculo suficientemente potente (em nome da maior mobilidade pessoal possível) e transportar em minha mochila apenas uma caneta, um caderno de anotações de campo e um GPS para registrar as coordenadas geográficas dos pontos mais interessantes para observação e futuro registro de imagens. Resolvi também que deveria estar presente em campo em diferentes épocas do ano. Isso me daria a conhecer as diferenças notáveis de hábitos dos papagaios em cada estação do ano, se é que havia tais diferenças. Supus que, agindo assim, no final de um ano teria informações suficientes para montar uma espécie de mapa para o posterior registro das imagens.

Entretanto, ao cabo do primeiro ano de pesquisa, examinando o conjunto de minhas anotações e, mais do que isso, minha memória pessoal da experiência vivida, cheguei à conclusão que ainda pouca coisa eu sabia para atrever-me no ano seguinte a sair com a câmera na mão atrás dos papagaios. Fui obrigado a confessar para mim mesmo que eu simplesmente não saberia para onde ir, porque não tinha sido possível ainda sedimentar nenhuma idéia clara sobre o que fazer.

Fui obrigado (contrariando minha própria expectativa inicial) a adiar o início das gravações e a dedicar um ano mais à pesquisa prévia a fim de obter mais informações que conduzissem ao reconhecimento das regularidades que eu buscava encontrar. Além disso, julguei que o fato de repetir um ano de pesquisa de campo traria a vantagem adicional (além do tempo maior de permanência e estabelecimento de uma intimidade mais estreita com a vida dos papagaios) a possibilidade de estabelecer uma comparação das informações obtidas entre os mesmos meses em dois anos seguidos.

Todas as observações que fiz nesses dois primeiros anos (2002 e 2003) estão registradas por escrito no relatório de pesquisa de campo que acompanha essa dissertação como um documento anexado.

Todo o conhecimento que obtive nessa imersão nos campos e florestas ao longo de todo esse tempo está definitivamente inscrito em mim. Não se trata apenas da memória pessoal dos acontecimentos, mas, sobretudo, daquilo que fica impregnado no corpo e na mente mesmo que a memória não possa, às vezes, acionar imediatamente. É aquilo que se constituiu num saber encarnado, que configura a evolução da vida de cada ser humano.

Sobre esse tema valeria a pena avançar muito, mas gostaria apenas de ressaltar que a pesquisa com os papagaios ocupou um grande espaço em minha vida e, como tal, enriqueceu-a e modificou-a. Para além do conhecimento da vida dos papagaios, com os quais, é preciso dizer, estabeleci uma profunda relação afetiva (no sentido amplo desse termo), minha compreensão do que é aquilo que chamamos de “conhecimento objetivo” foi, creio eu, bastante enriquecida.

A prolongada imersão no mundo dos papagaios e a necessidade de comunicar algo sobre eles através do veículo audiovisual acrescentaram muitos elementos novos às minhas reflexões que antes eu nem sequer suspeitava. A vivência forneceu-me conhecimentos que dificilmente uma teoria exógena poderia prover.

Para discutir detalhadamente o que estou pretendendo dizer com tudo isto, apresento a seguir uma reflexão sobre o que resolvi chamar, dentro do quadro de minha pesquisa de campo, de “os três níveis de produção de conhecimentos” onde comparo aquilo que a experiência pessoal (a permanência na floresta e nos campos de altitude à procura dos papagaios) produziu como conhecimento subjetivo e “encarnado”, com aquilo que pude traduzir dessa experiência em linguagem escrita perseguindo uma certa objetividade e, finalmente, aquilo que um registro audiovisual pode efetivamente memorizar como conhecimento objetivo e subjetivo. Após essas análises e reflexões, discutirei os resultados da pesquisa de campo e os registros em vídeo que pude obter.

COMUNICAÇÃO VERBAL

Para efeito de refletir sobre os problemas principais com os quais eu me defrontei quando pretendi utilizar o registro em vídeo como instrumento de investigação fiel da realidade, gostaria de relatar um fato (uma das experiências vividas) que ocorreu durante minha pesquisa de campo sobre os *Amazona vinacea*. Vivi certamente muitas outras experiências igualmente relevantes segundo minha própria avaliação, mas escolhi esta, dentre tantas outras possíveis, porque me parece que ela traz uma riqueza especial em relação às questões que pretendo discutir posteriormente.

É preciso não esquecer que minha pesquisa está circunscrita no quadro dos fenômenos que envolvem seres vivos em seu habitat natural, sem nenhuma espécie de controle sobre seus comportamentos habituais e sem, na medida do possível, interferir no fluxo normal desses comportamentos. É muito importante que isto seja dito porque nos casos em que o controle dos fenômenos é possível (em laboratório, por exemplo) as questões a serem discutidas seriam completamente diferentes. Mesmo nos casos de documentação fora do laboratório onde de forma intencional não se pretende controlar ou manipular os fenômenos como, por exemplo, em documentários antropológicos, as questões também seriam outras porque, no mínimo, há uma “interação” entre o documentarista e o “outro”, mesmo que esta seja, tênue, indireta ou mesmo inconsciente. Trata-se, no final das contas, de homens registrando homens. Uma cultura registrando outra cultura. Qualquer pequeno gesto, insinuação, expressão facial, etc, do documentarista pode ser suficiente para alterar o fluxo natural dos acontecimentos. Basta evocar o exemplo, quase sempre citado nos livros especializados, do documentário *Nanook* (sobre a vida dos esquimós) de Robert Flaherty. Este filme de 1922 é um clássico da história dos documentários e suscita, por ser uma referência de base, várias discussões e análises sobre a maneira pela qual ele foi realizado, a autenticidade das cenas, a relação do documentarista com os esquimós, etc

(ver Barnouw, 1993 e Nichols, 2007). Essas discussões nos dão uma medida do tipo de questões que podem ser levantadas por documentários desse tipo.

No caso de uma cultura registrando a natureza (o meu caso específico) que, por definição, independe, pelo menos a princípio, da ação humana para existir e se manifestar, questões de outra ordem necessariamente emergem.

O que vou relatar a seguir é um acontecimento muito especial em meu trabalho de observação de campo que acabou resultando na localização de um ninho de papagaio em atividade. Foi no mês de setembro de 2003, durante a época de procriação dos papagaios que ocorre aproximadamente entre os meses de agosto e dezembro segundo vários autores. Escrevi-o com o objetivo de dar conta de descrever do modo mais fielmente possível, através da escrita, uma experiência vivida por mim.

Penso que a grande vantagem de fazer a análise de um texto que eu mesmo produzi é que, ao mesmo tempo, eu tenho a minha memória pessoal dos fatos tais como foram vivenciados e posso, portanto, de um ponto de vista bastante interessante, comparar essas duas coisas: a experiência direta da realidade e o relato mais fiel possível que consigo fazer dela mesma. Vejamos então o relato:

* * *

Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

28 de setembro de 2003

Decidi retornar a um lugar no qual eu já havia estado antes para observar os papagaios, mas sem ter obtido nenhum êxito. Na ocasião anterior, eu não tinha visto nem ouvido nenhum papagaio.

O que me fez retornar hoje foi a insistência de um guarda florestal aposentado (o Otacílio) que encontrei por volta das 14:00h e que garantiu que nessa região os papagaios nidificavam habitualmente.

Cheguei no lugar indicado às 15:00h. Depois de analisar os pontos que me pareciam ser prováveis áreas de nidificação, escolhi um deles (valendo-me da experiência acumulada em um ano e meio de pesquisas) que, intuitivamente, pareceu-me apropriado.

*Era uma pequena grotá com algumas araucárias adultas bem formadas e alguns *Podocarpus lambertii* (cujo nome popular na região é “pinho bravo”) bastante antigos, o que sugere tratar-se de uma área remanescente das florestas densas de outrora. Hoje essa região toda já está bastante desmatada.*

Observei que alguns dos pinhos bravos, sobretudo os mais antigos, a considerar pelo diâmetro avantajado do caule, continham orifícios cavados por outros pássaros (pica-paus, possivelmente) ou mamíferos (esquilos) que poderiam estar sendo utilizados atualmente como ninhos pelos papagaios. Sabe-se que os papagaios não cavam seus próprios ninhos, eles apenas aumentem o tamanho, para sua própria conveniência, dos buracos já produzidos por outros habitantes da floresta.

Às 15:25h sentei-me no chão da floresta junto ao tronco de uma araucária que me serviu como encosto. Tratava-se de um lugar bastante estratégico para observar um determinado buraco no tronco de um pinho bravo que, por hipótese, julguei ser o mais propício para que um papagaio o utilizasse como ninho.

Permaneci em silêncio e imóvel (como de hábito nessas situações) na esperança de presenciar algum acontecimento especial. Depois de transcorrida mais de uma hora, ainda não havia ocorrido absolutamente nada. Não havia nenhum som dos papagaios, nem nas proximidades e nem mesmo distante.

Já estava quase desistindo e pensando em ir embora, porque sabia que nesse horário normalmente os papagaios, se estivessem trafegando

por ali, já deveriam estar emitindo chamados, como acontecia normalmente em outras regiões pesquisadas por mim. Uma das poucas regularidades observáveis nesses papagaios é sua relativa “pontualidade”. O fato de haver um silêncio absoluto poderia significar que os Amazona vinacea não transitavam habitualmente por essas bandas.

Às 17:15h ocorreu, então, um fato extraordinário! Eu o vivenciei como uma espécie de prêmio à minha perseverança não somente nessa tarde como também em todos os últimos meses de observação de campo quando, inúmeras vezes, permaneci imóvel por horas e horas sem obter nenhum resultado digno de nota.

Comecei a ouvir o som de um papagaio que se aproximava pelas minhas costas, mais pelo lado esquerdo. Ele vinha aproximadamente da direção noroeste. Eu estava mais ou menos de frente para o leste.

O papagaio deve ter pousado, como sempre o fazem os Amazona vinacea, no topo de uma araucária alta. Percebi que ele havia de fato pousado porque os chamados passaram a vir de uma posição fixa e não móvel como antes. Entretanto, não podia vê-lo e nem sequer tentei, porque continuava atento ao buraco no tronco do pinho bravo de onde poderia, eventualmente, surgir alguma coisa.

O papagaio devia estar a uns 50 metros aproximadamente atrás e à minha esquerda e continuava emitindo chamados sem parar.

Julguei, e mais tarde perceberia que eu estava absolutamente certo, que ele estaria chamando alguma fêmea que estivesse aninhada num orifício de algum pinho bravo daquela pequena floresta no interior da grot. Continuei totalmente imóvel observando com meu binóculo o local que, por hipótese, havia julgado ser o mais provável para ser esse possível ninho.

O papagaio mudou de posição. Deve ter pousado numa outra araucária um pouco mais próxima e um pouco mais à minha esquerda. Era impossível vê-lo de onde eu estava, mas podia intuir o que estava por acontecer. Ele começou a emitir um outro tipo de chamado mais baixo e mais rouco, uma espécie de chamado “íntimo”.

Eu já havia observado esse fenômeno (o chamado rouco) há dois ou três dias atrás quando vi um papagaio regurgitando e introduzindo alimento no bico de outro. Não soube, e nem sei ainda, se era um adulto alimentando um filhote ou um macho adulto alimentando uma fêmea ou outra combinação qualquer. Parte dessa dúvida se esclareceu com o que aconteceu a seguir.

De repente, não pude ver, mas ouvi nitidamente um pássaro (que julguei ser um papagaio) sair voando de algum ponto próximo a mim, no alto à esquerda. Ouvi apenas o farfalhar de suas asas dentro da floresta silenciosa. Esse suposto papagaio não emitiu nenhum chamado ao voar. Somente quando então pousou próximo ao outro é que começou a emitir muitos chamados junto com outro papagaio. Percebi que se tratava de dois papagaios. Era impossível vê-los. A densidade da floresta tornou impraticável qualquer tentativa de observação direta.

Os dois repentinamente ficaram em silêncio. Supus então, por hipótese, que o macho estaria alimentando a fêmea. Sabia que esse comportamento durava uns cinco minutos aproximadamente e então decidi mudar de posição para colocar-me estrategicamente num lugar onde pudesse observar de frente o local de onde a fêmea teria supostamente saído em silêncio para ser alimentada.

Caminhei cerca de quarenta metros na direção norte, atravessei uma estrada e instalei-me numa pequena elevação do outro lado. Permaneci de frente para o sul imóvel e em silêncio absoluto.

Do lugar onde estava agora não conseguia ver nenhum orifício perto do ponto onde julguei que a fêmea tivesse saído quando escutei o farfalhar de suas asas. Esperei.

Pouco tempo depois os dois papagaios voltaram a emitir os chamados característicos da espécie durante algum tempo e, repentinamente, pararam. Eles haviam mudado de posição. Percebi isso pela proximidade dos sons. Estavam agora bem atrás de mim, mas era impossível vê-los. Fiquei olhando atentamente para frente (sem usar o binóculo para que pudesse ter

um horizonte visual mais amplo) na esperança de ver a fêmea retornar para o hipotético ninho e assim descobrir em que árvore ele se encontrava.

Graças ao silêncio da floresta naquele momento pude mais uma vez ouvir o farfalhar de asas. Agora ele aconteceu bem sobre a minha cabeça e percebi, pelo som, que o pássaro pousou. Levantei o rosto com muito cuidado para não fazer um movimento brusco e finalmente vi o papagaio. Ele estava pousado bem em cima de mim num galho de araucária e estava examinando cuidadosamente o entorno. Pude compreender que estava fazendo isso baseado na experiência que obtive em todos os meses de observação vendo como os papagaios fazem quando estão desconfiados investigando as redondezas para ficarem seguros de que não há nenhuma ameaça. São gestos sutis com a cabeça difíceis de descrever pela fala ou pela escrita. Se viesse a conseguir registrar em vídeo essa imagem isso seria de grande utilidade no contexto do documentário.

Muitas vezes, mesmo a longas distâncias, pude perceber que embora eu os estivesse observando intencionalmente eles, na verdade, também me investigavam, embora esta seja uma afirmação muito difícil de ser comprovada, de modo que me abstenho de falar mais demoradamente sobre isso. A obediência à objetividade impede-me de continuar.

O papagaio não me viu ou, pelo menos, não me julgou alguma espécie de ameaça ao segredo que desejava manter em relação à posição do seu protegido ninho. Constatei isso porque ele voou em absoluto silêncio batendo as asas apenas para dar o impulso inicial e seguiu planando até um pinho bravo bem à minha frente, distante uns trinta metros.

Pousou no flanco esquerdo do tronco (se é que podemos falar assim de algo aproximadamente cilíndrico) e rapidamente sumiu caminhando para trás dele.

De onde eu estava não o vi entrar em nenhum buraco, mas tinha certeza de que ele o havia feito porque, depois disso, não voou para nenhum outro lugar. Esperei uns quinze minutos sem fazer nenhum movimento.

Nesse meio tempo tentei encontrar alguns elementos de referência para localizar o ponto onde o papagaio pousou sobre o tronco. Gravei na memória um pequeno galho seco e um determinado tufo de folhas.

Saí de onde estava e caminhei em silêncio e vagarosamente na direção da encosta leste da grotá, de tal modo que eu pudesse encontrar um lugar onde me posicionasse de frente para o ponto onde vi o papagaio sumir por trás do tronco. Minha hipótese era que, ao fazer isso, descobriria um buraco no tronco do pinho bravo.

Felizmente eu estava certo! Mais do que isso, não apenas vi o orifício esperado como também constatei que o lugar na encosta da grotá onde eu me posicionei para tentar ver o ninho encontrava-se quase no mesmo nível do orifício no tronco. Isso significava uma descoberta extraordinária porque esse lugar era também perfeito para posicionar uma câmara!

Além disso, a distância entre esse ponto e o ninho não era superior a 25 metros. Perfeito para fazer um registro de qualidade! Mais ainda, a entrada do ninho estava bem de frente para o leste, o que deveria garantir uma boa intensidade de luz pela manhã mesmo com a densidade da mata. Perfeito!

Entretanto, considerar o orifício descoberto como sendo efetivamente o ninho daquele papagaio que vi sumir atrás do tronco ainda carecia de uma confirmação definitiva. Isto, portanto, era ainda apenas uma hipótese, embora me parecesse muito consistente se eu considerasse o conjunto dos fatos observados naquela tarde. Pelo horário avançado imaginei que a fêmea não sairia mais daquele ninho naquele fim de tarde e fui embora satisfeito com a descoberta.

Decidi voltar na manhã seguinte para tentar obter a confirmação definitiva. Meu raciocínio era o seguinte: se aquele fosse realmente o ninho do papagaio, eu deveria vê-lo sair dali em algum momento na manhã seguinte, porque ele teria necessariamente que alimentar-se cedo. Normalmente seria alimentado pelo macho, do mesmo modo como acontecera hoje à tarde.

Antes de ir embora fiz uma camuflagem no local onde eu estava ajuntando alguns galhos secos e entrelaçando-os de modo a fazer uma pequena barreira para que eu pudesse ocultar-me atrás dela na manhã seguinte.

Às 06:40h do dia seguinte eu já estava bem instalado aguardando os acontecimentos. Às 07:20h finalmente o macho chegou. Eu o ouvi emitindo chamados desde muito longe enquanto voava vindo da direção leste aproximadamente. Tratava-se de uma direção que poderíamos considerar oposta à de ontem no final da tarde. Isso me surpreendeu porque esperava que ele fosse chegar pelo mesmo caminho, embora não tivesse nenhuma razão para presumir isso a não ser o forte desejo de descobrir “regularidades” que persegue todos aqueles que desejam descrever a realidade de maneira “objetiva”.

Ele pousou em algum lugar bem alto à minha esquerda. Não podia vê-lo, porém a direção do som era inequívoca. Permaneceu ali por alguns minutos emitindo chamados altos e fortes e foi diminuindo o volume até começar a emitir aqueles tais chamados roucos e baixos como o havia feito na tarde anterior.

Eu mantinha-me atento observando o buraco no tronco do pinho bravo de onde esperava ver surgir a fêmea. Às 07:25h eu a vi sair e minha hipótese então se confirmou!

Mais do que apenas a confirmação de uma hipótese, e isso é fundamental admitir, um conhecimento mais abrangente se construiu naquele momento. De uma só vez conectei e compreendi um conjunto de fenômenos.

A fêmea voou para junto do macho. Pude apenas vê-la sair do ninho e a perdi na densidade da floresta. Emitiram os chamados clássicos, fizeram silêncio em seguida (hora da alimentação) e, cerca de dez minutos mais tarde, ouvi o farfalhar de suas asas. Ela pousou num galho de araucária quase sobre a minha cabeça, permaneceu ali observando as redondezas (suponho, porque não podia vê-la) e depois voou em direção ao ninho.

Fiz então uma observação muito interessante: ela entrou no ninho de costas e não de frente como eu imaginava que ela faria.”“.

* * *

Este é o relato extensivo da observação de campo realizada na tarde do dia 28 de setembro de 2003 e na manhã seguinte (ver relatório de observação de campo anexado). Como já expliquei, esse relato eu o produzi especificamente para ser analisado aqui, dentro da minha linha de argumentação. No caderno de anotações de campo há apenas algumas referências breves sobre esse acontecimento.

Há muitas questões para serem discutidas sobre este texto que acabamos de ler e que pretende dar conta de descrever o mais detalhada e fielmente possível aquilo que observei nesses dois dias.

A primeira abordagem das questões que serão discutidas a seguir diz respeito à possibilidade ou não de comunicar de maneira completa e inequívoca acontecimento a outrem através da escrita. A segunda abordagem se refere ao problema de comunicar esse mesmo fenômeno ou acontecimento através do audiovisual. Começamos, então, com o problema da escrita.

No caderno de campo essa mesma experiência está relatada de maneira muito mais telegráfica porque o objetivo principal é o de memorizar informações básicas que poderão posteriormente ser agrupadas, combinadas e recombinadas para produzir um quadro mais amplo (de natureza, às vezes, quantitativa) dos aspectos mais significativos do comportamento do papagaio.

É preciso também acrescentar que o relatório de campo é escrito no lugar e no momento em que é realizada a observação propriamente dita. Seria impraticável, nessas condições, produzir um texto extensivo como este que acabo de apresentar acima, porque o tempo exigido para sua realização seria muito maior que o tempo efetivo em que os acontecimentos se desenrolam e, além disso, o texto tem uma estrutura de natureza mais literária,

embora as informações estejam rigorosamente (pelo menos foi essa a minha intenção) de acordo com os fatos vivenciados por mim.

Para produzir esse tipo de relato mais extensivo torna-se necessário uma reflexão prévia antes de sua produção que deve atender aos parâmetros da arte da escrita narrativa que são, diga-se de passagem, bastante distintos daqueles do relatório de observação de campo. Meu relato tem, portanto, esse caráter predominantemente “literário” e o relatório de campo, por sua vez, é mais de natureza “informativa”.

O caráter literário amplia e enriquece a comunicação dos fatos porque, entre outras coisas, agrega uma dimensão subjetiva. Essa dimensão subjetiva promove a ligação entre os fenômenos observados que, a princípio, seriam anotadas separadamente no relatório de observação de campo em nome da pura objetividade.

Pode-se pensar que o que acabo de dizer tem um elemento paradoxal. Como é possível a subjetividade ampliar o conhecimento quando estamos justamente dentro do quadro de referências do saber objetivo e verdadeiro?

Penso que não podemos negligenciar o fato de que a dimensão subjetiva agrega muito mais conteúdo aos fatos observados porque ela aporta, para além da objetividade pura, uma dimensão mais ampla da realidade: os traços do sujeito, os traços do objeto e os vínculos indissolúveis entre os dois. Na subjetividade o sujeito está presente, está encarnado. Na objetividade o sujeito se isenta, se desencarna em nome da racionalidade pura. O problema é que a verdade é sempre verdade para um sujeito. Não existem objetos ou realidades preocupados com a verdade por si mesmas.

Se compararmos o que está escrito no relatório de observação de campo com aquilo que está dito no relato literário acima veremos que este nos parece infinitamente mais rico.

Penso que se toda a minha pesquisa realizada até agora fosse relatada na forma de um romance obteríamos sem dúvida uma dimensão muito mais ampla e verdadeira da realidade. O imaginário do leitor seria muito

estimulado e ele poderia compartilhar um campo de intersubjetividade com o autor do texto. Entretanto, sabemos que a atividade científica clássica não vê com bons olhos a intromissão do sujeito no universo do objeto e vice-versa.

Diante do relatório de campo (telegráfico e apenas informativo) o leitor não tem outra possibilidade senão ler as informações ali contidas sem nenhum envolvimento emocional. O investimento na objetividade pura remete a esta apreensão não afetiva dos fatos, isto é, subtrai a vitalidade do imaginário criativo. Transforma o conhecimento em algo exterior ao sujeito e o desestimula a participar da sua co-criação.

Como já analisei nos dois capítulos anteriores o conhecimento deve ser compreendido como uma relação bilateral entre o sujeito e o objeto em que ambos se interferem mutuamente. Já não é mais possível pensar que o objeto é conhecido tal como ele é em si mesmo por um sujeito absolutamente neutro, isento da “contaminação” pelo objeto.

Além disso, sabemos (Popper, 1996) que a ciência não pode pretender jamais conhecer a verdade final sobre qualquer coisa. Ela apenas formula hipóteses, que funcionam como aproximações daquilo que se pretende como verdade, mas que aguardam na fila o momento de sua condenação à falsidade. A partir disso, penso que devemos ser menos severos em relação à obtenção de uma única verdade definitiva sobre qualquer aspecto da realidade.

Livrando-nos, portanto, do fantasma da objetividade pura, temos de agora em diante consciência de que a verdade é, de certa forma, uma utopia, desejável porém limitada. Podemos doravante nos colocar num novo patamar do fazer científico que privilegia o qualitativo em lugar do quantitativo sem, porém, abandoná-lo definitivamente, utilizando-o quando sua função de cálculo for realmente essencial para a compreensão de um determinado fenômeno. A idéia de que só podemos apreender a realidade através dos fenômenos e não dos objetos reais em si mesmos já foi amplamente discutida já no século XVIII por Kant.

Penso que não há uma necessidade imperiosa de invocar os grandes pensadores da história para justificar aquilo que podemos perceber

com uma análise simples, honesta e direta dos fatos que estão facilmente ao nosso alcance como este meu relato apresentado acima. Voltemos, então, à ele.

Estávamos considerando sua riqueza de conteúdo na medida em que assume uma forma mais literária. É bem verdade que, embora haja essa tendência para o romanceado, meu relato é ainda bastante contido porque pretende intencionalmente estabelecer uma comunicação que pende mais para o lado comumente aceito como objetivo do que para o subjetivo. Para que pudesse ser assim, foi preciso omitir deliberadamente uma série de lembranças que me ocorreram quando eu o estava escrevendo. Seriam essas lembranças elementos realmente desprezíveis? Qual é o limite entre um texto que contém uma “objetividade suficiente” e um outro sobre o mesmo tema que agregue uma riqueza maior de elementos, porém menos objetivo (nesse sentido de uma suficiência mínima de informação)? Qual dos dois é o mais verdadeiro em relação aos fatos?

O critério para omitir no relato vários outros elementos reais porém mais subjetivos, foi o da “relevância” dentro do contexto da pesquisa. Não seria adequado dizer, por exemplo, que os mosquitos interferiram muito na minha obstinação em ficar observando atentamente o ninho na tarde do dia 28. Mais inadequado ainda seria relatar que não consegui, durante todo esse tempo, deixar de lembrar com absoluta nitidez de uma Ária da Bachiana n° 6 de Villa-Lobos. Inadequado do ponto de vista do respeito à suposta objetividade dos fatos, mas sem dúvida absolutamente verdadeiro. Aliás, essa música que insistiu em povoar minha mente naquela tarde de setembro, eu a usei no documentário que viria a produzir depois. Isso significa, no mínimo que ouvi-la em meu pensamento foi muito relevante. Estabeleceu-se um vínculo entre aquela música retida em minha memória e a vivência daquele momento. Uma coisa remeteu à outra. Por que isso acontece? Não sei, pertence ainda ao campo do mistério.

Essas informações verdadeiras, mas que não têm muito a ver com o foco da minha pesquisa, foram deliberadamente omitidas, como tantas

outras. O relato dos acontecimentos daquela tarde e todas as conexões que eles viessem a estimular no contexto da minha existência pessoal poderiam, por exemplo, vir a se constituir (se assim eu o desejasse) num texto romanceado muito mais rico e extenso do que aquilo que produzi para efeito de utilização neste capítulo.

Percebemos, então, que esse relato não dá conta (e nem pretende) de toda a realidade efetivamente vivida, mas, ao contrário, seleciona aquilo que eu mesmo julguei relevante para os fins a que me propus, isto é, ser o mais objetivo possível, porém fazendo o leitor perceber a minha participação essencial enquanto sujeito naquele ato de conhecimento.

Sobre essa questão da relevância o físico David Bohm tem um pensamento muito esclarecedor:

“Ao formular um enunciado sobre a relevância, se está tratando o pensamento e a linguagem como realidades, no mesmo nível do contexto ao qual se referem. Com efeito, no exato momento em que esse enunciado é formulado, observa-se ou dá-se atenção tanto ao contexto como à função global do pensamento e da linguagem, para ver se eles se ajustam mutuamente ou não. Assim, reconhecer a relevância ou irrelevância de um enunciado é, fundamentalmente, um ato de percepção de ordem muito elevada, semelhante àquele em que se reconhece sua verdade ou falsidade. Num certo sentido, a questão da relevância precede a da verdade, porque perguntar se um enunciado é certo ou errado pressupõe que ele seja relevante (de modo que tentar verificar a verdade ou falsidade de um enunciado irrelevante é uma forma de confusão), mas num sentido mais profundo, o ato de ver a relevância ou irrelevância é, evidentemente, um aspecto da percepção da verdade em seu significado global. É claro que o ato de apreender a relevância ou irrelevância não pode ser reduzido a uma técnica ou a um método, determinados por um conjunto de regras. Trata-se, antes de uma *arte*, tanto no sentido de que isso requer uma percepção criativa como no que essa percepção tem de desenvolver-se mais ainda numa espécie de habilidade (como no trabalho do artesão).” (Bohm, 1998, p. 59)

Portanto, decidir se é relevante ou não um enunciado é, ao mesmo tempo e de certo modo, decidir pela sua veracidade. Mas, é possível para um sujeito ser objetivo em sua escolha, isto é, pode um sujeito subtrair-se de si mesmo em nome de algo que lhe é puramente exterior, uma verdade que supostamente reside fora de seu pensamento e que ele apenas a detecta?

Ousando ir mais além do que está oculto nessa pergunta aparentemente simples: pode o sujeito existir separado do objeto? Parece-me que a resposta é não. O que de fato está em jogo é que a linguagem não pode dar conta da realidade, ou então dá conta de uma determinada realidade que a própria estrutura da linguagem induz a reconhecer.

Discutindo a estrutura sujeito-verbo-objeto das sentenças presente na gramática e na sintaxe de nossas línguas modernas, Bohm afirma:

“Essa estrutura implica que toda ação surge numa entidade separada, o sujeito, e que, em casos escritos por um verbo transitivo, esta ação atravessa o espaço entre eles até uma outra entidade separada, o objeto (se o verbo for intransitivo, como em ‘ele avança’, o sujeito ainda é considerado uma entidade separada, mas a atividade é tomada como uma propriedade do sujeito ou como uma ação reflexiva dele, por exemplo, no sentido de que ‘ele avança’ pode significar ‘ele avança a si próprio’). Essa é uma função difusa que, durante toda a vida, resulta numa função do pensamento que tende a dividir as coisas em entidades separadas, as quais são concebidas como essencialmente fixas e estáveis em sua natureza. Quando essa visão é conduzida ao seu limite, chega-se à visão de mundo científica predominante, onde tudo é visto como constituído fundamentalmente de um conjunto de partículas básicas de natureza fixa. (...) A estrutura sujeito-verbo-objeto da linguagem, juntamente com a sua visão de mundo, tende a impor-se muito vigorosamente em nosso discurso, mesmo nos casos em que alguma atenção revelaria sua evidente impropriedade.” (Bohm, 1998, p. 53)

Entretanto, isso não quer dizer que não seja possível produzir conhecimentos relativamente objetivos e comunicáveis e nem que isso não

seja legítimo e desejável. Apenas chamo a atenção sobre essa questão para que estabeleçamos uma base sobre a qual toda a minha reflexão está se desenvolvendo: as palavras não podem re-produzir a realidade tal como ela é em si. As palavras não são as coisas. O mapa não é o território!

Quanto mais abstraímos o sujeito da realidade que ele procura enunciar, menos o objeto enunciado é significativo. No limite, não sobra nada de realmente interessante para ser enunciado. Inversamente, quanto mais o sujeito se implica na realidade que ele quer enunciar, mais rica ela se apresenta. Nesse sentido, a arte pode ser infinitamente estimulante e portadora de conhecimentos profundamente significativos. A ciência também o é, porém apenas no nível das belas hipóteses e teorias que pode enunciar sobre o mundo, plenas do poder imaginativo, de criação, de estímulo ao conhecimento unificador da realidade. Contudo, a ciência quando se reduz apenas ao nível das objetividades demarcadas, fragmentadas e restritas, torna-se um discurso tedioso, muitas vezes irrelevante para o homem e a vida.

“... é necessário que o ser humano dê atenção ao seu hábito de pensamento fragmentário, que tenha consciência dele, podendo assim eliminá-lo. Então, a abordagem da realidade pelo homem poderá ser total, e a resposta também o será. Entretanto, para que isso aconteça, é crucial que o ser humano esteja consciente da atividade do seu pensamento *como tal*; isto é, como uma forma de *insight*, um modo de ver, e não como uma *cópia verdadeira da realidade como ela é*.” (Bohm, 1998, p. 27)

“Um modo de ver”: isto me parece essencial na tarefa de um documentarista. Nesse sentido, ser fiel à realidade significa respeitar o conhecimento que emerge na sua relação com o mundo que sempre é, ao mesmo tempo, objetiva/subjetiva e vice-versa. Procurar ser fiel à realidade no sentido clássico, isto é, supondo que o seu papel é ser neutro e isento do mundo que ele está documentando, não só é artificial como também induz à falsidade para si mesmo e para o espectador.

Fiz questão até agora de citar o pensamento de David Bohm justamente por se tratar de um físico importante do final do século XX. Estas palavras proferidas por um filósofo ou um poeta poderiam ser creditadas ao seu desconhecimento íntimo da atividade científica clássica. Porém, vindas de um cientista como Bohm revelam a profunda transformação pela qual a ciência e a nossa própria visão de mundo está passando.

Um outro aspecto bastante interessante que penso ser importante considerar é que quando leio aquela minha narrativa, percebo imediatamente que a minha leitura se distingue completamente da leitura que venha a ser feita por um outro, porque eu sou imensamente auxiliado pela minha memória, isto é, ao mesmo tempo em que leio, surgem em meu pensamento as imagens das situações vividas, as lembranças de quem esteve presente no lugar e na hora em que o acontecimento efetivamente se deu. Meu texto, portanto, é muito rico para mim mesmo, inclusive possibilitando que eu perceba tudo aquilo que foi omitido.

Essas imagens que emergem de minha memória pessoal cumprem um papel essencial para minha própria compreensão do texto. Elas preenchem as lacunas, os espaços vazios, aquilo que não foi dito ou que não pôde ser dito pela impossibilidade de dizê-lo quando se tem a palavra como único instrumento. Isso me faz sempre sentir que seria possível acrescentar “algo a mais” no texto para completá-lo.

Entretanto, ao mesmo tempo, sou obrigado a admitir que o texto tem que ter um limite, um fim, que é determinado basicamente pelo conteúdo essencial, o “campo” de informações que ele pretende comunicar a alguém. É preciso poder confiar nessa possibilidade ou então não escrevemos nada.

Tenho consciência, portanto, de que o leitor não pode preencher as lacunas com as minhas imagens, mas apenas com as dele. Não tenho como, e nem sequer posso pretender, controlá-lo na tentativa de fazê-lo ver e sentir aquilo que eu pessoalmente experimentei no tempo e no espaço. Devo, enfim, admitir que o leitor fará uma imagem aproximada (ou talvez não) daquilo

que efetivamente aconteceu comigo. A realidade “passou por mim” mas também passará por ele, e certamente de um outro modo.

O problema é que, como afirmei anteriormente, o texto não é a realidade que ele pretende descrever: o mapa não é o território. Essa realidade (que é sempre uma realidade para alguém e não uma realidade em si mesma) já ocorreu no passado e não há como recuperá-la. O texto não a recupera, nem pode pretender fazê-lo. Ele apenas “cristaliza” uma representação, dentre muitas outras possíveis. Os acontecimentos que inspiraram a narrativa não existem mais e nunca mais poderão existir, estão completamente enterrados no passado.

Um outro indivíduo sempre pode ler o meu texto porque há uma espécie de acordo social implícito, construído ao longo da nossa civilização, de que as palavras têm um significado (até certo ponto) inequívoco. Entretanto, não é preciso ir muito longe para percebermos que isso não é inteiramente verdadeiro. Desde as experiências mais simples da fala na vida cotidiana até os textos mais técnicos, rigorosamente elaborados para garantir a precisão da linguagem, a palavra carrega sempre consigo uma certa ambigüidade. Elaboramos metáforas, fazemos analogias, para tentar completar aquilo que não foi possível ser dito apenas com as palavras. Mesmo as próprias metáforas são construídas com palavras. Há sempre buracos negros! Podemos perceber isso, sem muito esforço, se considerarmos todos os mal-entendidos, de todos os tipos, que as palavras ensejam.

Uma saída clássica que a ciência adota para tentar escapar do fantasma da ambigüidade é investir na precisão técnica da linguagem. Eliminamos os gestos corporais, eliminamos as metáforas, eliminamos os mitos, a construção poética como forma legítima de expressão, eliminamos a musicalidade como portadora de sentido e ficamos com o que sobrou dessa triagem: as chamadas informações básicas.

As informações básicas ou os “dados” para chamá-las de outro modo mais usual, são considerados como uma espécie de partículas mínimas da enunciação segura. Reduzimos um discurso mais extensivo e personalizado

sobre uma determinada realidade que é, como vimos, impregnado de ambivalências, às suas porções mínimas, aos átomos de significação.

De posse dessas informações supostamente “mais seguras”, passamos a analisá-las e a compará-las. Calculamo-las. Somamos e subtraímos. Agrupamos e listamos. Produzimos tabelas e gráficos. Inserimo-las dentro de coordenadas cartesianas. Criamos assim várias possibilidades de combinação e recombinação entre as informações. Falamos de probabilidades. Desvelamos resultados que não suspeitávamos a princípio.

Entretanto, com todos esses procedimentos tendemos a esquecer a realidade original sobre a qual produzimos os resultados: o território! Ele ainda existe? Sobreviveu ao tratamento dos dados? É com ele que estamos lidando ainda? Ou já esquecemos a realidade original pela distância mental que há entre o que temos em mãos agora e o que tínhamos de “primeira mão”?

Não estou querendo ingenuamente desvalorizar a palavra como instrumento de representação ou, para dizer de forma mais correta, de “construção” da realidade. Senão, o que dizer deste texto que estou escrevendo neste instante com o propósito de justamente esclarecer essas questões? É evidente que ao escrevê-lo eu mesmo atesto o valor das palavras como instrumento legítimo para “tangenciar”, de algum modo, a realidade. Contudo, reconheço ao mesmo tempo sua insuficiência. Se fosse institucionalmente aceitável dentro do contexto de um trabalho como este eu preferiria escrever de maneira mais livre e poética. Talvez aí eu pudesse sentir que meu texto estaria mais pleno de verdade. Verdade no sentido de uma “confissão íntima” como discuti no início desse capítulo.

O que quero, sobretudo, dizer é que quando julgamos as palavras livres de ambigüidade, portadoras de objetividade, estamos criando uma espécie de ilusão geradora de novas ilusões *ad infinitum* em nome da grande ilusão final que é a própria idéia de “objetividade pura”! Ao utilizar palavras estamos sempre, de certo modo, “construindo uma realidade”. Não há nada de errado nisso, desde que tenhamos consciência de que é isso o que efetivamente acontece.

Quando analisamos os discursos com essa perspectiva somos capazes, por exemplo, de distinguir aqueles que têm um vínculo essencial com uma experiência vivida do sujeito que os construiu, daqueles que são apenas um jogo formal onde a lógica, a sintaxe, a gramática, etc., são manipuladas com extrema maestria, mas que não têm vínculo algum com a experiência vivida, com a subjetividade que é, a meu ver, a fonte original de todo conhecimento.

O ideal em relação à questão da legitimidade das palavras como instrumentos de descrição (construção) da realidade é que nos coloquemos numa posição intermediária: nem tanto ao mar, nem tanto à terra; nem tanto ao sujeito, nem tanto ao objeto, mas no vínculo indissolúvel entre os dois.

Aprecio muito estas palavras de Pablo Neruda falando sobre a poesia, mas que, a meu ver, valem para todo o campo dos discursos verbais que se pretendem belos e também verdadeiros:

“O poeta que não seja realista está perdido. Mas o poeta que seja somente realista está perdido também. O poeta que seja somente irracional será entendido só por sua pessoa e por sua amada, e isto é bastante triste. O poeta que seja só um racionalista será entendido até pelos asnos e isto é também extremamente triste.” (Neruda, 2005, p. 362)

As palavras não podem definitivamente dizer tudo da realidade. Entretanto, não é verdade também que elas não podem dizer nada! Não estou defendendo o solipsismo, a concepção de que o sujeito dobra-se irremediavelmente sobre si mesmo e não há qualquer possibilidade de fazer uma ponte para a realidade e para o outro. Proponho apenas que reconheçamos a inexatidão intrínseca de qualquer discurso verbal. Penso também que é necessário que utilizemos as palavras, quando isso é possível, na amplitude e riqueza máxima de seu poder de significação, isto é, transcendendo a dimensão simplista da tentativa de estabelecer uma correspondência perfeita com aquilo que ela designa.

Como afirma Gregory Bateson, no meu entender, com magnífica clarividência:

“No solipsismo, você está sozinho no final das contas, isolado pela premissa: **‘sou eu que construo tudo’**. Mas no outro extremo, no oposto do solipsismo, você deixaria de existir, você se tornaria uma pluma metafórica estremecida pelo vento da **‘realidade’** exterior. (Mas nessa região não há metáfora!) Em algum lugar entre os dois extremos, existe uma região onde você é, ao mesmo tempo, soprado pelos ventos da realidade e um artista criando uma composição original à partir dos acontecimentos interiores e exteriores”. (Bateson, 1996, p. 305)

E se tudo o que acabei de dizer não é ainda suficientemente convincente, proponho que analisemos a mesma questão desde um outro ponto de vista completamente diferente.

Imaginemos que não fosse eu quem estivesse naquele local onde tudo ocorreu nos dias 28 e 29 de setembro de 2003. Suponhamos que tivesse sido um outro observador. O que ele teria escrito sobre os mesmos fatos? Os fatos teriam sido os mesmos? É evidente que o relato e os fatos teriam sido completamente diferentes, mesmo porque os fatos são aquilo que enunciamos a respeito deles. E se ele tivesse tentado extrair dos fatos relatados algumas informações básicas segundo um critério qualquer de objetividade, teriam sido escolhidas as mesmas informações que eu? Talvez algumas sim e outras não. E se muitos outros pesquisadores tivessem feito o mesmo? Haveria concordância entre os fatos relatados e os dados extraídos? É muito provável que não.

Vou colocar a questão em um patamar ainda mais básico: teria um outro pesquisador escolhido a mesma área para pesquisar naquele mesmo dia? Teria sentado junto à mesma árvore e escolhido para observação o mesmo orifício no pinho bravo baseado na mesma hipótese que me ocorreu formular? Teria ele tido a mesma intuição que orientou todas as minhas escolhas naquele dia?

Com essas reflexões pretendi mostrar o valor essencial da experiência vivida (nos casos, é claro, em que isso é possível) como plataforma básica insubstituível para a construção de um conhecimento mais confiável sobre qualquer realidade e também reconhecer o valor relativo da escrita na comunicação desse conhecimento, sobretudo se ela for reduzida a uma fórmula padronizada com o objetivo de conseguir obter uma suposta objetividade pela correspondência perfeita com as coisas que ela designa.

COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL

Utilizando como base aquele mesmo relato anterior e imaginando que eu estivesse de posse da câmera naquele lugar e naquele momento que o relato descreve, isto é, já estivesse fazendo a pesquisa de campo transportando todo o equipamento (coisa que deliberadamente não fiz), proponho que reflitamos sobre o quê, dentro de toda a experiência relatada, teria sido desejável e possível registrar através da câmera. Em outras palavras, o quê naquela minha experiência vivida seria da ordem do visível e imediatamente registrável?

Sabemos que só é possível registrar em vídeo aquilo que é também, de algum modo, visível para os olhos. Uma câmera será sempre colocada num lugar onde poderiam eventualmente estar os olhos de um ser humano.

É evidente que se pode objetar dizendo, por exemplo, que micro-câmeras podem ser instaladas em lugares onde os olhos não podem chegar. Isto é verdade e requer toda uma discussão mais aprofundada sobre a questão da “visibilidade”. Mas, mesmo nesse caso estamos falando de coisas hipoteticamente visíveis aos olhos. É bem verdade que existem atualmente, por exemplo, câmeras que registram imagens na escuridão total porque têm sensibilidade aos raios infravermelhos. Entretanto, mesmo as câmeras que conseguem “ver” na absoluta escuridão só podem captar aquilo que está dentro do campo visível, isto é, sem obstáculos que se interponham entre ela e o assunto a ser registrado e isso é análogo ao que os nossos olhos podem realizar. Não é necessário que sofistiquemos demasiadamente a discussão sobre as máquinas que podem registrar o invisível porque estamos considerando (no contexto de minha pesquisa) a possibilidade de registrar em vídeo o comportamento dos papagaios no seu *habitat* natural sempre à luz do dia e, sendo assim, todos os fenômenos são potencialmente da ordem do diretamente visível para um observador humano qualquer.

Proponho agora que façamos uma nova leitura de alguns fragmentos do meu relato sobre a descoberta do ninho. Vou, portanto, retomar alguns trechos, apenas como exemplo, e submetê-los a uma análise mais detalhada para discutir as possibilidades de registro em vídeo no exato momento em que tudo aquilo foi vivenciado por mim. Vejamos o seguinte trecho:

“Decidi retornar a um lugar no qual eu já havia estado antes para observar os papagaios, mas sem ter obtido nenhum êxito. Na ocasião anterior, eu não tinha visto nem ouvido nenhum papagaio.”

Este é um relato de uma situação completamente subjetiva. Trata-se de uma decisão interna, de ordem puramente mental. É evidente que não há o que registrar nesse caso. A não ser, é claro, que eu estivesse produzindo um vídeo sobre a minha própria descoberta do ninho, o que é muito diferente de estar produzindo um vídeo sobre o comportamento dos papagaios na época de procriação. Tomei esse primeiro trecho do relato apenas para partir da impossibilidade total de obter imagens e ir encontrando situações onde essa possibilidade começa a aflorar. Continuemos com esse outro fragmento:

“Observei que alguns dos pinhos bravos, sobretudo os mais antigos, a considerar pelo diâmetro avantajado do caule, continham orifícios cavados por outros pássaros (pica-paus, possivelmente) ou mamíferos (esquilos) que poderiam estar sendo utilizados atualmente como ninhos pelos papagaios. Sabe-se que os papagaios não cavam seus próprios ninhos, eles apenas aumentem o tamanho, para sua própria conveniência, dos buracos já produzidos por outros habitantes da floresta.”

Aqui temos um relato de objetos visíveis: os pinhos bravos e seus respectivos orifícios. Podemos, de fato registrá-los. Porém, penso que deveríamos fazê-lo num outro momento que não fosse aquele da pesquisa

prévia. Primeiro, porque eu não sabia se os orifícios estavam sendo habitados por algum animal. Nesse caso, porque eu os devia registrar? Apenas porque eram orifícios em árvores?

É preciso lembrar que eu estava em fase de investigação e não tinha nenhuma convicção sobre quase nada. Seria, portanto, necessário investigar antes para saber se aqueles buracos eram ou não um ninho ativo de algum pássaro, ou então, uma toca de um mamífero. Aí, sim, valeria a pena tentar registrar as entradas e saídas desse animal e também obter algumas tomadas do orifício, mesmo sem nenhuma ação visível.

Segundo, porque não é possível investigar o panorama geral de uma floresta e ao mesmo tempo ir registrando em vídeo a própria investigação em tempo real. Os olhos que investigam exigem a liberdade de seus movimentos naturais e todo o seu campo natural de visibilidade. Como sabemos, a tela retangular de uma câmera não pode conter o campo de visibilidade da realidade do mesmo modo como a percebemos diretamente com os olhos. Em outras palavras, não posso tentar compreender um conjunto de fenômenos complexos entrelaçados (imagens e sons) olhando apenas pelo visor de uma câmera.

Digamos, por exemplo, que eu decidisse fazer um *travelling* para que a câmera pudesse ir passeando de uma árvore à outra e mostrando os orifícios. Para que isso fosse realmente possível, muita coisa teria que ser considerada de antemão: calcular toda a engenharia para instalar os trilhos para o deslocamento da câmera; considerar todos os obstáculos que se interpusessem entre a câmera e os buracos; as distâncias entre um orifício e outro para que o intervalo de tempo (na imagem registrada) entre eles não seja tão grande que torne, por exemplo, incompreensível essa distância para o espectador. Tudo isso, se fosse o caso, teria que ser feito a posteriori e não no ato mesmo da investigação. Mesmo porque, como o próprio relato indica acabei descobrindo que somente um dentre aqueles buracos estava sendo ocupado por um papagaio. Registrar os outros teria sido completamente inútil.

Essas reflexões têm por objetivo fazer compreender que a postura de quem vai realizar os registros é necessariamente diferente daquela de quem está apenas investigando a realidade a ser registrada.

Não é o que acontece, por exemplo, numa reportagem jornalística onde aquele que registra (pela imposição da situação) o faz quase simultaneamente à visão direta dos fenômenos, mas, nesse caso ele obtém aquilo que foi possível e não aquilo que talvez desejasse se tivesse podido planejar o registro. Não estou querendo dizer absolutamente que isso não é um procedimento válido, mas apenas que, no meu caso, seria preciso obter um conhecimento prévio da situação geral, para incorporá-lo de tal modo que eu pudesse tomar decisões subjetivas e objetivas sobre aquilo que seria desejável tentar registrar.

Vejamos um outro trecho:

“Às 15:25h sentei-me no chão da floresta junto ao tronco de uma araucária que me serviu como encosto. Tratava-se de um lugar bastante estratégico para observar um determinado buraco no tronco de um pinho bravo que, por hipótese, julguei ser o mais propício para que um papagaio o utilizasse como ninho.”

Digamos que eu instalasse uma câmera exatamente no local onde me sentei e com a objetiva exatamente na altura dos meus olhos. Como já disse antes, para fazer isso eu teria que ter transportado a câmera até ali. A câmera estaria então, aproximadamente, registrando o meu ponto de vista, ou seja, ela enquadraria mais ou menos aquilo que eu estava observando. Na tela o espectador veria o orifício no tronco e o tronco na floresta. Seria necessário utilizar o *zoom* e aproximar a imagem, caso contrário o orifício seria praticamente invisível, porque seu tamanho se tornaria muito pequeno dentro de uma tela que abrangesse um campo mais vasto análogo ao meu campo natural de visão.

Seria conveniente fazer esse registro? Ao fazê-lo eu não estaria pondo em risco a descoberta que eu viria a fazer na seqüência? O que me garante que toda a atenção necessária para manipular a câmera não me desviaria a atenção para os acontecimentos sutis que estavam por acontecer? Não nos esqueçamos que o relato diz mais adiante que eu fiquei um longo tempo observando esse orifício e que não aconteceu nada. Eu acabei descobrindo que esse não era o ninho que estava sendo utilizado pelo papagaio. Ora, se é assim, qual a necessidade de ter registrado esse tronco com o seu orifício e durante quanto tempo? É claro que o documentário poderia vir a conter uma imagem de um orifício que não é habitado por nenhum animal e a narração *off* dizer exatamente isso: “há buracos que não são ocupados por nenhum animal”. Entretanto, naquela etapa da pesquisa seria prematuro registrá-lo, mesmo porque aquele buraco nunca sairia daquele lugar.

Na experiência real vivida o ato de esperar faz parte do próprio sentido da investigação. Não há, entretanto, uma razão para registrar em imagens essa “espera” de modo a repassá-la para o espectador, tal como ela foi vivenciada na experiência direta. Ninguém (em estado normal de consciência) assistiria na tela ao tempo real (digamos 15 minutos) de uma imagem onde nada acontece, uma espécie de fotografia exposta durante muito tempo.

Esperar é um ato de natureza absolutamente subjetiva. Não é o tempo cronológico que traduz o que foi realmente a experiência psíquica da espera. Por isso, se quisermos mostrar para o espectador que houve uma grande espera é preciso dizer isso em linguagem verbal tentando impregná-la dessa dimensão subjetiva que não tem nenhuma correspondência com o tempo cronológico.

Podemos concluir que, no caso do meu relato, a única imagem de valor informativo em si mesma seria a saída do papagaio de seu ninho. Isso leva-nos a compreender também que, para produzir imagens desse tipo, é fundamental que possamos antecipar certos acontecimentos com um grau

relativamente alto de probabilidade. Caso contrário, teríamos que correr atrás do puro acaso, e isto seria totalmente insano.

Analisemos um outro trecho do relato:

“Comecei a ouvir o som de um papagaio que se aproximava pelas minhas costas, mais pelo lado esquerdo. Ele vinha aproximadamente da direção noroeste. Eu estava mais ou menos de frente para o leste”.

O papagaio deve ter pousado, como sempre o fazem os Amazona vinacea, no topo de uma araucária alta. Percebi que ele havia de fato pousado porque os chamados passaram a vir de uma posição fixa e não móvel como antes. Entretanto, não podia vê-lo e nem sequer tentei, porque continuava atento ao buraco no tronco do pinho bravo de onde poderia, eventualmente, surgir alguma coisa.

O papagaio devia estar a uns 50 metros aproximadamente atrás e à minha esquerda e continuava emitindo chamados sem parar.

Julguei, e mais tarde perceberia que eu estava absolutamente certo, que ele estaria chamando alguma fêmea que estivesse aninhada num orifício de algum pinho bravo daquela pequena floresta no interior da grotá. Continuei totalmente imóvel observando com meu binóculo o local que, por hipótese, havia julgado ser o mais provável para ser esse possível ninho.

O papagaio mudou de posição. Deve ter pousado numa outra araucária um pouco mais próxima e um pouco mais à minha esquerda. Era impossível vê-lo de onde eu estava, mas podia intuir o que estava por acontecer. Ele começou a emitir um outro tipo de chamado mais baixo e mais rouco, uma espécie de chamado “íntimo”.

Eu já havia observado esse fenômeno (o chamado rouco) há dois ou três dias atrás quando vi um papagaio regurgitando e introduzindo alimento no bico de outro. Não soube, e nem sei ainda, se era um adulto alimentando um filhote ou um macho adulto alimentando uma fêmea ou outra combinação qualquer. Parte dessa dúvida se esclareceu com o que aconteceu a seguir.

De repente, não pude ver, mas ouvi nitidamente um pássaro (que julguei ser um papagaio) sair voando de algum ponto próximo a mim, no alto à esquerda. Ouvi apenas o farfalhar de suas asas dentro da floresta silenciosa. Esse suposto papagaio não emitiu nenhum chamado ao voar. Somente quando então pousou próximo ao outro é que começou a emitir muitos chamados junto com outro papagaio. Percebi que se tratava de dois papagaios. Era impossível vê-los. A densidade da floresta tornou impraticável qualquer tentativa de observação direta.

Os dois repentinamente ficaram em silêncio. Supus então, por hipótese, que o macho estaria alimentando a fêmea.”“.

Quando analisamos atentamente este longo trecho percebemos imediatamente que tudo o que nele está descrito são hipóteses sobre o comportamento dos papagaios, induzidas pelos sons ouvidos e pelas experiências anteriores retidas na minha memória. Nada do que o relato descreve é da ordem do visível. Eu não vi nada, apenas fiz inferências livres. Que momentos desse acontecimento eu deveria ou poderia ter registrado através da câmera?

A resposta a esta questão não requer nenhuma reflexão mais aprofundada. Podemos concluir, com segurança, que não há nada a ser registrado. Mesmo se quiséssemos registrar somente os sons (através de um microfone e mantendo a imagem fixa em algum ponto), não teríamos como fazê-lo de tal modo que esses sons vinculados a essa imagem fixa pudessem restituir para o espectador a dimensão real espacial percebida por mim e o movimento do papagaio claramente discerníveis através desses sons. Lembremo-nos que eu estava fazendo uma observação indireta sem nenhuma visibilidade possível. Sendo assim, analisemos um outro trecho:

”Pousou no flanco esquerdo do tronco (se é que podemos falar assim de algo aproximadamente cilíndrico) e rapidamente sumiu caminhando para trás dele.

De onde eu estava não o vi entrar em nenhum buraco, mas tinha certeza de que ele o havia feito porque, depois disso, não voou para nenhum outro lugar. Esperei uns quinze minutos sem fazer nenhum movimento.

Agora sim, finalmente, temos algo de visível que poderia ter sido registrado: o pouso do papagaio e o seu desaparecimento atrás do tronco. Seria um plano onde o espectador poderia assistir ao movimento completo do papagaio, seu pouso e o seu caminhar para trás do tronco.

Entretanto, para poder produzir essa imagem seria necessário que a câmera estivesse previamente posicionada de modo a enquadrar essa área do tronco da árvore, o que, por sua vez, exigiria que se pudesse prever que o papagaio iria efetivamente pousar exatamente naquele local. Isto somente seria possível desde que, depois de um número suficiente de observações, se constatasse que o papagaio pousa sempre no mesmo local antes de caminhar em direção ao ninho (devo sublinhar que observações posteriores que fiz não confirmaram essa hipótese). Sem esse conhecimento prévio, essa imagem somente poderia ter sido registrada por um mero acaso e com muita sorte. A probabilidade de que isso pudesse se realizar seria, portanto, mínima.

É importante ressaltar que não estamos lidando com uma espécie de pássaros desses que chegam aos milhares quase de uma só vez para pousarem em seus respectivos ninhos os quais, além do mais, estão muito próximos uns dos outros e num espaço mais ou menos aberto para visualização. Nesse caso, bastariam algumas tentativas de registro para obter êxito. Conhecemos cenas desse tipo de tomadas, por exemplo, no pantanal de Mato Grosso.

No caso dos *Amazona vinacea* que habitam a região do Parque Estadual de Campos do Jordão e circunvizinhanças, a situação é basicamente oposta, como pode-se perceber pelo relato acima e também pelas anotações no caderno de observação de campo (anexo). São poucos os indivíduos que transitam por aquela região e, além do mais, eles se dispersam por áreas

enormes do território e, quase sempre em locais com pouco campo visual (interior de florestas densas). Além disso, na época de reprodução, separam-se em casais que vão buscar lugares para nidificarem bastante afastados das áreas de concentração habitual.

Diante desse quadro não há como realizar um registro audiovisual sem que se proceda a um trabalho de pesquisa preliminar como já enfatizei anteriormente. Analisemos agora um último trecho do relato:

“Felizmente eu estava certo! Mais do que isso, não apenas vi o orifício esperado como também constatei que o lugar na encosta da grotta onde eu me posicionei para tentar ver o ninho encontrava-se quase no mesmo nível do orifício no tronco. Isso significava uma descoberta extraordinária porque esse lugar era também perfeito para posicionar uma câmera!

Além disso, a distância entre esse ponto e o ninho não era superior a 25 metros. Perfeito para fazer um registro de qualidade! Mais ainda, a entrada do ninho estava bem de frente para o leste, o que deveria garantir uma boa intensidade de luz pela manhã mesmo com a densidade da mata. Perfeito!

Entretanto, considerar o orifício descoberto como sendo efetivamente o ninho daquele papagaio que vi sumir atrás do tronco ainda carecia de uma confirmação definitiva. Isto, portanto, era ainda apenas uma hipótese, embora me parecesse muito consistente se eu considerasse o conjunto dos fatos observados naquela tarde. Pelo horário avançado imaginei que a fêmea não sairia mais daquele ninho naquele fim de tarde e fui embora satisfeito com a descoberta.

Decidi voltar na manhã seguinte para tentar obter a confirmação definitiva. Meu raciocínio era o seguinte: se aquele fosse realmente o ninho do papagaio, eu deveria vê-lo sair dali em algum momento na manhã seguinte, porque ele teria necessariamente que alimentar-se cedo. Normalmente seria alimentado pelo macho, do mesmo modo como acontecera hoje à tarde.

Antes de ir embora fiz uma camuflagem no local onde eu estava ajuntando alguns galhos secos e entrelaçando-os de modo a fazer uma pequena barreira para que eu pudesse ocultar-me atrás dela na manhã seguinte.

Às 06:40h do dia seguinte eu já estava bem instalado aguardando os acontecimentos. Às 07:20h finalmente o macho chegou. Eu o ouvi emitindo chamados desde muito longe enquanto voava vindo da direção leste aproximadamente. Tratava-se de uma direção que poderíamos considerar oposta à de ontem no final da tarde. Isso me surpreendeu porque esperava que ele fosse chegar pelo mesmo caminho, embora não tivesse nenhuma razão para presumir isso a não ser o forte desejo de descobrir “regularidades” que persegue todos aqueles que desejam descrever a realidade de maneira “objetiva”.

Ele pousou em algum lugar bem alto à minha esquerda. Não podia vê-lo, porém a direção do som era inequívoca. Permaneceu ali por alguns minutos emitindo chamados altos e fortes e foi diminuindo o volume até começar a emitir aqueles tais chamados roucos e baixos como o havia feito na tarde anterior.

Eu mantinha-me atento observando o buraco no tronco do pinho bravo de onde esperava ver surgir a fêmea. Às 07:25h eu a vi sair e minha hipótese então se confirmou!

Mais do que apenas a confirmação de uma hipótese, e isso é fundamental admitir, um conhecimento mais abrangente se construiu naquele momento. De uma só vez conectei e compreendi um conjunto de fenômenos.

A fêmea voou para junto do macho. Pude apenas vê-la sair do ninho e a perdi na densidade da floresta. Emitiram os chamados clássicos, fizeram silêncio em seguida (hora da alimentação) e, cerca de dez minutos mais tarde, ouvi o farfalhar de suas asas. Ela pousou num galho de araucária quase sobre a minha cabeça, permaneceu ali observando as redondezas (suponho, porque não podia vê-la) e depois voou em direção ao ninho.

Fiz então uma observação muito interessante: ela entrou no ninho de costas e não de frente como eu imaginava que ela faria.”

Finalmente, estamos diante de uma situação em que há acontecimentos da ordem do visível dos quais poderíamos obter imagens, a meu ver, realmente significativas que poderiam efetivamente interessar a um pesquisador do comportamento animal e a um espectador comum. Obteríamos uma boa imagem do papagaio saindo do ninho e também uma boa imagem do papagaio retornando ao ninho.

Todas estas reflexões que fiz até agora tiveram por objetivo mostrar que, em geral, muito pouco daquilo que eu fui descobrindo, percebendo e incorporando em minha pesquisa de campo, poderia eventualmente ser registrado em vídeo. Isto significa que é inevitável que o documentário editado deva conter uma narração *off* que forneça informações adicionais para costurar e dar sentido às imagens registradas.

Essa narração, por sua vez, precisa conter não apenas as informações adicionais de caráter mais objetivo (no sentido que viemos discutindo até aqui), mas também uma visão mais abrangente e subjetiva do documentarista que conheceu, segundo seu ponto de vista singular, a realidade a ser documentada. Esta visão subjetiva implica no conjunto de valores que estimularam a realização do documentário. São esses valores que sustentarão o eixo principal da narrativa. Nesse sentido, tanto os conhecimentos de ordem mais objetiva e racional como aqueles de dimensão mais afetiva e ética deverão coexistir de forma harmônica.

Seria uma ingenuidade supor que um documentário desse tipo possa ou deva ser completamente objetivo no sentido clássico, isto é, isento de quaisquer interferências subjetivas de quem o realiza. Pelo contrário, se a maioria quase absoluta dos espectadores não esteve lá de corpo presente para ver e ouvir tudo o que acontece com os papagaios, é muito importante que eles recebam informações da perspectiva singular de um outro ser humano que lá

esteve como um testemunho vivo dos fatos e não como se essas informações fossem produzidas por uma máquina de registro hipoteticamente objetiva, neutra e destituída de emoções e intuições diante da realidade. Comunicação humana para seres humanos.

RESULTADOS

Apenas para efeito prático vou dividir em três categorias distintas os resultados que obtive durante a pesquisa sobre os papagaios:

1. O conhecimento obtido através de leitura de documentação escrita.
2. O conhecimento obtido através de observação direta.
3. A obtenção de imagens através da câmera.

A análise, a reflexão e o entrelaçamento dessas três categorias de resultados foi o que tornou possível realizar o documentário. Propositadamente estou colocando a obtenção de imagens também como resultado da pesquisa e não como apenas uma etapa da produção do documentário. Isto porque considero que houve duas fases de produção de conhecimento: uma, memorizada pela minha experiência vivida e, na medida do possível, transferida para a forma escrita no corpo desta dissertação e, outra, memorizada em suporte audiovisual. Ambas contêm informações sobre o mesmo tema e, como tal, devem ser complementares. Foram duas etapas igualmente necessárias para a realização do documentário propriamente dito.

Como já discuti antes, as imagens são matéria-prima, não são ainda o documentário. Realizar o documentário é, por um lado, uma atividade puramente mental que consiste em imaginar o que ele deverá “dizer” para o espectador e, por outro, uma atividade prática que consiste em articular imagens, sons e textos num discurso único que efetivamente “diga” aquilo que o documentarista queria que ele dissesse.

Enquanto está captando imagens, o documentarista está colecionando matéria-prima para a construção do documentário. É como um caçador de faisões que tem em perspectiva oferecer um jantar especial para os amigos: ele precisa antes de tudo obter os faisões e só mais tarde, preparar a receita experimental de faisão assado que ele quer por em prática. É claro que

ele pode ir pensando em todos os detalhes enquanto está caçando, mas se não obtiver os faisões não haverá jantar. Do mesmo modo, o documentarista pode estar concebendo o conteúdo, a estrutura e o formato do documentário que pretende realizar ao mesmo tempo em que está na fase de registro das imagens. Porém, se não obtiver imagens não haverá documentário.

1. Documentação escrita

Como já enfatizei no início desse capítulo, antes do início do trabalho de campo realizei uma pesquisa em livros e artigos que contivessem informações sobre os *Amazona vinacea* (ver bibliografia específica no final da tese). As informações que obtive basicamente descrevem as características físicas do papagaio, sua distribuição geográfica, características do seu habitat e hábitos alimentares. Não há nenhuma literatura dedicada especificamente aos papagaios-de-peito-roxo. Tudo o que encontrei são pequenos textos informativos inseridos em livros sobre aves em geral ou sobre os psitacídeos, que é família das aves que conhecemos popularmente por periquitos, maitacas, papagaios, araras, etc.

Uma informação da maior importância é que esse papagaio consta da lista oficial dos animais em risco de extinção e que isso se deve basicamente à destruição de seu habitat e ao comércio clandestino dos filhotes. Esta informação eu já a possuía mesmo antes de realizar o projeto de pesquisa e foi o elemento mais importante de estímulo à sua realização. Esta situação crítica, a meu ver muito relevante, já justificaria por si só a realização de um documentário.

A seguir, apresento as informações sobre os *Amazona vinacea* colhidas e compiladas a partir dos diferentes documentos que pesquisei para que o leitor não especializado em zoologia (como eu mesmo) possa ter uma idéia de como é e como vive esse papagaio. São informações escritas e, portanto, sujeitas aos limites e possibilidades que esse meio de representação da realidade oferece, como já discuti anteriormente. O documentário que realizei, como veremos mais adiante, valeu-se também dessas informações para ser construído. A fotografia

abaixo (figura 1) foi gentilmente cedida pela bióloga Érica Pacífico que a produziu a partir de um animal em cativeiro no Zoológico de Itatiba (SP) onde ela trabalha.



Figura 1: Papagaio-de-peito-roxo *Amazona vinacea*

Nome vulgar: Papagaio-de-peito-roxo

Nome científico: *Amazona vinacea*

Classe: Aves

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Habitat: florestas de pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) em regiões de clima subtropical, geralmente acima de 1.200 m.

Distribuição geográfica: sudeste e sul do Brasil. Ocorrem também no oeste do Paraguai e nordeste da Argentina.

Alimentação: sementes (principalmente os pinhões das araucárias) e frutas.

Época reprodutiva: agosto a dezembro

Longevidade: 30 anos (aproximadamente)

Período de incubação: 30 dias

Nº de filhotes: 2 a 3 (obtive depoimentos de guardas florestais que falam em 4 e 6 filhotes)

Os *Amazona vinacea* utilizam buracos e fendas já existentes em troncos de árvores para depositarem seus ovos. Esses buracos podem ter sido feitos por outros pássaros (como os pica-paus, por exemplo), ou terem sido formados naturalmente. Como esses buracos, fendas e ocos ocorrem numa porcentagem pequena de árvores dentro de uma floresta, fica claro que é necessária uma grande mancha florestal para que eles sejam relativamente abundantes e disponíveis para a procriação dos papagaios-de-peito-roxo. Sabe-se também que pequenas manchas florestais não são auto-sustentáveis, acabam se degradando com o tempo. Sendo assim, a preservação das grandes manchas é essencial para a sobrevivência dos *Amazona vinacea* e, é evidente, para os seres vivos em geral, incluindo direta ou indiretamente a nós mesmos. Este também é um tema importante que integrou a narrativa do documentário.

2. Observação direta (pesquisa de campo)

Como disse acima, eu realizei a pesquisa de campo em duas etapas: a observação dos papagaios visando conhecer seus hábitos mais característicos e demarcar os locais onde seria possível instalar uma câmera para registrá-los e, somente após a conclusão dessa etapa, passei a realizar os registros.

A primeira etapa foi iniciada no ano de 2002 e concluída em 2003 e a segunda iniciada em 2004 e concluída em 2005. Na primeira etapa, fiz 18 viagens ao Parque Estadual de Campos do Jordão, totalizando 87 dias de permanência em campo, integralizando aproximadamente 680 horas de trabalho. Na segunda etapa, fiz 14 viagens, totalizando 62 dias de permanência em campo, integralizando aproximadamente 390 horas de trabalho. Considerando as duas etapas juntas, foram realizadas 32 viagens, totalizando 149 dias, com aproximadamente 1.070 horas de trabalho.

Os resultados obtidos na primeira etapa podem ser, se quisermos, divididos em duas categorias: aqueles de natureza mais quantitativa, e os de natureza qualitativa. Vou apresentar os resultados mesclando essas duas categorias na medida em que uma informação for remetendo, por alguma razão, à outra.

Com relação aos resultados mais quantificáveis, isto é, aqueles que podem ser medidos por algum padrão de medida convencional, o que merece maior destaque é a “pontualidade” dos *Amazona vinacea*, sobretudo no período da tarde. Qualquer observador mais atento perceberá que os papagaios têm uma regularidade notável (uma das poucas regularidades observadas por mim) quanto aos horários em que começam a emitir chamados sonoros e os horários em que silenciam completamente. Isto acontece regularmente quatro vezes ao dia: no início da manhã, no meio da manhã, no meio da tarde e no final da tarde.

O que se observa é que nas primeiras horas da manhã eles começam a emitir os primeiros chamados e, aos poucos, em quase toda a região do Parque Estadual, ouve-se aqui e ali muitos desses chamados (seja com papagaios sozinhos ou em grupos; seja em pleno vôo ou pousados) que

continuam acontecendo até silenciarem novamente. Em certos momentos há uma simultaneidade de muitos chamados. É quando um observador pode ter a sensação de que o Parque Estadual está repleto de papagaios.

Aliás, o número de papagaios que circulam e dormem na região do Parque Estadual continua sendo um mistério para mim. Tentei fazer algumas estimativas, mas as considero muito imprecisas. Acredito que são cerca de 50 indivíduos. É muito difícil saber, por exemplo, se não estamos contando o mesmo indivíduo duas ou mais vezes. Isso mereceria, a meu ver, uma pesquisa atualizada, realizada por um especialista, utilizando uma metodologia adequada. Isto poderia esclarecer se o número de papagaios está declinando ou não.

O último levantamento sistemático da avifauna realizado no Parque Estadual de Campos do Jordão foi realizado há 28 anos, em 1990/91. Nesse levantamento estimou-se que a população dos *Amazona vinacea* era de 62 indivíduos. (Barbosa e Almeida 1992, p. 32)

Quando estão voando em grupo é possível contá-los com relativa facilidade. São grupos pequenos que variam muito quanto ao número de indivíduos (desde uma dupla até 13 indivíduos em média). Numa ocasião, observei duas vezes um grupo de 13 indivíduos, em dois dias consecutivos. Parecia ser um bando composto pelos mesmos indivíduos porque nesses dois dias eles estavam todos dormindo numa mesma árvore e eu os vi saírem voando todos juntos fazendo muito barulho em meio à neblina densa da manhã. Na manhã do terceiro dia fui ao mesmo local e, para minha surpresa, 32 papagaios saíram voando da mesma árvore. Foi a única vez, em quatro anos, que vi essa quantidade de papagaios juntos. Nessas três ocasiões (três dias consecutivos) imaginei ter descoberto um lugar que os papagaios habitualmente usavam como dormitório. Para minha decepção, voltei inúmeras vezes ao mesmo local, no mesmo horário, e nunca mais os vi.

Esses números de indivíduos por grupo são muito diferentes de outras informações que obtive através da leitura de documentos. Por exemplo, existem referências a “pequenos grupos” de 19 a 47 indivíduos na região nordeste do Rio Grande do Sul e de bandos de 43, 46, 47, 96 e 120 papagaios nas regiões

sul e sudeste de Santa Catarina (Prestes e Martinez 1996, p. 93). Se compararmos esses números às minhas observações fica claro que, no Parque Estadual de Campos do Jordão, a população de papagaios é muito menor e que o maior grupo que eu observei estaria na categoria dos pequenos grupos.

Voltando à questão da pontualidade, eu anotei todos os horários em meu caderno de campo (anexado a esta dissertação). Para efeito das informações mais detalhadas que apresentarei a seguir, é preciso esclarecer que apenas considereei como anotações válidas aquelas que fiz quando eu já estava em trabalho de campo desde muito cedo, sem ainda ouvir nenhum chamado dos papagaios e em situações normais de observação, isto é, sem estar realizando alguma outra tarefa específica que me impedisse de dedicar plena atenção aos sons, ou então não estar na região de maior concentração dos papagaios. Às vezes, por exemplo, eu estava caminhando por áreas muito distantes da parte mais central do Parque onde pude constatar que os papagaios não tinham o hábito de trafegar. Nesses casos, é claro, eu não poderia fazer nenhuma anotação válida. Eu poderia estar em outra atividade como, por exemplo, carregando uma escada para verificar um possível ninho (como o fiz inúmeras vezes), ou então conversando com algum guarda florestal que encontrei no caminho, etc (há muitas outras situações onde não pude fazer anotações).

Enfim, isto significa que somente em situações ótimas de observação o primeiro chamado ouvido de um papagaio, ou de um grupo deles, é o que foi anotado e considerado válido. Do mesmo modo, o último chamado ouvido no meio da manhã é o que valeu. No período da tarde segui o mesmo critério.

Portanto, as anotações que considereei válidas são somente aquelas onde pude ter a máxima certeza de que não estaria cometendo nenhum equívoco. São aquelas verdades, às quais me referi no capítulo anterior, que passam por uma “confissão íntima” e que antecede a sua comunicação para um outro. São anotações honestas, porém em número reduzido que não permitem, em muitos casos, que façamos generalizações seguras. Quero deixar isto bem claro isto para

que não seja necessário repetir essa advertência inúmeras vezes ao longo desse meu relato.

O maior número de anotações dos primeiros chamados matinais concentra-se na faixa que vai das 06:30h às 07:00h. É necessário esclarecer que fiz as anotações dentro de uma faixa de precisão de 15 minutos. Somente no mês de outubro é que anotei um chamado muito cedo, às 05:15h e dois outros às 05:30h. Talvez isso se deva (trata-se tão somente de uma vaga hipótese) ao fato de que outubro é um mês onde os primeiros filhotes devem estar nascendo. Essa movimentação mais cedo do que a média pode estar relacionada com a alimentação desses filhotes.

O que posso afirmar com segurança é que, em geral, os papagaios-de-peito-roxo começam a emitir sons mais tarde do que muitas outras espécies de pássaros. Era muito comum ouvir os chamados ou os cantos prolongados de muitas outras espécies muito antes de aparecerem os primeiros sons dos papagaios. Outra observação que fiz é que nos meses mais frios (junho a setembro) em alguns dias eles iniciam suas atividades matinais um pouco mais tarde (houve anotações entre 07:00h e 07:30h)

A partir do momento em que eles começam a emitir chamados, vão ocorrendo outros chamados, de outros indivíduos ou grupos, em vários outros pontos do Parque, que seguem ocorrendo com uma certa frequência (podemos vê-los ao longe voando e pousando aqui e ali) para, a partir de um determinado momento, cessarem completamente.

É nítida a preferência dos papagaios por pousarem no topo ou nos galhos mais altos, das araucárias mais altas, na área que estão sobrevoando, ou então na ponta do galho mais alto de araucárias já mortas e secas. Isso é possível afirmar com absoluta segurança. É extremamente raro vê-los pousar em árvores de outras espécies e mais baixas do que as araucárias.

A faixa de horário em que os papagaios emitem o último chamado da manhã vai das 08:30h às 09:30h. Anotei alguns chamados finais entre 09:30h e 10:00h que ocorreram justamente nos meses frios onde eles também começam a se comunicar mais tarde.

O que eu pude perceber é que, em média, os papagaios na região do Parque Estadual começam, permanecem e terminam de emitir chamados na faixa que vai das 06:30h às 09:30h. Após esse período de três horas, aproximadamente, eles desaparecem completamente. Se quisermos observá-los auditiva e visualmente pela manhã, temos que tentar fazê-lo nessa faixa de horário. Do contrário, não os veremos nem os ouviremos.

O que eles fazem depois desse período? Nunca consegui descobrir. Eles simplesmente somem voando muito alto e para muito longe ou então se embrenhando no meio das florestas em total silêncio. Muitos outros pássaros de outras espécies continuam até bem mais tarde emitindo chamados e cantos prolongados, mas minha experiência demonstrou que podemos desistir de tentar encontrar os papagaios depois de ficarem em silêncio absoluto. Eles só reaparecerão à tarde, e de modo ainda mais pontual.

Podemos, então compreender que os *Amazona vinacea* são “visíveis” (que é o que interessa, enfim, a quem pretenda registrar imagens através da câmera) durante muito pouco tempo no período da manhã.

Ouvindo o relato dos guardas florestais, e é importante que se diga que a maioria deles (com algumas exceções) tem muito pouco a dizer sobre os papagaios (embora, paradoxalmente, esses guardas permaneçam diariamente, ano após ano, naquela região) concluí que talvez os papagaios se dirijam para as encostas da Serra da Mantiqueira tanto na face do vale do Paraíba quanto na face do vale do Sapucaí à procura de alimento, já que nessas regiões o clima é bastante diferente e ocorrem espécies de vegetais que não são vistas nas matas de altitude, tais como algumas espécies de palmeiras e outras árvores frutíferas. As palmeiras produzem “coquinhos” que, segundo todas as pessoas que ouvi, são muito apreciados pelos papagaios.

Esta hipótese da migração diária se justifica em parte pelo fato de (até onde pude perceber) não haver muito alimento para os papagaios nas matas de altitude, a não ser na época que vai aproximadamente de abril até fins de junho e início de julho em que os pinhões (sementes de araucária) estão maduros. Os pinhões, isso eu pude observar inúmeras vezes, são muito procurados pelos

papagaios e são muito abundantes na região do Parque Estadual. Nesse período do ano, os pinhões parecem se constituir no principal alimento dos papagaios. Entretanto, mesmo nessa época eles silenciam completamente por volta das 09:30h.

Outro alimento freqüentemente procurado pelos papagaios na região do Parque Estadual (segundo relato dos guardas florestais) é uma semente de cor negra muito pequena (do tamanho aproximado de um grão de lentilha) que encontra-se dentro de uma vagem que é o fruto da *Acacia decurrens*, árvore muito abundante nas margens úmidas dos rios Capivarí e Sapucaí e dos outros riachos dentro do Parque como o Canhambora e o Galharada. Pude observar isso uma única vez quando avistei dois papagaios comendo essas sementes. Foi no mês de dezembro. Eles faziam um verdadeiro malabarismo, pois as favas ficam nas pontas de galhos muito finos que se vergam muito com o peso deles. Devo dizer também que foi a única vez, em todo o tempo de minha pesquisa, que observei um papagaio pousado tão próximo do solo (cerca de dois a três metros).

Depois de um longo período de silêncio que começa por volta das 09:00h, os papagaios reaparecem à tarde na região do Parque Estadual.

Os papagaios são muito mais pontuais no seu retorno à tarde dentro do Parque Estadual. A faixa de horário em que reaparecem vai das 16:00h às 16:45h, com o maior número de ocorrências entre 16:15h e 16:30h. Em dias sem nenhum evento atmosférico muito especial como fortes tempestades e ventanias (porque, nesses casos, os papagaios podem até não se manifestarem sonoramente), é possível quase que acertar o relógio apenas ouvindo o primeiro chamado dos *Amazona vinacea* à tarde, tal a invariância com esse fenômeno ocorre.

O reaparecimento dos papagaios à tarde apresenta uma característica bastante diferente do seu aparecimento nas manhãs: é o fato de que na grande maioria das manhãs na região alta do Parque Estadual há muita neblina, o que impede a observação do trajeto dos papagaios em pleno voo. À tarde, ao contrário, é muito raro haver neblina, o que torna possível observar de onde eles estão chegando.

A partir de um determinado momento os papagaios param de emitir chamados e isto coincide com o seu recolhimento para dormir. Pude várias vezes observar um papagaio ou um grupo deles chegarem emitindo chamados, pousarem no alto de uma araucária, escolherem lugares bem abrigados entre os ramos e as folhas e ali permanecerem até escurecer completamente. Posso afirmar com quase absoluta certeza que, senão todos, pelo menos a maioria da população de papagaios que vivem naquela região, dormem na área do Parque Estadual. Posso também afirmar que (através de inúmeras observações que fiz) os papagaios não têm um dormitório fixo. A cada dia, escolhem uma araucária diferente.

Do mesmo modo como os *Amazona vinacea* despertam pela manhã, em média, mais tarde do que muitas outras aves, eles dormem, em média também, mais cedo. É possível continuar ouvindo muitas outras espécies de pássaros depois que os papagaios já silenciaram completamente.

A faixa de horário em que eles param sua atividade sonora e pousam para dormir, isto é, as anotações referentes ao último chamado ouvido na região, vai das 17:15h às 17:30h nos meses mais frios e das 17:30h às 18:45h nos meses mais quentes, quando os dias tornam-se mais longos. Isto significa que eles se recolhem definitivamente quando o dia está ainda claro.

A faixa de horário em que podemos ouvir e ver os papagaios no período da tarde é mais estreita do que pela manhã. Em geral, dispomos de aproximadamente 45 minutos. Isto tem importantes implicações para o registro de imagens em vídeo.

É importante salientar que para fazer essas anotações não levei em conta o horário oficial de verão. Segui fazendo anotações segundo o horário padrão.

Coloquei essas faixas de horários numa tabela abaixo para facilitar a visualização do conjunto e não, faço questão de dizer isso, para objetivá-las perfeitamente. São apenas valores médios, obtidos de um número pequeno de anotações e servem apenas como referência aproximada. Penso que se pode considerar, sem muita margem de erro, uma variação de 30 minutos para mais ou para menos em todos os horários incluídos na tabela referentes ao período da

manhã e de 15 minutos para o período da tarde. Qualquer observador que for ao Parque Estadual de Campos do Jordão poderá verificar com facilidade que essa tabela abaixo faz sentido.

Tabela 1 – Horários dos chamados dos papagaios

	SILÊNCIO
06:30h às 07:00h	INÍCIO DOS CHAMADOS
08:30h às 09:30h	FIM DOS CHAMADOS
09:30h às 16:00h	SILÊNCIO
16:00h às 16:30h	INÍCIO DOS CHAMADOS
17:30h às 18:00h	FIM DOS CHAMADOS
	SILÊNCIO

Numa única ocasião (após o período de silêncio matinal total dos papagaios) consegui acompanhar visualmente um casal voando em total silêncio e, em seguida, pousando numa araucária no interior da floresta. Fui até lá, localizei a araucária e os vi pousados, os dois, no mesmo galho alto. Isto ocorreu às 09:45h. Deitei-me no chão da floresta, bem embaixo deles, e fiquei observando-os. Tive a sensação de que, finalmente, iria desvendar o mistério sobre o que os papagaios faziam das 09:30 às 16:00h aproximadamente. Estava disposto a permanecer observando durante todo o tempo que fosse necessário. Fiquei ali deitado até as 15:10h e os papagaios também ficaram lá no galho sem fazer nada. De vez em

quando, um deles caminhava um pouco para o lado aproximando-se ou afastando-se do outro e foi só o que vi.

Exatamente às 15:10h um grupo de jovens passou por um trilha próxima fazendo muita algazarra e o casal de papagaios saiu voando. Como já estava muito próximo das 16:00h, fiquei imaginando que no período de silêncio talvez os papagaios fiquem assim: simplesmente pousados sem fazer nada. Será isso verdade? Pelo menos neste caso particular isto, de fato, aconteceu.

Eu anotei também a quantidade de papagaios que observei voando sós ou em bando. Essas anotações seguem o mesmo critério que estabeleci em relação aos horários, isto é, somente fiz anotações quando estava em pesquisa de campo e numa situação de total visibilidade para que não houvesse erro em relação à contagem dos indivíduos.

Em alguns casos os grupos que avistei em vôo não eram permanentes. Algumas vezes vi, por exemplo, quatro ou cinco papagaios voando juntos e, num determinado momento, outros dois ou três se agregaram a eles em pleno vôo para, logo em seguida, se dividirem em grupos com número diferente de indivíduos em relação às formações iniciais e seguirem em direções também completamente diferentes uns dos outros até que eu os perdesse de vista no horizonte. Nesses casos não considerei como anotações para incluir na tabela acima porque seria muito difícil decidir o número de indivíduos do bando.

Fiz uma tabela muito simples (ver Tabela 2, abaixo) que mostra o número de indivíduos por bando no período da manhã e no período da tarde e o número de vezes em que observei e anotei.

Fiz um total de 103 anotações, o que parece muito pouco, creio eu, para permitir fazer alguma generalização mais segura. A única coisa talvez que mereça algum destaque é que o número de vezes que observei e anotei papagaios voando em dupla (46 anotações) é, de longe, muito superior às outras composições grupais (13 anotações para 3 indivíduos; 12 para 1 indivíduo e muito poucas anotações para outras composições). Ver tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Número de papagaios voando juntos e número de anotações correspondentes

Papagaios voando juntos	Número de anotações	
Quantidade de indivíduos	Manhã	Tarde
01	04	08
02	25	21
03	10	03
04	01	04
05	02	01
06	02	00
07	03	00
08	02	01
09	02	01
11	00	01
12	01	03
13	04	00
14	01	00
17	00	01
25	00	01
32	01	00

O que isto quer dizer exatamente eu não sei. É claro que é muito provável que se trate de casais, porém nem mesmo isso é totalmente seguro inferir em todos os casos. O que, para mim, corrobora a hipótese de serem casais é que observei em algumas ocasiões um indivíduo sair de dentro do ninho atendendo ao chamado de um outro indivíduo que está e, em seguida, saírem voando juntos para retornarem alguns minutos mais tarde. Isto talvez queira dizer que os papagaios, quando formam um casal, costumam voarem juntos.

Aliás, nesse retorno ao ninho, ocorre quase sempre a mesma coisa: os dois pousam um pouco distante do ninho e, em seguida, a fêmea dirige-se a um galho mais próximo, espera algum tempo e depois entra no ninho. O macho ainda espera um pouco e depois sai voando sozinho.

Com relação à direção que os papagaios seguem durante os vôos altos, vindos de local não identificado e indo para local também não identificado, também fiz anotações. Não se trata de pequenos vôos de um ponto a outro da paisagem visível a olho nu (como, por exemplo, de uma araucária a outra, mesmo que muito distante uma da outra). São vôos, se é que podemos dizer assim, de cruzeiro, onde os papagaios estão fazendo, pelo menos aparentemente, grandes travessias.

O fato mais notável que pude perceber é que os papagaios na região do Parque não fazem os percursos na direção norte/sul e nem na direção inversa (sul/norte). Isto talvez possa ser explicado pelo fato de que os papagaios voam seguindo a geografia dos principais vales dos rios e riachos, e estes vales estão aproximadamente no sentido sudoeste/nordeste, com ramificação para leste e oeste. É preciso esclarecer que estas direções nunca podem ser perfeitamente exatas porque os vales são sinuosos, mas indica uma tendência geral do eixo de direção por onde seguem os cursos dos rios e riachos. O sentido norte/sul representa, portanto, uma linha transversal ao eixo dos principais vales. Isto mostra, até onde pude compreender, a preferência dos papagaios por voarem seguindo a linha do fundo do vale. Tanto isso é verdade, que na prática eu me acostumei a esperar a chegada ou a passagem dos papagaios (que eu estava ouvindo sem poder ainda vê-los), pelo caminho que segue a linha dos vales, e eu corroborava sempre a minha hipótese.

Outro resultado significativo de minha pesquisa foi a demarcação da área onde descobri aquele ninho ao qual me referi no relato que analisei no sub-capítulo “Comunicação Verbal”. Como se tratava de um ninho em ótimas condições de registro em vídeo, solicitei à diretoria do Parque uma autorização para cercar aquela área, para evitar a entrada de animais de grande porte (cavalos e bois) e também para inibir a invasão de pessoas que pudessem estar

interessadas no roubo dos filhotes (o que é, infelizmente, muito freqüente). A área (cerca de 1.000 metros quadrados) foi cercada com fios de arame farpado que comprei e com mourões de eucalipto (cedidos pelo Instituto Florestal). Confeccionei uma placa para identificar a razão pela qual aquela área foi cercada dentro da área do Parque e também para anunciar a proibição de acesso.

Além disso, foi construído e instalado um abrigo em madeira (segundo um modelo projetado por mim), especialmente dimensionado para, além do espaço para acomodação pessoal, acolher todo o equipamento para os registros. O projeto previu uma escotilha voltada na direção do ninho, dimensionada de tal modo que eu pudesse colocar uma câmera sobre um tripé com uma razoável angulação horizontal e vertical suficientes para fazer as gravações não somente do ninho, como da área no entorno, além de possibilitar uma boa camuflagem. Esse abrigo permitia que eu pudesse permanecer abrigado das intempéries, inclusive podendo pernoitar ali quando necessário.

Uma das observações mais importantes e impressionantes que fiz foi testemunhar uma briga entre dois papagaios. Eu estava caminhando pelo interior da floresta quando comecei a ouvir os chamados de vários papagaios que pareciam estar voando na direção de onde eu estava. Fiquei parado, de pé, esperando. Chegaram quatro papagaios, vindos da mesma direção, que pousaram bem na minha frente e muito próximos de mim (cerca de uns cinco metros) e também muito próximos do solo (cerca de três metros). Esta proximidade em relação ao solo é um fenômeno raríssimo de presenciar, segundo tudo o que pude conhecer sobre os papagaios em minha pesquisa de campo.

Os papagaios pousaram em duplas separadas: dois pousaram no galho de uma árvore à minha direita e os outros dois à minha esquerda (a distância que separava os dois casais era de aproximadamente uns sete metros).

Faço um pequeno parêntese para dizer da minha dificuldade de transformar em texto aquilo que ainda está vivo em minha memória e, mais

uma vez, chamar a atenção para este aspecto limitador da comunicação verbal que já discuti anteriormente.

Pois bem, dois dos papagaios, um de cada dupla, se engalfinharam em pleno ar e, em seguida, caíram no chão (a uns três metros de mim) e brigaram como dois galos de briga numa rinha. Ficaram atracados e rolando pelo solo da floresta durante algum tempo (não sei dizer quanto) emitindo gritos muito diferentes dos habituais chamados já conhecidos por mim. Além disso, os outros dois papagaios que permaneceram pousados nas duas árvores, emitiam um tipo de som (muito alto e intermitente) que eu só posso tentar descrever aproximadamente como uma espécie de “gargalhada sarcástica”. Não estou fazendo essa analogia pensando que se tratava efetivamente de uma gargalhada, mas apenas que o som era muito semelhante a uma gargalhada humana com sarcasmo e, digamos, com imitação teatral (como se costuma representar sonoramente as gargalhadas das bruxas dos desenhos infantis). Esses dois papagaios além de emitirem esse som estranho (que eu jamais havia ouvido e nem sequer ouvi jamais depois desse evento), ficavam com o corpo esticado para baixo, quase como se estivessem prontos para voar sobre os outros dois.

De repente, a briga terminou e eles saíram voando emitindo os chamados clássicos, cada dupla para um lado em direções opostas.

Fiquei estupefato. Foi tudo muito rápido e inesperado. Sabia que havia presenciado algo, suponho, muito raro de ser testemunhado e que aconteceu bem na minha frente, a poucos metros de mim, como se tudo tivesse sido combinado com antecipação. É incrível constatar que eu estava posicionado bem no meio das duas duplas e que, quando os dois se engalfinharam, o fizeram exatamente na minha frente. Quando eu imagino a probabilidade de uma coisa como essa acontecer, fico me sentindo privilegiado por ter testemunhado esse fenômeno.

Esse testemunho é um exemplo perfeito de tudo aquilo que venho discutindo ao longo desta minha dissertação. Ainda que ele possa ser ouvido com interesse, não pode ser creditado oficialmente como verdadeiro e objetivo,

já que é uma observação singular e pessoal. É um testemunho que depende de que alguém “dê crédito” às essas imagens descritas pela subjetividade de um único indivíduo, num único lugar e num único momento. É, portanto, um fenômeno que não pode ser mensurado objetivamente. O princípio da objetividade científica privilegia a descrição de fenômenos mensuráveis, isto é, que possam ser comparados a padrões de medida estabelecidos e fixados fora das subjetividades individuais. Entretanto, em minha confissão íntima sei que esse evento, de fato, ocorreu.

Por outro lado, a descrição via linguagem escrita dessa vivência concretamente real e verdadeira para mim é muito pobre em relação a tudo aquilo que de fato presenciei, mesmo que eu a poetize, isto é, que amplie o alcance dos significados das palavras, introduzindo metáforas e analogias. Lembremo-nos de que as linguagens mais técnicas e precisas são fruto de um empobrecimento ao extremo da capacidade de significação das palavras (ver capítulo I). Enfim, mesmo um texto poético, mais rico, e de amplitude significativa muito maior do que um texto científico clássico, não pode ainda dar conta de descrever aquilo que vi e que posso confessar a mim mesmo que, de fato, vi e vivi e que, portanto, sei. Trata-se daquilo que eu venho chamando de um “conhecimento encarnado”, impregnado no corpo e na mente de quem o vive diretamente.

Mesmo que eu estivesse naquele lugar e naquela hora com todo o meu equipamento de registro de imagens em mãos, eu não teria provavelmente podido captar nenhuma imagem. Isto porque, tudo foi muito rápido e eu mesmo levei um tempo até perceber o que estava acontecendo, ou seja, demorei em compreender o significado total do fenômeno que estava se desenrolando à minha frente. Além disso, a distância em que os fenômenos aconteceram em relação ao meu ponto de vista era muito próxima e isto, paradoxalmente, não teria permitido mostrar o conjunto do fenômeno através da câmera, que é o que daria a dimensão real do acontecimento. Dito de outro modo, para que um espectador pudesse compreender o que estava acontecendo, seria preciso enquadrar as duas duplas de papagaios separadas

e, daquela distância que eu estava, teria que optar por um ou por outro casal. Mais ainda, eu teria que registrar os dois se atracando no ar, os dois rolando no chão, etc. Se considerarmos apenas o tempo de ajustes da câmera (íris, *white balance*, foco, nível de captação de som, etc.) é fácil perceber a impossibilidade.

Ainda quero acrescentar que durante a briga dos dois papagaios rolando no solo, eu só conseguia ter pequenos vislumbres da cena devido a todas folhagens e troncos de árvores que se interpunham entre eu e os papagaios. Eu só podia ver alguma coisa na medida em que inclinava a cabeça e o tronco para lá e para cá. Como eu poderia fazer a mesma coisa através do visor da câmera?

É interessante constatar que a própria descrição por escrito (que acabo de fazer acima) dessa impossibilidade de registrar aquele fenômeno em vídeo, talvez seja insuficiente para fazer o leitor visualizar aquilo que eu estou querendo dizer. Mais uma vez a escrita expõe seus limites intrínsecos.

Resta-me apenas afirmar categoricamente que realmente eu não teria registrado nada dessa briga dos papagaios mesmo que quisesse e chegasse a tentar. Cabe ao leitor dar crédito ou não àquilo que estou afirmando.

Mesmo que seu estivesse fazendo, por exemplo, um desenho animado para mostrar essa cena, seria preciso fazer um estudo de todas as posições de câmera, planos e enquadramentos, além de estabelecer a seqüência em que as tomadas seriam editadas para que o espectador compreendesse o fenômeno em sua totalidade.

3. Imagens obtidas

Passo a fazer agora uma análise geral das imagens que efetivamente consegui registrar em vídeo durante a etapa de gravações ocorrida nos anos de 2004 e 2005.

A primeira coisa que devo assinalar é que a diferença entre a quantidade do material original gravado e o material potencialmente aproveitável (não estou considerando aquilo que realmente foi aproveitado) para compor o documentário é muito grande. A proporção do material aproveitável em relação ao material bruto foi aproximadamente da ordem de 3%. Isto quer dizer que a cada uma hora gravada, pode-se aproveitar em torno de 2 minutos.

O problema é que, por um lado, nem sempre é possível obter todas as imagens como gostaríamos que elas fossem, tanto do ponto de vista técnico, como estético e de conteúdo, mas, por outro lado, também não podemos deixar de fazer tentativas de gravação, isto é, não podemos jamais pensar em economizar registros, pelo contrário, é preciso haver uma abundância de tentativas para que se possa “garimpar” posteriormente segmentos de imagens aproveitáveis. Ao documentar a natureza, não temos controle sobre os acontecimentos e, nesse sentido, é melhor registrar aquilo que é possível agora (evidentemente dentro de parâmetros mínimos de qualidade) do que esperar que um momento melhor se apresente depois, coisa que poderá nunca acontecer.

Um outro problema é o tempo em que os acontecimentos no ambiente selvagem se desenrolam. Muitas vezes é um tempo demasiadamente longo para que possa ser mantido na montagem final do documentário.

Em várias oportunidades eu me vi, por exemplo, durante um longo tempo com a câmera fixada sobre o tripé, ligada em modo de gravação, enquadrando um determinado ninho, esperando que um papagaio se aproximasse e entrasse nesse ninho.

Penso que é necessário considerar nessa situação duas coisas: a minha expectativa em relação ao evento, e o próprio evento, que pode ocorrer ou não de forma totalmente independente daquilo que eu desejo que aconteça. Essa distinção é importante porque se eu sinto, como assinalei acima, que transcorre “um longo tempo” isto deve ser tributado à minha subjetividade e à minha racionalidade que estabelecem ambas, pelos mais diversos motivos e de forma

consciente ou inconsciente, certos parâmetros de tempo que julgo serem mais ou menos adequados para que as coisas da realidade aconteçam. O tempo em que as coisas acontecem no ambiente natural é o tempo intrínseco a elas e não depende, portanto, da minha aprovação.

Também é muito importante considerar que minha expectativa de que o papagaio se aproximasse e entrasse no ninho não era absolutamente sem fundamento. Pelo contrário, minha experiência anterior de observação desses ninhos autorizava-me a supor que o papagaio poderia, de fato, entrar neles. A imagem, portanto, que eu precisava e desejava obter através da câmera era a desta ação específica: o papagaio entrando no ninho. Acontece que, muitas vezes, o tempo que o papagaio levava para executar essa ação era demasiado longo para mim (e também para o documentário), e o momento exato de executá-la totalmente imprevisível. É por esta razão que eu precisava deixar a câmera ligada e gravando, isto é, para não correr o risco de “perder” um instante tão especial e esperado.

Entretanto, esse tempo de espera, no qual aparentemente nada ocorre, é o tempo real que de fato o papagaio leva para, uma vez estando nas imediações do ninho (geralmente pousado num galho de árvore que serve de última etapa na sua trajetória para alcançar o destino), pousar e entrar nele. É um tempo que faz parte do seu comportamento habitual, quer seja excessivo para mim ou não. Mais do que isso, durante esse intervalo de tempo acontecem coisas significativas que podem não ser visíveis para a câmera e inaudíveis para o microfone.

Suponhamos que o papagaio esteja pousado num local que a câmera não pode enquadrá-lo. Suponhamos também que ele esteja em absoluto silêncio. Nesse caso, o objeto que está diante da câmera (ligada e gravando) é somente o orifício no tronco da árvore, que é a entrada do seu ninho. É uma imagem sem som, pelo menos o som do papagaio (pode, é claro, haver um som ambiente). Entretanto, esse silêncio do papagaio é um traço fundamental de seu comportamento, ou seja, toda vez que ele se aproxima do ninho, fica em absoluto silêncio durante algum tempo. Digo “algum tempo” para não dizer

“muito” ou “pouco” que seria uma medida minha, pessoal, e não para o papagaio. Para ele, talvez, seja apenas o “tempo necessário”. Sendo assim, a imagem registrada, onde nada aparentemente acontece, exibe um tempo muito relevante para a compreensão do comportamento do papagaio.

O problema é que do ponto de vista da edição do documentário esse “tempo verdadeiro”, que foi registrado pela câmera enquanto aguardava a ação de entrada no ninho, não pode ser jamais utilizado na montagem final. Isto porque não seria aceitável para o espectador ficar olhando para a tela, digamos, 40 minutos, sem que absolutamente nada aconteça. Poderemos, por exemplo, usar 15 a 20 segundos dessa imagem, dependendo do que a narração tem de interessante para dizer e se a imagem a sustenta.

O que normalmente fazemos, portanto, é utilizarmos uma narração *off* que substitua esse tempo real pela afirmação verbal de que esse tempo transcorreu de fato. Mas, ao fazer isso, suprimimos uma informação auditiva e visual da maior importância, embora ela seja intolerável para a cultura da fruição de espetáculos audiovisuais.

O documentarista (eu, nesse caso específico) ficou ali esperando o acontecimento. Um tempo que verdadeiramente transcorreu. Precisei deixar a câmera ligada em modo de gravação, pois a probabilidade de que o evento ocorresse era muito forte e mesmo que, muitas vezes, eu não estivesse vendo o papagaio, sabia pelos sons e pela “atmosfera do momento” que o evento esperado poderia acontecer. Isto que eu chamei de “atmosfera do momento” é resultado de um conhecimento adquirido pela imersão contínua no habitat dos papagaios e pela observação direta e indireta dos fenômenos que ali ocorrem. Trata-se de uma experiência subjetiva, um certo saber que o registro de uma imagem em movimento não tem como objetivar.

No documentário de vida selvagem é o acaso que prevalece. Não podemos dizer aos animais que façam aquilo que queremos que eles façam e, por outro lado, não sabemos nada sobre aquilo que eles estão querendo ou irão, de fato, fazer.

Nesse sentido, não podemos dizer que haja um trabalho autêntico de direção em documentários de vida selvagem (embora a decisão pelos enquadramentos, movimentos de câmera, tipos de planos envolvam uma atitude de direção). Só há um grande trabalho de produção. Ainda assim, a produção se restringe apenas ao campo da preparação das condições melhores possíveis para a filmagem. Uma vez feito isto, resta-nos esperar e torcer para que alguma coisa aconteça diante das câmeras. Paciência é um atributo essencial do documentarista da natureza. Sorte também.

Analisando o conjunto das imagens que consegui registrar posso dividi-las em três categorias básicas:

1. Imagens onde aparecem os papagaios.
2. Imagens da paisagem (habitat dos papagaios).
3. Imagens oportunistas (outros animais)

Se eu for considerar tudo aquilo que vi e vivi durante todos esses anos de permanência no habitat dos papagaios, as imagens gravadas onde eles estão presentes não representam quase nada de significativo. Tudo aquilo que eu vi, eu gostaria de ter podido gravar, mas por tudo o que já discuti antes, não foi isso o que aconteceu. Se eu não dispusesse do recurso de uma narrativa verbal para articular o documentário, as imagens por si mesmas não diriam absolutamente nada. Elas são matéria-prima por excelência.

O que podemos ver nessas imagens isoladamente? Um grupo de papagaios voando; um papagaio pousado num galho de uma araucária; dois papagaios pousados no topo de uma araucária; um papagaio ao longe examinando um buraco no tronco seco de uma araucária morta; a silhueta de três papagaios pousados numa árvore, etc. Há, contudo, algumas poucas imagens que, em si mesmas, dizem alguma coisa como, por exemplo, um papagaio alimentando-se de pinhões e um plano bem próximo de um papagaio entrando e saindo de um ninho. O que esta última imagem mostra, sem que

seja necessário introduzir uma voz *off* para dar um sentido, é o modo como o papagaio entra e sai do oco no tronco da árvore, apenas isso, nada mais.

Conforme já havia verificado na etapa de observação, os pinhões são um alimento fundamental na dieta dos papagaios e são muito abundantes no período de março a maio. Coloquei a câmera nos pontos de observação previamente estabelecidos e permaneci longos períodos de tempo à espera de flagrar o procedimento dos papagaios para retirar o pinhão da pinha, descascá-los e comê-los. Embora eu tenha visto este acontecimento várias vezes enquanto observava os papagaios através do binóculo, apenas em uma única oportunidade ele ocorreu no momento e no lugar necessário para que fosse registrado.

A própria abundância de pinhões faz com que não haja uma araucária preferencial para a alimentação dos papagaios e eles acabam pousando naquela que for imediatamente visível e acessível em seus vãos de reconhecimento. O êxito no registro dependia, portanto, da coincidência de duas circunstâncias: a minha escolha de um local para a câmera e escolha de um local pelos papagaios que fosse visível para a câmera.

A escolha dos locais para posicionamento da câmera foi determinada (durante o trabalho de pesquisa prévia) por critérios de visibilidade, proximidade, luminosidade e de alta probabilidade de ocorrência dos fenômenos. Mas, esta alta probabilidade não garante a ocorrência simultânea da presença da câmera e dos papagaios. Isto é um exemplo claro do nível de aleatoriedade intrínseco a esse trabalho.

Eu marquei as coordenadas geográficas dos pontos considerados por mim os melhores para observação e registro com o auxílio de um GPS e os numerei. Chamei-os de Posto 1, Posto 2, e assim por diante. O conjunto destes postos de observação e registro cobre uma vasta área do Parque com posicionamentos estratégicos de visibilidade considerando a posição do sol, os trajetos habituais dos papagaios, o nivelamento da câmera em relação aos pontos prováveis a serem enquadrados pela câmera, etc.

Com o decorrer do tempo em que as tentativas de obtenção de imagens não foram tendo o êxito que eu imaginava inicialmente, comecei a buscar locais alternativos para posicionar a câmera. Fui fazendo isso me valendo da própria experiência de gravação, na medida em que, ao mesmo tempo em que ia tentando registrar, ficava observando outras possibilidades de registro. Essas escolhas a posteriori deram alguns bons resultados.

Por exemplo, fui a um local onde havia um suposto ninho (um buraco no tronco de uma araucária não quer dizer que esteja sendo utilizado como ninho) que eu não havia priorizado a princípio porque não apresentava condições ideais para registro de imagens. Primeiro, porque o oco no tronco da araucária fica a uma altura aproximada de 7 metros do solo, obrigando a posicionar a câmera em contra-*plongée*. Segundo, porque essa araucária está numa área descampada, não oferecendo nenhuma opção para camuflagem para mim e para a câmera. Além disso, o plano de fundo para qualquer ponto possível da câmera no solo (em contra-*plongée*) é sempre o céu, o que torna as imagens de primeiro plano quase sempre silhuetadas, exceto nos dias densamente nublados. Apesar disso tudo, consegui algumas imagens que não foram satisfatórias do ponto de vista técnico, embora haja alguns pequenos segmentos que puderam ser utilizados no documentário.

Num segundo suposto ninho alternativo que eu não havia determinado a priori como possível para gravação, eu usei a barraca de *camping* (que adquiri justamente com essa finalidade) como camuflagem e abrigo contra as chuvas. Instalei-a em várias posições estratégicas em dias diferentes. Consegui um local bastante próximo do ninho e bem camuflado. Armei a barraca em meio a muitos arbustos e fiquei esperando que o casal de papagaios que rondava aquela área viesse finalmente pousar no ninho. Para minha surpresa, o ninho estava sendo ocupado por pica-paus do campo e acabei fazendo belas imagens deles, imagens que preferiria ter feito com os papagaios.

Finalmente, ainda sobre a gravação dos papagaios, devo dizer que não foi um trabalho fácil, sobretudo porque eles são muito ariscos, desconfiados e, como já disse, estão quase sempre no topo das araucárias mais altas. Além

disso, não são muito assíduos, não apresentam regularidades bem definidas de deslocamento, não pousam sempre no mesmo lugar, enfim, são, de maneira geral, bastante imprevisíveis. Somente quando estão nidificando é que apresentam alguma previsibilidade porque o ninho é um ponto de convergência necessário para o casal. Foi pensando nessa rara oportunidade de captar imagens que eu investi muito trabalho e pesquisa para encontrar um ninho com características ótimas para gravação, levando em consideração todos aqueles aspectos técnicos que já analisei anteriormente. Foi por essa razão que fiz cercar aquela área dentro do Parque, que encomendei a construção de um abrigo, que passei várias madrugadas á espera de que o casal aparecesse, etc. Tudo isso pensando nas condições ideais para obter imagens com qualidade técnica e de conteúdo significativo. Entretanto, esse ninho em torno do qual todo um trabalho de preparação foi realizado, não foi revisitado pelo casal que o estava utilizando no ano anterior. Durante dois anos consecutivos estive utilizando o abrigo como plataforma de observação na época de procriação e os papagaios não apareceram.

Contudo, no final do último ano de minha pesquisa, consegui um outro ninho ativo em condições relativamente boas para captação de imagens. Havia dois grandes inconvenientes: primeiro, era um local onde dificilmente eu poderia obter uma boa camuflagem e, segundo, estava localizado demasiadamente próximo a uma estrada por onde costumam trafegar, a pé ou em automóvel, os visitantes do Parque. Suponho que os papagaios tenham escolhido esse lugar tão desprotegido talvez pela escassez de locais para nidificação na região do Parque.

Pois bem, foi exatamente ali que consegui as melhores imagens dos papagaios de todo o documentário. Consegui ir fazendo uma aproximação lenta do ninho até que eles se acostumaram com a minha presença pacífica. Nessa época, registrei belas imagens e me programei para voltar ao Parque com uma certa regularidade para ir acompanhando todo o processo até, se possível, conseguir uma imagem dos filhotes sendo alimentados e depois saindo do ninho. Quando retornei na vez seguinte, soube através de um

guarda florestal e, em seguida, constatei pessoalmente, que o ninho havia sido apedrejado e os papagaios não estavam mais lá. Lamentei profundamente pelos papagaios (não pelas possíveis imagens perdidas) e, mesmo agora, escrevendo essas linhas sinto alguma comoção.

Com relação à segunda categoria de imagens (paisagens), durante toda a fase de gravações eu registrei belas imagens das florestas e dos campos de altitude característicos da região onde os papagaios habitam. Considerando a dificuldade em gravar os papagaios, registrar essas imagens que “não saem nunca do lugar” foi um como um prêmio de consolação.

Além disso, foi quase que inevitável registrar outras imagens (oportunistas) de outros elementos que compõem o habitat dos papagaios (aves, borboletas, flores, etc.) que se apresentavam à minha frente sem que eu estivesse intencionalmente ali para registrá-las. Algumas delas fizeram parte do documentário.

O DOCUMENTÁRIO

Como já discuti no capítulo II, editar (montar) é, em última análise produzir um sentido, um novo sentido para as imagens na sua relação com outras imagens, sentido este que as imagens separadamente não continham.

Pois bem, quero refletir sobre alguns aspectos específicos da edição no caso do documentário de vida selvagem, segundo a experiência que obtive no trabalho de pesquisa de campo e as reflexões que a partir dele surgiram. Para que fique bastante claro o que pretendo argumentar, quero utilizar uma alegoria que me parece ser bastante apropriada: comparar a edição do documentário com a montagem de um *puzzle* ou quebra-cabeças.

O que acontece quando estamos tentando montar um quebra-cabeças desses clássicos que consistem num conjunto de peças sólidas (de papelão, madeira ou outro material qualquer)?

Sabemos que o objetivo é fazer encaixar “todas” as peças de modo a “reconstruir” (uma vez que as peças são sempre retalhos de uma imagem pré-determinada) uma imagem final num espaço bidimensional, geralmente retangular ou quadrado. Não podem sobrar e nem faltar peças. Quando terminamos a montagem, todas as peças que estavam dispersas e separadas encontram seu devido lugar, seu único lugar possível. Cada peça preenche aquele e somente aquele espaço. A solução do *puzzle* é, portanto, a restituição de uma completude originalmente determinada. Tudo se encaixa numa ordem pré-estabelecida. A imagem final que a montagem do *puzzle* reconstrói pode ser uma foto, uma gravura, a reprodução de uma pintura, etc, ou seja, algo estático, que não flui e que, portanto, não tem o tempo como elemento essencial.

Um documentarista de vida selvagem, pelo contrário, necessitaria captar através da câmera muitas imagens, imagens de sobra, para que possa realmente contar com um leque suficientemente abundante de amostras daquilo que acontece com a vida e o comportamento do animal que está

documentando. Um conjunto de segmentos de imagens em movimento, colhidas segundo o que as condições reais de acesso a elas possibilitam é, portanto, uma espécie de quebra-cabeças muito especial no momento da edição. As peças, nesse caso, não obedecem a uma ordem pré-determinada, como costuma acontecer nos quebra-cabeças tradicionais. Não há uma composição final previamente fornecida como referência para a sua montagem. Essa composição final, então, será pós-determinada e nela poderão sobrar peças que deverão ser descartadas, mas também poderá faltar peças. Contudo, a completude do documentário tem que ser conseguida a despeito das sobras e das faltas.

Nos documentários de vida selvagem não podemos ter uma idéia, ainda que aproximada, de qual peça se encaixa em qual peça, o que não acontece, por exemplo, numa montagem ficcional onde se pode e se deve previamente determinar, seja através de um roteiro ou mesmo de um *storyboard*, quais segmentos serão gravados para serem encaixados em quais exatos lugares na linha de tempo da montagem.

É, portanto, com o material que pudemos obter e nem sempre com aquele que queríamos ter obtido, que vamos construir o documentário de vida selvagem. É claro que, na medida em que sofisticamos a produção do documentário (como no caso que citei anteriormente sobre a série *The Living Planet*), aumenta muito a probabilidade de obtermos algumas imagens que previamente desejávamos. No meu caso, um documentarista solitário com uma câmera na mão, é preciso aceitar tudo aquilo que foi possível registrar mesmo que não seja aquilo que idealizávamos.

Além disso, as imagens obtidas nessas condições acabam formando um conjunto muito heterogêneo, embora todas elas refiram-se direta ou indiretamente ao objeto principal que desejávamos documentar. Conjunto heterogêneo, sobretudo porque são imagens captadas em tempos e lugares muito distintos, nas situações mais diversas, com atores (os papagaios) diferentes, que acabam tendo que representar o mesmo papel. No caso dos papagaios-de-peito-roxo, como já disse anteriormente, é muito difícil distinguir

o macho da fêmea (apenas os especialistas sabem como fazê-lo) e, em muitos casos, um indivíduo do outro.

Entretanto, ao montar o documentário temos que fazer (mais por um imperativo cultural do que por uma fidelidade aos acontecimentos reais), com que ele pareça homogêneo e linear no sentido de que sua estrutura narrativa tenha algum encadeamento lógico, ofereça algumas explicações para as imagens e apresente algumas relações de causa e efeito e, sem que o percebamos conscientemente, obedeça aos três princípios fundamentais da lógica aristotélica: de identidade, de não contradição e do terceiro excluído (ver capítulo I). Nesse sentido, agimos com relação à edição do mesmo modo como o faríamos com um texto científico.

Sabemos, contudo, que as imagens que obtivemos em campo não possuem nenhuma dessas propriedades racionais. Muitas vezes, são apenas fragmentos colhidos de forma casual e dispersa no decorrer de um longo período de permanência do documentarista no campo. Esse conjunto de imagens originalmente desconexas, obtidas de forma esparsa num longo período de permanência necessário para obtê-las, precisa ser convertido em algo palatável e consistente na arquitetura do documentário: é preciso reconectá-las numa outra ordem.

O que precisamos fazer, então, é sobrepor a estas imagens uma determinada linearidade lógica, não a da realidade original (porque já a perdemos), mas aquela que mais nos interessa, já que a edição é sempre uma manipulação (no bom e no mau sentido). Este é, a meu ver, um ponto crucial que envolve a adoção pelo documentarista de um princípio de responsabilidade.

Penso que assumir um princípio de responsabilidade na montagem de um documentário de vida selvagem é, em primeiro lugar ser fiel a si mesmo, fazer aquela confissão íntima (ver capítulo II) que advém da resposta à pergunta: o que, de fato, eu sei? Ao responder a essa pergunta elimina-se tudo o que é apenas uma crença, separando-a daquilo que é um saber verdadeiramente incorporado. Esse saber enraizado no sujeito é, portanto, o núcleo central que deve sustentar a construção da narrativa do documentário. É sua verdade essencial.

A essa verdade, o documentarista deve agregar o conjunto de idéias e valores que ele julga importante apresentar e defender. Essas idéias surgiram da própria experiência vivida e também de conhecimentos obtidos em outras fontes que, por sua vez, suscitaram a percepção dos valores relacionados a elas. Tudo isso são elementos subjetivos, mas que devem prevalecer sobre todas as coisas, porque só assim o conhecimento humaniza-se e pode ser compartilhado de forma humana com o outro. A objetividade (no sentido de um saber compartilhável) que um documentário de vida selvagem possa apresentar para o espectador precisa estar submetida à subjetividade de quem o produz, e essa subjetividade deve suscitar uma espécie de alquimia que reúna, num mesmo corpo de conhecimento (que deverá ser comunicado para o outro), intuição, emoção e razão.

É preciso sempre lembrar que o mundo em que vivemos é o mundo que produzimos. Não é um mundo objetivo no sentido clássico do termo, isto é, um mundo completamente independente do modo como o concebemos, mas, pelo contrário, o modo como o concebemos é o que ele passa a ser. Nesse sentido, a pretensão de objetividade pura (matriz condicionante do pensamento ocidental) é perniciosa, porque pressupõe que haja um mundo independente do sujeito, dos sujeitos e, se assim é, quem detiver a “autorização” para ser o portador do conhecimento oficial sobre esse mundo, terá poder sobre o outro. Poder de dizer que ele está errado, que ele não sabe, que ele tem que calar, etc. O poder adquirido através dos saberes dogmáticos tem produzido o mundo em que vivemos atualmente.

Se o documentarista é fiel a si mesmo, se está comprometido com valores que possam produzir um mundo socialmente e ambientalmente sustentável e, sobretudo, pacífico, então ele tem a responsabilidade de construir um discurso audiovisual que conserve esses valores no seu bojo e que os torne acessíveis para o espectador. Um documentarista munido dessa missão não faria caricaturas irresponsáveis dos animais que escolheu para serem os atores de seus trabalhos e nem descreveria o mundo natural como se fosse uma réplica projetiva das relações de poder e dominação das sociedades contemporâneas. Ao contrário, mostraria como a natureza segue outra lógica, outra velocidade, outro curso, mas

que tudo isso está hoje sob ameaça da construção equivocada que fazemos dela (a natureza) como se ela fosse um espaço de selvageria desenfreada, como querem fazer crer muitos documentários que são veiculados pelas redes de televisão (ver capítulo II).

O documentarista de vida selvagem precisa ser um importante colaborador para a reformulação de nossas idéias mais arcaicas sobre a natureza como espaço a ser dominado e saqueado até a exaustão para o nosso proveito. Nesse sentido, ele pode ser um importante agente ambientalista. Entretanto, para isso ele precisa fazer transpirar em seus trabalhos aqueles valores humanos essenciais que brotam da sua subjetividade. Não há humanidade na objetividade porque nela somente habitam os objetos. O documentarista tem que ser, se possível (porque isso não depende apenas de um desejo, mas de um dom), um artista. Tem que poetizar a narrativa, dilatar os tempos, musicar os espaços, em nome de uma objetividade relativa onde haja comunicação de conhecimentos relativamente confiáveis, mas também, e sobretudo, onde haja a comunicação de uma “atmosfera mágica”.

O diretor Andrei Tarkovski referindo-se ao trabalho de criação cinematográfica (ele está tratando de filmes de ficção, mas, a meu ver, se aplica também aos documentários sobre a natureza) diz o seguinte:

“As obras-primas nascem da luta travada pelo artista para expressar seus ideais éticos. Na verdade, é destes que nascem seus conceitos e suas sensações. Se ele ama a vida, se tem uma necessidade imperiosa de conhecê-la, de modificá-la, de torná-la melhor – em resumo, se ele pretende cooperar para a elevação do valor da vida, então não vejo perigo no fato de sua representação da realidade ter passado pelo filtro das suas concepções subjetivas, dos seus estados de espírito. Sua obra será sempre um esforço espiritual que aspira à maior perfeição do homem: uma imagem do mundo que nos fascina por sua harmonia de sentimentos e idéias, por sua nobreza e seu comedimento” (TARKOVSKI: 1990, p. 26)

Com relação ao documentário que produzi sobre os papagaios tentei, na medida do possível, dentro de minhas competências e dos limites dos recursos técnicos e materiais de que dispunha, seguir esses princípios básicos que acabo de expor. As idéias que nortearam sua construção foram extraídas de toda a experiência adquirida na pesquisa de campo, dos documentos que analisei e dos valores que foram emergindo de minha subjetividade.

Considerando o conjunto dos resultados obtidos (ver sub-capítulo anterior), destaco a seguir a lista completa daqueles que considerei relevantes. Foi trabalhando com esse conjunto de informações que escrevi o texto da narração off do documentário.

1. O *Amazona vinacea* consta da lista oficial dos animais em risco de extinção.
2. Há informações sobre os papagaios oriundas de pesquisas já realizadas.
3. É preciso conservar seu habitat para evitar a extinção.
4. Os papagaios fazem ninhos nas fendas e ocos de árvores.
5. Eles têm um comportamento típico quando estão próximos do ninho.
6. Ao *Amazona vinacea* emitem chamados muito característicos.
7. Voam às vezes sós, às vezes em bando.
8. São pássaros que mantêm uma certa regularidade de horários.
9. Preferem pousar no topo ou nos galhos mais altos das araucárias.
10. Os pinhões são o seu alimento predileto na região do Parque.
11. Os ninhos correm risco de serem saqueados mesmo dentro do Parque.
12. O ninho mostrado no vídeo foi apedrejado.
13. O clima da região é bastante singular.

O objetivo principal que persegui ao editar o documentário foi o de construir uma atmosfera visual, auditiva e conceitual favoráveis para sensibilizar o espectador em relação à necessidade urgente de preservação do patrimônio natural, tendo como elemento central a figura do papagaio-de-peito-roxo. Além disso, quis fornecer uma visão mais próxima daquilo que efetivamente acontece no mundo natural, sobretudo quanto ao ritmo dos acontecimentos. Procurei

mostrar, de forma direta ou indireta, que o conhecimento nunca está pronto e que ainda há muito mistério a ser desvendado. Pretendi com isso estimular o espectador a conhecer o mundo natural *in loco*, longe da realidade ficcional das telas e, se possível, tornar-se um guardião da natureza. Procurei, sobretudo atingir aqueles espectadores dos grandes centros urbanos, que quase não têm contato direto com o mundo natural (a não ser na qualidade de turistas eventuais) e que tendem a crer que a natureza é exatamente aquilo que está na tela do televisor ou do cinema.

Isto foi tudo o que estava em minha mira consciente. Entretanto, muito do que agreguei ao documentário deve ter vindo também daquilo que não é totalmente consciente, daquilo que não controlamos, mas que emerge como uma necessidade imperiosa de nosso repertório vivencial e cognitivo individual.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Na introdução deste trabalho procurei mostrar como minha compreensão do que seja o fenômeno do conhecimento sofreu uma brusca transformação a partir de um acontecimento singular em minha vida. A tentativa de estabelecer uma aproximação com um esquilo selvagem; a súbita interrupção dessa aproximação produzida pelas máquinas barulhentas dos motoqueiros; a leitura subsequente e sincrônica de um parágrafo muito especial escrito por Carl Gustav Jung, promoveram um *insight* que abriu as portas para um novo olhar sobre o mundo, melhor dizendo, para a percepção de uma outra realidade diferente daquela que eu havia sido convencido a aceitar pelas instituições formais de ensino, nas quais passei muitos anos de minha vida.

Em seguida, tentei mostrar (inspirado naquele meu *insight* e em tudo que fui pesquisando e refletindo nos anos que se seguiram) como quase todos nós, pertencentes à linhagem da cultura ocidental estamos imersos, queiramos ou não, saibamos ou não, naquilo que eu denominei uma “matriz do pensamento” que penso estar impregnada em quase todos os indivíduos escolarizados e também em quase todas as instituições sociais.

Essa matriz do pensamento pressupõe basicamente a possibilidade de haver uma “objetividade pura” no ato do conhecimento, sobretudo naquele tipo especial de conhecimento que nomeamos ciência, e também que essa objetividade é conseguida unicamente pela via da razão. Este ideal de objetividade pura e racional está enraizado no postulado epistemológico de que existe uma separação perfeita entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido por ele. Isto implica que essas duas entidades (sujeito e objeto) se definem uma pela exclusão da outra.

A crença na objetividade pura implica também na aceitação de um fenômeno estranho e paradoxal: o sujeito que produz o conhecimento sobre o objeto não se envolve nessa produção a não ser como uma espécie de catalisador, isto é, não se deixa impregnar pelo objeto e nem se transforma com

sua presença, apenas faz emergir esse objeto, em sua pretendida pureza e verdade intrínsecas, enunciando-o através de uma linguagem técnica muito precisa.

Como o sujeito pode fazer isso? Criando padrões de medida; ferramentas de medição; máquinas de medição; sistemas de quantificação; espaços isolados de experimentação; criando instituições que sustentam essa ideologia; comunicando os resultados de suas pesquisas em veículos especificamente criados para esse fim; etc. Todos esses artifícios são criados para funcionarem sempre como instrumentos de investigação e comunicação exteriores ao sujeito, completamente neutros, isentos de qualquer traço de sua subjetividade. Nesse contexto, o sujeito que produz o conhecimento precisa colocar-se numa posição imaginária de neutralidade total. Seu nome pode ser lembrado, pode ser citado por outros autores, mas o que não pode jamais acontecer é pensarmos que a realidade que ele descreveu ou explicou seria diferente se fosse abordada por um outro sujeito. A realidade é percebida, nessa perspectiva, como se fosse totalmente objetiva, isto é, independente de quem a observa. Qualquer sujeito que a observasse, supõe-se, teria visto e teria enunciado exatamente a mesma coisa.

Na seqüência de minha argumentação tentei mostrar como, historicamente, os aparelhos de registro de imagem em movimento (câmeras fotográficas e cinematográficas) foram concebidos, construídos e aperfeiçoados seguindo essa mesma idéia de objetividade, isto é, deveriam, a princípio, reproduzir a realidade visível exatamente como ela é, com suas formas, cores e movimentos. Sabemos que os inventores das máquinas de captar imagens conseguiram esse intento: espelharam a realidade visível de forma quase perfeita.

Entretanto, esse êxito em prol da objetividade das imagens registradas se dissolveu numa magia inesperada quando as imagens foram projetada numa tela. A realidade re-apresentada de forma tão verossímil se “desrealizou” e a imaginação apoderou-se do espectador. Nesse sentido, o que teria sido mais um, entre tantos outros, instrumento de medição muito preciso para o trabalho científico, transformou-se num potente mecanismo criador de realidades imaginárias, de fantasias. Nasceu, então, toda a tradição do cinema de ficção.

Contudo, e apesar disso, surgiu e se manteve até os dias de hoje, como sabemos, toda uma linhagem dos documentários enquanto produtos audiovisuais com deliberada intenção não-ficcional. O que se pretende em geral nesse tipo de produção é, de modo explícito ou implícito, fornecer informações objetivas sobre alguma realidade. Esta intenção, enquanto apenas intenção, pode se sustentar porque, como adverte Bill Nichols, “há uma especificidade no vídeo e no filme documentário que gira em torno do fenômeno de sons e imagens em movimento gravados em meios que permitem um grau notavelmente elevado de fidelidade entre a representação e aquilo a que ela se refere” (NICHOLS, 2007, p. 23).

A arte do documentarista consiste, portanto, em saber caminhar nesse estreito e sutil desfiladeiro que separa o mundo da fantasia, sempre estimulado pelas notáveis possibilidades de transmutação da realidade que a captação e edição de sons e imagens oferecem e pela paradoxal irrealidade que essas imagens (mesmo sendo verossímeis) adquirem ao serem projetadas. O documentarista precisa se esforçar para manter um certo compromisso com a objetividade acerca da realidade que ele quer documentar, mesmo sabendo (ou não) que o registro e a edição das imagens tendem a falseá-la, impondo limites e estimulando transgressões de todos os tipos: enquadramentos do campo de visão; alteração dos tempos e dos espaços e das relações entre os fenômenos, conexões visuais falsas entre fenômenos; etc. Se ele concentrar todos os seus esforços sustentado pela crença de que pode ser absolutamente neutro e objetivo em relação à realidade que pretende documentar estará desperdiçando sua energia em vão.

Apesar de ter nas mãos aparelhos técnicos finamente calibrados para produzir imagens quase perfeitas, como se fossem espelhos da realidade, e querer utilizá-los tirando proveito dessa característica, o documentarista mais atento e consciente de sua atuação logo percebe, ou deveria perceber, que é ele quem determina o que a realidade é. Isto porque a realidade não é objetiva no sentido clássico, ou seja, única e totalmente independente do sujeito que a experimenta e enuncia, mas, ao contrário, é sempre uma realidade subjetivada, dependente da sua visão de mundo, dos valores e do repertório de sua vida.

Nesse sentido, podemos dizer que o documentarista, ao mesmo tempo em que registra, recria a realidade. É nesse jogo complexo que reside a arte essencial do documentário que, por sua vez, depende basicamente da criatividade do documentarista. Contudo, se ele compreender que a busca pela objetividade pura é apenas uma meta convencional, defendida por uma determinada linhagem de pensamento (entre outras possíveis), ele pode, então, se libertar e deslocar totalmente o foco dos seus esforços. Como? Tentando ser fiel a si mesmo, que é o lugar onde a realidade está construída. Faz isso aceitando que a verdade é uma confissão íntima dele para com ele mesmo. Acreditando naquilo que viu e ouviu, não enquanto coisas exteriores a ele, mas como conteúdos de seu universo interior que passam pela elaboração do seu repertório pessoal. Interpretando livremente os significados dos eventos e das coisas. Introduzindo os valores que julgar oportunos e necessários. Seu compromisso, então, deixa de ser com a objetividade restrita e passa para o domínio da responsabilidade compartilhada, isto é, um compromisso ético entre a sua própria visão de mundo entrelaçada com o compromisso de fazer sua verdade chegar o mais íntegra possível ao espectador de sua obra. Exatamente no sentido daquela dedicatória manuscrita no livro que ganhei de presente de um amigo, à qual me referi logo de início, na apresentação desta dissertação: ***“agregando experiências dos outros para nossa própria experimentação”***.

Deixando de ser refém de um princípio de objetividade (que é insustentável), o documentarista se liberta para se tornar livre e “criativo”.

Não estou pretendendo de modo algum afirmar que o documentarista criativo é aquele que sobrepõe fantasias à realidade (senão, não seria um documentarista), mas sim aquele que potencializa e expande o significado dessa mesma realidade, fazendo-a passar pelo crivo de sua subjetividade (lugar onde habita sua verdade enraizada) de modo a torná-la mais sólida, viva, humana, próxima e significativa para o espectador que é esse “outro” que não pôde estar presente lá onde as coisas que está vendo agora na tela aconteceram. Trata-se de assumir conscientemente o valor da intersubjetividade como elemento essencial na construção do conhecimento coletivo.

No campo desse tipo muito particular e especial de documentários que tratam da vida selvagem e da natureza, em que os atores, em tese, estão fora do universo cultural humano, creio que esse princípio de responsabilidade é fundamental. Primeiro, porque nossa civilização progressivamente vai criando barreiras de todos os tipos que impedem os seres humanos do contato direto com a natureza, privilegiando o contato virtual. Sem o contato real, os indivíduos tendem a perder a noção do vínculo indissolúvel entre as suas próprias vidas e a “vida” como um todo. Pensam que podem continuar existindo independentemente do que acontece com a natureza. Segundo, porque, perdendo essa noção do vínculo, perdem (como consequência) a capacidade de tomarem as decisões mais acertadas para garantir a sustentabilidade da vida em nosso planeta. Tendem a se tornar burocratas, isto é, passam a tomar decisões tendo como base o que vêem nas telas, nos mapas quadriculados, nos textos supostamente objetivos dos tratados técnicos, etc. Esquecem que o mapa não é o território!

Muitos dos indivíduos atualmente preocupados com as questões ambientais podem não ter tido nenhum contato direto com o ambiente natural. Podem estar utilizando suas inteligências e criatividade para fazer somente deduções e inferências sobre o que lêem nos documentos técnicos que, por sua vez, podem ser também um conjunto de deduções e inferências a partir de outros documentos e assim sucessivamente.

Os documentários de vida selvagem devem, a meu ver, contribuir para a restituição no ser humano do desejo de conhecer e sentir no próprio corpo o contato com o mundo natural, de participar de sua beleza intrínseca e de seus mistérios insondáveis.

Alguns documentários da natureza que assistimos atualmente nos canais de televisão são autênticas ficções. Não haveria nenhum mal nisso se deixassem claro para o espectador que são intencionalmente fantasias destinadas ao puro entretenimento e não se auto-intitulem documentários. Deveriam, sobretudo, avisar as crianças, que ainda não sabem como se defender do assédio das imagens intencionalmente manipuladas. Refiro-me àqueles documentários que alteram completamente os ritmos da natureza, copiando a estrutura dos filmes de

ação, introduzindo sons artificiais, cortes rápidos, efeitos especiais de toda ordem, velocidades vertiginosas, comprimindo espaços, acelerando ações, projetando indiscriminadamente nos animais qualidades e defeitos humanos, valorizando a violência, a truculência, fazendo vários indivíduos diferentes passar como se fossem um mesmo indivíduo, etc, etc, etc. Além disso, esse tipo de documentário, em geral, costuma introduzir a figura de um apresentador ou de uma narração *off* que fazem crer que tudo já é perfeitamente conhecido e resolvido, que não há nada mais a fazer ou saber: o mundo natural é isso e fim!

Essa concepção me parece perniciosa, sobretudo porque imobiliza as pessoas nas poltronas de suas casas e as faz crer que não há mais nada para saber e nem para fazer no mundo natural.

Imagino que um ser humano, sobretudo uma criança, exposto a todo esse tipo de manipulações virtuais durante muitas horas de sua vida, quando for a uma floresta real e vir um regato de águas transparentes iluminado pela luz límpida de um sol de outono, deverá imaginar que isto é pura ficção, um brinquedo bonito criado por algum cenógrafo do “parque temático”.

Ao pesquisar a vida dos papagaios-de-peito-roxo nas florestas de altitude da Serra da Mantiqueira, não pude deixar de me envolver com toda a beleza, todo encanto, o silêncio, a luz cristalina das montanhas. Também não pude deixar de me envolver afetivamente com os papagaios que necessitam de proteção para que possam continuar existindo. Desde o início, o que me motivou a realizar todo esse trabalho foi esse traço afetivo, esse impulso do coração e não da razão.

O documentário sobre os papagaios que acabei realizando, apesar das poucas imagens que consegui obter deles, teve como foco principal mostrar essas fortes impressões que me marcaram durante o período da pesquisa e das gravações. Evitei toda sorte de informações quantitativas e precisas para dar espaço para as incertezas e a incompletude do conhecimento, tentando com isso produzir no espectador uma relação imaginária mais compatível com a realidade da natureza que é sempre fluida, complexa, multifacetária e inabarcável de forma completa por qualquer linguagem, seja de que tipo for, que pretenda representá-la.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Segundos Analíticos – Livro II**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.

AMOROSO, R. **Consciência, uma definição radical: o dualismo da substância soluciona o Hard Problem**. In: DI BIASE, F; AMOROSO, R. (Org.) *A revolução da Consciência*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARBOSA, A.; ALMEIDA, A. **Levantamento Quantitativo da Avifauna em uma Mata de *Araucaria e Podocarpus*, no Parque Estadual de Campos do Jordão, São Paulo**. Parte da Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 1992.

BATESON, G. **Une Unité Sacré – Quelques pas de plus vers une écologie de l’esprit**. Paris: Seuil, 1996.

BARTHES, R. **A Câmara Clara** – Lisboa: Ed. 70, 1980.

BARNOUW, E. **Documentary – a history of the non-fiction film**. New York: Oxford University Press, 1993.

BOHM, D. **A Totalidade e a Ordem Implicada – uma nova percepção da realidade**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

DANIEL, T. – **Televisão e Comunicação Científica** (Tese de Mestrado) – Campinas: UNICAMP – Instituto de Artes – Departamento de Multimeios, 1995.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

GOODY, J. **La raison graphique - la domestication de la pensée sauvage**. Paris: Ed. de Minuit, 1979.

HENRY, M. **La Barbarie**. Paris: Gallimard, 1987.

HEISENBERG, W. e outros. **Problemas da Física Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LASZLO, E. **A Ciência e o Campo Akáshico**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MACHADO, R. **Nietzsche e a Verdade**, Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MATURANA, H. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento**. Campinas:Psy, 1995.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MORIN, E. **O Cinema ou o Homem Imaginário**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NERUDA, P. **Confieso que he vivido**. Santiago: Peuhén, 2005.

NICHOLS, B. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papirus, 2007.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 1996.

PRESTES, N. P.; MARTINEZ, J. **Nota de ocorrência de Amazona vinacea (KUHL, 1820) para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina**. In: Congresso Brasileiro de Ornitologia, 5. Resumos. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1996, p. 93.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**. São Paulo: UNESP, 1996.

RIFKIN, J. **A Era do Acesso – A Transição de Mercados Convencionais para Networks e o Nascimento de uma Nova Economia**. São Paulo: Makron, 2001.

RUSSEL, B. **História do Pensamento Ocidental**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SAHTOURIS, E. **A Dança da Terra – Sistemas vivos em evolução: uma nova visão da biologia**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SHELDRAKE, R. **O Renascimento da Natureza – o reflorescimento da ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SHELDRAKE, R. **Sete experimentos que podem mudar o mundo**, São Paulo: Cultrix, 1999.

SIMONDON, G. **Du mode d’existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1989.

STENGERS, I. **A Invenção das Ciências Modernas**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

TARKOVSKI, A. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

VARELA, F. **O caminhar faz a trilha**. In THOMPSON, W,I . **Gaia: Uma teoria do Conhecimento**. São Paulo: Gaia, 2001.

VARELA, F. **Conocer**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

VERNANT, J. P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ZUKAV, G. **A Dança dos Mestres Wu Li**. São Paulo: ECE, 1989.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ARISTÓTELES. **Segundos Analíticos – Livro II**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.

AMOROSO, R. **Consciência, uma definição radical: o dualismo da substância soluciona o Hard Problem**. In: DI BIASE, F; AMOROSO, R. (Org.) **A revolução da Consciência**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BATESON, G. **Une Unité Sacré – Quelques pas de plus vers une écologie de l'esprit**. Paris: Seuil, 1996.

BATESON, G. **Vers Une Écologie de L'Esprit – Vol 1**. Paris: Seuil, 1977.

BATESON, G. **Vers Une Écologie de L'Esprit – Vol 2**. Paris: Seuil, 1980.

BARTHES, R. **A Câmara Clara** – Lisboa: Ed. 70, 1980.

BARNOUW, E. **Documentary – a history of the non-fiction film**. New York: Oxford University Press, 1993.

BOHM, D. **A Totalidade e a Ordem Implicada – uma nova percepção da realidade**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAPRA, F. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAPRA, F. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

D'AMBROSIO, U., WEIL, P., CREMA, R. **Rumo à Nova Transdisciplinaridade – Sistemas Abertos de Conhecimento**. São Paulo: Summus, 1993.

DANIEL, T. – **Televisão e Comunicação Científica** (Tese de Mestrado) – Campinas: UNICAMP – Instituto de Artes – Departamento de Multimeios, 1995.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

GOODY, J. **La raison graphique - la domestication de la pensée sauvage**. Paris: Ed. de Minuit, 1979.

GOODY, J. **La Logique de l'écriture**, Paris: Armand Colin, 1986.

GOSWAMI, A. **O Universo Autoconsciente – como a consciência cria o mundo material**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

GOSWAMI, A. **A Janela Visionária**. São Paulo: Cultrix, 2003

HEISENBERG, W. e outros. **Problemas da Física Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

HEMPEL, C. G. **Filosofia da Ciência Natural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

HENRY, M. **La Barbarie**. Paris: Gallimard, 1987.

JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

JUNG, C. G. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2002, 11ª ed.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 3. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LASZLO, E. **A Ciência e o Campo Akáshico**. São Paulo: Cultrix, 2008.

LEMKOW, ANNA F. **O Princípio da Totalidade - A Dinâmica da Unidade na Religião, Ciência e Sociedade**. São Paulo: Aquariana, 1992.

MACHADO, R. **Nietzsche e a Verdade**, Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAGUEIJO, J. **Mais Rápido que a Velocidade da Luz**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARGULIS, I.; SAGAN, D. **O que é Vida?** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MATURANA, H. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento**. Campinas:Psy, 1995.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De Máquinas e Seres Vivos / Autopoiese – A organização do Vivo** – Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MORIN, E. **O Cinema ou o Homem Imaginário**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NERUDA, P. **Confieso que he vivido**. Santiago: Peuhén, 2005.

NICHOLS, B. – **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2007

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**. São Paulo: UNESP, 1996.

POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 1996.

RIFKIN, J. **A Era do Acesso – A Transição de Mercados Convencionais para Networks e o Nascimento de uma Nova Economia**. São Paulo: Makron, 2001.

RUSSEL, B. **História do Pensamento Ocidental**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003

RUSSEL, B. **A Perspectiva Científica**. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

SAHTOURIS, E. **A Dança da Terra – Sistemas vivos em evolução: uma nova visão da biologia**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SHELDRAKE, R. **Cães sabem quando seus donos estão chegando**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2000.

SHELDRAKE, R. **O Renascimento da Natureza – o reflorescimento da ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SHELDRAKE, R. **Sete experimentos que podem mudar o mundo**, São Paulo: Cultrix, 1999.

SHELDRAKE, R.; McKENNA, T. ; ABRAHAM, R. **Caos, Criatividade e o Retorno do Sagrado – Triálogos nas fronteiras do Ocidente**. São Paulo: Cultrix, 1992.

SIMONDON, G. **Du mode d’existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1989.

SMOOT, G.; DAVIDSON, K. **Dobras no Tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

STENGERS, I. **A Invenção das Ciências Modernas**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

SWIMME, B. **O Coração Oculto do Cosmos – A Humanidade e a Nova História**. São Paulo: Cultrix, 2004.

TARKOVSKI, A. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

THOMPSON, W. (org). **Gaia – Uma Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Gaia, 3ª edição, 2001.

VARELA, F. **O caminhar faz a trilha**. In: THOMPSON, W.I (Org)**Gaia: Uma teoria do Conhecimento**. São Paulo: Gaia, 2001.

VARELA, F. **Conocer**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

VERNANT, J. P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

WEBER, R. **Diálogos com Cientistas e Sábios – A busca da Unidade**. São Paulo: Cultrix, 1995.

ZUKAV, G. **A Dança dos Mestres Wu Li**. São Paulo: ECE, 1989.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA (*Amazona vinacea*)

ALDERTON, D. **The Atlas of Parrots**. Neptune City: T.F.H Publications, 1991.

BARBOSA, A. e ALMEIDA, A. **Levantamento Quantitativo da Avifauna em uma Mata de *Araucaria* e *Podocarpus*, no Parque Estadual de Campos do Jordão, São Paulo**. Parte da Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 1992.

BELTON, W. **Aves do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

BERNARDES, A. T.; MACHADO A. B. M.; RYLANDS A. B. **Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Belo Horizonte: Fund. Biodiversitas, 1990.

BIRD LIFE INTERNATIONAL. **Threatened Birds of the World**. Barcelona and Cambridge: Lynx Editions and BirdLife International, 2000.

CHEBEZ, J.C. **Los que se van - especies argentinas en peligro**. Buenos Aires: Albatros, 1994.

COLLAR, N. J.; GONZAGA, L. P.; et al. **Threatened birds of the Americas: the ICBP/IUCN Red Data Book**. Cambridge: International Council for Bird Preservation, 1992.

DECOTEAU, A. E. **The Handbook of Amazon Parrots**. Neptune City: T.F.H Publications, 1983.

DE LA PEÑA, M. R.; RUMBOLL, M. **Birds of Southern America and Antarctica**. London: Harper Collins Publishes, 1998.

DUNNING, J.S. **South American birds**. Newton Square: Harrowood Books, 1989.

ERRITZOE, J. **The birds of CITES and how to identify them**. Cambridge: The Lutterworth Press, 1993.

FORSHAW, J.M. **Parrots of the world**. Third (revised) Edition. Melbourne: Lansdowne Editions, 1989.

HOPPE, D. **The World of Amazon Parrots**. Neptune City: T.F.H Publications, 1992.

HOWARD, R.; MOORE, A. **A complete checklist of the birds of the world**. 2. ed. London: Academic Press, 1991.

HUESPE FATECHA, H.; SPINZI MENDONCA, L.; et al. **Uso de la tierra y deforestación en la region oriental del Paraguay, periodo 1984-1991**, San Lorenzo: Universidad Nacional de Asunción - Facultad Ingenieria Agronomica, 1994.

JUNIPER, T.; PARR, M. **Parrots – A Guide to Parrots of the World**. New Haven and London: Yale University Press, 1994.

LANTERMANN, W.; LANTERMANN, S. et al. **Amazon Parrots**. Hong Kong: Barron's, 2000.

LOWEN, J. C.; BARTRINA, L.; et al. **Biological surveys and conservation priorities in eastern Paraguay** - the final reports of Projects Canopy '92 and Yacutinga '95. Cambridge: CBS Conservation, 1996.

NAROSKY, T.; YZURIETA D. **Guía para la identificación de las aves de Argentina y Uruguay**. Buenos Aires: Ass. Ornitológica del Plata, 1993.

OLROG, C. **Las Aves Argentinas – Una Nueva Guia de Campo**. Buenos Aires: Administración de Parques Nacionales, 1984.

PRESTES, N. P.; MARTINEZ, J. **Nota de ocorrência de Amazona vinacea (KUHL, 1820) para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina**. In: Congresso Brasileiro de Ornitologia, nº 5. Resumos. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 1996.

RUSCHI, A. **Aves do Brasil**. São Paulo: Rios, 1979.

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SIGRIST, T. **Guia de Campo – Aves do Brasil Oriental**. São Paulo: Avis Brasilis, 2007.

SNYDER, N., MCGOWAN, P. et al. **Parrots: status survey and conservation action plan 2000-2004**. Cambridge: International Union for Conservation of Nature and Natural Resources, 2000.

VÁRIOS AUTORES. **New World Parrots in Crisis – Solutions from Conservation Biology**. London: Smithsonian Institution Press, 1992.

WEGE, D. C.; LONG, A. J. **Key Areas for threatened birds in the Neotropics**. Cambridge: Bird Life International (BirdLife Conservation Series, 5), 1995.

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DO CADERNO DE ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (N º 1)

DATA: 27 a 29/01/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 27

Chegada no Parque Estadual no final da tarde sob forte chuva.

Dia 28

Por volta das 06:00h da manhã ouvi os primeiros chamados dos papagaios que pareciam não estar muito distantes das proximidades da Pousada onde eu estava hospedado (que fica na área central do Parque). Não estava chovendo, mas havia uma intensa neblina matinal que não possibilitava uma observação visual perfeita. Mesmo com binóculo não consegui ver nenhum indivíduo. Essa situação permaneceu até por volta das oito horas quando a neblina começou a se dissipar. Caminhei até uma posição mais elevada na direção sul, perto da antiga sede administrativa do Parque. Os chamados eram ainda audíveis, porém a uma distância muito grande na direção nordeste. Pareciam ser poucos indivíduos. Interrompi as observações para encontrar-me com a gerência do Parque e fazer a primeira reunião oficial para o início da pesquisa.

Às 09:30h fui à sede administrativa e fiz uma apresentação detalhada do projeto para a Eng. Agrônoma Yara Pio dos Santos (diretora substituta em exercício). Ela mostrou-se bastante interessada e ofereceu todos os recursos possíveis para auxiliar-me em meu trabalho. Solicitei uma cópia do mapa do Parque com curvas de nível e ela ficou de providenciá-lo para a próxima visita. Pedi para que ela reunisse na manhã seguinte todos os guardas florestais para que eu pudesse ter uma conversa em conjunto com eles. Ela solicitou que um funcionário (Fabrício) me conduzisse para conhecer o alojamento para pesquisadores, embora estivesse ocupado nesse período.

Às 11:30h fiz uma nova reunião com a Sra. Yara e com o Dr. Marco Antônio Pupio Marcondes (que acabara de chegar ao Parque) que é o atual diretor da Divisão de Reservas e Parques Estaduais do Instituto Florestal e também acumula o cargo de diretor do Parque Estadual de Campos do Jordão, cuja gerência, como já disse, está temporariamente a cargo da Sra. Yara. Novamente fiz uma apresentação do projeto. O Dr. Pupio mostrou-se também interessado e recomendou à Sra. Yara que efetivamente desse todo o apoio possível ao projeto.

Por volta das 15:00h ocorreu uma chuva torrencial que se transformou numa chuva menos intensa, mas copiosa e constante, e que se prolongou até a noite. Não foi possível realizar observações de campo.

Dia 29

Às 06:30h já não chovia, mas havia uma neblina matinal menos intensa do que no dia anterior. Ouvi alguns chamados e pude, pela primeira vez, observar, através do binóculo, dois indivíduos voando que pousaram numa araucária desfolhada (seca e morta) que fica numa colina atrás da serraria do Parque. Eles permaneceram aí por mais de meia hora emitindo chamados intermitentes. Pude ouvir outros chamados, porém muito distantes que pareciam vir da direção leste. Os dois indivíduos partiram voando para a direção sudeste.

Às 09:00h realizei a reunião, num pequeno auditório, com a metade do conjunto de guardas florestais do Parque (a Sra. Yara informou que não foi possível reunir todos no mesmo horário), onde mais uma vez apresentei o projeto e pedi a colaboração de todos no sentido de fornecerem, a partir de agora, toda e qualquer informação sobre os hábitos e a localização dos papagaios. Participaram da reunião os seguintes guardas florestais: Ademir Lopes, Alexandre Dias Paes, Altair Pinto, Deni Caetano, Domingos Aparecido e Edson Caetano.

Às 11:00h retornei para Campinas.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 2)

DATA: 05 a 08/03/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 05 - Tempo bom. Sol entre nuvens.

16:15 h. Ouvi os primeiros chamados dos papagaios. Subi a trilha do Sapucaí pelo flanco mais íngreme (trilha da direita). Havia alguns (não pude saber quantos) *Amazona vinacea* pousados numa araucária muito antiga (a julgar pelo diâmetro do tronco), que fica na subida junto à trilha (será necessário obter um GPS para começar a determinar as localizações com precisão).

Embora eu estivesse passando lentamente e sem movimentos bruscos para não assustar os papagaios, alguns jacus que também estavam próximos sem que eu percebesse, fizeram um grande estardalhaço com a minha passagem e os papagaios fugiram assustados.

Continuei subindo a trilha até encontrar um banco de madeira onde me sentei para observar o entorno (esse local passei a denominá-lo de POSTO 1). Havia vários papagaios voando nos arredores.

Observei (com binóculo) cinco indivíduos voando muito alto. Quatro deles voavam bem juntos fazendo um espécie de brincadeira de “pega-pega”, enquanto o outro mantinha uma certa distância e toda vez que tentava aproximar-se do grupo era rechaçado imediatamente (seriam dois casais e um solteiro?).

Algum tempo depois, um papagaio solitário pousou no topo de uma araucária bem à minha frente quase no nível dos meus olhos. Estava a uns 100 metros de distância e pude observá-lo nitidamente. Ele estava iluminado pelo sol poente e teria sido uma bela imagem se eu o estivesse registrando em vídeo.

Depois, dois indivíduos pousaram naquela velha araucária por onde passei no caminho e que agora estava à minha esquerda a uns 50 metros de distância. Pude observá-los por muito tempo. Permaneceram ali durante uns quinze minutos. Um deles tinha a plumagem completa enquanto o outro quase não tinha penas roxas no peito e a faixa vermelha da testa (que vai de um olho ao outro) ainda era pouco visível (seria um filhote?).

Outros papagaios estavam pousados em duas araucárias secas a grande distância numa colina à minha frente. Decidi ir até aquele local na manhã seguinte.

17:30 h. Começou uma tempestade de verão. Desci para a sede do Parque e lá encontrei dois guardas florestais: o Ademir (que já conhecia) e o Godoy que me foi apresentado. O Godoy disse-me que os papagaios adoram comer os frutinhas da “Mimosa”, uma árvore que ocorre, sobretudo, na beira dos rios da região.

O Ademir levou-me de carro até a entrada da estrada (Estrada do Paiol) que conduz àquela colina que eu pretendia visitar no dia seguinte. Chama-se “Morro do Acampamento”.

Dia 06 - Tempo bom. Neblina pouco densa se dissipando rapidamente.

05:45 h. Subi a Estrada do Paiol em direção ao Morro do Acampamento. Fui dar nas araucárias secas onde tinham estado os papagaios na tarde anterior. Marquei dois novos postos de observação (POSTO 2 e POSTO 3). Do POSTO 3 observei dois indivíduos ao longe emitindo chamados (direção norte) pousados nos galhos mais altos de uma araucária. Permaneceram ali por mais de uma hora. Depois saíram voando juntos na direção nordeste. Acompanhei-os pelo binóculo até perdê-los de vista.

Ouvi vários chamados ao longe que pareciam vir das araucárias no entorno da sede do Parque, entretanto, nenhum indivíduo se aproximou do Morro do Acampamento como haviam feito na tarde anterior.

08:45h. Desci para a sede do Parque, pois já não ouvia quase nenhum chamado por perto.

Chegando lá, fui apresentado para o José Dias, outro guarda do Parque. Ele disse-me que os papagaios descem muito baixo para comer os frutos da “Mimosa”. Disse também que, quando estão comendo esses frutos, ficam muito mansos e deixam que nos aproximemos bastante deles. Depois me levou até a beira do rio para ver alguns exemplares de Mimosa.

Mais tarde conversei com o Edson Caetano (outro guarda) que me informou o nome científico da Mimosa: *Acacia decurrens*. Disse também que jamais viu um único papagaio nas matas de neblina (árvores baixas e retorcidas) que ficam no alto da serra quase na encosta que desce para o Vale do Paraíba.

OBSERVAÇÕES:

- Todos os guardas dizem que os filhotes do *Amazona vinacea* só começam a voar no mês de dezembro. Se isto for verdade leva-nos a supor que só há uma postura anual de ovos e que ela acontece mais ou menos sincronicamente com toda a população dos papagaios.
- O Godoy afirma que os papagaios, entre 09:00h e 16:00 h vão comer os frutos das matas da encosta do Vale do Paraíba.

14:30 h. Sol com poucas nuvens.

Subi a trilha dos Campos do Timoni com o objetivo de estar no topo mais alto às 16:00h quando os papagaios normalmente reaparecem no Parque. De lá poderia observar a movimentação dos grupos e a direção de onde viriam. Se viessem de fato das encostas do Vale do Paraíba seria um local estratégico para observá-los. Permaneci no topo das 15:45h até 17:15h. Nesse meio tempo não vi nenhum papagaio. Entretanto, a partir das 16:10h já ouvia ao longe os chamados vindos da direção da sede do Parque. Tomei como hipótese inicial que eles não seguem essa rota que eu supunha.

Desci a trilha pelo lado oposto. Quando cheguei na sede do Parque às 18:15h havia muitos papagaios na região, considerando a profusão de chamados que podiam ser ouvidos oriundos de várias direções.

Perto da antiga sede administrativa do Parque pude observar quatro indivíduos pousados numa araucária. Depois saíram voando fazendo algumas acrobacias e dirigiram-se para aquela velha araucária da trilha do Sapucaí (perto do POSTO 1).

Dia 07 - Neblina pouco densa com céu claro e sol sobre a capa de neblina.

05:40h. Subi a trilha do Sapucaí novamente para verificar se, de fato, as araucárias mais altas desse lugar seriam um dormitório dos papagaios como afirmam os guardas do parque. Permaneci ali, no POSTO 1, até as 07:30h. A única coisa que vi nesse intervalo foi um grupo de três papagaios voando muito alto na direção SW/NE. A conclusão a que cheguei é que não havia nenhum indivíduo pousado nessa região desde as 06:00 h. Será que não haviam dormido ali?. Teriam saído cedo sem fazer barulho? O fato é que até as 07:30 h só vi os três papagaios voando e mais nada.

07:40h. Ouvi um chamado, mais ou menos próximo, à minha direita. Caminhei mais uns cem metros pela trilha do Sapucaí e vi um indivíduo solitário pousado no galho de uma araucária. Pude observá-lo demoradamente através do binóculo (ele estava a aproximadamente 100 metros de distância). Ele quase não tinha a faixa vermelha entre os olhos e o peito era muito pouco arroxado. Num olhar menos atento ele poderia parecer todo verde.

Depois de algum tempo dois outros indivíduos vieram voando direção NE/SW, e aquele que eu estava observando juntou-se a eles e seguiram viagem.

08:00h. Já não havia nenhum chamado. Vi somente um indivíduo solitário voando muito alto em silêncio na direção SW/NE. Continuei a trilha pelo lado oposto até completá-la. Não vi nem ouvi mais nada.

OBSERVAÇÕES:

- A trilha do Sapucaí tem vários pontos onde a câmera pode ficar sobre o solo da encosta e no nível da copa de araucárias grandes a uma distância razoável para registro em vídeo.

15:40 h. Céu bastante nublado, ameaçando chuva.

16:10h. Subi novamente o Morro do Acampamento e parei no POSTO 2. Como parece ser habitual, os papagaios começaram a sobrevoar a área.

Vi uma dupla voando alto e pousando no morro à direita da trilha da Cachoeirinha (que ainda não percorri). Depois vi quatro voando juntos e pousaram perto do POSTO 1. Outros dois pousaram na ponta de uma araucária seca quase em frente de onde eu estava, porém a uma grande distância. Permaneceram ali parados, por mais de meia hora, emitindo chamados de quando em quando.

Nesta tarde nenhum indivíduo pousou nas araucárias próximas de onde eu estava como o haviam feito no dia 05 quando eu estavam no POSTO 1.

17:30h. Começou a chover muito forte e com vento. Desci para a sede.

Dia 08 - chuva fina e muita neblina.

05:45h. Saí para tentar fazer alguma observação, porém não foi possível. Ouvi poucos chamados ao longe vindos de várias direções, mas não consegui observar nenhum indivíduo. Permaneci nas partes baixas do parque caminhando em várias direções na tentativa de localizar algum papagaio, mas não consegui.

08:45h. A chuva começou a parar e a neblina a dissipar-se aos poucos. Não vi nem ouvi nenhum papagaio depois disso.

OBSERVAÇÕES:

- Os papagaios parecem ser bastante regulares quanto aos horários. Todos os dias começam a emitir chamados às 05:45h aproximadamente e permanecem nas redondezas da sede do Parque até às 09:00h aproximadamente. Depois desaparecem completamente e reaparecem às 16:00 h aproximadamente e ficam chamando e sobrevoando a região até perto do anoitecer às 19:00 h.
- Preferem sempre as araucárias mais altas para pousarem ou então as araucárias secas. Não pousam sempre nos mesmos lugares à mesma hora.
- Não sei para onde vão e nem o que fazem (provavelmente alimentam-se) desde as 09:00h até as 16:00 h todos os dias.
- Não pude estimar com precisão o número de indivíduos que freqüentam a região da sede do Parque. Penso que são vinte aproximadamente, mas isto é apenas uma conjectura sem nenhum fundamento mais preciso.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 3)

PERÍODO: 12 a 15/04/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 12 - Tempo bom. Neblina matinal sob o sol.

06:00h. Instalei-me no POSTO 1. Ouvi os primeiros chamados dos papagaios somente às 06:40h. Pareciam estar em vôo e a uma grande distância (SW). Logo em seguida ouvi outros chamados. Pareciam estar voando muito alto vindos de NE. A neblina impedia a observação visual. Percebi que pousaram nas proximidades do POSTO 2.

As coordenadas de minha posição atual (POSTO 1) são:

S: 22° 41' 21.7"

W: 45° 28' 45.9"

ALT: 1570 m

07:05h. Pousaram três papagaios numa grande araucária (70m/NE). Desloquei-me um pouco pela trilha do Sapucaí naquela direção. Pude observar um deles que estava de costas para mim. Quando girou a cabeça notei que a faixa vermelha entre os olhos não estava bem definida ainda (seria um indivíduo jovem?). Os três papagaios partiram para NE ao longo do vale do Sapucaí.

07:40h. O tempo já estava ensolarado, a neblina havia se dissipado completamente. Três papagaios pousaram na mesma araucária (seriam os mesmos?). Um deles ficou parado num galho mais alto enquanto os outros dois faziam uns movimentos curiosos. Estavam pousados em galhos diferentes e paralelos entre si, um galho acima do outro. Enquanto um papagaio seguia caminhando sobre o galho numa direção, o outro seguia na direção oposta. Fizeram isso várias vezes. Iam e vinham. Ambos com a cabeça baixa e as asas semi-abertas e também abaixadas. Enquanto faziam esses movimentos “resmungavam” de modo típico, como eu já havia ouvido outras vezes, em outros locais.

Logo depois, dois outros indivíduos pousaram na mesma araucária. Os cinco ficaram ali algum tempo juntos e, de repente, os três primeiros partiram. Os dois que ficaram estavam em posição privilegiada para observação. Observei-os longamente. Tinham a penugem com todas as cores típicas da espécie. Partiram na direção da sede do Parque, juntando-se a outros dois que passaram voando e emitindo chamados.

08:00h. Percebi que havia muitos papagaios na região da Sede. Desci para observá-los, mas quando cheguei não havia mais nenhum. O Godoy e o José Dias (guardas do Parque) confirmaram que havia muitos reunidos por ali até há pouco

tempo. Vi um casal voando alto na direção do POSTO 2. Às 08:30 h silenciaram completamente.

Tarde ensolarada com poucas núvens.

16:00h. Estou novamente no POSTO 1. Trata-se de uma estratégia. Na viagem anterior fiquei alternando de posto e nessa pretendo fixar uma posição.

16:25h. Comecei a ouvir uns chamados muito distantes vindos de leste. Os chamados ficaram mais próximos. Subi a encosta da colina nessa direção. Caminhei uns 100m e observei uma dupla no topo de uma araucária. Voaram para mais baixo na direção do vale do Sapucaí.

OBSERVAÇÃO:

O GPS não é muito confiável para medição de altitude. Os valores não param de oscilar. Pela manhã marquei 1570m porque os valores oscilaram entre 1561m e 1583m. Agora à tarde, no mesmo local, a marca já atingiu 1610m.

17:10h. Parece haver vários indivíduos à minha esquerda e talvez uns dois ou três à minha frente na direção do POSTO 2 (doravante passarei a chamar de P1, P2, P3, etc.). Não consigo ver nenhum deles.

17:30h. O sol se pôs atrás da colina do P2. Não há mais luz solar direta. Eu havia suposto pelas observações feitas nas viagens anteriores que aqui era um dormitório dos papagaios. Entretanto, não há um único chamado nas proximidades, mesmo os longínquos já cessaram. Desci para a sede.

Dia 13 - Céu claro sem neblina

06:00h. Seguindo a estratégia de observação definida ontem, subi novamente na direção do P1.

06:40h. Sete papagaios vieram de SW voando bem alto. Eram duas duplas voando separadas mais alto e três indivíduos voando juntos mais abaixo. Seguiram todos para leste ao longo do vale do Sapucaí.

06:47h. Ouvi alguns chamados atrás de mim (SW) parecem estar pousados, mas um pouco longe.

06:52h. Ouvi alguns chamados vindos de norte como se estivessem pousados nas cercanias da sede do Parque.

06:52h. Dois papagaios vieram de leste voando alto. Passaram por mim, sobrevoaram a região de Sede e os outros cinco indivíduos vieram juntar-se à eles. Ficaram os sete sobrevoando em círculos aquela região. Em seguida pousaram

no topo de algumas araucárias. Dois deles eu pude observar apesar da grande distância (talvez uns 300ms).

07:20h. Três pousaram na grande araucária à minha esquerda, distante uns 25 metros. Estão escondidos entre as folhagens e não posso vê-los.

07:25h. Aqueles dois que estavam a 300ms partiram na direção da Sede.

07:30h. Parece que todos estão reunidos nas imediações da Sede. Resolvi descer para tentar descobrir onde.

08:00h. Estou na Sede. Não há nenhum indivíduo à vista e nem sequer posso ouvi-los.

08:30h. Observei um indivíduo solitário pousado numa araucária seca no morro do acampamento. Partiu para leste, na direção do Vale do Sapucaí.

Tarde ensolarada.

16:00h. Estou num local que fica distante uns 04 km da Sede, que é conhecido como “Retiro”. Estou numa baixada onde há um campo de futebol abandonado cercado por muitas araucárias. Segundo o José Dias e o Godoy (guardas florestais) os papagaios costumam se reunir nesse local à tarde.

As coordenadas desse ponto (P4) são:

S 22° 40'08.1”

W 45° 27'45.4”

17:00h. Até agora não vi nem ouvi nada. Resolvi voltar para a sede e ver o que está acontecendo por lá.

17:30h. Estou na Sede. Nenhum chamado sequer.

18:00h. O silêncio continua. Há um belo arco-íris no céu do lado sul. Começou um chuveiro leve. Teriam os papagaios mudado sua rotina por conta da chuva?

Dia 14 - Manhã ensolarada.

06:00h. Choveu um pouco durante a noite. Estou subindo a trilha do Timoni pela entrada da trilha da Cachoeira. Meu objetivo é observar o trajeto que os papagaios fazem para chegar ao P 1 vindos de SW.

07:00h. Estou num ponto bem alto da montanha de onde posso observar todo o vale do Ribeirão da Galhada. O vale está na posição E/W aproximadamente. Minhas coordenadas são:

S 22° 41'39.2"
W 45° 28'32.1"
ALT: 1640m

07:10h. Ouvi uns chamados ao longe que pareciam vir da direção do P1.

07:30h. Um casal voou toda a extensão do vale no sentido W/E até eu perdê-los de vista.

07:50h. Ouvi uns chamados vindos de NE lá no fundo do vale. Não consegui vê-los, a distância é muito grande. Desenhei um croquis da região para memorizá-la melhor.

08:00h. Vi três papagaios sobrevoando o fundo do vale na direção NE e os perdi de vista. Creio que já estavam lá porque não os vi chegar de parte alguma.

08:10h. Vi um casal voando bem alto, direção SW/NE, em linha reta passando quase sobre o local onde estou.

08:20h. Vi um indivíduo solitário voando em ziguezague vindo de oeste e indo até o fundo do vale. Perdi de vista devido à grande distância.

08:30h. Nenhum chamado de nenhuma direção. Desci a trilha por onde subi.

Tarde ensolarada

16:00h. Estou novamente no P1. Volto a adotar a estratégia de permanecer num mesmo ponto para verificar se existe alguma rotina perceptível no comportamento dos papagaios.

16:30h. Três pousaram na grande araucária de tronco duplo à minha esquerda (creio que já posso considerar essa araucária como um ponto de escala dos papagaios). Pude observar um deles perfeitamente. Estava pousado num galho seco a uns 25 metros de mim. Ele também me observou atentamente. Os três voaram para o vale do Ribeirão da Galhada.

16:50h. Três indivíduos passaram voando muito alto direção SE/NW. Pousaram no topo de uma das araucárias mais altas perto da saída do Parque.

17:10h. Apareceram, de repente, vários papagaios vindos de várias direções. Foi o momento com maior concentração de indivíduos que observei até agora. Vi vários trios e duplas sobrevoando a região da Sede e pousando nos topos das araucárias.

17:30h. A situação continuou a mesma até que o sol foi encoberto por nuvens no horizonte e a tarde escureceu rapidamente. Tive a impressão, considerando a

direção dos chamados, que todos se concentraram no vale do Ribeirão da Galhada próximos à Sede. Aqui onde estou não há nenhum vestígio dos papagaios.

Dia 15 - Manhã ensolarada sem neblina

06:05h. Subi para o P1. Ouvi muitos chamados que pareciam vir das florestas de Pinus da encosta sul do vale do Ribeirão da Galhada (teriam dormido naquela região?).

Resolvi ficar bem junto a duas araucárias que ficam a uns 200 metros do P1 na direção SE, quase leste. No dia 12 havia observado alguns papagaios nesse local e imagino que seja um ponto de “escala”. Permaneci ali das 06:15h até as 08:30h. Não vi nenhum papagaio! Entretanto, pude ouvir muitos que estavam no vale do Sapucaí e no vale do ribeirão da Galhada. Pareceu-me, como pude constatar no dia anterior, que o número de papagaios na região aumentou bastante.

08:45h. Estou na região da Sede. Não há nenhum chamado sequer.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 4)

PERÍODO: 26 a 29/05/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 26 - Tarde ensolarada sem nuvens.

15:30h. Instalei-me no P1.

16:00 h. Observei três papagaios sobrevoando em círculos aproximadamente em torno de onde eu estava. Pousaram e voaram sucessivamente em diversas araucárias. Levantavam vôo e faziam novos círculos até pousarem em outra araucária. Faziam essas evoluções num raio de aproximadamente 150 metros. Ouvi outros chamados distantes vindos da região da entrada do parque, pareciam estar em grande número.

17:00h. O sol se pôs aqui no vale do Sapucaí. Fez-se um silêncio absoluto.

OBSERVAÇÃO:

Chamou-me a atenção o fato de haver uma grande variedade de pássaros de outras espécies na região. Na viagem do mês anterior a situação era aparentemente inversa, quase não se via outros pássaros. Teria sido o período de muda de plumagem?

Dia 27

06:00h. Ainda está escuro. Faz um frio intenso. Caminhei na direção do P2 sobre o campo coberto de geada. Resolvi descer a encosta do morro do acampamento para procurar uma posição estratégica onde pudesse observar ao mesmo tempo parte do vale do Sapucaí e também toda a região da sede do parque. Chamei-o P5. As coordenadas são as seguintes:

S 22.41'16.6"

W 45.28'57.6"

06:15h. Vi quatro casais sobrevoando a área. Pousaram no topo de diferentes araucárias.

06:35h. Há muitos papagaios sobrevoando a região da sede do parque. Fiz uma contagem aproximada e parecem haver cerca de 24 indivíduos.

07:15 h. Um casal pousou numa araucária seca que fica a uns 60 metros à minha direita. Eles permaneceram ali até 08:30h. Ficaram tomando sol quietos praticamente sem se movimentar. Pouco antes de voarem, um deles ficou bicando alguma coisa no tronco da araucária, o outro, que estava mais acima, desceu

curioso para observar o que se companheiro estava fazendo. Não pude saber que tipo de coisa o papagaio estava bicando. Logo depois partiram voando na direção do vale do Sapucaí.

09:05h. Um bando de 7 ou 8 indivíduos pousou numa araucária à minha frente, perto do fundo do vale da sede, a uns 200 metros de distância. Fizeram um grande estardalhaço e depois partiram na direção do vale do ribeirão da Galhada.

OBSERVAÇÃO: Tenho a impressão que os papagaios não estão mais voando para longe como nas observações dos meses anteriores. Parecem que estão permanecendo nas redondezas do parque. Talvez seja um pouco prematuro para tirar essa conclusão em definitivo, mas estou registrando esse fato porque, pelo menos nessa manhã, é isso que está acontecendo.

09:30h. Desci para a sede do parque. Até as 10:15h ainda ouvi alguns chamados (fato que não ocorria nas observações dos meses anteriores). Havia marcado um encontro com o Ademir (guarda do parque) às 11:00 h. No dia anterior ele me havia dito que conhecia um ninho de papagaios e que iria explicar-me como chegar ao local. Combinamos de ir até lá na manhã seguinte.

Tarde ensolarada sem nuvens.

16:00h. Estou num local que nunca havia estado antes, mas que havia observado desde outros pontos (P2, P3 e P4) e que me pareceu ser um local de observação bastante estratégico porque eu posso ter uma visão mais ampla do vale do Sapucaí na direção da entrada do parque.

Realmente é um ponto de observação muito especial porque é como se fosse o vértice de um triângulo cujos outros vértices são o P1 e o P2. Denominei-o P6. Este local é uma pedra grande que aflora na encosta sudoeste do vale da sede do parque. As coordenadas são as seguintes:

S 22° 41'39.3
W 45° 29'01.6"

16:20h. Comecei a ouvir os primeiros chamados vindos da direção NE. Estranhamente não observei nenhum papagaio sobrevoando a área, apenas os chamados como se estivessem todos pousados.

17:30h. O sol se pôs. Comecei a descida para o vale. Já havia descido um bom pedaço do caminho quando um papagaio saiu voando de uma araucária próxima assustado com a minha passagem.

Esse fato foi surpreendente porque essa araucária de onde o papagaio partiu era totalmente visível para mim enquanto eu estava lá no alto no P6 e eu não o vi chegar voando até ela. Teria ele estado ali todo o tempo em que permaneci no P6?

Essa tarde foi bastante atípica com os papagaios chamando sem que eu pudesse vê-los voando.

Dia 28 - Manhã ensolarada. Muito frio. Geada.

07:00h. Fui com o Ademir até o local do ninho. Trata-se do vale do Canhambora, um rio afluente do Sapucaí. Ele não conseguiu localizar o ninho e como tinha que ir embora, deixou-me ali com algumas indicações e eu continuei procurando.

Depois de caminhar algum tempo finalmente encontrei um possível ninho. Trata-se de um buraco no tronco de um velho *Podocarpus lambertii* já seco. Fica a uns três metros e meio do solo e, portanto, um local bastante acessível para observações. Não consegui obter as coordenadas do local por estar no interior da mata e o GPS não conseguir sintonizar nenhum satélite. Entretanto, sei como retornar ao local porque fiz e refiz o caminho para memorizá-lo bem. De qualquer modo, é um local de fácil acesso e não seria difícil reencontrar o ninho caso eu venha a esquecer a trilha que utilizei para chegar lá.

Logo depois encontrei outro possível ninho também num tronco de podocarpus nas mesmas condições do anterior e bastante próximo à ele (uns vinte metros).

Durante uns quinze minutos um casal de papagaio ficou sobrevoando essa área em círculos sem pousar. Eu os observava com certa dificuldade por estar no interior da floresta.

Continuei procurando outros possíveis ninhos até aproximadamente 11:00h.

Tarde ensolarada

15:00h. Voltei ao vale do Canhambora para tentar encontrar outros possíveis ninhos. Vasculhei bastante as áreas próximas à margem do rio porque os dois ninhos que havia encontrado pela manhã estavam próximos ao rio. Comecei a procurar troncos grossos de *Podocarpus* secos. Acabei encontrando mais cinco possíveis ninhos, todos entre 4 a 6 metros do solo.

Essa área onde estão os sete possíveis ninhos encontrados está dentro dos limites do parque, mas num local completamente abandonado e totalmente acessível a pessoas estranhas e a animais domésticos de grande porte. Observei vestígios de pescadores, de cavalos e bois em toda a área. Esses animais pastando em meio à floresta estão destruindo-a completamente.

Se realmente esses possíveis ninhos estiverem sendo ainda utilizados por papagaios, é preciso preservar urgentemente essa área da degradação total.

No final da tarde fui até a administração do parque comunicar o fato. A diretora substituta (Iara) disse que o parque não tem sequer recursos para colocar uma cerca de arame farpado para impedir pelo menos o acesso dos animais como eu havia sugerido.

Não há também recursos humanos para fiscalizar a área. Parece-me evidente que numa região de tão fácil acesso como esta, o roubo de filhotes é extremamente facilitado e há rumores de que esses roubos estão ocorrendo com uma certa frequência.

Minha esperança é que eu estarei presente ali durante o período reprodutivo dos papagaios e que minha presença física, além do fato de que já corre a notícia de que há um pesquisador de papagaios no Parque, possa inibir, de algum modo, os predadores.

Dia 29 - Manhã com neblina intensa. Menos frio que nos dias anteriores.

06:30h. Subi mais uma vez no P6 para tentar observar o movimento dos papagaios na direção da suposta área de nidificação.

07:45h. A neblina não havia se dissipado totalmente. Observei três grupos de papagaios voando na direção S/N, vindos da direção da floresta de pinus do vale do ribeirão da Galhada. Era um total de 12 indivíduos. Vieram com um pequeno intervalo de tempo entre um bando e outro. Foram 5 indivíduos no primeiro bando, depois 3, depois 4. Todos seguiram para a região da entrada do parque.

08:50h. Subi pela trilha dos Timoni para observar de cima a suposta região de nidificação. Lá do alto pude perceber que é uma região onde ocorrem muitos *Podocarpus* bastante antigos, estando muitos deles já mortos. Isso me leva a crer que talvez essa área, se realmente for de nidificação dos papagaios, pode ser muito mais vasta do que eu havia imaginado.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 5)

PERÍODO: 25 a 29/06/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 25 - Tarde nublada sem sol.

15:30h. Decidi fazer um estudo mais detalhado da possível área de nidificação que havia descoberto na viagem anterior. Percorri a trilha do Canhambora na tentativa de encontrar novos ninhos além daqueles que já havia localizado. Queria também avaliar a frequência dos papagaios nessa região no período da tarde.

Não localizei nenhum novo ninho e observei apenas um único papagaio pousado no topo de uma araucária bastante alta logo no início da trilha.

Quando retornei, por volta das 17:00h, ouvi apenas chamados distantes que pareciam vir da área da sede do Parque.

Quando cheguei na sede, soube pelo Zé Dias (guarda do parque) que um bando de papagaios havia estado ali durante um longo tempo e que ficaram pousados num grande eucalipto.

Gostaria de ter podido observá-los, pois seria a primeira vez, desde o começo de minhas observações em fevereiro, que eu teria visto um *Amazona vinacea* pousado numa árvore que não fosse uma araucária.

O Zé Dias insistiu que papagaios têm sido vistos na região do Retiro a 4Km da sede (local em que estive no mês de abril sem conseguir localizar nenhum papagaio denominei P4). Resolvi ir verificar na manhã seguinte.

Dia 26 - Manhã com muita neblina

06:15h. Estou no P4 (ver relatório de 13/04/02). Faz muito frio e a neblina cobre quase a totalidade da paisagem. Não há sinal dos papagaios.

06:45h. Comecei a ouvir muitos chamados vindos do alto de um morro a NW. Pareciam estar pousados. De repente, todos levantaram vôo ao mesmo tempo e, mesmo através da neblina, pude contá-los. Eram 13 indivíduos. Partiram todos na direção da sede do Parque.

Permaneci rastreando o local até as 09:45h. Não vi nem ouvi mais nada.

Seria esse um dormitório dos papagaios? Resolvi voltar à tarde para verificar se chegariam em bando para dormir.

Tarde ensolarada e fria.

15:45h. Retornei ao P4. Permaneci ali até o sol se pôr atrás das montanhas. Não vi nenhum papagaio se aproximar. Resolvi retornar na manhã seguinte para verificar se o fenômeno dessa manhã se repetiria.

Dia 27 - Muita neblina e frio intenso.

06:25h. Permaneci no mesmo espaço aberto onde havia estado ontem pela manhã (um campo de futebol abandonado). A neblina estava muito forte e talvez eu não pudesse contar os papagaios caso eles repetissem o fenômeno do dia anterior.

06:55h. Os papagaios começaram a produzir ruídos. Pude avaliar que os chamados vinham aproximadamente da mesma direção do dia anterior. De repente, levantaram vôo todos juntos. Foi muito difícil contá-los por causa da neblina, mas estimei que era aproximadamente o mesmo número de indivíduos do dia anterior. Partiram em direções diferentes como se o bando tivesse se dividido em três ou quatro sub-grupos. Não pude vê-los, mas orientei-me pelo som de seus chamados.

07: 15h. Como havia ido de jipe até esse local, resolvi partir rapidamente na direção da possível área de nidificação na trilha do Canhambora para ver se esses papagaios estavam se dirigindo para aquela região.

07: 50h. Na área de nidificação a neblina também estava muito intensa. Pude ouvir alguns chamados de papagaios sobrevoando o local. Pareciam ser poucos, talvez dois casais. De qualquer modo, não conseguia ver quase nada.

Resolvi atravessar o rio Canhambora e subir uma colina do outro lado do rio para avaliá-la como ponto estratégico de observação.

Depois de subir com uma certa dificuldade devido à grande quantidade de bambus (cujo nome popular é “carafá”), fui dar por acaso ao pé de uma araucária seca onde havia um possível ninho.

Tive certeza tratar-se realmente de um ninho quando me dei conta de que havia um fio elétrico grosso amarrado em torno do pé da árvore que certamente havia servido como sistema para escalar o tronco utilizado por algum caçador de filhotes. Esta hipótese confirmou-se quando percebi também que havia vários pregos fincados ao longo do tronco que serviram como apoio para que o fio não deslizesse durante a escalada.

Esse ninho talvez seja o de melhor condições para tomada de imagens que já encontrei até agora. Está num espaço aberto e a colina à sua frente tem uma acentuada inclinação, o que faz com que, com poucos metros de subida, seja possível estar numa posição no mesmo nível da entrada do ninho. Entretanto, será preciso construir um sistema de camuflagem para que a captação de imagens seja possível.

As coordenadas desse tronco seco são:

S 22° 41'39.6”

W 45° 29'35.2”

08:30h. Subi ainda mais a colina para ter uma visão panorâmica da área. A neblina já havia quase se dissipado completamente.

08:45h. Por acaso vi um papagaio pousado num galho de uma araucária distante uns 70 metros de mim. Eu estava olhando a mata através do binóculo e por sorte eu o vi pousado ali. Em seguida, percebi que eram dois indivíduos, pois havia um outro num galho mais abaixo. Resolvi ficar observando-os.

Permaneci no local até as 12:05h. Eles não saíram do lugar. De vez em quando, giravam o corpo no mesmo eixo para mudar de posição e mais nada. Durante esse tempo todo não emitiram nenhum chamado sequer. Foi a primeira vez que vi um *Amazona vinacea* depois das 09:30h, período em normalmente somem e permanecem em silêncio e pude, então, observar o que faziam. Pelo menos com relação a esse casal, percebi que não faziam nada!

Quando parti, ainda estavam ali quietos sem fazer nada. De qualquer modo, essa parece ser uma descoberta interessante, ainda que eu não tenha elementos suficientes para formular uma hipótese mais abrangente.

Tarde ensolarada e temperatura amena.

15:30h. Resolvi permanecer na área da sede do Parque para verificar se os papagaios iriam chegar em bando e pousarem no eucalipto como haviam feito no dia de minha chegada (segundo o relato do Zé Dias).

O fenômeno não se repetiu. Apenas alguns papagaios sobrevoaram a área e pousaram na direção do P1 e do P2. Entretanto, na tentativa de observá-los melhor, acabei descobrindo um novo possível ninho que fica no alto do tronco de uma araucária muito antiga nas proximidades do P1. Não tinha percebido esse ninho antes porque os ângulos de visão anteriores não eram favoráveis. Agora, eu estava no alto de um mirante de madeira construído pela administração do parque bem no centro da região da sede e dali foi possível ver o ninho, embora a distância seja muito grande.

17:05h. Nenhum sinal mais dos papagaios.

Dia 28 - Neblina e muito frio.

06:30h. Voltei mais uma vez para o local do suposto dormitório de papagaios.

06:50h. A neblina estava intensa, mas relativamente alta. Havia uma certa visibilidade da montanha de onde haviam saído os papagaios nos dias anteriores. Ouvi novamente os chamados. Vinham de um outro local mais distante, mas na mesma montanha. O bando veio voando sobre a encosta da montanha e pousou todo numa grande árvore bem copada (não era uma araucária). Não pude contá-los porque a neblina impedia. Permaneceram ali um certo tempo (uns cinco minutos) e então voaram novamente. Nesse momento pude contá-los. Para minha grande surpresa eram mais de 30 indivíduos! Contei efetivamente 32, entretanto pode haver algum erro nessa contagem porque estavam em movimento. Contudo, estou certo de que a margem de erro é mínima, talvez da casa de dois indivíduos para mais ou para menos.

Essa foi uma grande descoberta. Não apenas modificou toda a minha estimativa do número de indivíduos dos meses anteriores, como também, de certa maneira, confirmou esse local como um possível dormitório dos papagaios pelo menos nessa época do ano.

Partiram em pequenos grupos e em direções diferentes sumindo na neblina. Isso talvez explique porque eles chegam em pequenos grupos e vindos de direções diferentes quando sobrevoam a sede do Parque.

Aproveitei o fato de estar de jipe e parti na direção da área de nidificação na tentativa de vê-los chegando àquele local.

07:15h. Subi até a estação meteorológica do Parque porque dali é possível ter uma visão panorâmica de toda a área de nidificação incluindo aquela colina onde fiquei observando o casal durante horas no dia anterior. A neblina ainda permanecia encobrindo grande parte da paisagem. Ouvi alguns chamados próximos, mas não podia vê-los, estavam aparentemente voando por sobre a camada de neblina.

08:30h. A neblina se dissipou quase totalmente. Caminhei na direção de uma outra colina mais abaixo de onde eu podia observar uma grande extensão do vale do Canhambora. Dali pude observar um fenômeno interessante. Os papagaios, geralmente em duplas, voando por entre a floresta de araucárias e podocarpus, pousando aqui e ali completamente em silêncio. Permaneci nesse local até as 10:00h quando os perdi completamente de vista.

Ao voltar para a estação meteorológica, vi que a trilha que tomei para descer até a colina onde eu estava continuava na direção de uma grota plena de araucárias e podocarpus bastante antigos. Segui por ela em meio à floresta. Embora não tenha observado nem ouvido nenhum papagaio, acredito que essa área possa abrigar alguns ninhos a julgar pelo porte dos podocarpus que ali encontrei.

Tarde nublada.

16:00h. Voltei ao local do dormitório dos papagaios. Permaneci ali até o sol desaparecer completamente. Não observei e nem vi nenhum papagaio chegando. Isso é bastante intrigante. Como explicar que nessas últimas três manhãs eles saíram dali em bando?

Dia 29 - Manhã com chuva fina e neblina intensa

06:55h. Voltei ao possível dormitório. A neblina estava muito espessa. Permaneci ali até as 07:25h. Não vi nem ouvi nada. Teriam os papagaios partido antes do horário em que cheguei? Teriam partido em silêncio? Teriam dormido em outro local? Fiquei sem resposta dessa vez.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 6)

PERÍODO: 15 a 19/08/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 15 - Tarde com sol entre nuvens.

15:15h. Instalei-me no P7:

S 22° 41' 50.2"

W 45° 29' 28.5"

16:10h. Ouvi os primeiros chamados vindos da direção da sede do Parque.

16:30h. Um casal vindo de nordeste sobrevoou o vale do Canhambora e pousou numa araucária bem distante no fundo do vale.

16:55h. Um bando de seis papagaios veio voando de oeste. Sobrevoaram durante algum tempo o vale do Canhambora fazendo evoluções até que um casal se separou do grupo e pousou numa araucária próxima à área de nidificação. Não pude observá-los porque estavam pousados num local sem ângulo de visão para mim. Os outros quatro continuaram voando e emitindo chamados até que desaparecerem no fundo do vale do Canhambora.

17:20h. O primeiro casal avistado partiu também na direção do fundo do vale até que os perdi de vista.

17:35h. Não havia mais nenhum chamado. O casal pousado na área de nidificação parece ter permanecido naquele local porque não os vi sair voando.

17:55h. Retornei para o alojamento.

Dia 16 - Manhã ensolarada com pouca neblina

06:15h. Voltei ao P7 para observar o movimento matinal dos papagaios.

06:35h. Ouvi os primeiros chamados que pareciam vir da direção do vale do Sapucaí (teriam os papagaios saído da área de dormitório descoberta na viagem anterior?)

06:55h. Dois casais vieram na direção NE/SW, passaram sobre o vale do Canhambora e seguiram até desaparecerem atrás da montanha à minha frente.

07:15h. Cinco papagaios vieram de SW pelo vale à esquerda do vale do Canhambora (do meu ponto de vista), sobrevoaram a área de nidificação e pousaram numa araucária próxima àquela onde fiquei observando por várias horas um casal no dia 27/06.

07:50h. Os cinco papagaios voaram para o fundo do vale do Canhambora, sendo que um deles separou-se do grupo e pousou numa araucária bastante distante enquanto os outros seguiram adiante. Não os vi pousar, desapareceram atrás da montanha.

08:15h. Um casal veio voando do fundo do vale do Canhambora (pertenceriam ao grupo dos quatro?) e pousou numa araucária bem à minha frente a uma distância estimada de 200 metros. Permaneceram pousados quietos emitindo, de vez em quando, chamados em resposta a outros chamados distantes fora de meu campo de visão.

08:45h. Um bando de oito papagaios sobrevoou a área do vale do Canhambora indo desaparecer muito longe na direção oeste.

08:55h. Um dos papagaios do casal pousado à minha frente desceu pelo tronco da araucária e o contornou parcialmente de tal modo que eu podia observar apenas a ponta de sua cauda. Ficou nessa posição algum tempo e pareceu-me que ele estava observando alguma coisa. Depois subiu outra vez para perto do seu companheiro na copa da araucária. Resolvi ir na manhã seguinte do outro lado do vale tentar observar o que há no lado oposto do tronco dessa araucária que chamou tanto a atenção do papagaio. Marquei uma referência no tronco para poder encontrá-lo no dia seguinte.

09:20h. Silêncio total. Não há mais chamados dos papagaios. Desci até a área de nidificação para tentar localizar algum papagaio.

11:10h. Não vi nada.

Tarde ensolarada.

15:35h. Retornei ao local onde estive pela manhã.

16:10h. Um casal pousou à minha esquerda numa araucária no vale à esquerda do Canhambora. Não vi de onde vieram, apenas percebi quando pousaram pelos chamados que emitiram. Permaneceram ali por mais de trinta minutos e partiram na direção aproximada da casa onde fica a administração do Parque até que os perdi de vista.

16:40h. Havia muitos chamados distantes vindos de várias direções, sobretudo do vale do Sapucaí.

17:15h. Um casal vindo do norte pousou numa araucária à minha direita na direção do observatório meteorológico do Parque. Permaneceu pouco tempo e partiu na direção da colônia de funcionários do Parque.

17:45h. Quando estava voltando pela trilha perto do posto meteorológico vi um papagaio pousado num galho seco de uma araucária que fica na encosta do vale da colônia dos funcionários. Ele deixou que eu me aproximasse até uma distância de uns 50 metros e partiu voando em silêncio. Esse fato me chamou bastante a atenção, pois não é habitual que eles saiam voando em silêncio quando estão fugindo da aproximação de alguém.

Dia 17 - Neblina pouco densa.

06:15h. Fui ao local do dormitório dos papagaios que descobri na viagem anterior. Permaneci de pé no centro do campo de futebol abandonado onde estive na vez passada.

06:45h. Apenas um único casal saiu voando de um floresta de pinus no alto à esquerda do morro à minha frente. Suponho que estavam dormindo naquele local e se isso for verdade é a segunda vez que observo papagaios pousados em outra árvore que não araucária. A primeira foi na viagem passada quando vi o bando de 32 indivíduos pousados numa árvore que eu ainda não identifiquei e que fica a uns 200 metros aproximadamente dessa floresta de pinus.

07:30h. Atravessei o rio Canhambora e subi a encosta da colina do outro lado. Encontrei a araucária na qual o papagaio havia descido o tronco (no dia anterior) para observar alguma coisa. Descobri que se tratava de um buraco que provavelmente já havia servido como ninho, mas que agora estava ocupado por uma colméia de abelhas. Permaneci no local à espera de que algum papagaio pudesse pousar por essas bandas.

08:10h. Um casal pousou nessa mesma araucária e permaneceu ali durante bastante tempo. Eu estava bem próximo (30 metros) e pude observá-los com bastante nitidez. Num determinado momento, um deles foi até a ponta de um galho e, por entre o tufo de folhas, colheu um pinhão. Depois, retornou ao ponto do galho onde estava antes e começou a descascá-lo com o bico segurando-o com uma das patas para depois comê-lo. Esta foi a primeira vez que vi um *Amazona vinacea* se alimentando!

10:25. Resolvi continuar subindo a encosta na direção sudoeste para tentar descobrir mais algum possível ninho. Poucos metros mais acima há um local privilegiado para posição de câmera onde as copas das araucárias próximas estão em nível com o topo da colina, embora seja uma área de campo o que pode dificultar a camuflagem.

11:50h. Retornei à sede. Não havia nenhum movimento ou som dos papagaios.

Tarde ensolarada

16:10h. Instalei-me no P6 para ter uma visão panorâmica do movimento dos papagaios. Ouvi os primeiros chamados vindos de oeste (aparentemente de fora da área do Parque).

16:25h. Um bando de quatro indivíduos veio voando da direção do vale do ribeirão da Galhada por sobre o vale do Sapucaí. Eles pousaram perto da Administração do Parque, mas não pude ver exatamente onde.

16:40h. Um indivíduo solitário passou voando alto às minhas costas na direção E/W, provavelmente indo para o vale do Canhambora.

16:55h. Há um grande burburinho vindo da sede do Parque. Daqui só posso ouvi-los porque meu campo de visão não permite vê-los. Entretanto, pelo barulho parecem ser muitos e devem estar próximos da serraria do Parque.

17:15h. O burburinho continua. Resolvi descer para tentar ver os papagaios.

17:35h. Quando cheguei, os papagaios não estavam mais lá. Enquanto caminhava havia visto um grupo de cinco indo para o morro do acampamento.

18:10h. Estou perto do prédio da vigilância do Parque observando o movimento de um casal pousado na araucária mais alta da subida da trilha do Sapucaí. Eles parecem estar preparando-se para dormir.

18:20h. Ficaram em total silêncio. Creio que realmente permaneceram nessa araucária para dormir porque, embora não os veja nesse momento porque se esconderam entre as folhas, também não os vi voar e já está bastante escuro.

Dia 18 - Manhã com neblina

06:45h. Estou no P7. Resolvi passar o dia todo no que eu chamei de área de nidificação, embora não tenha ainda absoluta certeza tratar-se realmente de uma área desse tipo. Denominei-a assim porque é a região onde eu encontrei o maior número de buracos em troncos de podocarpus e araucárias que podem vir a ser utilizados pelos papagaios para nidificação.

08:50h. O movimento dos papagaios é bastante semelhante ao que venho observando nas últimas vezes em que estive aqui. Grupos de três a cinco indivíduos vêm de leste e sobrevoam o vale do Canhambora e pousam nas araucárias. Outros grupos vêm do norte e sobrevoam a área à minha esquerda onde ficam os primeiros ninhos que encontrei e depois permanecem pousados nas araucárias próximas. Penso (é apenas uma hipótese) que estão fazendo uma

vistoria prévia dos possíveis ninhos a serem utilizados na época de reprodução que está bastante próxima.

11:45h. Não há mais movimento nem som dos papagaios.

Tarde ensolarada

15:30h. Subi a estrada da estação meteorológica, mas, ao invés de ir novamente para o P7, resolvi instalar-me num ponto no meio da subida onde há um pequeno *Pinus patula* isolado à beira da estrada. Nesse lugar fiquei com uma visão panorâmica melhor da área de nidificação e também do vale do Canhambora.

16:05h. Um casal veio voando desde o fundo do vale e passou diante de mim indo na direção da administração do Parque. Teria sido uma bela tomada de imagem de um casal voando, embora a posição do sol em certo momento criasse um contraluz excessivo. Se fosse no período da manhã teria sido excelente!

16:35h. Um grupo de seis indivíduos veio do vale da colônia de moradores, atravessou o Canhambora e seguiu para bem longe na direção da cidade de Campos do Jordão.

16:55h. Ouço vários chamados vindos de diferentes locais, sobretudo do vale do Sapucaí na região da administração do parque.

17:15h. Um casal veio do fundo do vale do Canhambora e pousou numa araucária a uns 150 metros à minha esquerda. Fiquei observando-os o tempo todo. Num determinado momento entraram atrás de umas folhas e eu não consegui mais observá-los. Ficaram em silêncio.

18:05h. Resolvi ir até mais próximo da araucária pelo lado oposto para tentar observá-los mais de perto. Eu estava na dúvida se os papagaios ainda estavam lá porque não haviam emitido nenhum chamado há mais de 40 minutos.

18:15h. Já está anoitecendo. Dei uma volta quase completa em torno da araucária para tentar descobrir se eles ainda estavam lá ou se haviam voado sem que eu percebesse. De repente, sem que eu pudesse ver de onde, eles saíram voando em silêncio. Estavam de tal modo escondidos e camuflados entre as folhas que eu não tinha conseguido vê-los embora eu estivesse razoavelmente perto. Suponho que teriam dormido ali mesmo se eu não os tivesse espantado. Isso me leva a crer que não existe efetivamente um dormitório fixo, pelo menos próximo da época de reprodução.

Dia 19 - Manhã com neblina.

06:20h. Estou na área de dormitório para avaliar se há ainda algum grupo de papagaios que dorme por aqui.

06: 35h. Um grupo de 5 ou 6 papagaios levantou vôo da mesma floresta de pinus onde eu já havia visto sair um casal. Não pude contá-los direito porque a neblina estava baixa e intensa nesse momento e eles saíram voando por sobre ela. Isso veio a confirmar que esse local, embora sirva como dormitório para alguns papagaios, não é o dormitório obrigatório para a maioria deles. Já voando bem alto percebi que o grupo se dividiu e tomaram direções diferentes.

07:50h. Estou no P2. Quero ver se algum papagaio se aproxima das araucárias próximas. Ouço chamados vindos do vale do Sapucaí na direção da administração do Parque.

10:25h. Como não aconteceu nada por aqui resolvi descer até a sede e seguir pela estrada que vai dar na entrada do vale do Canhambora.

11:30h. Fiquei observando um casal que esteve voando por entre as araucárias na encosta da colina à beira da estrada que segue a margem direita do Sapucaí, na altura de uma pequena bica d'água. Penso que pode haver algum ninho lá no alto, tal a insistência com que iam e vinham por entre as árvores.

11: 45h. Depois que o casal foi embora retornei à sede do Parque.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 7)

PERÍODO: 07 a 15/09/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 07 - Chuva

14:30h. Estou no alojamento para pesquisadores. Pela primeira vez ouço chamados dos papagaios fora da faixa de horário habitual! Parecem estar voando em torno da área central do parque.

16:00h. Saí, aproveitando a diminuição da chuva, para tentar observá-los. Ouço vários chamados vindos de diferentes direções, mas nenhum está próximo aqui da sede. Tentei descer para pegar a trilha do Canhambora, mas a chuva recomeçou muito forte. Voltei para o alojamento.

Dia 08 - Manhã com céu encoberto. Sem chuva e sem neblina.

06:30h. Fui até o começo da trilha do Canhambora e subi pela trilha da estação meteorológica para observar a área de maior concentração de possíveis ninhos que encontrei até agora. Instalei-me junto ao mesmo *pinus patula* onde havia ficado na tarde de 18/08.

07:10h. Um casal sobrevoou a área vindo da região da administração do parque e indo até o fundo do vale do Canhambora. Não os vi pousar, apenas pararam de emitir chamados quando já estavam bem longe e fora do meu campo de visão.

07:35h. Um bando de cinco papagaios veio do vale da colônia de moradores, cruzou o vale do Canhambora e seguiu na direção oeste até que eu os perdesse de vista.

08:10h. Um casal veio da área da administração e pousou na ponta seca de um pinheiro ainda vivo próximo ao podocarpus onde fica o primeiro ninho que encontrei. Permaneceram ali durante muito tempo e depois voaram para baixo pousando em alguma pequena árvore. Resolvi descer para tentar observá-los mais de perto e tentar corroborar minha hipótese de que talvez estivessem utilizando o ninho.

09:20h. Cheguei bem perto do ninho tentando não fazer nenhum ruído ou movimento brusco. Sentei-me e fiquei aguardando algum movimento dos papagaios, mas nada aconteceu. Resolvi seguir um pouco mais adiante numa pequena trilha dentro da mata quando o casal saiu voando de algum ponto mais adiante (uns 30 metros). Continuei a trilha na esperança de encontrar algum outro ninho perto do qual eles estivessem pousados.

10:45h. Vasculhei detalhadamente toda a área na procura desse hipotético ninho, mas nada encontrei. Não ouvia mais nenhum chamado perto ou mesmo distante. Resolvi voltar para o alojamento.

Tarde fria com céu encoberto e chuviscos.

16:10h. Subi até o P2 (morro do acampamento). O Ademir (guarda do parque) havia dito, quando retornei pela manhã, que os papagaios estavam se concentrando nessa área e que ele supunha que houvesse algum ninho por ali. Ouí os primeiros chamados (dou-me conta de que eles voltaram ao “horário” habitual) vindos da área da administração.

16:40h. Um bando de cinco papagaios veio voando pelo vale do ribeirão da Galhada e pousou na araucária mais alta da subida da trilha do Sapucaí. Nessa araucária há um ninho que eu havia descoberto em outra viagem.

17:10h. O bando de papagaios saiu voando em direção ao vale do Sapucaí. Talvez estejam se dirigindo para o local que eu denominei “dormitório” embora essa hipótese não tenha se confirmado algumas vezes.

17:50h. Desci para a sede do parque e aqui, enquanto caminhava, vi um indivíduo solitário voando bem alto vindo do vale do Sapucaí em direção ao vale do Canhamora.

Dia 09 - Manhã com céu nublado, mas sem chuva

06:20h. Voltei para a área que havia vasculhado no dia anterior. Estava disposto a ficar observando longamente qualquer movimento dos papagaios nessa área. Sentei-me num ponto estratégico e permaneci ali.

07:50h. Um casal pousou na ponta seca da araucária (seria o mesmo casal de ontem?). Permaneceram ali durante mais de meia hora em silêncio e depois voaram para baixo do mesmo modo como o casal da manhã anterior. Não saí do local onde estava para não assustá-los.

08:30h. Como não ouvia nenhum chamado e nem sequer podia ver os papagaios, resolvi levantar-me e caminhar em silêncio para tentar encontrá-los. Havia caminhado muito pouco e logo percebi um movimento num galho de árvore a uns 30 metros à minha frente. Embora houvesse muita folhagem dificultando a observação, pude ver através do binóculo um papagaio pousado naquele galho a menos de dois metros do chão. Permaneci ali, de pé, observando-o. Não vi o outro nem ouvi nenhum chamado. De repente ele partiu voando e emitindo chamados e eu percebi que o outro também partiu também emitindo chamados embora eu não tenha podido vê-lo.

10:10h. Permaneci no mesmo local para verificar se eles voltariam. Nada aconteceu. Resolvi subir até a estrada da estação meteorológica para ter uma visão panorâmica de toda a área.

10:50h. Não ocorreu nenhum movimento de papagaios na região, apenas ouvi chamados vindos do fundo do vale do Canhambora.

Tarde nublada com céu completamente encoberto.

15:30h. Voltei ao mesmo local onde fiz a primeira observação da manhã. Permaneci ali durante muito tempo em silêncio absoluto aguardando algum movimento dos papagaios. Nada aconteceu.

17:10h. Voltei para a sede.

Dia 10 - Manhã com sol entre nuvens.

07:10h. Voltei outra vez ao mesmo local da manhã e tarde anteriores. Estava disposto a permanecer ali o tempo que fosse necessário para tentar descobrir o possível ninho em torno do qual o casal de papagaios estaria circulando.

09: 20h. Nenhum papagaio apareceu nas proximidades. Resolvi ir até a região da administração porque havia ouvido muitos chamados vindos daquela área.

10:00h. Estava caminhando pela estrada paralela à estrada principal quando percebi um papagaio no alto de uma araucária próxima da margem do rio Sapucaí. Ele estava olhando atentamente alguma coisa abaixo dele. Percebi que se tratava de outro papagaio que estava caminhando sobre o tronco de mesma araucária. Fiquei observando-os durante muito tempo. O papagaio que caminhava, algumas vezes desaparecia por trás do tronco. Resolvi observar de outro ângulo. Mesmo com todo cuidado acabei espantando-os. Vista pelo lado oposto ao que eu estava percebi que a araucária tinha uma fissura no sentido longitudinal que poderia muito bem servir como ninho. Escolhi um local distante dessa araucária para instalar-me e conseguir uma boa visibilidade do possível ninho. Sentei-me e guardei que o casal retornasse.

11:25h. O casal não retornou.

Tarde com sol entre nuvens

15:45h. Voltei ao local onde estive observando o possível ninho na fissura da araucária. Permaneci imóvel no mesmo local aguardando que o casal que eu havia visto pela manhã retornasse para examinar o ninho.

16:20h. Alguns papagaios sobrevoaram o local, mas não pousaram. Pude ouvir muitos chamados nas redondezas como se eu estivesse no centro de uma área

de interesse dos papagaios. Isso me fez conjecturar que talvez essa região da administração do Parque seja a preferida dos papagaios na época de reprodução. Eu sempre havia suposto que áreas mais afastadas das atividades humanas fossem as preferidas pelos papagaios, mas creio que me enganei.

17:00h. Resolvi caminhar pela área. Ao chegar num lago ao lado da estrada principal do parque (local muito freqüentado por turistas) vi três papagaios pousados numa araucária de pequeno porte às margens do lago. Estavam a poucos metros do chão e não se incomodaram muito com a minha presença, tanto que pude aproximar-me a ponto de observá-los bastante bem (uns 20 metros). Sentei-me e permaneci ali os observando. Eles ficaram muito tempo parados e emitindo chamados de vez em quando, em seguida voaram para a direção do vale do Canhambora.

17:35h. Não se ouvia nenhum chamado dos papagaios. Retornei ao alojamento.

Dia 11 - Manhã com sol entre nuvens e um pouco de névoa.

07:10h. Voltei ao lago onde estive na tarde anterior. Vi um casal pousado numa araucária próxima ao lago. Fiquei observando-os até que eles partiram na direção sul aproximadamente. Caminhei em direção ao possível ninho da araucária que descobri no dia anterior.

08:55h. Instalei-me no mesmo local da manhã anterior com visão estratégica da fissura na araucária. Permaneci muito tempo à espera de que o casal reaparecesse. Um casal sobrevoou a área e pousou a uns 70 metros dali e permaneceu quieto durante bastante tempo. Eu não podia observá-los com nitidez devido ao grande volume de vegetação que me separava deles, mas pude perceber que não fizeram nenhum movimento enquanto permaneceram ali pousados. Depois partiram para um local não muito distante, porque eu continuava ouvindo seus chamados, mas não podia mais vê-los.

09:35h. Ouvei um grande movimento de papagaios (parecia ser um pequeno bando) no morro em frente da administração do Parque, um pouco abaixo da trilha do Timoni, numa pequena mata remanescente onde há algumas araucárias bastante separadas umas das outras. Não creio que possa haver algum ninho nesse local.

10:10h. Resolvi explorar melhor a área no entorno e descobri um outro possível ninho bem próximo do local onde eu estava. Está localizado no tronco de um grande podocarpus a uns 10 metros de uma pequena ponte sobre o rio Canhambora próximo ao local onde ele se encontra com o rio Sapucaí.

11:30h. Vasculhei toda a área e não encontrei mais nenhum ninho.

Dia 12 - Manhã com sol entre nuvens e um pouco de névoa.

06:45h. Fui novamente ao P2 (como havia feito no dia 08) para verificar o que o Ademir havia dito a respeito da concentração de papagaios nesse local.

07:20h. Percebi uma intensa movimentação de papagaios na área da administração do Parque. Aqui do alto é possível ter uma boa visão de conjunto dos acontecimentos.

08:05h. Três indivíduos pousaram na grande araucária que fica no início da trilha do Sapucaí. Nessa araucária há um ninho que descobri há alguns meses atrás. Estou muito distante para poder observá-los.

09:40h. Os três papagaios partiram em direção ao vale do Canhambora.

10:30h. Resolvi descer. No caminho descobri um ninho construído (cavado) recentemente. Está no tronco de uma araucária seca e quase totalmente descascada que fica à direita de quem está voltando pelo caminho do morro do acampamento a uns 10 metros da trilha. É evidente que se trata de um ninho novo, cavado recentemente, porque as bordas do orifício apresentam uma coloração de madeira ainda não exposta à intempérie. Talvez seja um ninho de pica-pau. De qualquer maneira não observei nenhum movimento de pássaros nas suas redondezas desde o começo da manhã.

11:45h. Subi pela trilha do Sapucaí e instalei-me sob a araucária onde os três papagaios haviam pousado pouco tempo atrás. Nenhum outro papagaio se aproximou do local.

12:15h. Retornei para o alojamento.

Tarde com céu encoberto

16:15h. Estou novamente no P2. Não há nenhum ruído de papagaios nem nas proximidades, nem distante. Talvez seja porque está ameaçando chover.

16:35h. Começou uma chuva copiosa. Desci rapidamente.

Dia 13 - Manhã chuvosa.

08:00h. A chuva continua intensa. Não foi possível sair.

Tarde com céu encoberto com alguns momentos de sol.

15:30h. Estou no mesmo ponto de observação que fixei no dia 10 quando descobri o possível ninho na fissura da araucária. Resolvi ficar aqui até o fim da tarde para tentar descobrir se é efetivamente um ninho.

17:50h. Já estava quase desistindo e disposto a ir embora quando quatro papagaios pousaram bem próximos de mim e também perto do possível ninho. Esta talvez tenha sido a melhor observação (a mais próxima) que pude fazer desde que comecei a realizar minha pesquisa de campo. Para meu espanto dois dos papagaios iniciaram uma violenta briga. Várias vezes eles se engalinharam e quase caíram no chão. Enquanto isso, os outros dois emitiam sons que eu jamais havia ouvido. Eram cantos muito semelhantes aos dos galos domésticos. Esse espetáculo barulhento e violento durou uns dez minutos com pequenos intervalos de trégua. Depois eles se separaram em dois pares e ficaram por um bom tempo nas proximidades emitindo chamados como se estivessem se insultando.

18:15h. Os quatro partiram na direção do vale do Sapucaí. Esta teria sido uma cena impressionante para registro audiovisual por tratar-se de um evento bastante singular e provavelmente de difícil observação. É exatamente nesses casos que o audiovisual pode contribuir muito para a pesquisa científica, uma vez que a descrição escrita está muito aquém da riqueza dos fatos observados pela visão e pela audição.

Dia 14 - Manhã ensolarada com um pouco de névoa

06:50h. Voltei ao local da briga. Permaneci toda a manhã na expectativa de ver pelo menos um dos casais se aproximarem do local. Nada aconteceu. Nem sequer havia papagaios nas proximidades como acontecera nos outros dias. Ouvia apenas chamados ao longe, ora vindos da direção do vale do Sapucaí, ora vindos do vale do Canhambora.

10:30h. Resolvi partir. Subi a estrada do morro do acampamento e peguei uma trilha à direita onde haviam me dito que havia ninhos de papagaios nas redondezas. Vasculhei muito o local e não encontrei nada. Há sim alguns podocarpus antigos, mas não encontrei nenhum orifício neles que pudesse eventualmente servir como ninho.

12:10h. Voltei para o alojamento.

Tarde chuvosa.

16:40h. Mesmo com chuva fina retornei ao local dos podocarpus onde procurei os ninhos. Estava disposto a permanecer algum tempo para observar se haveria movimento de papagaios.

17:05h. A chuva se intensificou. Tive que partir. Não ouvi e nem vi nada.

Dia 15 - Manhã nublada, mas sem chuva.

07:10h. Voltei ao local da “briga” na esperança de ver o ninho ser ocupado por algum papagaio. Permaneci toda a manhã no local sem que nada acontecesse. Ouvi muito poucos chamados distantes como se hoje os papagaios houvessem escolhido outros locais para circulação.

10:45h. Voltei para o alojamento, pois tinha que viajar para Campinas.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 8)

PERÍODO: 29/10 a 01/11/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 29 - Sol entre nuvens.

16:30h. Estou na sede do Parque. Há chamados vindos de todas as direções.

16:45h. Caminhando pela estrada à margem direita do rio Sapucaí, vi um casal voando muito alto sentido E/W.

17:00h. Instalei-me para observar o possível ninho próximo do local onde observei a briga entre papagaios na viagem anterior. A posição deste local é:

S 22° 41'30.5"

W 45° 29'17.6"

17: 23h. Outro casal passou voando alto fazendo a mesma trajetória do casal anterior.

17:45h. Ouço chamados vindos de leste. Parecem ter pousado próximo do lago junto à estrada principal do Parque.

18:05h. Não há mais movimento dos papagaios e o ninho parece não estar sendo ocupado.

Dia 30/10 - Chuva torrencial (choveu durante toda a noite). O clima permaneceu assim até 14:30h.

15:30h. Subi o morro do acampamento para verificar se o ninho da araucária seca que descobri em outra viagem estava sendo utilizado pelos papagaios ou por outra espécie de pássaro. Permaneci lá até as 18:00h e não vi nenhum movimento de papagaios nas proximidades. De vez em quando ouvi alguns chamados que pareciam vir do vale do Sapucaí.

18:15h. Voltou a chover forte enquanto eu retornava para o alojamento.

Dia 31/10 - Manhã com céu bastante encoberto, mas sem chuva e sem neblina. (choveu durante toda a noite)

05:30h. Enquanto tomava café da manhã ouvi vários chamados que pareciam vir da área central da sede do Parque.

06:15h. Observei, enquanto caminhava na direção do Canhambora, alguns papagaios (quatro ou cinco) chamando e voando entre as araucárias mais altas da trilha do Sapucaí onde há um oco (muito alto e de difícil acesso) numa velha araucária que pode estar sendo utilizado como ninho.

06:30h. Três papagaios partiram voando alto na direção do vale do Canhambora.

07:10h. Estou sentado nas proximidades do primeiro ninho que encontrei desde que iniciei a pesquisa.

08:30h. Algo absolutamente novo, em relação às observações anteriores, está acontecendo. Desde as 07:00h apenas vi e ouvi um único casal voando alto. Isso é bastante raro e digno de nota. Normalmente entre 06:30h e 08:30h ocorre o maior volume de chamados dos papagaios no período da manhã.

08:45h. Subi até o posto de observação junto ao *Pinus patula* para ter uma visão panorâmica da região do Canhambora. Posição:

S – 22° 41'44.0"

W – 45° 29'26.0"

Alt – 1594m

09:30h. Desde as 08:30h não ouço e nem vejo nada. É um acontecimento realmente bastante raro. Não me ocorre nenhuma hipótese para explicá-lo.

11:55h. Enquanto estava preparando meu almoço no alojamento, passou um papagaio solitário voando alto no sentido NE/SW.

Tarde parcialmente nublada

16:10h. Subi ao P2 para ter uma visão panorâmica e tentar compreender essa alteração no comportamento dos papagaios.

16:30h. Um casal de papagaios sobrevoou a área central do Parque vindo do vale do Sapucaí e indo para o vale do Canhambora.

16:50h. Uma intensa neblina acompanhada de um vento muito frio veio entrando de sul cobrindo toda a região. Fez-se um silêncio total. Nenhuma espécie de pássaro estava emitindo sons.

17:20h. Surpreendentemente, em meio a toda essa neblina, um casal de papagaios fez o mesmo percurso da casal anterior.

17:30h. Ouvi uma grande algazarra de papagaios nas proximidades do P1. Não consegui ver nenhum deles.

17:40h. Desci para a sede do Parque. Encontrei o Godoy que me disse que também tinha observado vários papagaios emitindo chamados e voando baixo nas margens do ribeirão da Galhada. Talvez estivessem se alimentando com as sementes da *Acacia decurrens* que estão maduras e são abundantes nessa área.

Dia 01/11 - Manhã nublada.

06:50h. Voltei para as margens do ribeirão da Galhada para verificar se o fenômeno de ontem à tarde se repetiria nessa manhã. Sentei-me num local estratégico e permaneci quieto durante cerca de três horas. Nenhum papagaio apareceu e nem sequer emitiram chamados nas imediações. Apenas pude ouvi-los bem ao longe, lá pelos lados do Canhambora. Entretanto, pude observar longamente (e poderia eventualmente ter gravado em vídeo) um Frango-d'água-azul *Porphyrola martinica* construindo seu ninho do topo de um xaxim.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 9)

PERÍODO: 09/12 a 12/12/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

OBS: o horário de verão foi desconsiderado.

Dia 09 - Chuva intensa.

17:30h. Desde as 14:00h estou esperando uma oportunidade de sair para campo, mas não foi possível devido às fortes chuvas.

Dia 10 - Manhã chuvosa.

06:15h. Chove sem parar. Aguardo uma oportunidade para sair.

08:45h. A chuva tornou-se mais branda. Saí na direção do ninho às margens do Canhambora (o primeiro ninho descoberto)

10:10h. Permaneci observando o ninho. Nada aconteceu. A chuva recomeçou intensa. Parti em direção ao alojamento.

Tarde nublada sem chuva.

15:10h. Ao sair do alojamento observei um casal voando alto na direção E/W.

15:30h. Estou no ninho às margens do Sapucaí próximo à ponte suspensa.

16:15h. Como não houve nenhum movimento nas proximidades, saí em direção ao outro ninho onde estive pela manhã.

18:35h. Permaneci observando, mas nenhum papagaio se aproximou. Entretanto pude ouvir muitos chamados nas redondezas.

Dia 11 - Manhã nublada sem chuva.

06:20h. Ao sair do alojamento vi dois casais voando alto na direção E/W.

06:45h. Uns 50 metros depois da casa do Zé Dias na direção do Canhambora, vi um casal de papagaios pousado numa *Acacia decurrens* às margens do rio Sapucaí (esta é a primeira vez que vejo papagaios pousados nesse tipo de árvore, embora haja muitos relatos dos habitantes locais de que isso acontece com relativa frequência). Entretanto, quando os observei melhor com o binóculo, percebi que não eram *Amazona vinacea*, mas provavelmente outra espécie de *Amazona* a julgar pelo porte e pela forma. Lamentavelmente estavam no contra-

luz e eu não pude ver nitidamente suas cores, embora tenham parecido ser inteiramente verdes. Não posso afirmar com certeza. Creio já tê-los visto em outra ocasião quando também quase os confundi com os *Amazona vinacea*.

07:30h. Começou a chover intensamente. Abriguei-me na escola do Parque.

08:20h. Aproveitei uma carona e retornei ao alojamento.

Tarde com chuvisco fino.

15:15h. Estou no P6.

S 22° 41'39.3"

W 45° 29'01.6"

15:50h. Dois casais passaram voando na direção E/W.

15:50h. Onze papagaios passaram voando alto na direção SE/NW. Voavam em bando porém separados dentro do bando. Eram quatro casais e um grupo de três indivíduos. Há chamados em todas as direções. Parece haver uma grande “festa” dos papagaios.

16:10h. Dois casais passaram voando alto na direção W/E.

16:30h. Há uma forte ameaça de chuva. O céu está bastante cinzento e baixo. Escureceu rapidamente. Os papagaios estão em total silêncio.

Dia 12 - Manhã com chuva forte intermitente.

Não foi possível sair a campo.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 10)

PERÍODO: 20/12 a 22/12/2002

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 20 - Tarde nublada.

15:45h. Estou no P2.

16:10h. Começou uma intensa movimentação de papagaios em toda a extensão do vale do Sapucaí na região da sede do Parque. Não consigo vê-los, mas posso avaliar a situação pelos ruídos que eles produzem.

17:45h. Uma chuva fina começou a cair. Vi alguns casais voando juntos em diferentes direções dentro do vale do Sapucaí. Há uma preponderância nítida de casais voando separadamente.

Dia 21 - Manhã com chuva intensa.

07:10h. Do alojamento pude observar um bando de 12 papagaios voando na direção SW/NE.

Tarde com chuviscos finos e irregulares

16:10h. Estava subindo a estrada da estação meteorológica do Parque quando vi aquele mesmo grupo (é muito provável que seja realmente o mesmo) de 12 papagaios que vi pela manhã voando agora na direção inversa NE/SW.

17:05h. Estou junto ao pequeno *Pinus patula* no alto da estrada. Há chamados vindos de várias direções. Parecem ser casais isolados uns dos outros.

17:45h. Um casal pousou numa araucária a uns 100 metros de mim. Pude observá-los bem. Permaneceram ali por aproximadamente 15 minutos e depois partiram em direção ao fundo do vale do Canhambora.

18:10h. Não há mais sinal dos papagaios. A chuva recomeçou mais intensa.

Dia 22 - Manhã com neblina se dissipando sob o sol.

05:50h. Eu estava saindo do alojamento quando vi um casal voando na direção NE/SW.

06:10h. Voltei ao alto da estrada da estação meteorológica junto ao pequeno *Pinus patula*. Posição:

S 22° 41'43.7"

W 45° 29'25.9"

Alt 1587m

06:20h. Aconteceu algo que eu esperava ver a muito tempo. Um casal pousou nas imediações do tronco seco na margem esquerda do rio Canhambora onde há um oco que pode ser um ninho. O mais interessante desse acontecimento é que os dois papagaios estavam bastante separados um do outro antes de pousarem juntos no tronco seco. Eu estava observando pelo binóculo um indivíduo isolado pousado numa araucária próxima e ouvindo um outro responder de muito longe (uns 700 metros aproximadamente).

Este que eu estava vendo partiu voando na direção do tronco seco e o outro apareceu em cena quase que ao mesmo tempo. Encontram-se em pleno vôo, pousaram em duas araucárias antes de pousarem juntos no tronco seco.

Eles ficaram examinando demoradamente o tronco. Um deles ficou no topo enquanto o outro caminhava sobre o tronco. Pela minha posição não pude ver se ele entrou no oco. Parece evidente que estavam analisando a possibilidade de nidificação naquele local.

Depois de aproximadamente 15 minutos partiram voando baixo em silêncio entre as araucárias na direção do fundo do vale do Canhambora até eu perdê-los de vista.

Esse acontecimento contradiz todas as informações dos guardas do Parque de que a época de nidificação termina em dezembro. Esse casal vai ainda nidificar e, então, na melhor das hipóteses os filhotes sairão do ninho dentro de trinta ou quarenta dias, ou seja, no fim de janeiro ou início de fevereiro. Seria um ano atípico ou as informações são incorretas?

07:10h. O grupo de 12 papagaios (ver dia anterior) veio voando alto direção SW/NE. É a mesma direção do dia anterior e aproximadamente o mesmo horário.

07:45h. Um casal (seria o mesmo casal que há pouco estivera examinando o tronco seco?) pousou na araucária onde há alguns meses atrás (dia 16/08/2002) eu havia descoberto um oco que estava tomado por uma colméia de abelhas. Repetiram, mais ou menos, o mesmo comportamento de examinar cuidadosamente o local como havia feito o casal anterior.

08:10h. O casal partiu em direção ao fundo do vale do Canhambora.

09:15h. Desde as 08:10h não ouço e nem vejo nenhum papagaio nas redondezas. Retornei para o alojamento pela estrada paralela ao rio Sapucaí.

Tarde com sol entre nuvens.

16:05h. Retornei ao mesmo ponto de observação da manhã.

16:20h. Até este momento não há nenhum sinal dos papagaios. Isso não é habitual.

16:40h. Desde as 16:30h chove moderadamente. Nenhum sinal dos papagaios.

17:00h. Um casal passou voando alto direção N/S.

17:05h. O bando de 12 papagaios (já não tenho quase mais dúvidas de que se trata sempre do mesmo bando) passou voando alto na direção NE/SW.

17:10h. Casal voando alto direção N/S.

17:30h. Casal voando alto direção NE/SW e logo em seguida outro casal direção N/S.

17:35h. Casal pousou numa araucária próxima (aprox. 100m) vindo da direção N/S. Não consigo vê-los. Estão em completo silêncio.

17:45h. Outro casal pousou numa outra araucária próxima. Parecem ser dois filhotes porque a coloração arroxeadada do peito está muito pouco marcada e também a “máscara” vermelha entre os olhos não está totalmente definida.

17:55h. Este casal voou para o fundo do vale do Canhambora passando antes num vôo muito baixo bem próximo do tronco seco onde há o ninho que foi vistoriado hoje de manhã por um casal de papagaios. Será o este mesmo casal?

18:10h. Casal vindo do norte desceu para o vale da colônia de moradores.

18:25h. Não há mais sinal dos papagaios e já está bastante escuro devido à formação de nuvens densas sobretudo no oeste.

18:40h. O casal que pousou na araucária próxima às 17:35h não emitiu nenhum ruído depois disso e eu não os vi partir. Talvez fiquem dormindo na araucária. Já não é possível verificar porque está muito escuro.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 11)

PERÍODO: 21/02 a 24/02/2003

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 21 - Tarde ensolarada

15:30h. Estou no POSTO 6.

17:15h. Um bando com 11 indivíduos veio voando do fundo do vale do ribeirão da Galharada na direção do Canhambora. Pouco tempo depois passaram mais três indivíduos na mesma direção.

17:40h. Um casal passou voando de volta no sentido contrário ao dos anteriores e foi pousar nas proximidades da sede do parque.

18:10. Há chamados espalhados por toda região da sede do parque. Não consigo vê-los.

Dia 22 - Manhã ensolarada

06:20h. Estou no Posto 1

09:00h. Nenhum sinal dos papagaios. Durante todo o tempo apenas ouvi uns poucos chamados vindos de muito longe da direção do Canhambora. Ao descer, os guardas do parque confirmaram que nesses últimos dias quase não houve movimento dos papagaios pela manhã e muito pouco à tarde.

Tarde ensolarada

15:10h. Estou novamente no POSTO 6.

17:20h. Um bando de 17 papagaios vieram (como ontem) da Galharada em direção ao Canhambora. Vieram um pouco separados uns dos outros mas era evidente que se tratava de um único bando (04, depois 11 e depois 2).

18:10h. Estou na baixada da sede do parque onde escuto vários chamados provenientes das araucárias mais altas na encosta norte do vale do Sapucaí, mas não consigo localizá-los visualmente.

Dia 23 – Manhã ensolarada

06:55h. Estou no POSTO 7. Vim observar o movimento matinal dos papagaios por esses lados.

08:10h. Até agora nenhum sinal dos papagaios. Apenas ouço ao longe alguns chamados que presumo virem das cercanias do morro do acampamento.

09:00h. Silêncio total. É realmente notável a ausência de movimento matinal dos papagaios.

Tarde ensolarada

15:20h. Subi a trilha do Timoni (pela entrada do ribeirão da Galharada) e permaneci no alto da trilha um pouco antes da floresta de pinus para tentar ver de onde têm vindo os bandos que observei nas duas tardes anteriores.

17:15h. Não havia visto e nem ouvido nada até esse momento quando um bando com 25 indivíduos apareceu de repente de trás da cordilheira de montanhas ao sul. Tudo leva a crer que eles tenham vindo das encostas da serra que dão para o vale do Paraíba. Fizeram várias evoluções voando bem alto e se separaram em dois bandos, um dos quais (com aproximadamente 18 indivíduos) seguiu para a direção do Canhambora. É certo que eu teria visto esse bando no mesmo horário e com aproximadamente a mesma quantidade de indivíduos como havia acontecido nas duas tardes anteriores. A outra metade do bando seguiu para a mesma direção de onde apareceram.

18:05h. Nada mais aconteceu. Desci para a sede.

18:45h. Um casal passou voando alto direção W/E quando eu estava me aproximando do alojamento.

Dia 24 – Manhã ensolarada

07:15h. Retornei ao POSTO 1.

08:55h. O mesmo fenômeno das duas manhãs anteriores se repetiu. Não ouve movimento dos papagaios, a não ser uns poucos chamados ao longe.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 12)

PERÍODO: 25/04 a 02/05/2003

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 25 – Chuva

16:00h. Cheguei ao alojamento debaixo de chuva intensa. Não foi possível sair.

Dia 26 – Chuva

08:00h. Ainda estou no alojamento. Não há possibilidade de fazer observações de campo.

11:00h. A chuva parou e o tempo está abrindo.

Tarde com sol entre nuvens

16:25h. Estou no POSTO 1. Ouço os primeiros chamados vindos da direção do Canhambora.

16:40h. Dois papagaios vieram de leste e pousaram na grande araucária à minha esquerda. Não posso vê-los.

16:45h. Vários papagaios (não pude precisar quantos) passaram voando vindos do Canhambora em direção ao Galharada.

17:05h. Ouço vários chamados vindos de várias direções (parece uma festa) mas nenhum próximo aqui do POSTO 1.

17:40h. Não vi os dois papagaios que pousaram às 16:40h na grande araucária saírem de lá. Creio que vão dormir ali mesmo, pois já não há ruídos de papagaios pela região e o dia já escureceu bastante.

Dia 27 – Manhã ensolarada e fria

06:20h. Ainda no alojamento (Senzala) ouço os primeiros chamados.

07:10h. POSTO 1. Muitos chamados por todos os lados. Quando estão voando vejo-os sempre aos pares.

07:40h. Um casal pousou numa araucária seca próxima ao POSTO 2 do outro lado do vale do Sapucaí. Um dos dois vistoriou um possível ninho no tronco dessa araucária. Em seguida voaram para outra araucária seca próxima e também um

deles vistoriou outro possível ninho. Porque estariam vistoriando ninhos nessa época do ano?

08:40h. Silêncio total.

Tarde com sol entre nuvens

15:40h. POSTO 1. Na subida da trilha do Sapucaí vi um papagaio comendo pinhão numa grande araucária. Talvez seja um indivíduo jovem porque o peito está levemente arroxado, o bico ainda está completamente branco e a máscara vermelha está pouco definida.

16:10h. Há intenso movimento dos papagaios por todos os lados exatamente como aconteceu ontem à tarde, embora um pouco mais cedo. Creio que isso se deve à fartura de pinhões na região.

17:05h. Dois pousaram numa araucária a uns 30 metros daqui, desloquei-me lentamente e cheguei até embaixo dela. Examinei-a cuidadosamente mas não localizei os papagaios. É muito difícil localizar os papagaios quando estão em silêncio e não se sabe exatamente onde pousaram.

17:10h. De repente saíram voando sem que eu os tivesse visto pousados.

17:15h. Contradizendo parcialmente o que aconteceu há pouco consegui localizar um papagaio, sem tê-lo visto pousar, no tufo de folhas na ponta do galho de uma araucária a uns 100 metros de mim. Este papagaio estava emitindo chamados e isto facilitou a localização.

17:40h. O papagaio ainda está pousado ali. Já está escurecendo bastante e creio que ele vai dormir ali mesmo. Já percebi e já anotei isso em outras situações: os *Amazona vinacea* pousam no lugar em que vão dormir bem antes de escurecer o dia.

Dia 28 – Manhã ensolarada

07:00h. Estou no POSTO 2. Vim até aqui para ver se aqueles papagaios que eu avistei ontem às 07:40h. Desde o POSTO 1 repetirão o comportamento de vistoriar os possíveis ninhos. Até agora não vi nem ouvi nada.

07:20h. Um casal pousou na mesma araucária seca de ontem. Estou a uns 40 metros deles e posso observá-los perfeitamente com o binóculo. Contudo, o inverso também é verdadeiro: eles também me observam. Ontem eu estava muito distante daqui e eles (se é que são os mesmos) se comportaram como se não houvesse objetos estranhos nas redondezas. Mesmo assim, um deles olhou para baixo na direção do oco que pode ser ou vir a ser um ninho. Será que eles iniciam

desde já a procura e ocupação de ninhos? Acho que eles não confiaram na minha presença nas imediações e partiram sem descer até o oco.

07:40h. Há muitos casais voando e pousando em todas as direções. Aqui do POSTO 2 tenho uma visão panorâmica do vale do Sapucaí e posso ver claramente que os papagaios sempre pousam nas copas das araucárias mais altas da região. Isto é, sem dúvida, um comportamento típico da espécie.

08:55h. Silêncio total.

Tarde nublada

Estou com um pouco de febre e indisposição física. Não saí para campo.

Dia 29 – Manhã com sol entre nuvens

07:40h. Apesar da minha indisposição, saí um pouco mais tarde do que o habitual para ir na direção do POSTO 6 (pedra grande). Entretanto, como a subida é bastante íngreme (não me sinto bem fisicamente) resolvi tomar uma picada que fica à esquerda do início da subida e que desde há muito tempo tenho pensado em percorrê-la para ver se há algum ponto interessante para observação. Fiquei sentado num local a uns 50 metros do início da picada que me pareceu bom para observar o entorno.

09:10h. Este local onde estou é cercado por araucárias mais jovens e sem pinhas. Os papagaios preferem nitidamente as araucárias mais velhas e, dentre elas, aquelas que têm pinhas. Foi por onde eu os vi se movimentaram bastante (como ontem) no corredor do vale do Sapucaí. Nenhum chegou próximo de onde eu estou. Agora pararam de tagarelar. Silêncio.

Tarde ensolarada

16:15h. Estou no POSTO 2. Começaram os primeiros chamados vindos do corredor do vale do Sapucaí.

16:30h. Há vários papagaios sobrevoando a área central do Parque. Há também muitos pousados em torno do POSTO1. Não tive sorte quando estive lá nestes dias (ou será que eles percebem desde longe a minha presença?)

16:40h. Os raios de sol não atingem mais a região onde estou. Os papagaios preferem nitidamente permanecer nas regiões que estão ainda ensolaradas.

17:20h. Silêncio.

Dia 30 – Manhã com sol e nuvens altas

07:30h. Estou no POSTO 2. Quero ver se aquele casal de ontem (às 07:20h) retorna ao mesmo lugar.

07:40h. Começou a movimentação dos papagaios.

07:50h. Saí do POSTO 2 e fui num local próximo onde está um antigo alicerce de uma casa. Desde este local posso ver nitidamente e muito mais de perto aquela araucária seca onde os papagaios pousaram ontem.

08:0h. Há uma geral e intensa agitação dos papagaios na região. Isso dá a impressão (não comprovada) de que o número deles aumentou de ontem para hoje. Talvez isso não seja verdade. O que pode estar acontecendo é que todos os papagaios estejam emitindo chamados quase ao mesmo tempo e isso dá a ilusão de que o número deles aumentou. Se não aumentou, então porque estão se comportando dessa maneira? O único vínculo que consigo estabelecer é com o clima. O céu foi aos poucos sendo fechado por uma camada densa de nuvens altas. O sol já não aparece mais. Talvez seja prenúncio de chuva e isso afete de algum modo o comportamento dos papagaios.

08:05h. A algazarra diminuiu bastante. Parece que foi apenas um momento de intensa comunicação entre os papagaios.

08:10h. Faz-se silêncio absoluto mais cedo do que de costume.

08:20h. Um indivíduo solitário pousou naquela araucária seca que eu estava espreitando. Saiu voando em seguida e outro veio pousar quase no mesmo lugar do anterior e mais outro chegou. Os dois permaneceram numa posição para observação muito privilegiada. Um estava de costas para mim e outro de frente. Este tinha penas amarelas nas asas em vez de vermelhas como é típico e o peito, ao invés de ser inteiramente roxo, apresentava uma pequena faixa arroxeadada. Seria um filhote do ano anterior?

08:40h. Silêncio total.

Tarde ensolarada com muitas nuvens

16:15h. Estou mais uma vez no POSTO 2. A chuva não aconteceu e o sol voltou a aparecer. Entretanto, não se vê o azul do céu. Onde não há nuvens, vê-se um céu opaco de cor esbranquiçada e o sol aparece sempre coberto por essa espécie de névoa.

16:20h. Começaram os primeiros chamados vindos do corredor do vale do Sapucaí. Parece que a maioria dos papagaios está vindo da direção do Retiro e dirigindo-se na direção do Canhambora.

17:00h. Apenas vez ou outra se ouve algum chamado.

17:20h. Silêncio total. Acho que isso se deve ao fato de que não há mais sol.

Dia 01/05 – Manhã nublada com céu alto

07:35h. Estou caminhando numa região que não havia explorado antes. É um local denominado Floresta Vermelha que fica a uns seis quilômetros da sede. Tem esse nome porque há um bosque antigo plantado exclusivamente com *Taxodium distichum* que são coníferas de folhas caducas que ficam vermelhas nessa época do ano. O que me trouxe aqui foi o fluxo de papagaios que vi ontem à tarde (16:20h) vindos, aparentemente, dessa região e indo para o Canhambora.

09:35h. Não vi e nem ouvi nada até agora.

Tarde nublada com céu baixo

15:35h. Retornei à Floresta Vermelha. Quero ver se à tarde ocorre algo diferente.

17:00h. Há uma forte ameaça de chuva. Não vi nem ouvi nenhum papagaio nem próximo e nem distante daqui. É intrigante não ouvir nenhum papagaio nas proximidades.

Dia 02 – Chuva Torrencial.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 13)

PERÍODO: 03/06 a 08/06/2003

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 03 - Tarde nublada

16:15h. Trilha da cachoeira, perto do alojamento para pesquisadores conhecido como “Toca da Onça” (onde estou hospedado desta vez). Três indivíduos vieram voando do alto da trilha do Sapucaí (POSTO 1) e pousaram numa araucária a uns 20 metros da trilha. Permaneceram ali durante uns 10 minutos, levantaram vôo e vieram pousar numa outra araucária do outro lado da trilha a uns 50 metros de onde estou. Permaneceram ali durante 20 minutos, levantaram vôo na direção norte e os perdi de vista.

17:00h. Nenhum sinal dos papagaios. Isso talvez se deva ao fato de que o céu está bastante nublado e já está razoavelmente escuro. Minha experiência tem demonstrado que os *Amazona vinacea* recolhem-se logo que começa a escurecer mesmo que ainda seja cedo.

Dia 04 – Manhã nublada

06:40h. Estou caminhando pela trilha da cachoeira indo na direção do posto de vigilância para depois subir até o POSTO 1. Por enquanto não há nenhum sinal dos papagaios.

06:55h. Na subida para o POSTO 1 comecei a ouvir os primeiros chamados.

07:15h. POSTO 1. Estou ouvindo muitos chamados vindos do fundo dos vales da Galharada e do Sapucaí.

07:45h. Os papagaios continuam transitando pelo fundo dos vales. Nenhum apareceu aqui em cima como normalmente tem acontecido.

b

08:00h. Pousou um papagaio na araucária que está bem à minha frente (20 metros). Não é um *Amazona vinacea*. Não posso vê-lo bem porque está semi-encoberto por um tufo de folhas. Vejo a cabeça que é toda verde e tem o bico esbranquiçado. Não posso ver o peito. Vejo a parte anterior da cauda onde a maior parte das penas é vermelha. Ficou só uns três minutos pousado e voou em seguida para NE. Sua velocidade de vôo é superior à do *vinacea* e o chamado é completamente diferente.

08:30h. Silêncio total. Não vejo e nem ouço mais nada.

Tarde nublada sem sol

16:00h. Numa grande araucária que fica próxima às residências dos funcionários do Parque no vale do Sapucaí fiquei observando um papagaio solitário comendo pinhões. Pude ver nitidamente todo o seu procedimento. Ele ficava pousado na ponta de um galho junto ao tufo de folhas onde estava a pinha madura. Quando terminava de comer o pinhão jogava a casca fora e, em seguida, ia até a pinha, extraía outro pinhão, voltava para o galho, descascava o pinhão segurando-o com uma das patas, comia-o e jogava a casca fora e assim sucessivamente. Pude vê-lo comer três pinhões.

16:20h. Quando tentei me aproximar um pouco mais ele partiu na direção de uma outra araucária a cerca de uns 200 metros dali que fica no alto da colina. Tentei segui-lo mas quando me aproximei novamente ele partiu para longe na direção do fundo do vale.

17:05h. Pararam de chamar. Penso que a tarde escura tem a ver com isso. Eles devem ter se recolhido para dormir.

Dia 05 – Manhã nublada (garoa fina)

07:15h. Até agora nenhum ruído dos papagaios.

07:30h. Estou no início da trilha do Sapucaí bem próximo do local onde vi o papagaio comendo pinhões ontem à tarde. Começaram a chamar por todos os lados. Não está mais garoando mas o tempo continua bastante nublado.

07:40h. Um casal pousou (coisa muito rara) na ponta de um cedrinho (*Cupressus*) que fica próximo ao estacionamento do Parque. Permaneceram ali por pouco tempo e juntaram-se a outros dois numa araucária próxima.

08:10h. Há muitos papagaios pela região. No vale do Sapucaí dos lados da entrada do Parque, no vale do Galharada às minhas costas, no alto do Morro do Acampamento.

08:30h. Os papagaios começam a se dispersar. Um bando de quatro seguiu para o fundo do vale do Sapucaí direção NE. Outro bando de cinco seguiu para o fundo do vale da Galharada.

08:45h. Tentei ir atrás de um casal que pousou numa araucária na direção NE, mas quando cheguei a uns 150 metros deles levantaram voo.

09:20h. Começa a fazer silêncio. Estou próximo ao viveiro de mudas do Parque. Vejo um casal voando alto (em silêncio) rumo ao fundo do Galharada (ver relatório do dia 19/06/2003 para tentar estabelecer alguma conexão).

10:05h. Voltou a garoar. O céu está cinza escuro e muito baixo. Um grupo de aproximadamente 12 papagaios (coisa rara nesse horário. Talvez esse fenômeno

esteja relacionado com o clima) pousou numa araucária bem alta na trilha da cachoeira bem na altura de uma bifurcação que fica a uns 150 metros depois da Toca da Onça no sentido da cachoeira. Na verdade são duas araucárias do mesmo porte que distam uns 15 metros uma da outra. As duas estão repletas de pinhas e os papagaios passam de uma para outra para comer. Estão fazendo grande estardalhaço. Isto é bastante interessante porque as outras espécies de pássaros estão em silêncio.

10:20h. Os papagaios se dispersaram em pequenos grupos e seguindo diferentes direções (esse fato nesse horário é realmente digno de nota).

10:35h. Silêncio. A garoa transformou-se numa chuva fina e fria.

11:40h. Estou no alojamento (Toca da Onça). Um bando de 11 papagaios passou por cima de mim vindos da sede do Parque em direção ao fundo do vale do Galharada. Este é outro fato fora do comum.

15:30h. A chuva aumentou e está ventando muito. Aguardo uma melhora das condições para poder sair.

17:00h. Não foi possível sair. Entretanto pude perceber daqui do alojamento que não há nenhum sinal audível dos papagaios.

Dia 06 – Manhã bastante nublada, mas sem chuva.

08:15h. Estou a uns quatro quilômetros além da divisa norte do Parque num local denominado Charco. O Luciano, um morador local havia me informado há um certo tempo atrás, quando estive na sede do Parque, que havia papagaios sobrevoando a região do Charco na época da reprodução. Fiquei muito curioso e vim avaliar.

10:15. Subi de jipe uma estrada que vai dar num dos locais mais altos da região. Lá de cima pude ter uma visão e uma audição panorâmicas da região. Entretanto, não vi nem ouvi nenhum papagaio.

Tarde com sol entre nuvens.

17:00 h. Permaneci no Charco até agora e não há sinal dos papagaios.

Dia 07 – Manhã ensolarada.

07:15h. Estou no Charco. Subi novamente no mesmo ponto de ontem.

10:00h. Não há sinal dos papagaios. Como a informação do Luciano parece ser bastante confiável penso em retornar aqui no período da reprodução.

Tarde ensolarada.

15:50h. Estou na região denominada Retiro que está dentro do Parque e fica a cerca de cinco quilômetros da sede. Esta é outra região que ainda não explorei muito bem. Foi perto daqui que no ano passado vi mais de trinta papagaios levantarem vôo bem cedo e julguei ter encontrado um possível dormitório. Tive que descartar essa hipótese porque o fenômeno não se repetiu em outras ocasiões em que estive observando no mesmo local. Vim aqui verificar a existência de ninhos perto da estrada segundo me informou o Otacílio, antigo funcionário do Parque.

17:30h. Não encontrei nada. Vou combinar com o Otacílio para que ele venha comigo de uma próxima vez para mostrar os locais já que não os encontrei.

Dia 08 – Manhã com neblina.

07:00h. Estou no esmo local onde no dia 05 às 10:05h vi doze papagaios comendo pinhão.

09:10h. Não apareceu nenhum papagaio aqui por perto, embora eu tenha ouvido vários chamados em várias direções próximas daqui. Isso me faz crer que os *Amazona vinacea* não têm rotinas de deslocamento muito bem definidas. Talvez seja um pouco cedo ainda para tirar essa conclusão.

09:20h. Não mais sinal dos papagaios.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 14)

PERÍODO: 17/06 a 21/06/2003

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 17 – Tarde com sol entre nuvens e chuviscos esparsos.

16:35h. Acabei de chegar na Toca da Onça. Ouço chamados vindos da direção da sede do Parque. Vou seguir naquela direção.

17:05h. Estou no POSTO 1. Está chovendo fino. A visibilidade está prejudicada mas ouço chamados vindos do morro do acampamento.

17:35h. Já está bem escuro e não há mais sinal dos papagaios.

Dia 18 – Manhã com neblina e muito fria.

07:15h. Ouço saindo do alojamento (Toca da Onça) os primeiros chamados vindos do alto do morro da trilha do Sapucaí. Subi a colina atrás do alojamento para ter uma visão panorâmica da região de um ponto de vista ainda não explorado. Observei na viagem anterior que os papagaios se alimentam nessa região e essa colina pode vir a ser um local estratégico para registro porque é possível ver várias copas de araucária em nível.

07:35h. Aumentou bastante o número de papagaios no morro da trilha do Sapucaí a julgar pelos chamados vindos daquela direção. Não há visibilidade ainda, faço essa inferência apenas pelos sons

08:00h. A neblina se dissipou quase completamente e agora já posso ver vários papagaios lá no morro da trilha do Sapucaí.

08:05h. Seis papagaios vieram da direção da sede do Parque e foram na direção do fundo do vale da Galharada. No meio do percurso um casal fez meia volta e retornou e os outros quatro seguiram em frente. Há tamanha abundância de pinhões nessa época que os papagaios não seguem uma rotina reconhecível. Pousam aqui e ali, onde haja pinhas maduras. Um fato relativamente intrigante é o como eles conseguem saber de longe se a araucária em que vão pousar é masculina (sem pinhas) ou feminina (com pinhas).

08:25h. Três papagaios pousaram numa grande araucária que fica à esquerda e a uns 50 metros da Toca da Onça para quem a está olhando de frente. Parece ser um local de pouso costumeiro, já que vi em outras vezes papagaios pousados ali.

08:40h. Há outros papagaios próximos à Toca da Onça bem na baixada do vale onde corre o ribeirão da Galharada. Estou ouvindo os chamados mas não consigo vê-los.

09:10h. Silêncio total dos papagaios.

Tarde ensolarada

16:10h. Estou no vale do Canhambora, no local onde descobri os primeiros ninhos no ano passado. Quatro papagaios vieram de oeste indo em direção da sede.

16:20h. Seis papagaios fizeram o percurso oposto aos da observação anterior.

16:50h. Há chamados vindos da direção da sede do Parque e do morro do Acampamento. Tentei subir até a altura de um ninho cavado no tronco de um *Podocarpus lambertii* seco usando a escada que adquiri para esta finalidade mas, quando estava no último degrau, o tronco cedeu ligeiramente e, temendo que a árvore desabasse, desisti de chegar até o ninho. Foi lamentável porque o esforço para chegar até esse local carregando a escada por dentro da mata foi muito grande.

Dia 19 – Manhã com neblina pouco densa com sol despontando por trás.

07:20h. Primeiros chamados pelas redondezas. Estou saindo do alojamento.

08:00h. Retornei à mesma colina onde estive ontem pela manhã. Há muitas araucárias cujas copas estão no nível dos meus olhos. Trata-se de um local bastante estratégico para realizar registros em vídeo. Resta saber se os papagaios aparecerão por aqui. Marquei as coordenadas para fixar esse ponto.

POSTO 8

S: 22° 41' 28.6"

W: 45° 28' 17.6"

ALT: 1560 m

08:45h. Há papagaios em todas as direções. Parecem estar separados em pequenos grupos, sobretudo em casais.

09:15h. Ainda estou no POSTO 8. Silêncio total. A impressão que tenho é que os papagaios não saíram das posições em que estavam quando fiz a observação anterior. Parece que eles apenas silenciaram mas continuam nas árvores onde estavam. Isso é apenas uma hipótese gerada mais pela intuição do que por uma observação direta.

09:45h. Emitindo poucos chamados, um casal pousou numa das araucárias daquele grupo ao qual fiz referência na observação da manhã (08:25h.) de ontem.

10:00h. Estou embaixo da araucária onde eles pousaram e consegui localizá-los. Posso vê-los nitidamente através do binóculo. Estão pousados a cerca de um metro um do outro.

11:15h. Continuo embaixo da araucária. Os papagaios estão no mesmo lugar. Parecem estar cochilando.

11:50h. Continuam na araucária só que agora estão juntos, lado a lado.

12:15h. Continuam na mesma posição.

13:00h. Continuam na mesma araucária, mas voltaram a se separar. Estão em galhos diferentes. Estou certo de que eles estão me vendo também. Às vezes esticam o pescoço e giram a cabeça para me localizarem melhor.

13:50h. Continuam no mesmo lugar. Eu os registrei em vídeo com a câmera que adquiri para registrar planos próximos. Fiz esse registro, embora as condições sejam péssimas para tal (pelo fato de eu estar numa posição que obriga realizar um plano *contra-plongée* e em contra-luz), apenas para testar as possibilidades da câmera e também para avaliar até que ponto os papagaios admitem meus movimentos sem se assustarem.

14:00h. Situação inalterada.

14:40h. Idem. Estão realmente cochilando.

15:10h. Saíram voando em silêncio. Não sei se foi por conta da minha presença (creio que não) ou se foi por conta dos ruídos produzidos por um grupo de turistas que passou por uma trilha nas proximidades (esta hipótese parece-me bem mais provável, embora não tenha como comprová-la). Há ainda uma terceira possibilidade que é a de terem simplesmente trocado de lugar (para voltar a se alimentarem?).

16:30h. Estou próximo ao POSTO 1 (cerca de uns trinta metros abaixo da declividade da colina). Dois papagaios pousaram numa araucária a uns 50 metros, direção sul. Um deles permaneceu no mesmo lugar enquanto o outro desceu para um galho mais baixo num ponto fora da minha visão.

16:45h. Um casal pousou numa araucária a uns 50 metros acima do POSTO 1. Tentei me aproximar com cuidado mas eles me viram e saíram voando. Tenho quase certeza de que se eu não os tivesse espantado, eles teriam permanecido ali para dormir porque o sol já está se pondo e, pelo que pude perceber em observações anteriores, é assim que eles procedem para dormir: pousam no tufo de folhas da ponta de um galho de araucária quando o dia ainda está claro e ali permanecem para dormir.

Dia 20 – Manhã com neblina densa.

07:05h. Primeiros chamados nas redondezas do alojamento.

07:30h. A neblina ainda está espessa. Ouço outros chamados pelas redondezas.

08:00h. Ainda não há visibilidade. Ouço alguns papagaios passando por sobre o alojamento.

08:45h. Subi até o POSTO 8. A neblina começou a se dissipar. Ouço papagaios no alto do morro de trilha do Sapucaí.

09:15h. Não há mais sinal dos papagaios.

09:40h. Estou caminhando na mata sob as grandes araucárias que ficam à esquerda da Toca da Onça (onde ontem vi o casal pousado durante mais de cinco horas) na tentativa de localizar algum papagaio pousado em silêncio, embora saiba que esta é uma tarefa quase impossível.

11:10h. Não localizei nada.

Tarde ensolarada

15:35h. Estou numa trilha que fica próxima à ponte sobre o rio Sapucaí que fica no caminho do Retiro. O Ademir (guarda do Parque) disse-me ter visto um bando de papagaios pousados no chão comendo pinhões por essas bandas.

Embora acredite que é uma informação incorreta (toda minha experiência tem demonstrado que os *Amazona vinacea* jamais descem até o chão e penso que o Ademir tenha visto algum outro psitacídeo e tenha confundido com o *vinacea*) vim verificar se há alguma pista desse fato.

17:30h. Já está praticamente escuro. Não vi nem ouvi nada.

Dia 21 Manhã com neblina densa.

06:45h. Estou próximo ao Retiro, no mesmo local onde no ano anterior vi mais de trinta papagaios saírem voando pela manhã.

07:15h. Ouvi uns chamados vindos do alto da montanha à minha frente. Parece ser uns dois ou três papagaios. Saíram voando para o sul.

07:35h. Aguardei até agora e não apareceu nenhum outro papagaio.

09:35h. Estou na área de nidificação tentando encontrar algum possível ninho que tenha acesso por escada. Não há papagaios pelas redondezas.

10:20h. Não encontrei nenhum ninho baixo. Retornei ao alojamento.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 15)

PERÍODO: 14 a 18/08/2003

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 14 - Tarde com momentos de chuva

15:35h. Subi de jipe até um local denominado São José dos Alpes. É uma região de grande altitude que fica na divisa sul do Parque. Minha intenção é encontrar um local de onde levantaram vôo 25 papagaios no mês de fevereiro (dia 23 às 17:15h).

16:30h. Não consegui determinar o lugar com precisão porque não tenho, daqui onde estou, possibilidade de ver o local onde eu estava (trilha do Timoni) quando observei o bando sair voando. Ouço muito ao longe alguns chamados que suponho virem da área central do Parque.

17:15h. Permaneci investigando essa área até agora. Nenhum sinal de papagaios por aqui e, desde as 17:10h, não ouço mais nenhum chamado nas redondezas.

Dia 15 – Manhã nublada

06:35h. Voltei ao mesmo local de ontem. Estou caminhando pela estrada principal para tentar encontrar um local de observação panorâmica.

07:15h. Ouço muito ao longe os primeiros chamados dos papagaios. Penso que vêm da direção do fundo do vale da Galharada.

08:05h. Estou no alto de uma colina de onde é possível ter uma vista panorâmica de grande parte da área central do parque, mas não posso ver o fundo dos vales. Vejo apenas a topografia geral. É um local muito interessante de observação geral, mas a distância em relação aos pontos habituais de concentração dos papagaios é muito grande, o que prejudica qualquer possibilidade de observação mais detalhada. Ouço chamados muito distantes. Não posso precisar de onde vêm.

08:35h. Como não ocorreu nenhum evento digno de nota resolvi retornar.

Dia 15 – Tarde com sol entre nuvens.

15:55h. Estou no Posto 3. Por enquanto não há papagaios nas redondezas.

16:00h. Primeiros chamados vindos do fundo do vale do Sapucaí na direção da administração.

16:30h. Há poucos papagaios na região. Vez ou outra, ouço alguns chamados.

16:40h. De repente surgiram 09 indivíduos vindos de NE e, logo em seguida, mais 06. Alguns pousaram na região da administração e os outros seguiram para o vale do Canhambora. Como estamos na época de reprodução, como compreender esses 15 papagaios voando em bando? Ou será que a época de reprodução ainda não se iniciou?

16:45h. Passou um indivíduo solitário na mesma direção dos outros.

16:55h. Passaram mais 02 indivíduos na mesma direção dos anteriores com diferença de 01 minuto entre um e outro.

17:10h. Silêncio total.

Dia 16 – Manhã com sol entre muitas nuvens

06:15h. Saindo do alojamento (Senzala), ouvi um papagaio solitário emitindo chamados muito perto daqui, embora não tenha conseguido observá-lo.

06:20h. Ouvi mais papagaios (talvez uns dois ou três) na direção da vigilância do Parque. Também não pude observá-los diretamente.

07:15h. Estou na subida para a estação meteorológica. Começo a ouvir os primeiros chamados mas não vejo os papagaios.

07:30h. Há um bando de papagaios (não consigo observá-los claramente) nas redondezas do alto da colina na margem esquerda do Canhambora, na direção do tronco seco onde, desse mesmo ponto, observei no ano passado um casal verificando um oco talvez para nidificar. Talvez eles tenham dormido ali mesmo porque eu não os vi chegarem, ou então chegaram pelo outro lado da colina em absoluto silêncio.

08:05h. Desde as 07:30h havia um silêncio total. Agora ouço alguns chamados vindos do fundo do vale do Canhambora.

08:40h. Três papagaios vieram do fundo do vale do Canhambora e seguiram na direção da colônia de funcionários, fizeram uma curva bem aberta para a direita e voltaram para o vale e depois, sempre voando cada vez mais alto, seguiram na direção da administração por trás da colina. Quando já estavam desaparecendo outros dois papagaios juntaram-se e o bando sumiu atrás da colina. Estavam voando muito alto.

09:05h. Silêncio total desde as 08:40h.

09:40h. Um casal, voando a média altura, surgiu do fundo do vale do Canhambora e seguiu na direção da administração.

11:10h. Começo a descer a colina para retornar ao alojamento. Desde as 09:40h não ocorreu mais nada.

Tarde ensolarada com poucas nuvens

15:55h. Estou na borda de uma erosão muito grande na encosta da colina que ladeia a margem direita do Sapucaí. Cheguei aqui vindo pela pequena trilha que sai à direita da estradinha que sobe para o Posto 5. Estou tentando encontrar uma nova perspectiva de observação do movimento que os papagaios fazem entre o vale do Canhambora e a administração como ocorreu hoje pela manhã. Estou de frente para o oeste. O sol prejudica um pouco a minha visão. Apesar disso, o local me parece excepcional para observar os papagaios.

16:20h. Nenhum sinal dos papagaios até agora.

16:40h. Ainda nenhum sinal. É bastante estranho!

16:45h. Primeiros chamados à minha direita (direção P 02).

16:50h. Passou casal voando bem alto direção N/S.

17:05h. Vi três papagaios pousarem na copa de um dos pinheiros mais altos da margem esquerda do Sapucaí. Logo em seguida comecei a ouvir muitos outros chamados na mesma região. Tenho a impressão que eles estão vindo de lugares distantes para dormirem naquelas araucárias no alto.

17:10h. Oito papagaios direção N/S, voando alto (dois a dois).

17:20h. Estou agora na estrada principal que desce para a ponte principal sobre o Sapucaí. É um lugar privilegiado para observar aquelas araucárias lá no alto da margem esquerda do Sapucaí onde estão os papagaios em grande número.

17:25h. Um papagaio está pousado na borda de um buraco no tronco de uma araucária seca sem galhos. Talvez esteja preparando um ninho. A distância de onde estou é muito grande mas posso, com o binóculo, observar com bastante clareza o movimento dos papagaios que são abundantes naquelas araucárias.

17:30h. Um outro papagaio pousou no topo da araucária onde aquele papagaio está, ao que parece, ampliando o buraco que poderá vir a ser um ninho. A imagem está muito silhuetada mas creio que o papagaio que estava na borda do buraco entrou dentro dele e saiu em seguida por duas vezes. Parece efetivamente tratar-se de um futuro ninho, embora a distância torne muito difícil qualquer registro em vídeo. Mesmo que eu viesse a me aproximar do tronco seco, creio que não teria muito sucesso porque é uma araucária muito alta, no meio de uma floresta densa, o que obrigaria, em qualquer local onde instalasse a câmera, a posicioná-la em *contra-plongée*. Nessas condições, teríamos apenas imagens silhuetadas e à

grande distância, tornando o papagaio um objeto relativamente pequeno dentro do quadro, a não ser que fosse utilizada uma teleobjetiva muito potente. Mesmo assim, o plano *contra-plongée*, tendo o céu como fundo, não possibilitaria um registro de qualidade.

Vou marcar esse ponto porque me parece muito importante para observações futuras. Chamei-o de POSTO 7:

S 22° 41' 27.8"

W 45° 29' 01.8"

17:40h. Os dois papagaios agora estão no topo do pinheiro seco. Parece que eles estão tomando posse do pinheiro para que nenhum outro papagaio se aproxime. Há muitos outros papagaios nas araucárias próximas.

17:45h. Os dois desapareceram sem que eu pudesse ver para aonde. Foi num instante em que eu estava observando uma araucária ao lado.

17:50h. Silêncio. Eles dormem sempre mais cedo que os outros pássaros da região. Talvez não seja determinante o horário mas a intensidade da luz no momento.

Dia 17 – Manhã muito fria e ensolarada

06:35h. Saí de Jipe para pesquisar uma área do entorno do Parque na região chamada São José dos Alpes

Dia 18 – Manhã muito fria (temperatura abaixo de zero) com geada e céu claro

06:40h. Estou no mesmo lugar de anteontem. Alguns papagaios levantaram vôo. Não pude estimar quantos. Há um pouco de neblina. Há vários chamados que vêm lá do alto das araucárias.

06:45h. O ruído está aumentando bastante. Parece que os papagaios escolhem para dormir essas araucárias que recebem os primeiros raios de sol matinal.

06:55h. Eles continuam concentrados nas araucárias lá do alto. Voando de lá pra cá, de cá pra lá, sempre em duplas. Casais?

07:00h. Uma dupla de papagaios tomando sol bem na ponta de duas araucárias secas: um em cada uma. Não saíram até agora para comer.

07:15h. Silêncio total.

07:25h. Os papagaios ainda continuam no topo das araucárias altas na margem esquerda do Sapucaí. Não compreendo como eles ainda não saíram para comer.

07:40h. Continuam ainda lá.

07:45h. Um casal enfim partiu em direção ao vale do Canhambora.

08:00h. Silêncio total. Não vejo nenhum movimento dos papagaios.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 16)

PERÍODO: 25 a 29/09/2003

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

Dia 25 – Tarde com névoa seca sob nuvens. Calor não habitual.

16:10h. Estou próximo ao possível ninho no tronco de uma araucária que fica entre a ponte pênsil e a escola do Parque. No ano passado presenciei um briga de papagaios nesse mesmo local. Acabo de perceber que o oco está sendo usado por uma colméia de abelhas o que inviabiliza seu uso pelos papagaios.

16:30h. Primeiros chamados vindos da entrada do Parque.

16:40h. Estava caminhando pela estrada da margem direita do Sapucaí quando vi quatro papagaios pousarem numa araucária próxima (uns 30 metros). Tive muita sorte, pois pude observá-los perfeitamente e ver um deles regurgitando alimento e introduzindo no bico do outro. Não sei se é um adulto alimentando um filhote ou se é um macho alimentando uma fêmea. Talvez seja a primeira hipótese porque, embora já esteja com a conformação de adulto, o papagaio que recebeu alimento não tem o peito com a cor roxa bem acentuada. Os outros dois papagaios mantiveram-se distantes, em outro galho. De repente, os quatro saíram voando juntos na direção do Canhambora.

Com relação à possibilidade de registro em vídeo dessa cena que acabo de observar, o problema é sempre o mesmo: seria um plano contra-plongée o que tornaria a imagem dos papagaios muito silhuetada e, portanto, de difícil visibilidade.

16:45h. Casal voando bem alto na direção E/W.

16:55h. Estou no POSTO 7. Acabo de ver um casal pousando numa das araucárias lá no alto da margem esquerda do Sapucaí. Há outros pelas redondezas. Eles parecem estar freqüentando aquela área de araucárias altas como faziam nas últimas observações do mês passado.

17:00h. Começou uma chuva fina.

17:05h. Um bando de seis papagaios saíram das araucárias e voaram na direção da entrada do Parque.

17:10h. Tive que partir porque a chuva começou a se intensificar.

Dia 26 – Manhã nublada com garoa fina

06:25h. Começaram os primeiros chamados vindos da entrada do Parque. Estou caminhando em direção em direção ao POSTO 7.

06:50h. POSTO 7. Há muitos papagaios no alto das araucárias. Não consigo contá-los porque estão se movimentando de uma araucária para outra. Fazem revoadas e retornam. Creio que são uns 14 indivíduos. Desde as 06:30h há um indivíduo pousado no topo da araucária seca sem galhos onde parece haver um ninho.

07:10h. Os papagaios continuam por lá. Às vezes ficam em silêncio por cinco minutos depois voltam a fazer revoadas em bandos de 04 a 09 indivíduos e retornam em seguida para as araucárias. Não estão se alimentando até agora. Pelo menos não os vi se alimentando.

07:15h. A garoa parou completamente. Nove indivíduos já partiram em direção ao vale do Canhambora. Deste posto é difícil perceber a direção exata.

07:30h. Não há mais ruído dos papagaios. A última coisa que vi foi quatro indivíduos voando para leste.

08:05h. Desde as 07:40h um papagaio ficou pousado na grande araucária seca com galhos à direita no alto da colina. Depois, partiu em silêncio sem que eu percebesse em que direção.

08:10h. Finalmente uma grande confirmação da hipótese que me fez insistir em retornar a esse ponto por várias vezes! Um papagaio entrou no buraco do troco seco de araucária à minha frente. Permaneceu lá dentro por algum tempo e depois saiu. Parece não haver mais dúvidas que se trata de um ninho. Logo em seguida vi um outro papagaio colocar a cabeça pra fora do mesmo buraco onde o anterior havia entrado e saído. Ele ficou observando um certo tempo e depois entrou de novo.

08:20h. Não há mais movimento dos papagaios. Pelo menos sei com segurança que um papagaio permaneceu dentro do ninho.

10:00h. Até agora não houve mais nenhum movimento no ninho.

Tarde com névoa seca e céu encoberto

16:40h. POSTO 7. Primeiros chamados. Quatro papagaios vindos de NE pousaram numa araucária às minhas costas e lá no alto na colina à minha frente alguns papagaios surgiram e estão fazendo pequenos vôos de idas e vindas nas copas das araucárias mais altas.

16:55h. Desde a última observação até agora os papagaios pararam completamente de se movimentar e estão em silêncio.

17:10h. Seis papagaios pousaram na grande araucária seca à minha direita.

17:15h. Um papagaio passou voando e emitindo chamados nas proximidades do ninho da araucária seca e o papagaio que estava dentro do ninho saiu para acompanhá-lo. Voaram para longe. Penso que se trata do momento em que o macho vai alimentar a fêmea. Isto é apenas uma hipótese.

17:25. O papagaio que havia saído do ninho acaba de retornar e entrar no oco da araucária seca.

17:30h. Silêncio total.

Dia 27 – Manhã com chuviscos e neblina (choveu durante toda a noite)

06:55h. POSTO 7. Começam os primeiros chamados. Há bastante dificuldade de observação. Há um casal na grande araucária seca à minha direita.

07:20h. Há papagaios por todos os lados. Estão pousados e emitindo chamados vindos de diversas direções. Ao que parece são papagaios que não dormiram na região mas que vieram de outros lugares e chegaram agora.

07:25h. Sete papagaios vieram de NW e pousaram na grande araucária seca à minha direita no alto da colina.

07:30h. Um dos papagaios desceu para um galho mais baixo e parece estar examinando um buraco no tronco.

07:40h. Um papagaio pousou no topo do tronco seco à minha frente no alto da colina onde há o ninho. O papagaio que estava no ninho saiu e os dois voaram juntos para longe. Acredito com um grau maior de certeza que se trata do momento de alimentação da fêmea e que o casal vai para longe do local do ninho.

07:45h. Cerca de 14 papagaios juntaram-se lá no alto da colina no tronco seco à esquerda e também nas araucárias vizinhas.

07:50h. Vários papagaios voaram para norte.

08:00h. A chuva se intensificou. Não é mais possível permanecer aqui. Não vi a fêmea retornar para o ninho.

Tarde com chuva

16:35h. POSTO 7. Por enquanto silêncio.

16:40h. Primeiros chamados no alto da colina.

16:50h. A chuva se intensificou. Não há condições de permanecer aqui.

Dia 28 – Manhã com neblina se dissipando sob o sol

07:00h. POSTO 7. Primeiros chamados vindos do alto da colina.

07:10h. Voltou a fazer silêncio.

07:15h. Três papagaios vieram de NW e pousaram numa grande araucária à minha esquerda no alto da colina.

07:20h. É muito estranho! Não há nenhum papagaio no alto da colina como vinha acontecendo nos dias anteriores nesse horário.

07:30h. A fêmea saiu de dentro do ninho do tronco seco à minha frente e um outro papagaio que eu não havia notado a presença (certamente o macho) partiu junto com ela para trás da colina, como têm feito todos os dias anteriores.

07:40h. O casal retornou. Pousaram numa araucária próxima do ninho e em seguida a fêmea voou e entrou no ninho.

07:55h. Seis papagaios pousaram na grande araucária seca à minha esquerda. Permaneceram ali uns três minutos e partiram em várias direções, dois a dois.

08:00h. Um casal veio voando de NE, bem alto, e pousaram numa araucária atrás de mim a uns 70 metros aproximadamente. Um deles começou a regurgitar e alimentar o outro. Depois partiram outra vez na mesma direção de onde vieram.

08:15h. Silêncio

08:30h. Não há mais nenhum movimento dos papagaios.

Tarde ensolarada

15:45h. Estou na região denominada Retiro. Vim para cá porque estive conversando com o Otacílio, guarda aposentado do Parque, e ele insistiu que nessa região todos os anos os papagaios nidificam.

17:15h. Encontrei um oco no tronco de um *Podocarpus lambertii* que me pareceu perfeito para abrigar um ninho de papagaio. Eu estava observando atentamente esse possível ninho quando um papagaio se aproximou sem que eu pudesse vê-lo e começou a emitir chamados. Percebi pelo farfalhar das asas que um outro saiu em sua direção. Não pude ver de onde esse outro saiu.

17:20h. Mudei de local.

17:25h. Um papagaio voltou e provavelmente entrou num ninho no tronco de um Podocarpus. De onde seu estava não foi possível ver o orifício onde eu presumi que o papagaio entrou.

17:40. Mudei novamente de local e pude ver o oco claramente. Foi uma grande descoberta! Pela primeira vez pude ver um ninho tão de perto! E ainda há um fato excepcional! Trata-se de um ninho que está no mesmo nível do local onde estou e a uma distância não superior a 20 metros. Isso significa que é um local perfeito para registro de imagens! Pela primeira vez, depois de um ano e meio de observações faço uma descoberta tão importante!

Dia 29 – Manhã com céu fechado e baixo.

06:40h. Estou no mesmo local de ontem às 17:40h.

07:20h. O macho pousou em algum lugar à minha esquerda a uns 100 metros aproximadamente a julgar pelo som dos chamados.

07:25. Eu estava observando atentamente o oco do Podocarpus quando vi a fêmea sair, examinar as redondezas e depois voar na direção do macho. Isso foi para mim um grande prêmio por todo trabalho que vim realizando até agora!

07:36h. A fêmea retornou e entro no ninho. Uma coisa diga de nota é que ela entrou de costas e não de frente como era de se esperar.

Na próxima viagem vou fixar-me exclusivamente na observação desse ninho.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 17)

PERÍODO: 23 a 26/10/2003

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

ATENÇÃO: Os horários registrados abaixo se referem ao horário normal e não o de verão.

Dia 23 – Tarde com céu cinzento ameaçando chuva.

15:35h. Saí em direção ao local onde encontrei o ninho em atividade no mês passado.

16:15. Estou no posto de observação do ninho. Começou uma chuva torrencial fui me abrigar no jipe.

17:15. A chuva continua intensa. Retornei para o alojamento.

Dia 24 – Manhã com poucas nuvens

06:45h. Estou no posto de observação do ninho. As coordenadas são:

S – 22° 40' 31,4"

W – 45° 28' 02,9"

ALT – 1540 m

07:00h. Estava observando o oco no tronco do pinho bravo quando um casal partiu voando de algum lugar muito próximo do ninho. Não pude ver de onde saíram e nem para onde foram.

08:50h. Até agora não aconteceu mais nada. O que me parece certo é que não há mais papagaios ocupando o ninho. Teriam os filhotes já sido criados e saído do ninho? Teriam os ovos sido comidos por algum animal? O que estaria fazendo esse casal tão próximo do ninho? Seria o mesmo casal do mês passado?

09:10h. Resolvi caminhar pela região para ver se encontro mais algum possível ninho.

11:25h. Não vi nem ouvi mais nada.

Tarde com sol entre nuvens

16:00h. Estou novamente no local do ninho onde estive pela manhã.

16:30h. Ouço alguns chamados muito distantes vindos de W.

17:20h. Percebi que pousaram dois papagaios a uns 150 metros daqui. Não posso vê-los. Chegaram de W.

17:30h. Os dois pousaram numa araucária muito próxima do ninho. Posso vê-los perfeitamente com o binóculo. Estão a 01 metro de distância um do outro em galhos diferentes.

18:10h. Já está bastante escuro dentro da mata. Os dois papagaios não saíram daquele mesmo lugar. Estão com as penas arrepiadas como fazem em geral os pássaros quando estão se preparando para dormir. Creio que vão dormir ali mesmo. Voltarei amanhã cedo para observar.

18:25h. Ao chegar próximo ao alojamento encontrei o Godoy e o Zé Dias (guardas do Parque). Eles me disseram que acham que há um ninho de papagaio num *Pinus patula* seco perto do viveiro de plantas do Parque. Pedi que eles me acompanhassem até lá. Quando chegamos já estava muito escuro mas pude ver o pinus seco. Amanhã virei observar.

Dia 25 – Manhã com céu claro quase sem nuvens

05:30h. Estou saindo do alojamento e vi um casal de papagaios voando bem alto e emitindo chamados. Direção E/W.

05:45h. Estou no local de observação do ninho. Não vi nenhum papagaio naquela araucária onde dormiram ontem à tarde.

05:55h. Um papagaio solitário cruzou a grota voando baixo e em silêncio passando muito próximo do local do ninho. Direção S/N.

07:15h. Um casal pousou numa araucária que fica a cerca de 50 metros do ninho. Vi quando se aproximavam mas não os vejo pousados.

07:25h. Um deles voou em silêncio e pousou no topo de uma araucária bem alta e um pouco mais próxima do ninho. Pude observá-lo com o binóculo. Logo em seguida ele voou para uma outra araucária mas não consigo ver onde ele pousou.

07:36h. Um papagaio pousou no troco de uma araucária próxima do ninho e, em seguida pousou junto ao ninho e entrou de marcha ré como tinha observado no mês passado.

07:40h. Um outro papagaio pousou na beira do ninho e entrou de frente. Logo em seguida, um deles saiu e ficou na beira do ninho. O outro saiu em seguida e ambos ficaram juntos na beira do ninho. Logo depois esse segundo papagaio entrou e saiu várias vezes enquanto o outro permaneceu parado.

07:50h. Os dois partiram voando na direção NE.

08:30h. Nenhum sinal dos papagaios.

Tarde ensolarada com poucas nuvens

15:25h. Estou novamente no local do ninho onde estive pela manhã.

16:25h. Ouço os primeiros chamados vindos de W a uns 200 metros.

16:50h. Até agora nada.

17:05h. Um casal voando alto vindo de NW passou por sobre a área do ninho e pousou não muito longe daqui atrás de mim na direção E.

17:20h. O casal pousou numa araucária alta que fica a uns 50 metros do ninho.

17:30h. Os dois vieram em direção ao ninho. Quando estavam bem perto um deles fez meia volta e foi pousar numa araucária a aproximadamente 100 metros daqui, enquanto o outro pousou numa araucária bem próxima do ninho. Ele ficou examinando as redondezas e depois voou para junto do outro.

17:40h. Um deles veio de novo para a araucária próxima do ninho, permaneceu ali por uns dez segundos e retornou para junto do outro.

17:46h. Os dois fizeram um vôo rasante próximo ao ninho e pousaram numa outra araucária bem próxima. Não consigo vê-los.

17:58h. Ouvi o farfalhar das asas dos papagaios e percebi que pousaram muito próximos do ninho. Não consigo vê-los. De repente, um deles pousou junto ao orifício e entrou no ninho.

18:03h. O outro papagaio pousou também na borda do ninho e entrou. Estão os dois lá dentro!

18:30h. Nenhum deles saiu e já está bastante escuro.

Dia 26 – Manhã com céu claro

05:15h. Ao sair do alojamento vi um casal voando alto direção W/E.

05:55h. Estou novamente no local do ninho.

06:15h. Um papagaio solitário emitiu alguns chamados no alto do lado esquerdo às minhas costas.

06:45h. O papagaio voou e aparentemente foi se juntar a um outro. Durante esses trinta minutos ele ficou emitindo chamados curtos. Isto me fez pensar que a fêmea estivesse dentro do ninho e que iria sair em seguida.

07:00h. Um casal pousou aqui perto. Só consigo ver um deles.

07:01h. O papagaio que eu estava vendo pousou na borda do ninho e entrou de marcha ré. O outro partiu na direção SW.

07:10h. O papagaio saiu lentamente do ninho, ficou examinando os arredores e saiu voando. Ao mesmo tempo o outro saiu junto. Ele estava bem próximo e eu não sabia. Talvez tenha feito um grande círculo e retornado sem que eu o tivesse percebido.

08:00h. Até agora não aconteceu mais nada.

ANOTAÇÕES DE PESQUISA DE CAMPO (Nº 18)

PERÍODO: 20 a 24/11/2003

LOCAL: Parque Estadual de Campos do Jordão / SP

ATENÇÃO: Os horários registrados abaixo se referem ao horário normal e não ao de verão.

Dia 20 – Tarde com chuvisco intermitente.

16:15. Estou no local do ninho observado na viagem anterior.

17:00h. Não aconteceu nada até agora. Continua o chuvisco um pouco mais intenso.

17:35h. Ouço os primeiros chamados vindos das redondezas à minha direita a uns 200 metros. Não consigo vê-los.

17:50h. Há papagaios transitando pela região, mas nenhum chegou próximo do ninho.

18:10h. O chuvisco continua e, aparentemente, não há mais papagaios pela região ou então se recolheram para dormir. Não houve nenhum movimento no ninho.

Dia 21 – Manhã nublada com chuvisco fino.

05:50h. Estou novamente no local do ninho.

06:20h. Ouço os primeiros chamados. Parece ser um bando pequeno voando bem alto sobre a região. Não consigo vê-los.

06:35h. Parece haver muitos papagaios próximos daqui. Entretanto, estão espalhados e a densidade da mata não me permite observá-los.

07:05h. O ruído dos papagaios continuou até agora. Eles parecem estar se deslocando de um lugar para o outro.

07:17h. Um casal passou voando alto na direção NE/SW. Pude vê-los por entre as folhagens.

07:50h. Está chovendo mais pesado. Não é possível permanecer aqui. Não houve nenhum movimento no ninho.

Tarde nublada com chuviscos ocasionais.

17:05h. Estou na área de recreação do Parque próximo ao viveiro de plantas onde na viagem anterior (dia 24/10 às 18:25h) estive à procura de um ninho no tronco seco de um *Pinus patula*, mas sem sucesso. O Godoy, que encontrei agora a pouco, disse-me que o Zé Dias encontrou o orifício do ninho.

17:15h. Há muitos papagaios pela região. Ouço chamados vindos de quase todas as direções.

17:30h. O Zé Dias e o Godoy vieram comigo para me mostrarem a posição exata de onde se pode ver o ninho.

17:40h. Finalmente encontramos uma posição ideal de observação, embora não tenhamos visto nenhum papagaio nas imediações.

18:10h. Não há sinal de papagaios por aqui. Resolvi afastar-me para observar de longe porque o local é muito aberto e talvez estejamos inibindo o movimento natural dos papagaios.

18:25h. Já está bastante escuro. Ocorrem pequenas rajadas de chuva fina e começa a fazer frio (coisa rara nessa época do ano). Nenhum sinal dos papagaios. Voltarei amanhã à tarde.

Dia 22 – Manhã nublada e fria.

05:15h. Ouço os primeiros chamados dos papagaios próximos do alojamento.

05:45h. Estou no local do ninho que observei ontem pela manhã.

06:15h. Um casal veio de Norte, passou por cima de mim, pousou em algum lugar ao Sul e logo depois seguiu voando para mais longe.

06:30h. Parece que o casal voltou e está rodeando a região, embora não consiga vê-los.

06:40h. Repentinamente um papagaio passou voando muito próximo de mim, às minhas costas, emitindo chamados. Ele já deveria estar por perto sem que eu o tivesse notado.

06:45h. A situação é bem diferente em relação à outra viagem porque em lugar do silêncio total nas redondezas agora há um grande movimento dos papagaios e uma intensa conversação. Seriam os pais e os filhotes recém nascidos? Isso é apenas uma hipótese sem muita base para comprovação.

07:00h. Os papagaios continuam conversando e mudando de posição. Não consigo ver nenhum.

07:30h. Nada aconteceu no ninho. Os papagaios que estavam tagarelando foram embora.

08:35h. Nada mais aconteceu a não ser chamados ao longe, basicamente concentrados do lado oeste.

Tarde nublada

16:20h. Estou observando o ninho do *Pinus patula* e acabo de ver um papagaio sair de dentro dele (meio corpo) e ficar observando as redondezas.

16:27h. O papagaio voltou para dentro do ninho de marcha ré.

16:36h. Um papagaio pousou numa *Acacia decurrens* bem próximo de mim, à minha esquerda. Permaneceu um certo tempo e depois partiu. Acho que se assustou com a minha presença.

16:40h. Três papagaios vieram em silêncio e pousaram no alto de uma grande araucária à minha direita.

16:41h. Os três papagaios voaram e pousaram na mesma *Acacia decurrens* onde havia pousado aquele outro solitário. Não consigo vê-los porque há um Liquidâmbar (*Liquidambar styraciflua*) entre eu e eles que impede a visão.

16:45h. Um deles caminhou por um galho, entrou no meu campo de visão e começou a comer uma fava. Foi a primeira vez vi um papagaio se alimentando das sementes da *Acacia decurrens*.

17:08h. O papagaio do ninho saiu voando atendendo ao chamado de um outro que pousou bem próximo. Partiram os dois juntos e pousaram a uns 150 metros daqui, na direção SW. Ficaram fazendo muito estardalhaço.

17:17h. Há muitos papagaios aqui na região. Ora estão voando, ora pousados e o tempo todo emitindo chamados.

17:25h. O casal do ninho voltou. Vi os dois chegarem juntos, mas pousaram em galhos diferentes. Um deles pousou num galho a cerca de um metro do ninho. Caminhou lentamente até dar um pequeno salto e entrar no ninho de frente. Pelo movimento da ponta de sua cauda deduzi que ele girou sobre si mesmo para ficar com a cabeça voltada para o orifício de saída.

17:40h. Os papagaios silenciaram.

18:00h. Um papagaio solitário veio do fundo do vale da Galharada e pousou na araucária mais alta do alto da trilha do Sapucaí. Foi o último acontecimento do dia.

Dia 23 – Manhã nublada

05:45h. Estou próximo ao ninho do *Pinus patula* (o mesmo de ontem à tarde). Há ruídos dos papagaios vindos de várias direções. Parecem estar pousados.

06:00h. Os ruídos continuam, mas agora percebo que alguns deles estão voando. Não consigo vê-los.

06:22h. Um casal vindo da araucária mais alta do alto da trilha do Sapucaí veio voando em direção ao *Pinus patula*. Os dois pousaram próximos ao ninho e um deles (provavelmente a fêmea) entrou no orifício logo em seguida. Isso significa que eles já haviam saído dali antes das 05:45h.

06:26h. Silêncio total. É estranha essa sincronicidade entre os papagaios. A que se deve?

06:38h. O macho, que havia ficado do lado de fora do ninho, partiu voando em direção ao alto da trilha do Sapucaí de onde haviam saído pouco antes.

06:56h. O macho retornou, pousou bem no alto do *Pinus patula* e começou a chamar com insistência. A fêmea, logo em seguida, ficou com meio corpo para fora do orifício, respondeu aos chamados e repentinamente partiram os dois de novo em direção ao alto da trilha do Sapucaí.

07:09h. Os dois retornaram. Pousaram bem próximos ao ninho. Ficaram conversando e caminhando nos respectivos galhos.

07:14h. A fêmea entrou novamente no ninho.

07:21h. O macho está bem próximo ao ninho emitindo aquele chamado rouco bem baixinho.

07:24h. O macho continuou emitindo o chamado baixo e a fêmea saiu novamente. Foram os dois lá para o alto da trilha do Sapucaí mais uma vez.

07:50h. Desde a minha última observação fez-se um silêncio total na mata. É como se não houvesse nenhum papagaio por aqui.

07:58h. Ouço chamados de papagaios voando bem alto no fundo do vale da Galharada.

08:02h. Passou um bando de aproximadamente 08 papagaios voando alto vindos da Galharada e indo na direção do Canhambora.

08:04h. Pousou um papagaio próximo ao ninho e começou a emitir os chamados baixinhos e roucos. Não estou compreendendo a situação. Terá a fêmea retornado ao ninho sem que eu a tivesse visto?

08:14h. Novamente silêncio nas redondezas. O macho continua no mesmo lugar.

08:41h. O macho saiu voando na direção do alto da trilha do Sapucaí.

08:56h. O macho retornou, pousou perto do ninho, começou a chamar baixinho e a fêmea saiu. Voaram os dois juntos para o alto da trilha do Sapucaí.

09:07h. Há novamente ruídos de papagaio vindos de todos os lados.

09:34h. O casal do ninho ficou voando de um galho para o outro na grande araucária lá no alto da trilha do Sapucaí e, de repente, voaram em direção ao *Pinus patula*. A fêmea pousou próxima do ninho e entrou imediatamente.

09:45h. Silêncio total.

Tarde chuvosa

16:35h. Chove copiosamente. Estou aguardando alguma possibilidade de sair do alojamento.

17:30h. Ouço alguns chamados de papagaio aqui na região central do Parque, mas daqui do alojamento não consigo ver nada.

17:45h. Não ouço mais nada.

Dia 24 – Manhã chuvosa.

06:35h. Continua chovendo sem trégua, embora a quantidade de água tenha diminuído um pouco.

08:30h. Continuo no alojamento. A chuva continua e não há possibilidade de sair a campo.